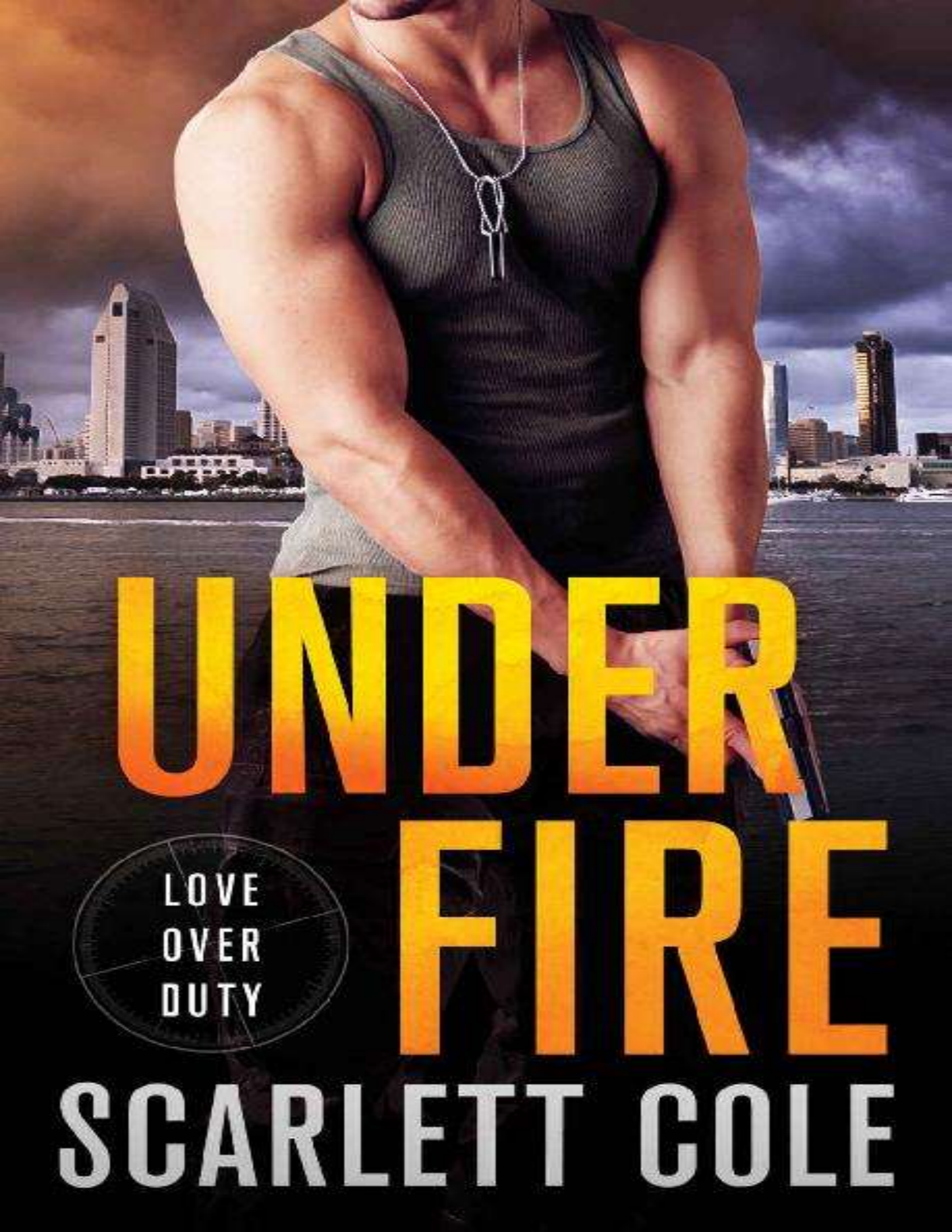

UNDER FIRE
LOVE OVER DUTY
SCARLETT COLE



UNDER FIRE

Scarlett Cole

Ele pode pegar o calor.

Sixten Rapp é um ex-SEAL que está ansioso para começar sua nova vida civil. Ele e seus *"irmãos"* da Marinha abrem uma empresa de segurança que oferece o tipo de serviço que apenas uma equipe de profissionais militares treinados pode oferecer.

Mas nada preparou Six para seu novo cliente: uma mulher inocente em uma missão para melhorar milhares de vidas. . . a menos que alguém leve a dela primeiro.

Pode pegar as chamas?

A Dra. Louisa North sabe que o tempo está contra ela enquanto ela tenta criar um tratamento médico "*milagroso*" para uma doença sem cura conhecida, até que ela cria uma amostra tão poderosa que as pessoas erradas querem usá-la como uma arma química. No início, Six não está disposto a aceitar Louisa como sua cliente.

Mas logo ele percebe que o perigo é real e que há muito mais para esta cientista simples-Jane... incluindo uma paixão ardente entre eles que nenhum deles pode resistir. E agora que um inimigo está no rastro de Louisa, Six fará o que for preciso para protegê-la - ou morrer tentando.

Para Greg, Ted, Gaz, Joel e Rob.

Obrigada por serem heróis.

CAPÍTULO UM

Sixton "Six" Rapp estacionou seu caminhão, mas deixou o motor ligado, demorando um longo tempo encarando seu primeiro local de trabalho civil desde um show de salva-vidas na faculdade. Nunca um armazém indescritível com pintura descascada pareceu tão incrível.

Não havia areia aqui para penetrar em todas as fendas conhecidas pelo homem. Apenas um bom e velho asfalto negro americano e um pouco de grama marrom desesperada pela chuva de San Diego. Não havia tiros, nem gritos e nem hélices de aviões zunindo. Em vez disso, o doce som de Nina Simone cantando sobre açúcar em sua tigela explodiu em seus alto-falantes. Mais importante ainda, o prédio era dele. Bem, um terço dele.

Ele consultou seu relógio. Estava atrasado, um novo hábito que ele subconscientemente desenvolveu nas últimas duas semanas desde que ele deixou sua carreira de SEAL[1] da Marinha para trás.

"Merda", disse ele, colocando suas chaves no bolso e pegando sua bolsa de ginástica e a de roupas do banco do passageiro. Ele jogou-as por cima do ombro enquanto saía e estremeceu quando as alças cruzaram as quatro linhas de marcas de arranhões que Lauren... Lori... qualquer que fosse o nome dela... tinha deixado em suas costas

---

[1] O United States Navy's "Sea, Air, and Land" Teams, a sigla da unidade é derivada de sua capacidade em operar no mar (SEa), no ar (Air) e em terra (Land), comumente abreviado como Navy SEALs, são uma das principal Força de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos e um componente do Comando Naval de Operações Especiais (NSWC) bem como também um componente marítimo do Comando de Operações Especiais (USSOC).

depois de um adeus aquecido contra sua porta da frente. Algumas coisas valiam a pena se atrasar.

Com uma marcha de mais de uma década de condicionamento militar, Six correu para dentro do prédio. O cheiro de tinta que ainda secava permanecia no ar enquanto ele passava pela recepção vazia. Contratar alguém para o cargo era responsabilidade de Mac, mas ele estava no seu primeiro emprego real de duas semanas, encontrando e recuperando uma criança que havia sido sequestrada por seu pai biológico e levada para o México. Foi um caso desagradável envolvendo anos de abuso e uma ordem de restrição que foi tão inútil quanto o papel em que foi escrita.

Era difícil acreditar que o que eles estavam trabalhando e poupando tão duramente nos últimos anos estava finalmente prestes a ser concretizado. Cinco anos antes, quando Cabe tinha criado a ideia de começar a planejar e economizar para um negócio próprio, quando eles terminassem com as forças armadas, Six e seu melhor amigo, Mac, pensaram que Cabe estava se adiantando. Ainda comprometidos com a irmandade do SEAL, a aposentadoria estava longe de seus pensamentos enquanto vasculhavam o sopé do Hindu Kush[2] em busca de sinais de uma célula terrorista suspeita de usar o Wakhjir Pass[3] para ter acesso ao norte do Paquistão.

Mas agora, aos trinta e três anos, com um Purple Heart[4] e uma ferida de bala no estômago, Six apreciava a visão de Cabe. Cabe

---

[2] É uma cordilheira no Afeganistão e Paquistão Ocidental.

[3] É uma cordilheira no Afeganistão e Paquistão Ocidental.

[4] Coração Púrpuro ou Coração Púrpura é uma condecoração militar dos Estados Unidos, outorgada em nome do Presidente a todos os integrantes das Forças Armadas que sejam feridos ou mortos durante o serviço militar, desde 5 de abril de 1917.

investiu o dinheiro que eles economizaram em salários, bônus de reinserção, pagamento de salário e pagamento de tarefas especiais. O cara era um gênio tão enlouquecedor quando se tratava de jogar no mercado de ações que o Six se perguntava por que Cabe não ficava apenas em casa jogando Warren Buffett[5] o dia todo. Suas economias modestas cresceram o suficiente para tornar a Eagle Securities[6] uma realidade, se não uma particularmente rica.

Levaria tempo para construir sua reputação de operações especiais e expandir seus negócios, e Six parou para olhar a grande placa que listava eventos e nomes, uma ideia que Mac teve, para preencher a lacuna. Serviços de segurança de alta qualidade e discretos. Ninguém jamais chamaria isso de trabalho empolgante, mas ajudaria a pagar as contas em troca de um mínimo de esforço até que estivessem lotados.

"Olá", ele gritou para o prédio vazio. Houve um leve eco quando sua voz ricocheteou no chão de azulejos e no corredor não decorado.

"Aqui embaixo", gritou uma voz de um corredor à sua esquerda.

Six acompanhou o som e encontrou seu melhor amigo e ex-parceiro de tapete de jardim de infância, Cabe Moss, de joelhos embaixo da mesa, mexendo nos fios que corriam para o chão.

"Juro por Deus que sua bunda é feia e repulsiva", disse Six, entrando no quarto.

---

[5] Warren Edward Buffett é um investidor e filantropo americano

[6] A Eagle Security and Personnel Services foi formada em 1980 em resposta a uma escalada de ordem pública e questões relacionadas à segurança das indústrias de construção, comercios, varejo, industrias e de esportes e lazer.

Cabe rastejou por baixo da mesa. “E eu juro por Deus que seu rosto é feio e repulsivo. Melhor minha bunda do que seu rosto.” Ele ficou de pé e abraçou Six. "Como você está, Viking?"

Six riu do antigo apelido. Um projeto familiar durante o ensino médio havia descoberto as origens de sua estrutura alta e cabelos loiros. Sua família era descendente dos invasores ferozes originais. E embora os caras sempre o tivessem importunado sobre isso, saber que a luta estava em seu sangue tinha sido uma fonte de incrível motivação nas horas antes de começar a missão.

“Fico feliz em voltar em San Dog. Passei a maior parte do fim de semana no meu conselho em vez de desembalar. O Surf Seaside foi um gigante bem-vindo a casa. ”

"Bem, fico feliz que você esteja aqui, finalmente. Nós temos merda a fazer, cara, para deixar este lugar pronto para os negócios. Deixe-me mostrar a você o lugar.”

Six seguiu Cabe para fora da sala e para um espaço amplo, do tamanho de um pequeno hangar de avião.

"A academia fica ali", disse Cabe, apontando para um banco de equipamentos de treinamento de força e algumas máquinas de cardio. Duas esteiras, um remador, um par de bicicletas de spin e um reclinado. Six tinha planos para eles depois. “Os chuveiros estão no corredor à esquerda. Há um dormitório com três beliches à direita. Pode dobrar como médico. Tem suprimentos básicos lá por enquanto.”

Os caras obviamente estavam ocupados. “Nós vamos treinar aqui também?” Ele perguntou. O espaço seria ótimo para isso.

“Sim, mesas dobráveis e cadeiras estão no depósito por lá. E nós podemos projetar nessa parede aqui. Cortinas pretas e toda a merda.” Cabe levantou o queixo para as janelas estreitas que corriam ao longo da parede superior. “Para quando precisarmos fazer briefings[7], treinamento em nível de unidade, treinamento especializado, etc.”

Six podia ver isso. Equipes, missões, debriefings. Sua própria cadeia de comando, com eles em última instância no comando. "Nós contratamos algum desses currículos que eu exibi?"

Cabe os levou de volta pelo corredor de onde eles vieram. “Temos cinco prontos e mais alguns começando na próxima semana, incluindo um ex-funcionário do SAS[8] do Reino Unido. Vai introduzir dois deles mais tarde. Mac levou três deles com ele para o México para recuperar a criança. O trabalho só precisava de dois, mas ele queria testá-los.”

"Bom plano", Six disse quando pararam em frente a um armário de aço. “Arsenal?” Ele perguntou.

Cabe assentiu. “Bloqueio de código eletrônico. A data em que Brock morreu, seguido da data em que nos alistamos” ele disse baixinho, digitando o número no teclado.

Eles não falavam sobre Brock com frequência. Especialmente não com o Mac. Mas as duas datas foram juntas, uma tendo levado à outra. Tinha sido o sonho de Brock se tornar um SEAL, mas quando

---

[7] Briefing é um conjunto de informações, uma coleta de dados para o desenvolvimento de um trabalho. Palavra inglesa que significa resumo em português. É um documento contendo a descrição da situação de uma marca ou empresa, seus problemas, oportunidades, objetivos e recursos para atingi-los.

[8] O SAS é um sistema integrado de aplicações para a análise de dados, que consiste de: Recuperação de dados, Gerenciamento de arquivos, Análise estatística, Acesso a Banco de Dados, Geração de gráficos, Geração de relatórios.

ele morreu em seu último ano de faculdade, tudo mudou, até mesmo suas próprias aspirações de carreira.

“Parecemos um pouco mais leves porque os caras saíram em particular com suas armas. Tive que lutar para conseguir todas as autorizações. Deveríamos ter configurado no OC[9]. Teria sido mais fácil. Ou em algum lugar, permitimos automáticos e semifinais. ”

Six só podia imaginar a papelada que Mac teve que cuidar, e ele se sentiu como um merda por não estar lá para ajudar. Mas as datas de separação deles nunca iriam se alinhar adequadamente, especialmente com diferentes quantidades de licença de terminal devido, então ele fez o que pôde da Virgínia. "É bom estar em casa, Cabe."

Cabe olhou para ele e sorriu. “Claro como o inferno que é. Lá você viu. É uma sala de conferências para reuniões com clientes. Um que ainda não tem Internet confiável. E também temos uma menor que está completamente escura para segurança”, disse ele, levando-os por um pequeno corredor. "Este é o meu escritório, e o Mac's fica ao lado." Cabe apontou para a esquerda do corredor. “E esse lado é a sala de conferências segura. E, finalmente, seu escritório.”

Uma placa estava pendurada na porta. SIX RAPP.

Um telefone tocou à distância. "Tenho que atender isso", disse Cabe, voltando pelo corredor. “Mas você e eu, vamos discutir os detalhes da segurança hoje à noite em uma grande arrecadação de fundos. Eu vou te falar depois os detalhes. Acomode-se por um tempo.”

Six entrou em seu escritório. Prateleiras e armários pretos se alinhavam em uma parede. Uma grande mesa de vidro com pés cromados dominava o espaço. Nele havia dois monitores grandes e um laptop com uma nota.

ID do usuário: sixtonrapp

Senha: #i<3unicorns

(Você pode mudar isso-> 8 caracteres, 1 número, 1 símbolo)

Six riu. "Babaca", disse ele. Passou a mão pelo vidro frio, foi até o outro lado da mesa e sentou-se na cadeira que provavelmente era ergonomicamente projetada, já que Mac a havia escolhido. Era robusta para a sua grande estrutura, no entanto, era tudo o que importava para o Six. Ele se virou para a janela, olhando para o estacionamento.

Casa.

Ele não só fez isso, mas ele sobreviveu.

Então, por que ele se sentia tão perdido?

* * *

Alguém tocou meus arquivos.

Louisa North soprou a franja de seus olhos e folheou a pasta mais uma vez. Havia algo errado com suas anotações, mas ela não conseguia identificar exatamente o que era. Se ela não soubesse

bem, juraria que alguém tinha olhado nelas. Não era nada óbvio, mas ela era super perfeccionista sobre alinhar os cantos das páginas antes de fechar qualquer pasta, e as páginas estavam desalinhadas como se alguém tivesse rapidamente as folheado.

No maior laboratório médico financiado pelo setor privado em San Diego, não era incomum os pesquisadores colaborarem, consultarem e emprestarem informações uns dos outros em suas buscas para encontrar respostas para problemas globais o mais rápido possível. Mas geralmente as pessoas pediam permissão.

Ela fechou o arquivo e puxou suas anotações em seu laptop. Ela marcou o artigo que ainda não terminou de ler sobre o silenciamento de genes e seus possíveis efeitos em repetições palindrômicas curtas agrupadas regularmente 'CRISPR' para abreviação. Embora as descobertas fossem cruciais para sua pesquisa no tratamento da doença de Huntington[9], a sigla sempre a fazia pensar na gaveta de saladas em sua geladeira.

Tudo sobre seus arquivos de computador e e-mail parecia normal. A última data modificada correspondia à data em que ela poderia lembrar pela última vez de abri-los. Nenhum email foi marcado como lido e não foi aberto. Embora fosse possível que seu parceiro de laboratório, Ivan, que também era neto do dono do laboratório, desse uma olhada em suas anotações manuscritas, o que era muito improvável. Depois de todo o tempo trabalhando juntos, ele sabia que não devia mexer com as coisas dela.

Ela olhou através das paredes da sala de limpeza para os dois laboratórios do outro lado do corredor, que dava para o dela. Seis a

[9] Doença rara de condição hereditária em que as células nervosas do cérebro se rompem ao longo do tempo.

oito pessoas compartilhavam o espaço em cada um deles, um pensamento que fez Louisa estremecer. Tinha sido uma condição do investimento de sua mãe no laboratório; que Louisa recebesse seu próprio laboratório para evitar ter que lidar com as pessoas diariamente. Era uma coisa boa também, porque alguns dias era quase mais um dreno do que ela poderia suportar tendo apenas Ivan por perto. Terapias comportamentais cognitivas só tinham ido tão longe para ajudá-la a superar sua antropofobia[10] crônica, mas sua extrema timidez, as vezes, ainda tomava conta de sua vida. Enquanto todos os pensamentos de respiração e modificação permitiam que ela saísse da cama de manhã e viesse para o trabalho, desafios diários como olhar nos olhos de alguém continuavam sendo um problema. Era parte da razão pela qual ela deixara sua franja crescer tanto, mesmo que sua mãe odiasse isso.

Cuidadosamente, ela endireitou todos os cantos das páginas para que elas se enfileirassem e colocou o fichário de lado. Ela não podia gastar mais tempo se preocupando com isso agora, porque havia outras coisas que precisavam ser abordadas.

Louisa puxou a apresentação que ela deveria fazer no evento de arrecadação de fundos de hoje à noite. Suas palmas começaram a suar enquanto ela folheava. Não era tanto a apresentação que a fazia se sentir mal, mais as multidões que geralmente vinham ouvir o que ela tinha a dizer. E ela sabia que era um golpe duplo. Pesquisadora que dedicou sua vida à compreensão de Huntington - Confere. Portadora potencial da doença - Confere. Ela enterrou seu amado pai, Isaiah North, uma década atrás, quando ele finalmente sucumbiu à doença, e ela estava bem ciente de que havia uma

[10] Aversão ao homem (como generalidade). Horror da sociedade ou das relações sociais; medo das aglomerações de homens; misantropia.

chance de cinquenta por cento de que ela também fosse portadora do gene da doença. Como a maioria dos potenciais portadores de genes, ela optou por não ser testada, uma decisão que aqueles que não estavam na linha de fogo raramente entendiam. Em sua mente, não fazia sentido viver sob uma nuvem de tempestade quando ela tinha a chance de dançar ao sol.

O slide com suas credenciais apareceu na tela. Normalmente, ela odiava falar de si mesma, mas sabia que, se quisesse ter a chance de convencer alguns dos participantes da festa de gala de hoje a doar ainda mais dinheiro, ela precisava provar que sabia do que estava falando. Graças à generosidade de seus pais, Louisa recebera uma educação que a maioria das pessoas só podia sonhar. Com um diploma de graduação da Universidade de Harvard e um mestrado em medicina em Yale, ela tinha estado no caminho certo como residente em neurologia e, por fim, como parceira em neuroterapias e distúrbios de movimento na Johns Hopkins, até que sua fobia atrapalhou. Quando as pessoas perguntavam por que ela escolheu enterrar-se em um laboratório, ela oferecia uma resposta especial sobre dedicação e foco.

Ela desejou poder dizer aos participantes esta noite que sua busca por uma alternativa à tetrabenazina, a droga que havia sido desenvolvida inicialmente para tratar a esquizofrenia, mas que se provou útil no tratamento de condições com movimentos involuntários, como a doença de Huntington, provou ser frutífera. Teria sido maravilhoso compartilhar com o público que ela encontrou uma com efeitos colaterais potencialmente menos prejudiciais, que sua pesquisa estava no caminho certo, mas, na verdade, a droga em que ela estava trabalhando tinha acabado sendo mais venenosa que benéfica. Ela estava convencida de que

estava a caminho de criar uma droga que reduziria a hipercinesia, os espasmos musculares incontroláveis, sem aumentar o risco de condições psiquiátricas, como depressão, paranóia e ideação suicida. As mesmas condições psiquiátricas que levaram seu pai propenso à depressão a sucumbir ao seu desespero e se enforcar na garagem de sua propriedade em Torrey Pines. Mas, em vez disso, a droga que ela testara tinha ido longe demais, causando paralisia em ratos, ao mesmo tempo em que os deixava completamente conscientes do que estava acontecendo com eles. Eles não puderam comer, beber ou se ajudar.

Louisa estudou cada slide em detalhes. A plateia não teria paciência para ouvir longas proclamações científicas, então ela usou termos leigos, como genes e cromossomos, e explicou como o quarto cromossomo de todos produzia uma proteína chamada huntingtina, e que os genes defeituosos causavam mutação nesse proteína, que poderia levar a mate. Ela aprendeu ao longo dos anos a evitar frases como *"gânglios basais"* e *"repetições C-A-G"* porque, na verdade, ninguém realmente se importava. As pessoas estavam participando da arrecadação de fundos para seu trabalho porque sua mãe lhes pedira isso. Porque outras pessoas ricas estariam lá. Porque eles precisavam ser vistos fazendo o bem. Com o câncer eles se preocuparam porque poderia afetá-los a qualquer momento, mas uma doença hereditária que eles sabiam que sua família não carregava...

Seus olhos captaram o relógio na parede.

Porcaria.

Já eram quatro da tarde. Ela normalmente não saía do laboratório até as oito ou nove da noite. Menos pessoas no laboratório, menos pessoas nas estradas, menos pessoas, ponto final. Mas a Rodovia 5 para sua casa em Mission Hills provavelmente estava tão congestionada quanto uma infecção nasal, e se ela quisesse voltar para casa, se arrumar, se preparar e voltar para a cidade para festa de arrencadação de fundos, ela precisava ir embora agora.

Ela pegou as pastas e fez o seu caminho ao redor do laboratório, desligando as luzes e trancando a porta conforme ia saindo. A caminho da saída e da pequena sala onde guardavam seus arquivos, Louisa parou em frente às geladeiras do laboratório e olhou para a amostra, tentando pensar de maneira desapaixonada sobre o que havia acontecido no último teste.

Mas as bandejas atraíram seus olhos, e o mesmo sentimento se espalhou por sua pele, como tinha acontecido quando ela abriu seus arquivos.

Era impossível dizer se alguém havia adulterado isso. As bandejas estavam um pouco fora do centro? Talvez. As portas foram abertas? Impossível dizer. Mas era seguro assumir que tudo isso estava em sua cabeça? Ela não poderia fazer nada?

Se alguém andou mexendo nas amostras, eles encontraram o que procuravam? ou não haviam terminado a pesquisa.

Ela retirou uma amostra da droga anterior que tinha sido igualmente mal sucedida, mas não tinha nem de perto o mesmo tipo de efeitos colaterais que a amostra que ela acabara de testar. Cuidadosamente, de costas para o laboratório do outro lado do corredor, ela removeu as etiquetas de ambas as amostras, trocou-as

e substituiu as amostras na prateleira. Era o laboratório dela, para que ela pudesse gerenciar as amostras do jeito que quisesse. Mesmo de uma forma que pareça, ou pior, seja paranóica. A paranóia foi um dos primeiros sintomas do pai no início da doença.

Louisa fechou a porta e tentou ignorar o modo como seu coração disparou. Ela lembrou a si mesma que o medo era simplesmente um sinal para o corpo se envolver, um comando para a adrenalina inundar os músculos esqueléticos em preparação para algum tipo de atividade física, com o fim de evitar algum desastre. Portanto era uma das emoções mais adaptativas, ela não estava em perigo real agora.

Ela endireitou o microscópio para que suas bordas combinassem com o canto da mesa e girou todos os frascos de Erlenmeyer[11], de modo que as medidas se voltassem para ela. Então ela correu para a autoclave e pegou um copo limpo, só para ter certeza de que havia um número igual de copos alinhados com seus bicos a quarenta e cinco graus.

Aliviada que o laboratório estava em ordem, Louisa respirou fundo em preparação para a batalha, para sair do prédio. Ela saiu pelo ventilador de ar da sala limpa, permitindo que os jatos duros lhe tirassem qualquer resíduo químico antes de entrar no pequeno corredor onde guardava o casaco e a bolsa no armário.

Mantendo-se perto da parede do corredor, ela saiu correndo do prédio. Eu estou bem, ela lembrou a si mesma enquanto pensava sobre as amostras.

Se ela pudesse comandar suas mãos trêmulas para concordar.

---

[11] Equipamento de laboratório de forma cônica e fundo chato.

* * *

Six fez outra excursão ao redor do salão de baile, olhando as saídas e a sacada enquanto tentava evitar os olhares não tão discretos de algumas das participantes femininas e alguns dos homens. Ele puxou o punho da camisa branca sob a manga do smoking preto. Talvez tenha sido anos de condicionamento, mas sua cabeça estava executando vários cenários. Havia um monte de dinheiro no quarto. Não que ele tivesse ido a muitos eventos de arrecadação de fundos oferecidos pelos ultra-ricos, mas este parecia estar nadando em um mar de diamantes. Claro, era tudo por uma boa causa, mas ele não pôde deixar de imaginar o impacto que o dinheiro poderia ter na vida dos veteranos feridos.

“Sixton Rapp. Eu não sabia que você estava de volta à cidade.” Ivan Popov estendeu a mão e Six a pegou, educadamente cumprimentando seu velho amigo de escola, mesmo que ele não suportasse o cara.

“Apenas duas semanas. Como você tem estado, Ivan? ”Ele perguntou, tentando soar como se ele realmente se importasse. Afinal, Ivan e seu avô eram os que pagavam a conta da noite.

"Eu estou bem. Acabei de comprar um novo lugar em La Jolla e peguei uma McLaren 650S. A farmacêutica sempre pagou melhor do que as lutas. Ainda servindo ao nosso país, cara?”

Esse idiota teve a audácia de falar sobre servir a América ao mesmo tempo em que ele se regozijava com sua riqueza.

Havia muitos rumores sobre grandes multiplicadores e sobre os preços dos medicamentos mais básicos. O cara estava derrubando

americanos, não os ajudando. Six deveria chutar sua bunda só por isso.

“Duas semanas. Eu estou realmente trabalhando.” Six apontou para o fone de ouvido e microfone.

Ivan riu. “Nenhuma merda. Este é um evento de arrecadação de fundos para o meu projeto. Você se lembra que meu avô é dono dos Laboratórios VNP? Isso é para financiar nossa pesquisa.”

Aquele Vasilii Popov, um bilionário que provavelmente encontraria entre as almofadas de seu sofá o dinheiro que esses socialites, estavam entregando. Estava arrecadando fundos em vez de apenas darem. A visão de Six ficou reforçada de que essas coisas eram um monte de merda. As pessoas ricas não tinham ideia de quão privilegiadas elas eram.

"Mundo pequeno", Six disse educadamente, mas era hora de se desvencilhar antes que os pensamentos de dentro de sua cabeça saíssem por sua boca. "Olha, eu tenho que voltar ao trabalho."

"Sim. É bom ver você, cara” disse Ivan, apertando sua mão novamente.

Six começou outro circuito, andando com cuidado para garantir que ele olhasse em todos os lugares para a possibilidade de problemas. Um estrondo soou atrás dele, e sem hesitar um momento, ele se virou, a palma de sua mão envolvida discretamente ao redor da alça do coldre Sig Sauer P220, uma arma que ele carregava legalmente, apesar das rígidas leis de armas, de San Diego. Ele relaxou seu aperto quando viu dois garçons pegando louça quebrada do chão.

Por que sua frequência cardíaca subia em relação aos pratos quebrados? Ele não se mexeu. Ele trabalha bem sob pressão.

Ele começou a respirar, contando. Respire quatro, segure por quatro, respire quatro, segure por quatro. Seus irmãos ririam se soubessem que ele estava assustado com bandejas de prata e porcelana. E se ele lhes dissesse a verdade, que era uma ocorrência bastante regular, eles começariam algum tipo de programa de extensão bem intencionados como se ele fosse uma instituição de caridade

"Da próxima vez que Mac tiver uma boa ideia para ganhar dinheiro, lembre-me de dizer a ele para ir se foder", Six disse em seu microfone, procurando alguma maneira de liberar a pressão que sentia. Brincadeiras entre os irmãos tinha sido a única coisa que manteve sua bunda ingênua e idealista em sua primeira excursão e as que se seguiram.

O riso de Cabe estalou pelo fone de ouvido. “Não é de todo ruim. Veja o vestido vermelho na mesa oito. Está chamando dinheiro.”

Six balançou a cabeça e se virou para olhar para a loira envolta em um vestido de bandage. Elas sempre pareciam sexy nesses vestidos, mas tentar ajudar uma garota a sair de um deles era como tirar uma gazela das mandíbulas de um jacaré. "Nesse caso, vou levar a do vestido branco no bar e a do vestido verde até a terceira saída, de preferência ao mesmo tempo.”

"É bom ver que você não perdeu o apetite", disse Cabe. “A apresentação estará pronta em breve. A filha do principal

arrecadador de fundos é uma pesquisadora médica-geek[12] que trabalha no laboratório. Provavelmente vai ser tão monótono quanto a água pigando da torneira."

Six caminhou até o palco, verificando a área ao redor. Já estava começando a parecer altamente improvável que algo fora do comum acontecesse hoje à noite, mas se algo acontecesse, provavelmente seria quando todos os convidados estivessem definitivamente na sala, para algo como uma apresentação.

"Nós sabemos o que há por trás disso?", Ele perguntou a Cabe, dando um passo em direção às ricas cortinas de veludo azul, fechadas, atrás do palco temporário.

"Sim, eu verifiquei mais cedo." Um estalo cortou seu fone de ouvido. "Uma pequena varanda."

Curioso, Six deu alguns passos até a cortina e mexeu na maçaneta da porta. destrancada, ela se abriu para um pequeno espaço.

"Você pode fazer isso", uma voz suave sussurrou na meia luz. "Não é nada. Entre. Faça isso. Saia."

"Você está bem?" Ele perguntou, observando a mulher sentada numa cadeira branca. Ela estava meio escondida pela hera[13] que se arrastava até a parede de tijolos ao lado da porta.

"Estou bem", respondeu a mulher, no tom mais infeliz que já ouvira.

---

[12] Geek é uma gíria da língua inglesa cujo significado é alguém viciado em tecnologia, em computadores e internet.

[13] A Hera é uma planta trepadeira do género Hedera, família Araliaceae. É natural da Europa Central e Ocidental.

Ele deu alguns passos mais perto. Tudo o que ele podia ver era o topo da cabeça dela, ondas morenas tremulavam em todas as direções quando uma brisa entrava pela baía. A bainha de sua saia de tule de cor de água dançou em torno de suas panturrilhas. As unhas dos pés que combinavam com a saia espiavam através de sandálias prateadas de salto alto. Ele se agachou na frente dela.

“Posso arranjar alguém para ficar com você? Conseguir um pouco de água, talvez?”

A mulher levantou a cabeça. Ele mal podia ver os olhos dela através de sua franja, mas o pouco que ele podia ver eram tão marrons quanto a cerveja negra que ele havia bebido no México na semana anterior. Lábios gordos e maçãs do rosto definidas, ambos com pouca maquiagem, adicionaram uma suavidade a um nariz e sobrancelhas fortes. Não artifíciais, como as mulheres que ele normalmente procurava. Mais interessante. E ele teve a sensação de que ela odiaria essa palavra.

"Merda", disse a mulher e baixou a cabeça para as mãos, colocando a cabeça entre os joelhos.

"Tem certeza de que você não vai desmaiar?", Ele perguntou. Colocando a mão nas costas dela, querendo trazê-la conforto. Ela estava definitivamente tremendo.

"Você precisa de ajuda, Six?" Cabe sussurrou em seu fone de ouvido.

“Não. Eu tenho isso”, ele respondeu.

"Você tem o quê?" Suas palavras foram murmuradas.

“Oh. Não, eu estava conversando com meu parceiro ”, ele respondeu. "Meu nome é Six. Eu faço parte da equipe de segurança hoje à noite.”

"Louisa", disse a mulher. "Eu faço parte do show de cachorros e pôneis.”

A pesquisadora médica-geek. "Você é a apresentadora que estará no palco em poucos minutos?" Six colocou o dedo sob o seu queixo e levantou o seu rosto até que ele pudesse seus olhos sob franja, se ele se agachasse o suficiente.

Seus olhos encontraram os dele por um momento e depois desviou o olhar rapidamente. "Merda. Já é a hora?”

“Está chegando perto. Tenho certeza de que você vai se sair bem.” Embora estivesse certo de que teria que arrancá-la do assento quando fosse hora do show, precisava dizer alguma coisa para encorajá-la. Um medo vergonhoso pulsava dela, e ele poderia jurar que sentiu o frio disso.

Louisa ficou de pé de repente. "Dificilmente", disse ela, caminhando pela varanda.

Agora que ela estava de pé, ele podia ver que a saia ia até o joelho e que ela estava com um colete branco justo, com muito pouco por baixo, até onde ele podia ver. Era peculiar e tão diferente de tudo que ele tinha visto dentro da sala. Parte dele a avaliou como vestida igual as outras participantes, mas havia algo muito original nela.

"A última vez que fiz isso, no caminho de volta do palco, vomitei em um grande vaso de *Dieffenbachia fortunensis*.”

Six riu, e ela se virou para ele.

"Não foi engraçado", disse ela, mas seu beicinho se transformou em um sorriso.

"Eu não estava rindo do vômito. Eu estava rindo que você conhecia a planta e a sua... marca ou o que quer que seja."

O som de alguém testando o microfone chamou a atenção de Louisa para a porta e ela balançou a cabeça. "Suas espécies e gêneros", ela disse casualmente antes de respirar fundo e ajeitar os ombros. "E eu acho que é hora do show." Ela caminhou em direção à porta e segurou a maçaneta, mas voltou antes de abri-la. Ela soprou a franja do rosto e ele finalmente deu uma boa olhada nela. "Linda" foi a primeira palavra que me veio à mente. "Constrangida" foi a segunda.

"Obrigado por me resgatar, Six", disse ela.

A porta se abriu e as luzes brilharam através de sua saia, deixando-a ligeiramente transparente. Da silhueta, ele podia ver que ela tinha pernas que duravam dias.

"Você é bem vinda", ele disse quando a porta se fechou.

CAPÍTULO DOIS

Porra. Por que ela não conseguia ter aquele cabelo loiro e aqueles olhos que eram da cor de um lago congelado fora de sua mente?

Louisa estacionou o carro do lado de fora do laboratório e apoiou a cabeça no volante. Fazia cinco dias desde que ela sobrevivera à sua apresentação, e ele ainda estava lá em sua cabeça, na frente e no centro.

No ensino médio, ela riu das garotas que se distraíram com os garotos. As que passaram os intervalos do almoço fingindo ser Britney Spears correndo em uma academia do ensino médio enquanto eles praticavam seus movimentos de dança, ou debatendo os méritos relativos do *NSYNC versus os Backstreet Boys enquanto estavam sentadas nas arquibancadas na esperança de atrair a atenção de sua última paixão. Em vez disso, ela se sentou na sombra e focou na relação entre o local de ligação da DNA polimerase e inicio e interrompimento dos códons. Eles a chamavam de geek, nerd e, muitas vezes, perdedora. Mas os sintomas de seu pai estavam piorando, e ela estava determinada, até então, a encontrar a cura que consertaria sua família, que já foi perfeita. Além disso, ela estava simplesmente mais feliz em sua própria companhia.

A confusão sobre um homem era uma coisa nova. Louisa tinha tentado namorar quando era mais nova, mas a vocação de seu laboratório sempre pareceu mais interessante do que ir ao cinema ou jantar, desperdiçar duas horas de sua vida conhecendo um homem com quem ela não tinha intenção de ficar a longo prazo... Era

a quantidade de horas que poderia ser gasta fazendo algo importante e, eventualmente, as relações tinham fracassado. Qualquer desejo restante até o momento fora morto por sua antipatia por estar perto de pessoas. Viagens sociais, reuniões de família e conhecer estranhos exigiam muito esforço.

Tão obcecada por Six, que possivelmente não poderia ser seu nome verdadeiro, e que era literalmente o homem mais bonito que ela já viu, era desconcertante. Na apresentação, ele voltou ao palco momentos antes dela começar a falar e desceu as escadas para ficar à esquerda do palco. Foi bom ver aqueles ombros largos quando ele virou o rosto para a multidão. Enquanto ela falava com o público, a cabeça dele tinha se virado de um lado para o outro enquanto ele observava a sala, se concentrar no metrônomo constante de seus movimentos ajudou a mantê-la calma. Quando terminou seu discurso, ele lhe ofereceu a mão para ajudá-la a descer os degraus e, em seguida, sussurrou maliciosamente que havia uma palmeira em vaso à sua direita se sentisse vontade de vomitar. Isso a fez rir e soltar o aperto no estômago.

Quando ela foi forçada a ouvir sua mãe falar sobre seu último namorado, ela assistiu a Six por debaixo da segurança de sua franja. Dado seu rosto bonito e postura incrivelmente confiante, ela sabia que não era a única mulher assistindo. Perto do final da noite, ela viu uma linda mulher de vestido verde aproximar-se dele e entregar-lhe um pedaço de papel no qual Louisa imaginou ter escrito seu número de telefone. Six tinha olhado para ela e depois olhou diretamente para a mulher e sorriu, acenando com a cabeça como se estivesse de acordo. Mais tarde, porém, ela também o viu tirar sua carteira do bolso, tirar alguns notas e entregá-las a Valerie, uma das integrantes da fundação que estava coletando dinheiro dos participantes. A

maioria das pessoas mostrava seus cartões de crédito, ou trazia cheques, então o doce gesto aqueceu o coração de Louisa. O mais recente brinquedo da mãe o menino, Lucan, que a tinha acompanhado ao evento, não tinha aberto sua carteira uma única vez, e Louisa tinha lutado para conter sua frustração quando ele pediu a sua mãe para fazer uma oferta em seu nome no leilão para uma viagem de luxo para as Ilhas Galápagos.

Louisa pegou suas malas e saiu do seu Audi A3, um carro que sua mãe chamava de "comum". Como se ela tivesse o direito de julgar - ou de julgar a si mesma - hoje em dia. Ela estava em um estado autodestrutivo desde a morte do pai de Louisa, namorando homens muito mais jovens do que ela, infelizmente, por apenas uma coisa - os presentes que os milhões da família North poderiam oferecer. Gigolos, charlatães, era assim que Louise os chamavam, sua mãe simplesmente não escutava e, rotineiramente, ficava com o coração partido depois que uma luxuosa viagem ou um item caro era pago. Como ela podia ser tão sem noção sobre esses homens, era insondável.

Usando seu passe, Louisa entrou no prédio e discretamente correu pelo corredor até o armário. Ninguém realmente entendeu seu terror agudo por estar perto de pessoas. Mesmo os especialistas que professaram a possibilidade de curá-la não entenderam quão debilitante poderia ser. Ela planejou suas viagens em torno dos caminhos de menor resistência, o que significava que ela chegou a lugares antes de abrirem ou antes de fecharem para o dia. Os corredores estavam vazios quando ela enfiou a bolsa no armário e fechou-a.

Ela e Ivan estavam trabalhando em uma fórmula revisada complexa no dia anterior, mas ela ainda sentia como se estivessem perdendo alguma coisa. Hoje, Ivan estava participando da reunião do conselho da empresa com seu avô, Vasilii, um trabalho que Louisa não invejava. Contas, balanços, reuniões de comissões e itens de ação fizeram Louisa estremecer. Dê a ela uma oportunidade de desenvolver modelos de atividades dinâmicas patológicas em doenças neurológicas, e ela estava por toda parte, mas os objetivos corporativos matariam suas células cerebrais mais rapidamente do que a hipóxia cerebral.

Ela vestiu o jaleco e as luvas, passou pelo ventilador de ar e entrou no abraço frio de seu laboratório. Seu santuário. Parecia mais sua casa do que em casa. Havia algumas culturas crescendo que ela precisava verificar, e ela estava animada por ter sido convidada a rever os resultados de uma fatia do cérebro do Centro de Doença de Baltimore Huntington na Johns Hopkins. Quem conseguiu resultados primeiro ou fez os maiores avanços na corrida pela cura realmente não importava para Louisa, contanto que alguém o fizesse, e logo.

Uma rajada de ar frio tomou conta dela quando ela abriu a geladeira para pegar as culturas. Ela agarrou-as da prateleira e estava prestes a fechar a porta quando percebeu que uma das amostras que colocara ali na noite da apresentação estava faltando. Deslizando as culturas em sua mão de volta para a prateleira, ela ficou na ponta dos pés para ver se as amostras haviam sido empurradas de volta para a unidade profunda. Mas estava vazio. Ela pensou em seus passos cinco dias antes, quando ela deliberadamente trocou a amostra perigosa por uma inócua, por causa da paranóia de que seus papéis haviam sido mexidos.

Ela olhou por todas as prateleiras e todas as amostras. Obviamente, era possível que Ivan estivesse no laboratório enquanto ela não estava lá, mas ele sempre foi um parceiro de laboratório incrivelmente atencioso e meticuloso e gentilmente satisfez sua necessidade. Até que ele saísse da reunião, ela não poderia perguntar pessoalmente onde a amostra poderia estar, mas ela poderia sair, pegar o telefone e enviar-lhe um texto rápido, na esperança de que ele iria verificar em algum tempo antes do fim do dia, por mais improvável que fosse. Vasilii, que era da velha escola, tinha paciência limitada com a interferência digital durante as reuniões.

Preparando-se, Louisa saiu do laboratório e atravessou o corredor para onde a pesquisa para a cura do mal de Alzheimer, assim como o remédio para retardar seu início, acontecia. Os Laboratórios VNP, sob a liderança de Vasilii, estavam focados em distúrbios cerebrais, embora por razões bem diferentes das dela. Ao contrário do câncer, que tinha uma taxa de sobrevida de cinquenta por cento ou mais de dez anos e uma série de opções de tratamento, ninguém havia encontrado uma maneira de interromper a doença neurológica. Então, a medicação para controlar os sintomas era a única opção. Para Vasilii, esta pesquisa era sobre lucros e balanços; para ela era vida ou morte. Ela olhou para a esquerda e para a direita ao longo do corredor. As únicas pessoas à vista estavam indo para a escada para levá-las ao segundo nível. Com um suspiro de alívio, ela foi até o outro laboratório e bateu na janela para chamar a atenção de Aiden, uma das poucas pessoas com quem podia conversar. Ele entendeu o impulso dela e se tornou um mentor maravilhoso que respeitava seus limites sociais.

Eles se encontraram no ventilador de ar na entrada do laboratório. "O que aconteceu, Louisa?"

"Eu tenho certeza que isso é provavelmente o que o Ivan está fazendo, mas eu tinha algumas amostras na geladeira desde sexta-feira, e uma delas não está lá hoje. Eu me perguntei se você ou algum dos seus caras foram até o laboratório para pedir algo emprestado e as moveu. ”

"Certamente não fui eu, mas me dê um segundo e eu vou perguntar."

Aiden voltou para o laboratório e viu a maioria de seus colegas balançando a cabeça. "Desculpe", disse Aiden quando ele voltou. “Ninguém esteve lá. Como você disse, provavelmente foi o Ivan.”

Louisa sentiu seu estômago cair. "Legal", ela disse, muito mais casualmente do que ela realmente se sentia. "Desculpe por incomodar vocês." Ela correu de volta para seu laboratório. Desta vez, porém, ela não sentiu a mesma sensação de segurança lá. Ela tinha certeza de que alguém havia retirado a amostra de seu laboratório. Sua cabeça estava cheia de razões perigosas do por que isso poderia ter acontecido. Que não era como ela. Ela geralmente era racional. Bem, a menos que ela permitisse que a pequena voz dentro de sua cabeça a lembrasse de que ela poderia estar apenas sendo paranóica.

Como o pai dela tinha sido.

* * *

Os Beach Boys estavam certos. Em todas as suas viagens, ele nunca viram nada parecido com as garotas da Califórnia. Andie, a

garota de vestido verde, estava mais do que disposta a esperar que ele terminasse seu trabalho, mas em vez disso, ele foi para casa sozinho, pensamentos cheios de uma morena peculiar em tule. No final da noite, ele procurou por ela, imaginando se deveria se certificar de que ela saísse bem. Ele vagou para a mesa em que ela estava sentada, e não encontrou nenhum sinal dela, encontrando apenas três elefantes de origami feitos do que pareciam ser páginas de seu discurso, um dos quais agora estava na mesa da cozinha.

Six saiu do caminhão e balançou o pescoço da esquerda para a direita. Com o objetivo de mudar os pensamentos de Louisa North de sua mente, era um longo caminho ao longo da trilha do desfiladeiro de Los Peñasquitos com sua cachoeira, rocha vulcânica e florestas de carvalhos majestosos da Califórnia que ele sentiu muita falta quando ele foi implantado. Ele pegou seus fones de ouvido e colocou *The Boss* para tocar.

Ele trancou a caminhonete e partiu pela trilha. Tudo somado, a aposentadoria parecia uma boa escolha. Ele ainda tinha a camaradagem que amava sobre os militares, mesmo que todos eles viessem de lugares diferentes. A maior parte do dia fora passada conhecendo seus novos irmãos de armas. Gareth, um orgulhoso galês que serviu 14 anos no Serviço Aéreo Especial, também conhecido como SAS, era o coringa do bando, mas também estava tão bem quanto qualquer um que já conheceu. Gaz era um membro do SAS de terceira geração cujo pai estivera envolvido no cerco à embaixada iraniana no início dos anos 80, Gaz lhes mostrara as cenas loucas no YouTube. Depois, houve Joel Budd, o símbolo de chamada Buddha, graduado pela TOGUN e piloto civil qualificado para praticamente todos os tipos de aeronaves existentes. Sua contratação era ótima e permitia que eles alugassem seus próprios

equipamentos para entrar e sair de lugares mais remotos. Acabou que o cara realmente sabia de sua merda quando se tratava de combate também. Cabe tinha feito uns exercicios em seu ritmo mais cedo, e eles tinham acertou em cheio.

Aumentando o ritmo, Six começou a suar. Sua mãe sempre disse que ele nasceu com muita energia. A maioria dos relatórios da escola tinha dito a mesma coisa. Ele não sabia o que fazer com toda essa energia, quando era mais jovem. A faculdade tinha sido menos sobre o seu futuro e mais sobre como celebrar seu presente, e não havia escassez de garotas da fraternidade dispostas a se juntar à fila por um pedaço dele. Ele não tinha ideia do que ele teria feito depois disso, se Brock não tivesse morrido do jeito que ele fez no ano anterior à formatura.

Tornar-se um SEAL da Marinha era o sonho de Brock e, para todos eles, se inscrever depois de seu funeral parecera a coisa certa a fazer. Mac, que se culpou, e ainda fazia, pela morte de Brock, foi o mais apaixonado e motivado a fazê-lo.

Mas a decisão que Six tinha feito, tinha o levado de razoavelmente em forma e sem rumo para uma elite fitness e foco. Enquanto subia o próximo declive, Six se perguntou como seria passar pelo BUD / S novamente, o treinamento básico rigoroso pelo qual todos os SEALs passaram, incluindo a notória Semana do Inferno, agora uma memória distante.

Ele acelerou o passo em um trecho aberto, determinado a superar um recorde pessoal nessa rota, e se lembrou da realidade dos seis meses passados no Centro de Treinamento Naval de Guerra Especial, onde ele teve sua bunda entregue a eles em uma base

diária. Mesmo com a idade dele, se ele fosse começar tudo de novo, ele chutaria as bundas dos novatos, porque ele sabia de algo que eles ainda não conheciam. Que ser um SEAL era noventa por cento mental.

A trilha corria perto da estrada quando ele virou a esquina, e ele podia ver o tráfego correndo. Outro corredor passou por ele, e então ele notou uma mulher subindo a colina em direção a ele. Por um segundo, ele pensou que era Louisa, mas ele balançou a cabeça. Achando que a corrida limparia isso. Era engraçado como ela ficou presa em sua mente...

Houve um barulho alto, o som de metal no metal como um tanque batendo em um IED[14], e ele imaginou corpos soprando no ar. No piloto automático, ele se esforçou para se esconder, batendo na terra e se pressionando contra a linha de arbustos, mas ele quase imediatamente percebeu o que tinha feito. Filho da puta. Suas mãos tremiam, e a picada ardida de adrenalina.

"Você está bem?", Disse uma voz feminina.

Merda, a mulher que andava na direção dele. "Estou bem", ele murmurou, tentando controlar sua respiração.

"Eu acho que foi a meu caminho, não foi?"

A mulher se agachou ao lado dele, mas ele estava muito chocado com a coisa toda para descobrir exatamente o que estava acontecendo.

---

[14] O Investimento Estrangeiro Direto (IED) é, num sentido mais amplo, a movimentação de capitais internacionais para propósitos específicos de investimento, quando empresas ou indivíduos no exterior criam ou adquirem operações em outro país.

"Pelo que parece, há um acidente na estrada", disse ela.

Six olhou para cima para encontrar Louisa olhando para ele através daquele cabelo grosso dela. "Eu não sei o que aconteceu", ele desabafou. Por um momento ele questionou por que ele não inventou algum tipo de desculpa como tropeçar em um galho ou precisar parar e amarrar seus cadarços.

Louisa tirou a franja dos olhos e ele notou que as bochechas dela estavam realmente rosadas. "Você caiu, ou o som daquele carro quebrando assustou você?" Ela se levantou e ofereceu-lhe a mão. Ele pegou e recebeu um choque de eletricidade estática. Louisa balançou a cabeça e ajudou-o a ficar de pé.

Talvez tenha sido o jeito que ela disse as palavras de forma tão franca, como se não fosse grande coisa, mas ele sentiu a necessidade de respondê-la com sinceridade. "São apenas ruídos altos fora do contexto", disse ele. "Ex-militar e tudo o mais." Six limpou o shorts, fazendo o seu melhor para minimizar o que diabos tinha acabado de acontecer enquanto o sangue corria ao redor de seu corpo tão rapidamente que parecia que ele ia desmaiar.

"Eu odeio estar perto de pessoas", Louisa falou casualmente e limpou um pouco de grama de seu braço. “Subindo a colina em sua direção, sofri ansiedade antecipada. Pânico com o pensamento de passar por você. Então eu entendi. Eu estudo neurologia, mas não consigo descobrir como parar.”

"Sua apresentação na sexta-feira foi ótima", disse ele, sem querer falar mais sobre o que havia acontecido.

"Caso em questão", disse ela. “Você estava de costas para mim o tempo todo. Você simplesmente não conseguia enxergar o jeito que eu olhava pro chão. O jeito que eu não fiz contato visual com uma única pessoa na sala.”

"Bem, você não precisa se preocupar. Você foi incrível. Até eu entendi o que você estava dizendo.”

"Não impediu a minha amígdala de atirar glutamato na região do cérebro que me fez congelar, da mesma forma que sua amígdala inundou o glutamato na região do cérebro que faz você pular involuntariamente. Em ambos os casos, nosso hipotálamo desencadeou nosso sistema nervoso autônomo, que elevou meu batimento cardíaco e estimulou a adrenalina através do meu corpo, assim como está fazendo com você agora.”

Six respirou fundo e olhou para fora, do outro lado do desfiladeiro. Descrições médicas ele poderia lidar, mas se ela se aproximasse de algo que cheirasse como uma simpatia, ele ficaria chateado. Não era grande coisa, e ele não queria que ela ficasse com pena. Ele olhou na direção que estava correndo e, em seguida, de volta na direção do estacionamento onde ele havia deixado sua caminhonete e onde Louisa estava indo.

“De qualquer forma, eu preferiria ficar sozinha em meu laboratório ou em casa, para onde eu deveria voltar. Você está bem?"

Finalmente, ele olhou diretamente para ela. À luz do dia, o cabelo que ele pensava ser simplesmente moreno tinha fios de ouro através dele. Ela usava jeans azul-claro que se ajustavam a ela como uma segunda pele e eram justos na parte inferior, tênis azul-marinho, e

uma simples camiseta branca que abraçava suas curvas. E, no entanto, nenhum desses era o motivo pelo qual ele queria passar um pouco mais de tempo com ela. Ela o intrigou, os dois lados dela - a cientista e a tímida humana - parecendo em desacordo.

"Estou bem", disse ele. “Sério, mas eu não sinto mais vontade de correr. Você vai me deixar andar com você por um tempo?” Incapaz de resistir, ele estendeu a mão para ela e empurrou o cabelo para o lado. Havia algo convincente sobre ela. Talvez ela não fosse tradicionalmente bonita, mas era à sua própria maneira.

Suas bochechas ficaram ainda mais coradas, e ela se afastou de seu alcance.

“Eu sinto muito, Louisa. Eu não deveria ter feito isso.” Merda. Ele não pretendia fazê-la se sentir mal, mas apenas estar perto dela estava trazendo sua frequência cardíaca de volta ao controle. "Olha, eu vou deixar você seguir sua caminhada. Eu vou te dar uma vantagem, então não irá parecer que eu estou perseguindo você. ”

Louisa sacudiu a cabeça. "Não", disse ela. “Está... bem. Quero dizer, eu não me importo, eu só dei um passo atrás porque... Bem. Eu não sei o que há sobre você, mas de alguma forma eu não me sinto tão estranha perto de você em comparação com outras pessoas.”

As palavras apertaram seu peito, e enquanto ele não tinha certeza de como ele se sentia sobre isso, ele estava mais do que disposto a ir com isso. "Isso significa que vamos caminhar?"

Com um sorriso que transformou completamente seu rosto, ela se virou na direção em que andava e chutou a ponta do pé na terra. "Eu suponho que sim", disse ela, e começou a andar.

Parecia a coisa mais natural do mundo andar ao lado dela, e ele não estava preparado para questionar o por quê.

* * *

"Você quer correr, Louisa?" Six brincou ao andar em direção ao estacionamento.

O confuso sobre a resposta ao estresse é que você nem sempre pode ter cem por cento de certeza do que causou isso. Certamente, se alguém o empurrou para fora do topo de um edifício alto, foi uma avaliação razoável que estava sendo causado pelo fato de que você estava correndo para sua morte a velocidades cronicamente rápida. Mas ter uma resposta patológica limítrofe à timidez enquanto caminhava ao lado de um Six, agora sem camisa e suado, com abdômen e tatuagens, e... Urgh, quem diabos sabia por que a adrenalina estava fluindo? Tudo o que ela sabia era que estava dizendo a ela fuja, mesmo que ela estivesse intelectualmente disposta a não ouvir.

Louisa se forçou a diminuir a velocidade. Para aproveitar a experiência. Para absorver a natureza ao seu redor, em vez de quão baixo o short de Six estava pendurado em seus quadris. Ela notou uma grande cicatriz no estômago que há muito havia curado.

“Qual ramo do exército você era?” Ela perguntou, esperando que ele acreditasse que sua falta de ar era uma função do esforço, não... bem, o que quer que fosse.

"Marinha, senhora", disse ele. “Um orgulhoso membro da irmandade SEAL.”

Puta merda. Não havia militares em sua família. Passar as noites de sexta-feira em casa assistindo a filmes como *American Sniper* e *Lone Survivor* constituía seus únicos combates, mas até ela sabia que os SEALs faziam os trabalhos mais difíceis nos lugares mais difíceis. "Isso é muito foda", ela disse, sem jeito. Não era como se ela fosse conhecida por suas respostas espirituosas nos melhores dias, mas em volta de Six, até mesmo suas habilidades conversacionais mais básicas murchavam como os arbustos que se alinhavam no caminho do desfiladeiro. "Espere. Esta é a parte em que devo agradecer pelo seu serviço, certo?"

Six riu. "Você é engraçada, Louisa, e não, você não precisa me agradecer. Foi um prazer."

Merda. Ela passou os últimos cinco anos em particular evitando conversa fiada por essa mesma razão. "Bem, eu agradeço. Sério, eu faço."

Sua mão deslizou ao redor de seu pulso e ele a puxou para uma parada. Ela se virou para olhar para ele... para ele. Cristo, o homem era alto.

"De nada", disse ele.

Suas tentativas de evitar contato visual falharam miseravelmente, e ela foi atraída para o rosto dele. Droga. Tudo parecia um pouco perto demais. Sufocante. Ela se virou e começou a descer o outro lado da colina. De repente, ir para uma caminhada para relaxar, para tirar sua mente da amostra que faltava no laboratório, não parecia uma ótima ideia.

“O que você está fazendo agora?” Ela perguntou, mais em um esforço para matar o tempo até que ela pudesse mergulhar em seu carro e retirar-se para a segurança de seu pátio com um copo - não, garrafa - de vinho. Então ela ligaria seu laptop e conversaria com alguns de seus amigos on-line.

“Eu possuo uma empresa de segurança privada com dois dos meus colegas da escola que também eram SEALs. É chamada Eagle Securities. Temos um prédio não muito longe daqui.”

“Então você faz coisas como a noite passada? Proteção do tipo guarda-costas?”

Do canto do olho, ela pôde ver que Six acenou com a cabeça. "Sim, isso e outras coisas", ele disse vagamente.

Louisa sentiu o celular vibrar no bolso e, por hábito, por ser o método preferido de comunicação, puxou-o e verificou. Era uma mensagem de Ivan.

Não movi nenhuma das amostras. Muito focado em corpos mortos de teste falhados e reuniões do conselho. Desculpa. Verifique com Aiden.

Na primeira hora da manhã, ela ia orquestrar uma pesquisa completa no laboratório. De cima a baixo, iam verificar todas as prateleiras, não porque a amostra que faltava era perigosa, mas porque era a inócua com a etiqueta do venenoso. Eles não podiam se permitir que algo assim acontecesse novamente. Afinal, e se uma amostra perigosa real desaparecesse?

"Tudo bem, Louisa?" Six perguntou.

Ela olhou em volta e percebeu que havia parado de andar. "Sim. Apenas algumas coisas de laboratório que estão acontecendo. Desculpe." Louisa começou a andar novamente. "Então, o que fez você sair?"

"Com toda a sinceridade, sempre pensei que era um SEAL de carreira. Mas dois dos meus amigos decidiram que queriam estar fora aos trinta e poucos anos e que deveríamos começar a poupar para abrir uma empresa de segurança. Então nós fizemos. E aquele tempo que passamos economizando apenas voou. Antes que eu percebesse, estava arrumando a mala e voltando para casa."

"Você é daqui, originalmente?" Agora que ela estava prestando atenção, fazia sentido. Ele tinha aquela vibração descontraída.

Six assentiu. "Sim. Nascido e criado em Encinitas. Bebi mais água do mar do que leite, enquanto crescia. Passei mais tempo no oceano do que fora dele. Estar na equipe de natação na faculdade, me deu uma enorme vantagem durante o treinamento."

Suas mãos roçaram uma na outra enquanto andavam, e era difícil sentir falta do jeito que Six rapidamente se retirou dela. A mão dele estava quente contra a dela, e ela se perguntou como seria se ela desse o primeiro passo e ligasse os dedos com os dele. Mas ela obviamente o assustou quando ela se afastou, quando ele tirou o cabelo dos seus olhos, sem perceber que sua franja era o escudo dela.

"Parece que você foi feito para a Marinha", disse ela.

"E você, Louisa? Como você acabou fazendo o que está fazendo?"

Ela considerou dar um passo para a direita e colocá-los em contato mais próximo para que ela pudesse sentir a sua mão roçando a dele mais uma vez. Era uma daquelas coisas, no entanto, que era relativamente simples como um pensamento, mas era impossível de pôr em prática. “Meu pai morreu quando eu tinha vinte anos como resultado da doença de Huntington. Ele estava vivendo com os sintomas por um tempo maior que isso. Então decidi muito jovem que ia fazer pesquisa para ver se conseguia encontrar uma cura. Depois de obter meu dipoma de médica e passar o tempo como residente em neurologia e, em seguida, como membro da Johns Hopkins, me mudei para a pesquisa particular porque descobri que a burocracia dos grandes hospitais amarrava minhas mãos.” Ela deixou de fora o quanto tinha passado seus graus para baixo em cursos, sempre marcando o maior GPA[15].

Six colocou as mão na parte inferior das suas costas, a palma da mão quente através de sua camiseta. “Eu sinto muito, Louisa. Isso realmente é uma merda.”

Sentindo-se estranhamente corajosa, ela empurrou a franja para o lado e olhou para ele. "Obrigada", ela disse calmamente. O tempo só podia ter parado, ela sabia, se o corpo estivesse viajando na velocidade da luz, e mesmo assim era apenas uma percepção do próprio corpo, em relação ao espaço e ao tempo.

Mas quando os olhos de Six pegaram os dela, ela poderia jurar que isso aconteceu.

Ela suspirou profundamente e se virou para o estacionamento onde seu carro estava estacionado. "Eu fico aqui", ela disse. Ela

[15] Média de notas: Como são dadas notas em provas e trabalhos universitários nas universidade dos Estados Unidos.

procurou no bolso a chave e apertou o botão para abrir as fechaduras.

"É o meu". Six inclinou o queixo na direção de um caminhão prateado. “Olha, sobre o que aconteceu lá atrás. Podemos manter isso para nós mesmos?”

Incapaz de resistir, ela estendeu a mão e descansou no braço dele. "É óbvio. Não é da conta de ninguém além de você. Mas eu sei uma coisa ou duas sobre o cérebro. E se o dano é neurológico, psicológico ou qualquer coisa patológica, é muito raro que apenas se cure.”

Six olhou para o desfiladeiro e suspirou. O pôr-do-sol era bonito, ricos tons de laranja, vermelho e roxo, todos pintados em um céu de fogo. Ela se perguntou se ele viu as cores bonitas, ou se ele estava tão perdido em pensamentos que ele não as viu.

“Eu sei que já disse isso hoje, mas obrigado, Louisa. E eu entendo o que você está dizendo. Eu só… eu não sei… eu acho que só quero ver se isso vai acabar com o tempo primeiro.”

Não, ela tinha certeza, mas quem era ela para dizer a um homem que ela mal conhecia como viver sua vida. "Espere aqui", disse ela quando uma ideia maluca tomou forma em sua cabeça. Ela correu até o carro e abriu o porta-malas, onde colocara a bolsa. Depois de vasculhar por um cartão de visitas, ela correu de volta para ele. "Tenho certeza de que você tem vários amigos e familiares, ou uma namorada ou esposa com quem você pode conversar sobre essas coisas", disse ela, estendendo o cartão para ele e desejando que sua mão não tremesse. “Mas se você precisar de alguém para conversar,

eu faço ótimas conversas motivacionais através de qualquer aplicativo que você goste de usar."

Six engoliu em seco. Ele estudou as costas e a frente do cartão dela. "Louisa North", ele disse, "você é realmente uma boa mulher."

O momento precisava de humor, ela sabia, mas nunca tinha sido o seu forte. "Eu faço melhor com conversas na Internet do que na vida real. E, por mais rápido que você digite, garanto que serei mais rápida."

"Eu lembrarei disso, Sra. North, contanto que você se lembre..."

Suas palavras sumiram quando ele envolveu seus braços ao redor dela, puxando-a contra seu peito. Ela ficou tensa com a ação, cada músculo mais rígido do que barras de aço enquanto ela lutava contra o desejo de se afastar, até que ele colocou um beijo no topo de sua cabeça. A ação pegou-a tão desprevenida, acabou antes que ela pudesse formular uma resposta. Cabelos loiros e macios e claros no peito roçaram sua bochecha enquanto seu coração disparava.

"Lembrar-me de quê?" Ela sussurrou contra seu peito, não confiando na força de sua própria voz ou seus próprios pés se ela tentasse se mover.

Six recuou e piscou. "Que a vida real é melhor do que a Internet.".

CAPÍTULO TRÊS

Six esperou que Louisa entrasse no carro e saísse do estacionamento. Ela buzinou, e ele acendeu as luzes em sua direção. Tudo muito fofo, especialmente quando por dentro ele estava morrendo com mortificação. O que diabos estava acontecendo?

Um acidente de carro o assustara. Como isso foi possível depois que ele passou meses fazendo patrulhas quase diárias em Kandahar sem pestanejar?

A multidão constante de caos os rodeara enquanto atravessavam as ruas lotadas, buzinas apitando, pessoas gritando. Eles nunca pararam. Tinha sido muito inseguro. Muito incerto. Além disso, eles não foram capazes de dizer ao amigo do inimigo, então é melhor manter o programa na estrada. Ele esteve de volta em solo americano por alguns meses, então por que diabos isso estava acontecendo agora? Como ele deveria fazer seu trabalho na Eagle quando ele não podia garantir que ele não iria perder sua cabeça?

Ele dirigiu para o norte até a costa de Encinitas. Foco. Isso era tudo o que seria necessário para superar o que ele tinha. A mente sobre a matéria sempre funcionou para ele antes como filosofia. Havia caras que tinham ataques muito pior do que ele. Caras que tinham voltado para casa com as pernas arrancadas ou tinham levado seus amigos para fora do campo de batalha. Sim, ele viu alguma merda, mas como as carreiras do SEAL eram, não havia como ele ter TEPT[16]. E ele definitivamente não perguntaria ao Mac se o plano de saúde inexistente da Eagle cobria os psicólogos.

---

[16] Transtorno do estresse pós-traumático.

Era apenas alguns flashbacks. Ele os gerenciaria por conta própria.

Finalmente, ele relaxou quando viu o sinal de Encinitas. Isso tinha que ser uma coisa boa, estar em um lugar onde ele se sentisse em paz com o mundo. A vibrante comunidade à beira-mar de Old Encinitas, sua casa desde o nascimento, estava enterrada profundamente em sua alma. Quando ele morava no leste, ele tinha perdido este lugar. Quando ele parou na frente de sua casa no topo da íngreme inclinação da E. Street, ele se lembrou da época em que ele tinha doze anos e achava que havia quebrado o pulso andando de skate a partir desse mesmo pátio. Havia tantas lembranças ligadas a esta casa. Seus pais adoravam trocar e vender casas, então, como família, eles moraram em quase todas as ruas de Old Encinitas. Esta casa, no entanto, sempre foi sua constante.

Toda vez que ele entrava pela porta da frente, tinha certeza de que iria cheirar o sapateiro de sua avó ou ouvir seu avô tentando convencer alguém a se juntar a ele em um jogo de palavras cruzadas de novo. Quase todo Natal tinha sido gasto aqui, sua própria casa, geralmente no meio de uma grande reforma. Quando seus avós morreram a cinco dias um do outro durante sua segunda excursão, ele ficou arrasado. Eles deixaram a propriedade para ele, e ele a agarrou.

Com a ajuda dos pais, ele a alugou para um casal de baixa renda. Ele se sentiu como um idiota que mandava os inquilinos embora antes de retornar, mas era, em seu coração, sua casa. Uma vez que Eagle começasse a ganhar algum dinheiro, ele ia reformar o casa. Por um tempo, ele pensou em ter um colega de quarto, já que a

renda mensal extra seria útil, mas logo percebeu que precisava de mais espaço.

Six entrou na casa pequena e brilhante. Precisava de no minimo, uma boa camada de tinta, mas ele amava os ossos do lugar. Longas cortinas de linho que ele deixava fechada estavam penduradas na janela da sala de estar. Uma grande variedade de plantas cresceu na janela da sacada, deixada pelos inquilinos quando eles se mudaram. Elas o fizeram pensar em Louisa. Ela provavelmente saberia como cuidar delas além de apenas regá-las quando o solo se tornasse mais árido do que as trilhas na província afegã de Badakhshan.

Ele pegou o telefone de seu short antes de tirar junto com suas cuecas, e jogá-los no chão. Ele tirou os sapatos e as meias e os deixou no corredor, mais perto da lavanderia na garagem, e caminhou até o banheiro de hóspedes para encher a banheira. Ele tinha reformado seu próprio banheiro com um grande chuveiro, mas em alguns dias ele só precisava de um banho. Assim que ele estava prestes a entrar na água quente, seu telefone tocou.

"Six", ele disse.

Houve um estalido na linha.

"Olá. Há alguém aí?" Six afastou o telefone do ouvido e conferiu a tela do interlocutor. Número desconhecido.

“Six homem. É Mac. ”A linha estava severamente distorcida, mas ele ficou emocionado ao ouvir seu amigo.

“Olá, Mac. Como vai?” Ele desligou a torneira e enrolou uma toalha na cintura antes de voltar para o quarto e deitar na cama.

"Bem. Me desculpem por não estar por perto, mas este foi um trabalho rápido e sujo, bom salário, e parecia estúpido recusar."

"Cara, eu estou morando em uma casa que precisa de uma tonelada de trabalho. Tudo o que paga as contas é prioridade. Como está funcionando? Você encontrou o pai e a filha?"

"Levamos muito tempo para rastrear a garota. Precisamos de mais treinamento em nível de unidade para se unir e uma rede de inteligência melhor, mas sei que Cabe está trabalhando nisso. Tenho certeza de que o cara não sabe que estamos caçando, mas ele continua se movendo por aí. Eu não tenho certeza se ele tem algum lugar permanente para eles morarem, o que me diz que ele a seqüestrou por um capricho ao invés de um plano bem pensado. Enfim, estamos indo amanhã. Rápido dentro e fora."

Six se lembrava da calma que ele costumava sentir na noite anterior a um embate, do jeito que ainda conseguia pensar até estar quase meditando. Talvez ele devesse tentar isso agora. Recuperar algum controle. Ele estava relaxando ultimamente. Se sua mãe e seu pai não estivessem fora da cidade, ele teria ido passar algum tempo com sua mãe. Ela era uma excelente ouvinte e não julgava o que ele estava passando.

"Tome cuidado, irmão", disse ele.

"Claro! Falarei com você quando terminar."

O telefone foi desligado.

Six voltou ao banheiro e estudou seu rosto no espelho antes de se sentar na beira da banheira. Talvez ele devesse se barbear, vestir uma camisa e sair para tomar uma bebida. Chamar um par de

amigos… Espere, volte isso… Chamar uma das garotas que ele sabia que estava feliz por ter um bom tempo e sair para jantar. Mas, por algum motivo, uma transa rápida não o atraiu. Em vez disso, cabelos negros e ondulados e olhos expressivos escondidos atrás de franjas, brilhavam em sua mente.

Louisa. Ele tinha visto o jeito que ela tinha mordido um sorriso quando ele brincou com ela e ele gostou de como ele se sentiu com ela. E ela não o julgou por se jogar no chão, pelo menos não tanto quanto ele poderia dizer. Fazia muito tempo desde que uma mulher fizera mais do que lhe interessar, mas Louisa o intrigara. O deixou curioso. Agora ele queria saber mais sobre ela.

Mas ela provavelmente morava na cidade, e a ideia de enfrentar o tráfego era mais do que ele podia lidar. Além disso, ele a deixou há algumas horas.

O relógio do telefone dizia que eram quase oito horas. Ainda havia luz suficiente para surfar, e ele se levantou, considerando seriamente a ideia, mas por alguma razão ele simplesmente não se sentia assim.

Por que ele não podia decidir o que fazer?

Um banho para seus músculos cansados, uma noite, um filme sem sentido, pizza e uma cerveja gelada. Ele seria uma péssima companhia nesse estado de espírito.

Six pegou seu telefone e foi na cozinha pegar uma cerveja gelada. Depois de tomar um gole, ele pegou o cartão de Louisa. Ele não tinha certeza porque de repente sentiu a necessidade de contatá-la, mas ele sentiu. Se ele não o fizesse, ele provavelmente acabaria

colocando algumas roupas antes de pegar a estrada para encontrá-la e convencê-la a sair para jantar. Mais cinco minutos com ela certamente responderia suas perguntas sobre por que ela estava tanto em sua mente.

Queria verificar se você chegou em casa bem? 6[17]

Houve uma pausa, os pequenos pontos saltando no canto da tela, e ele ficou surpreso ao descobrir que sua frequência cardíaca aumentava um pouco em antecipação.

Eu cheguei, obrigada. Você chegou?

Ele riu. Normalmente as garotas escreviam para ele quando ele mandava uma mensagem para elas. Mas Louisa não poupou nada.

Sim… Agora o que ele deveria escrever? *O que você está fazendo?*

Realmente original. Bom trabalho, ele não estava particularmente tentando impressioná-la.

Lendo um livro sobre os principais avanços médicos do século XX.

Six riu. *Claro que você está.*

Ele esperou por uma resposta.

Ei, se você precisasse de insulina, ficaria muito animado com isso. O que você está fazendo?

Incapaz de resistir, ele foi honesto. *Bebendo uma cerveja.*

É claro que você está. Boa noite, Six.

---

[17] A tradução no nome Six em inglês, é seis.

Boa noite, Lou.

* * *

Louisa entrou no laboratório e olhou em volta. Tudo estava exatamente como ela tinha deixado na noite anterior, mas ela estava começando a pensar que as aparências não significavam nada.

Apesar da lógica dizer a ela que devia haver uma explicação racional do por que a amostra estava faltando, parecia que alguém apertava seu peito com força. Ela respirou fundo de qualquer maneira, na esperança de que isso diminuisse o pequeno brilho de medo que ela sentia na boca do estômago. Mesmo que ela pudesse recitar os detalhes da amostra enquanto dormia, Louisa correu para a pasta em sua mesa para se lembrar de sua composição. Enquanto ela estava razoavelmente certa de que era inofensiva, definitivamente valeria a pena checar duas vezes. Folheando as páginas, ela confirmou o que já sabia. Ninguém corria o risco de perder a amostra se ela tivesse sido tomada por motivos errados, o que certamente era um alívio.

Sua mente foi para todos os tipos de lugares. Logicamente, ela sabia que estava exagerando. As amostras eram movidas o tempo todo, o que era normal de acontecer em um laboratório lotado de pesquisadores e cientistas. No entanto, ela perguntou em todos os laboratórios e ninguém colocou os pés em seu domínio. Até Ivan confirmou que ele não as moveu. Mas seu instinto disse a ela que alguém queria a toxina que eles criaram, um veneno que não apenas limitava os distúrbios dos movimentos hipercinéticos através de suas propriedades anti-corais, mas também reduzia a capacidade do usuário de se mover enquanto permanecia consciente, deixando-os

abertos para receptores de dor. Ela obviamente assistiu muitos thrillers, porque uma voz irritante disse a ela que seria a droga perfeita para torturar alguém. Ela se sentiu tão confiante quando a passaram para testes em animais, e foi esmagada quando resultou em paralisia.

Louisa folheou o arquivo para encontrar suas anotações manuscritas daquele dia. Ela digitou os arquivos em seu computador mais tarde naquela noite, censurando palavras que revelavam sua verdadeira frustração, mas ela manteve os originais. Cada página que ela virou apertou a faixa em torno do peito até que ela chegou ao final do fichário e ainda não tinha encontrado. Respire, Louisa.

"Mais diligência, menos velocidade, Louisa. Você vai encontrar seu pai costumava dizer a ela em encorajamento, mesmo quando seus sintomas se deterioraram, junto com *"Eu confio em você, grão de bico."* Ela voltou ao início do fichário e cuidadosamente folheou página por página. Quando ela chegou ao encadernador novamente, suas mãos começaram a tremer.

Ela abriu o laptop e digitou uma senha, NaClCH3COOH. Geralmente ela achava entrar nas fórmulas químicas de sal e vinagre, seu sabor preferido de batatas fritas, divertido. Mas hoje foi apenas uma perda de tempo quando ela se apressou para ver se as notas ainda existiam. Seus dedos voaram pelo teclado enquanto ela acessava arquivo após arquivo. Não havia registros. Tudo o que ela havia feito, havia desaparecido. Ela checou outras versões, outras iterações do mesmo experimento, e elas estavam todas lá. Então, não houve algum tipo de falha no arquivo ou mau funcionamento do computador. Foi apenas um experimento.

Louisa olhou pela janela para o laboratório do outro lado do corredor. Aiden acenou e ela devolveu o gesto com indiferença. Alguém estava mentindo. Alguém tinha pegado todas as informações e alguém achou que eles tinham recebido a amostra. No espírito de discrição, Louisa decidiu levá-lo direto ao topo. Vasilii gostaria de saber e estaria em melhores condições para lidar com isso. Observar uma faixa verde no linóleo de outra forma cinza deu-lhe a oportunidade de evitar falar com alguém enquanto subia correndo a escada para os escritórios de luxo e se aproximava da assistente de Vasilii.

"Ei, Liz. Vasilii está em seu escritório?" Como uma de suas pesquisadoras mais experientes, ela tinha a vantagem de poder ter tempo em seu calendário.

"Ei, Louisa. Ele está no intervalo das chamadas. É rápido?" Louisa assentiu, mesmo que não fosse. Ela tinha certeza, no entanto, que uma vez que Vasilii soubesse o que ela queria falar, ele adiaria qualquer reunião que ele tivesse em seguida. A espionagem entre fabricantes de medicamentos era um problema real. Era a razão pela qual eles não podiam levar seus telefones para os laboratórios ou seus laptops. Como alguém que só queria fazer o bem e desenvolver medicamentos que ajudassem as pessoas, isso a irritava quanto dinheiro era feito com a posse de patentes.

Ela estava igualmente certa de que Vasilii estaria preocupado com a reputação do laboratório. Louisa considerou como lidar com o fato, porém, ela trocou as amostras. Ivan ficaria chateado por ela não ter contado a ele, e a má etiqueta de laboratório era rotular deliberadamente erroneamente. Ela se certificaria de que houvesse

uma investigação completa primeiro, e depois diria que não foi tão prejudicial quanto poderia ter sido.

"Ok, entre, querida."

Louisa correu para a porta, bateu duas vezes e abriu-a. “Ei, Vasilii. Liz disse que não havia problema em aparecer para uma palavra.”

Ele estava sentado em sua mesa, olhando fotos de imóveis em seu computador, e ele rapidamente as fechou. "É claro, é claro. Entre. Eu estava prestes a enviar e-mail para sua mãe. O evento de arrecadação de fundos foi um enorme sucesso.”

"Foi", ela concordou. Sua mãe lhe contara o resultado final e certamente lhe permitiria continuar sua pesquisa por pelo menos mais dezoito meses. "Tenho certeza que ela gostaria de ouvir de você. E tenho certeza que ela adoraria te ver para o jantar, uma noite.” Sua mãe uma vez namorou o filho de Vasilii, o pai de Ivan. Em outro mundo, ela e Ivan poderiam ter sido irmãos em vez de parceiros de laboratório.

Vasilii assentiu em concordância. "Eu vou ter que vê-la em breve. Estou pensando em mudar. Meu lugar é grande demais para um homem velho como eu. Sua mãe tem um bom olho imobiliário.”

"Ela têm. Eu acho que viver com um arquiteto todos esses anos ajudou Lou disse, pensando em seu pai carinhosamente.

"Então, o que posso fazer por você, Lou?"

“Uma amostra minha está faltando no laboratório. Procuramos, mas, mais assustadoramente, todas as minhas anotações sumiram.”

Vasilii levantou-se e deu a volta na frente da mesa. "Você acha que alguém roubou?"

Ela sabia que seria o primeiro lugar que ele iria. "Não tenho certeza. Mas acho estranho que a amostra e todas as nossas anotações tenham sumido."

"Deixe-me ligar para Ivan."

Ela esperou enquanto ele levava o celular para a janela e murmurava algo para Ivan que ela não podia ouvir, e em um minuto Ivan entrou na sala.

"Ei, Louisa, Vasilii", disse ele, chegando a ficar ao lado dela.

Louisa sempre achou estranho, mas compreensível, que Ivan geralmente se dirigisse ao avô pelo primeiro nome.

"Ivan", disse Vasilii. "Louisa está preocupada com uma amostra perdida."

Ivan se virou para ela. "De que amostra você está falando, Louisa? Aquela sobre a qual você me mandou uma mensagem?"

"Sim. Aquela. Aquela que acabamos de mudar para viver nos testes. Aquela que levou à paralisia."

Ivan sentou-se em uma das cadeiras em frente ao avô. "Você fez uma verificação completa?"

"Eu fiz. Todos os outros laboratórios verificaram suas unidades. Todo mundo foi perguntado se eles emprestaram alguma coisa do laboratório. Eu passei por nossas unidades quatro vezes e sempre recebo a mesma resposta. A amostra está faltando."

Ela estava prestes a acrescentar que havia trocado as amostras, mas algo a fez se conter. Algo incomodou a parte de trás de seu cérebro. Mas ela confiava nesses dois homens. Eles tinham sido bons para ela, desde um lugar seguro para continuar sua pesquisa, mas algo... aborrecimento? Coceira? Ela não conseguia identificar o que a tinha deixado tão perturbada.

"Só para ser duplamente cauteloso, vou fazer um cheque", disse Ivan. “Você sabe como é, às vezes você não consegue enxergar. Acontece comigo o tempo todo com as chaves do meu carro, e geralmente estão bem na minha frente.”

"Claro, é uma ótima ideia", ela respondeu com delicadeza. "Mas isso não explica por que todas as notas sumiram. Elas também desapareceram. Eu olhei esta manhã, mas elas não estão lá. Alguém removeu as notas de trabalho do arquivo e os relatórios completos do sistema. É como se a amostra nunca tivesse existido.”

Vasilii ficou de pé. “Fale mais sobre a amostra. O que é isso? Quais são os riscos?”

"Parecia muito positivo até começarmos a testar ao vivo", respondeu Ivan. “Paralisou os ratos, mas os manteve vivos e funcionando plenamente mentalmente. Eles podem sentir dor, mas não respondem.”

"Olha", disse ela, em pé. “Eu sei que temos protocolo para esse tipo de coisa, mas acho que há uma maneira rápida de descobrir isso. Podemos usar a filmagem de segurança do laboratório para ver quem passou pelos arquivos. Nós mantemos a filmagem por um tempo, certo? Ou talvez alguém em TI possa ajudar a descobrir

quem acessou os dados. Eles precisariam colocar um ID de usuário, certo?”

"Louisa", Vasilii disse calmamente, "as câmeras do seu laboratório não funcionam há mais de dois meses. Confiamos em você e Ivan, então não era uma prioridade corrigi-las.”

A notícia doía como um chute no estômago. O ar a deixou.

"Mas há coisas que podemos fazer", continuou Vasilii. “Podemos ver quais câmeras próximas ao seu laboratório funcionam, talvez possamos ver alguém indo para o seu laboratório que não tenha nada lá. E você está certa, podemos fazer com que a TI dê uma olhada e veja se a pessoa que apagou os arquivos deixou algum rastro atrás deles. ”

"Devemos chamar a polícia por precaução", disse Louisa, sentindo-se ansiosa.

“Vamos conduzir nossa própria investigação interna primeiro. Se as amostras aparecerem no laboratório, será um constrangimento significativo para todos. E mesmo que não, precisamos lidar com isso com cuidado. Perder uma amostra perigosa não é algo que gostaríamos de fazer se pudéssemos evitá-la. Vamos verificar essas coisas primeiro, depois prometo que chamaremos a polícia se não houver respostas.”

"Ótima idéia, vovô."

Vasilii estendeu a mão para a porta e Louisa se virou para ela. “Você e Ivan devem retornar ao laboratório e começar sua busca enquanto eu começo as checagens em movimento. Confie em mim,

Louisa. Você sabe que eu levo coisas assim incrivelmente a sério, e o criminoso será punido em toda a extensão da lei."

Enquanto caminhava em direção ao laboratório com Ivan, que estava tagarelando sobre como não era nada provável, e como eles estariam rindo na hora do almoço, sobre ter encontraram a amostra em um local tolo, pensamentos passaram pela sua cabeça em alta velocidade. Ela se sentiu como a Dra. Susan Wheeler no antigo filme Coma. E se ela tivesse tropeçado em uma conspiração? Ela balançou a cabeça. Aqueles eram os pensamentos desconexos de alguém que era paranóico. Era uma amostra perdida e Vasilii estava tomando providências para encontrar o culpado. Ela tinha que ter fé no processo.

Louisa vestiu o jaleco e correu de volta para dentro do laboratório. Ela destrancou a geladeira e fez questão de olhar todas as amostrar junto com Ivan, apenas no caso, de Vasilii ter mentido sobre as câmeras não funcionarem. A amostra que falhou ainda estava lá, escondida na parte de trás de uma das prateleiras mais baixas. Com a segurança e a bolsa de pesquisa no caminho, ela não podia exatamente contrabandear para fora. Além disso, ela não tinha meios para se desfazer em casa. Ela tinha que confiar que ninguém perceberia o que era até que ela voltasse para o escritório depois do fim de semana.

Até então, ela teria um plano.

* * *

"Em duas semanas, estaremos tão ocupados que não saberemos qual é o lado", disse Cabe sobre a música alta enquanto jogava uma bola de vinte quilos contra a parede da academia de sua prima no

distrito de Gaslamp... O bairro seria o local perfeito para o jantar depois do treino de fim de semana antes de ele voltar para casa para uma noite tranquila. Cabe estava ameaçando uma grande noite, e Six corria o risco de desmoronar. Ele sempre podia bater no Cabe durante a noite, mas na verdade, ele só queria ir para casa depois de algumas bebidas sentindo-se agradavelmente relaxado.

Eles decidiram sair do escritório e ir para o centro da cidade, encontrar-se com o irmão de Cabe, Noah, um sargento da equipe de polícia do Departamento de Polícia de San Diego, que estava ocupado em flertar com uma jovem enquanto ajudava a fazer flexões. Dois centímetros mais alto e o cara estaria segurando sua bunda, mas ele não podia culpar Noah. Era uma boa tática. Ele se perguntou se Louisa faria. Um ginásio como este provavelmente seria um inferno para ela.

Ele olhou ao redor. Havia pessoas em todos os lugares, algumas lá para trabalhar duro, outras para tentar parecer boas enquanto se exercitavam. Ela lutava com o volume de pessoas que precisaria evitar.

"Você vai jogar a bola ou apenas ficar ai como um peixinho dourado", disse Cabe, jogando a toalha que ele tinha acabado de limpar o rosto, em linha reta para Six.

"Foda-se", ele disse bem-humorado, jogando-a de volta. Six balançou a cabeça para limpá-la. Nada de bom viria dele ficar pensando em Lou, apesar do fato de ele ter puxado o celular várias vezes para mandar uma mensagem para ela, ligar para ela, talvez. Se ele fosse honesto, era parte da razão pela qual ele estava no ginásio

às sete horas da noite de sexta-feira, em vez de se preparar para se encontrar com amigos para tomar cerveja.

"Me desculpe, cara. A milhas de distância. É bom que vai descer para outro nível. Eu dei uma olhada nas finanças que você enviou. Não tinha percebido que nossas despesas mensais iam ser tão altas, e ainda há muito a ver, com o prédio." Ele levantou a bola, virou de lado, então girou para jogar a bola contra a parede, pegando-a sem mover seus pés quando se voltou para ele. Um para baixo, dezenove para ir. Ele sentiu o aperto através de seu abdômen oblíquos.

"Há cinco grandes empregos no próximo mês. Precisamos conversar sobre quem está tomando qual deles. Estava pensando em fazer o treinamento da segurança da rota de ajuda na Serra Leoa. Eu estive em casa há mais tempo. E isso é praticamente todo o mês de setembro. Eu vou levar dois caras comigo. Isso vai deixar você, Mac e três caras para enfrentar os outros quatro. Além disso, todo o trabalho de segurança."

Six terminou o conjunto e mudou de lado. "Se isso funciona para você, funciona para mim." Enquanto estamos construindo, devemos manter o plano de treinamento dos seguranças em andamento. Ofereça cursos durante as semanas de baixa, assuma compromissos de segurança pontuais. Construa algum dinheiro." Ele jogou a bola e começou seu conjuto de vinte repetições no lado esquerdo, enquanto Cabe seguia o exemplo e terminava o exercício.

Sem discussão, eles foram para as estações de pull-up. "Corra para cinquenta", disse Six, pulando rapidamente.

"Babaca." Cabe riu e se juntou a ele. Eles incentivaram um ao outro desde aqueles primeiros dias no treinamento. Quando ele

recebeu seu selo SEAL dois anos depois, ele devia tanto a Cabe e Mac quanto aos milhões de dólares que a Marinha dos EUA investira nele.

Noah voltou para eles. "Você sabe que vocês estão em seus trinta anos agora, certo?"

Six terminou primeiro. Ele sempre fazia. Pull-ups sempre foram o inimigo de Cabe, o que era estranho, considerando a forma como o cara estava. Mas o cara continuava tentando, embora.

"Como estão as coisas com você, Noah?" Six perguntou quando ele caiu no chão. Ele abriu a garrafa de água e tomou um grande gole de água fria.

"Ainda esperando por uma abertura em homicídio", respondeu ele, e abaixou para o chão. Flexões. Noah começou a contar e Six se juntou a ele.

"Não dê ouvidos a ele", disse Cabe. Ele enrolou a toalha em volta do pescoço. "Ele é como um maldito astro e ainda nem atingiu dez anos de serviço."

"Você poderia sair, venha se juntar a nós", disse Six, apenas brincando. Alguém com grandes habilidades de detetive seria uma vantagem. Ele mudou de costas para crunches.

Noah riu. "Sim. Não consigo me ver fazendo isso tão cedo. Eu encontrei minha casa com a força. Agora eu só tenho que esperar o meu tempo para uma posição no departamento que eu mais quero. As investigações especiais são bastante variadas e eu trabalho com os honorários, o que é sempre um monte de risadas."

Eles estavam chegando ao final do treino e o Six começou a se alongar. Se ele não o fizesse, ele andaria como uma velho pela manhã. Ele descansou a mão esquerda na parede, levantou o pé até a bunda e segurou-a com a mão direita. Seu quadril gemeu em desacordo com a mudança, mas ele sabia que iria agradecer-lhe dentro de um minuto.

"Oi. Você é novo no ginásio?" Uma mulher bonita com olhos azuis brilhantes e cabelos loiros empilhados em um coque bagunçado em cima de sua cabeça entrou em vista. Ela usava leggings de néon que mostravam uma bunda bem definida e um sutiã esportivo que destacava seus ativos cheios de solução salina. Geralmente uma de suas combinações favoritas, mas agora ela parecia um pouco... óbvia. Pelo menos quando comparada a Louisa. Mas era preciso coragem para ir até um cara que você não conhecia, então ele a amava.

"Sou um velho amigo do proprietário. Estive fora da cidade por alguns anos. E você?"

Ela franziu os lábios, de repente parecendo muito confusa. "O dono está fora da cidade há alguns anos?", Perguntou ela.

Ele não podia imaginar Louisa confundindo o que ele disse. Ele colocou dinheiro nisso que ela não teria misturado as coisas.

"Não, eu tenho", ele explicou pacientemente. "Eu estive no exterior. O proprietário não esteve em nenhum lugar. Meu nome é Six." Ele ofereceu-lhe a mão e ela apertou-a.

"Ha ha", disse ela, como se ele tivesse feito uma piada. O que ele não fez. "Você é bem mais velho que o Six."

Six balançou a cabeça e olhou em volta para um dos caras. "Não, meu nome é Six, abreviação de Sixton."

"Hã. Eu sou Poppy que não têm abreviação para nada. Quer dizer, meu pai costumava me chamar de picolé. Mas na verdade isso é mais do que Poppy, então..."

Ele não pôde deixar de rir, mas ele pensou em Lou. Ela tinha o seu próprio tipo de desajuste, mas ela era envolvente e inteligente. Alguém que você poderia ir em uma caminhada e não ficar sem coisas para dizer. Se você tivesse perguntado a ele há uma semana quem ele preferiria chamar, Poppy teria vencido por uma milha. Mas de repente ele se viu atraído por cérebros e excentricidades."

"Noah", disse ele, e acenou para o amigo. "Esta é Poppy, que não têm abreviação para nada."

Ele deu um tapa nas costas de Noah e deixou que ele assumisse.

"O que há com você?" Cabe perguntou, seguindo-o para o vestiário.

"O que você quer dizer?" Six perguntou, pegando sua bolsa de banho.

"Poppy com o rabo apertado. Isso é o que há de errado com você." ele riu, pegando seus próprios suprimentos.

Como explicar que um tipo totalmente diferente de mulher chamou sua atenção? Depois de tomar banho, vestir-se e fazer as malas, eles saíram com Noah, que marcou um encontro com Poppy para a noite seguinte. "Tem certeza de que não quer se juntar a nós?

Estamos nos encontrando com alguns amigos de Noah, da policial ", Cabe perguntou

Six sacudiu a cabeça. "Obrigado pela oferta, mas eu vou embora. Vê se eu posso realmente agir como um adulto e começar a desempacotar todas as caixas em volta da minha casa."

"OK. Legal. Falo com você amanhã sobre o trabalho no México, certo?"

Trabalhar em um sábado não era novidade. "Certo."

Toda a conversa do México deu-lhe uma ideia para o jantar. Ele caminhou na direção do caminhão, com planos de parar em um lugar mexicano que ele conhecia no distrito de Gaslamp primeiro para conseguir comida, então ele não precisava se incomodar quando chegasse em casa. Ao atravessar a rua, avistou uma morena e deu uma segunda olhada. Lou estava andando com uma mulher mais velha no lado oposto da rua. Ela estava usando um vestido de verão azul-claro e botas de tornozelo marrons. O tipo que o fazia pensar em canções country e beijos roubados atrás de fardos de feno, embora a maneira como o vestido roçava seu corpo lhe desse o desejo de um pouco mais do que simples beijos. Ele deveria apenas deixá-la ir sobre o seu negócio, mas ele queria falar com ela novamente, e acidentalmente deparar com ela era um pouco mais arriscado do que ligar para ela. Correndo pela rua, ele tentou pegá-la, mas quando saiu da calçada para atravessar a rua, a mulher mais velha caiu pesadamente no chão. Um táxi guinchou até parar à sua frente e Six começou a correr enquanto a mulher tentava se arrastar de volta ao meio-fio, chorando de dor ao colocar o peso no tornozelo.

"Oh, mãe", ele ouviu Louisa dizer quando ele correu para mais perto. Ela ofereceu a mão para sua mãe para ajudá-la. "Você está bem, o que você machucou?"

"Aqui, deixe-me, Lou", disse ele, ansioso para ajudar sua mãe a sair fora da estrada onde um motorista de táxi irado já estava gesticulando para eles. Six virou pra ele e disse-lhe para esfriar os calcanhares. Lou olhou para ele em choque e ele não tinha certeza se era a queda de sua mãe, sua aparição repentina, ou o fato de que ele tinha acabado de gritar com um taxista.

Mas isso não importava. Seu coração disparou e não foi a adrenalina da queda da mulher.

Era o fato de que Lou estava olhando para ele. E ele adorou.

* * *

Six gentilmente colocou um braço sob as pernas de sua mãe e em torno de suas costas e a pegou como se ela não pesasse mais do que um saco de maçãs. Louisa tinha certeza de que era muito errado estudar o modo como seu bíceps esticavam sua camiseta cinza-clara enquanto levava a mãe para a calçada, onde um garçon do restaurante da esquina colocara uma cadeira. Com cuidado, ele abaixou a mãe no assento e, com pressa, ela voltou seu foco para os ferimentos de sua mãe em vez do homem que estava ao lado dela.

“Oh meu Deus, mãe. Você está bem?” Ela se agachou na frente da cadeira e Six se juntou a ela.

"Não", sua mãe choramingou. “Eu realmente machuquei meu tornozelo. Eu não posso colocar peso nisso.”

Louisa tocou suavemente e sua mãe estremeceu. Já estava começando a inchar bastante.

"Devemos levá-la para um hospital?" Six perguntou. Ele colocou a mão nas costas de Louisa e esfregou-a gentilmente.

"Eu acho que preciso ir", respondeu sua mãe, lágrimas enchendo os olhos. “Deixe-me ligar para Lucan. Ele pode me levar.”

Oh, caro senhor. Louisa só podia imaginar o quanto ele ficaria preocupado quando enfrentasse uma noite de sexta-feira passada no pronto-socorro. "Mãe, podemos pegar um táxi", ela encorajou. Elas poderiam pegar um pouco de comida para ir, para não passar fome no hospital.

"Por favor. Apenas deixe-me chamá-lo” sua mãe implorou.

Louisa viu quando sua mãe tirou o celular da bolsa e discou. Ela não suportava ouvir a conversa, então ela se levantou e se afastou.

"Você está bem, Lou?" Six perguntou, e colocou a mão em seu ombro. Parecia quente e reconfortante.

Ela assentiu e olhou para ele. “Lucan tem a minha idade, como tem sido a maioria dos amigos da minha mãe, ultimamente. Nós estávamos indo conhecê-lo, no jantar.”

Havia uma tristeza em sua voz e ele odiava que estivesse ali. “Eu poderia levar vocês duas. Meu caminhão está apenas do outro lado do bloco. Eu posso ajudar sua mãe a entrar.”

“Oh, obrigada. Mas eu não gostaria de interromper seus planos para a noite. Você provavelmente está atrasado para o seu... onde quer que você esteja indo. Eu sinto muito."

Six colocou o braço sobre o ombro dela. “A única coisa que eu estou atrasado é para um prato cheio de tacos, sozinho. Eu não tenho outro lugar para estar.”

“Louisa. Lucan está a caminho” a mãe dela gritou atrás dela, e Lou revirou os olhos.

"Claro que ele está", ela murmurou, apenas para six ouvir. "Ele vai ficar preocupado que sua mesada será cortada se ele não vier."

O garçom saiu com uma bolsa cheia de gelo, e Lou ajudou sua mãe a colocar em torno de seu tornozelo. Eles o prenderam com o lenço de sua mãe e amarraram bem para reduzir o inchaço.

Dentro de mais alguns minutos, o rugido de um motor poderoso perturbou a paz e um carro esportivo preto parou no meio-fio. Foi a mãe dela que comprara o carro para Lucan para o Dia dos Namorados, e Louisa se sentiu um pouco doente com uma demonstração tão vulgar de sua riqueza.

"Toni, querida", disse Lucan quando ele saltou para fora do carro e caminhou para onde sua mãe estava sentada. "O que aconteceu?"

“Eu caí do meio-fio e acho que torci meu tornozelo. Eu me perguntei se você poderia me levar para o hospital.”

Louisa viu quando Lucan olhou do pé da mãe para o carro dele até o relógio. “Tínhamos reservas às oito e meia. Tem certeza de que talvez não possamos ir comer, descansar seu pé em um banquinho, e ver como se sente pela manhã?”

Ele estava tentando se desvencilhar, assim como ela sabia que ele faria. Ela estava prestes a dar um passo à frente, dividida entre dar a

Lucan um pedaço de sua mente ou simplesmente exigir que sua mãe fosse ao hospital com ela, em vez disso, quando Six colocou a mão em seu ombro e se adiantou.

"Vou descartar essa merda de resposta, pensando que foi o estresse de descobrir que sua namorada quase foi morta quando caiu em frente a um veículo em movimento", disse ele, entrando no espaço pessoal de Lucan, deixando-o completamente ofuscado.

Apesar da lesão de sua mãe, Louisa cobriu a boca com a mão para que Lucan não visse o sorriso que ela estava tentando conter.

"Então, considerando que você ainda está claramente abalado", disse Six, "vou levar Toni para o seu carro enquanto você cancela essas reservas."

Lucan assentiu, em voz baixa.

Uma vez que sua mãe estava em segurança no carro de Lucan, com promessas de manter Lou informada sobre seu diagnóstico, Lucan se afastou do meio-fio. Ela observou as lanternas chamativas enquanto freiava as primeiras luzes.

"Obrigada mais uma vez, Six," Lou disse, virando-se para encará-lo. "Sua respota foi perfeita." Ela olhou para ele por um momento, em seguida, sua franja caiu no caminho.

"Sempre um prazer. Você pode compensar isso me impedindo de comer sozinho. Jante comigo, Lou."

O jantar com Six parecia uma armadilha. Restaurantes, pessoas, garçons, ela precisaria responder. Ela não queria comer fora com sua mãe ou Lucan também, mas eles reservaram uma mesa em um

restaurante espaçoso, e sua mãe lhe garantiu que não seria muito ocupado.

"Não se preocupe, Lou", disse ele, pegando a mão dela. "Apenas fique comigo e vamos descobrir isso."

Ela sempre podia entrar no carro e voltar para casa. Levaria menos de dez minutos dado o tráfego a esta hora da noite. Ela poderia pedir uma encomenda da sua lanchonete favorita em Little Italy. Eles até apareciam do lado de fora e entregavam para ela, para que ela não precisasse entrar. Mas ela não conseguia tirar a mão da dele. Por alguma razão, ficar com ele parecia a mais atraente das opções.

"Quer se juntar a mim para tacos?" Six perguntou de brincadeira. "Eu conheço um ótimo lugar ao sul daqui que faz frutos do mar incríveis."

"Sou praticamente vegetariana", Louisa disse, pronta para os comentários desajeitados sobre suas escolhas, mas Six nem piscou.

"Bem. Tenho certeza de que você pode encontrar algo no menu que funcione. Se não, vamos apenas em outro lugar. Há o Café Gratitude. Eles fazem uma tigela de curry indiana muito boa."

Louisa sorriu.

"O quê?" Six perguntou, olhando para ela com curiosidade.

"Nada", disse ela, balançando a cabeça. Como diabos ela acabara indo jantar com o Six? Era um encontro? Ou era apenas um ato de misericórdia? Se esse fosse o caso, alguém deveria colocá-la fora de sua miséria agora.

"Então, você mora perto?" Six perguntou, levando-os propositadamente. Sua mão estava envolvida firmemente em torno da dela. Era uma âncora para segurar enquanto ela navegava pela rua movimentada.

“Cerca de dez minutos daqui. Eu estou em Mission Hills.”

“Boa vizinhança. Um segundo” disse ele, levando-os a um restaurante mexicano que tinha guarda-sóis amarelos e mesas altas de madeira. Havia uma grande multidão de pessoas ao redor do bar, e a maioria das mesas estava cheia. Six colocou a boca perto da orelha dela. “Fora é melhor para você? Ou é mais fácil para você lá dentro? E se estiver muito ocupado para você, podemos ir a outro lugar.”

Estava muito ocupado para ela. Ela olhou para trás através da janela e notou um casal deixando um assento de canto no pátio. "Se pudéssemos nos sentar lá, tudo bem", disse ela, apontando para ele.

Six conversou com a anfitriã e, em instantes, estavam sentados no canto, Louisa de costas para a multidão. A única coisa em que se concentrar era Six, e em momentos como esse, ela realmente desejava que não fosse tão... incapaz. Ela notou a forma como a recepcionista olhou para ele e fez todos os truques de garota para flertar com ele, de girar o rabo de cavalo longo de ébano em torno de seu dedo, agitar os cílios que tinham que ser falsos. Porque os cílios de ninguém eram tão grossos naturalmente. No entanto, Louisa mal conseguia olhá-lo. Ele estava tomando cada grama de energia que ela tinha apenas para lidar com a multidão ao seu redor.

"O que você está pensando?" Six perguntou, e ela percebeu que ela nem sequer olhou para o menu. "Eu recomendo as tacos de

mahi-mahi normalmente, mas não tenho ideia do que é bom em termos vegetarianos."

Seus cabelos loiros tremulavam na brisa quente, fazendo-o parecer ainda mais... gato. Comida, ela precisava se concentrar na comida. Ela pegou o cardápio e se escondeu atrás dele. Examinando rapidamente o cardápio, ela escolheu a primeira coisa vegetariana que viu, uma quesadilla de cogumelos, espinafre e abacate. Parecia perfeito, mas seu estômago estava tão apertado com a excitação nervosa, que ela não tinha certeza se poderia comê-lo. Ela devolveu o cardápio à mesa e olhou para Six, que parecia preocupado.

"Você está bem, Lou?" Ele perguntou, baixinho.

Louisa olhou em volta atrás dela. "É só... muito", disse ela, não sentindo a necessidade de se esconder atrás de sua máscara.

Six chegou através da mesa. "Você confia em mim?", Ele perguntou.

Ela assentiu. "Eu confio."

"Ei, eu sou Carrie. Posso pegar o seu pedido?" perguntou a garçonete quando se aproximou.

"Sim. Podemos pedir para a viagem? Acabamos de descobrir que precisamos sair."

Eles contaram a Carrie o que eles queriam e ela saiu correndo para lidar com o pedido deles.

Alívio lutou com a decepção. Ela não tinha certeza de quanto tempo mais poderia ter se sentado em um restaurante tão movimentado, embora tivesse sido bom por um milissegundo agir

como uma pessoa normal. Mas a decepção passou por ela. Indo para casa para comer seu mexicano sozinha em vez de ficar do lado de fora e curtir a companhia de Six.

Quando a comida chegou à mesa em uma grande sacola, Six pagou a conta e conduziu Lou rapidamente para uma das ruas mais calmas. "Respire, Lou", disse ele enquanto caminhava em direção ao seu caminhão de prata. Ele pegou um cobertor de dentro do caminhão, depois entregou-lhe o saco de comida antes de abrir a porta traseira.

"Suba," ele disse, deslizando as mãos ao redor de sua cintura para lhe dar um impulso. O movimento a pegou desprevenida.

"O quê? Porque eu...?"

Six pulou ao lado dela. Literalmente pulou. Ele colocou uma mão na cama, então antes que ela pudesse descobrir como ele fez isso, ele estava de pé atrás dela e oferecendo-lhe a mão.

“Eu quero jantar com você em um lugar que você se sinta confortável. Não há ninguém aqui nesta rua lateral” disse ele, girando em círculos e gesticulando com a mão. "E isso", ele disse, colocando o cobertor na cama do caminhão, "é o nosso restaurante particular".

O aperto no peito que a atormentava desde que o vira pela primeira vez na rua relaxou. Ele ainda queria jantar com ela. E de um jeito pequeno e mesquinho, ela o amava por isso.

CAPÍTULO QUATRO

Era uma vez, as manhãs de segunda-feira tinham sido a melhor coisa de todas. Foi a oportunidade de acordar e começar uma semana inteira de experimentação e pesquisa. Mas hoje Louisa queria se esconder sob a colcha. Regras eram coisa dela. Elas a levaram através de seus SATs[18]. Eles a levaram para a faculdade. A ciência e a matemática estavam cheias de regras. A circunferência de um círculo sempre seria igual a pi multiplicada pelo diâmetro. A veia cava inferior levaria sempre sangue desoxigenado para o coração. E Louisa North aderiu a todas as regras. Cada regra.

Então, por que ela estava pensando em ir para o laboratório como um vilão de Bond para, secretamente, descartar a amostra perigosa que ainda permanecia na parte inferior da unidade de refrigeração?.

Embora ela fosse mais do que uma boa moça. Mais Moneypenny[19], menos Oddjob[20]. Louisa jogou o braço sobre os olhos. Quem quisesse a amostra já tinha todas as notas sobre como fazer a maldita coisa. Exceto, às vezes, era melhor usar uma solução básica para testar e executar mais testes na amostra antes de se dirigir a qualquer tipo de produção em massa. Embora quem diabos gostaria de produzir em massa uma droga que não funcionasse e que tivesse efeitos colaterais horríveis?

---

[18] Teste de avaliação para admissão na universidade.

[19] Miss Moneypenny é o nome da personagem dos livros e filmes de James Bond que trabalha como secretária particular de M.

[20] Oddjob é uma personagem do livro e filme de James Bond 007 contra Goldfinger. O coreano Oddjob é um capanga do fanático milionário Auric Goldfinger.

Louisa tirou as cobertas do caminho com um bufar e se preparou para o trabalho. No chuveiro, ocorreu-lhe que ela poderia ter assistido muitos filmes de Jason Bourne. Nem tudo era uma conspiração a ser enfrentada. Enquanto comia banana caseira e muffins de aveia cobertos com manteiga de amendoim, ela decidiu não fazer nada. Primeiro, ela veria com Ivan e Vasilii como andava a checagem interna, se haviam encontrado alguma coisa e o que a polícia havia dito. Se fosse apenas um técnico de laboratório que queria tentar ganhar algum dinheiro levando uma amostra de laboratório, sem sucesso para outro laboratório, então a amostra estava bem, onde estava. Embora ela tivesse certeza de que a polícia teria que notificar o FBI se isso tivesse acontecido, e ela definitivamente não queria entregar a amostra para o governo.

Droga. Ela voltou a conspirações novamente.

No caminho para a porta, ela pegou o suéter de Six, o que ele havia emprestado a ela quando a noite começara a esfriar, sentados na parte de trás de sua caminhonete. Ele se debruçou em um lado do caminhão, ela descansou contra o outro. Eles conversaram por horas. Bem, na maioria das vezes ele conversou, e ela fez perguntas e ouviu. Falar sobre si mesma não estava no topo de sua lista de prioridades. Ele disse a ela sobre sua empresa e o tipo de trabalho que eles esperavam fazer. Ela se perguntou se ele percebeu o quão animado ele ficou quando falou sobre Cabe e Mac. Foi divertido ouvir as histórias travessas de sua juventude.

Muito depois de terem terminado a refeição, eles ficaram na parte de trás do caminhão, apesar de sua bunda ter ficado entorpecida. Ele não voltou a tocá-la. Nem sequer uma vez. Bem, exceto para ajudá-la a sair do caminhão. Ele insistiu em acompanhá-

la até seu carro. Eles ouviram *Nina Simone*, uma artista que ela só tinha um interesse passageiro, mas que ele parecia conhecer muito bem. Agora Louisa tinha seus maiores sucessos em seu telefone.

Uma vez que ela entrou no carro, ela a colocou para tocar. Talvez Nina pudesse fazê-la esquecer sobre a amostra. Ela odiava a ideia de que seu laboratório tinha sido violado e ficou desapontada por Vasilii ter permitido que as câmeras internas continuassem quebradas. Eles teriam que descartar tudo lá se não pudessem garantir que não nada havia sido adulterado.

O tráfego colaborou e ela chegou ao trabalho cedo. Depois de deixar a bolsa no armário, subiu as escadas para o escritório de Vasilii. Ele era o último madrugador e muitas vezes era a primeira pessoa a chegar ao edifício pela manhã. Liz já estava sentada em sua mesa.

“Bom dia, Liz. Vasilii está?” ela perguntou.

Liz sorriu suavemente. “Ele está, e eu acabei de levar café para ele. Posso te dar um, querida?”

O café era uma boa ideia. “Só se você estiver pegando um para si mesma. Você não precisa fazer esse esforço para mim.”

"O prazer é meu. Vá em frente. Eu trago para você.”

Louisa bateu e empurrou a grande porta de madeira.

“Ei, Vasilii. Posso incomodar você por um momento?”

Vasilii embrulhou as grandes plantas na mesa para dar lugar a ela. "Claro. Venha e sente-se. Sua mãe mencionou que ela levou um tombo. Ela está bem?"

Ela estava bem, se você ignorasse o fato de que ela passara grande parte do fim de semana reclamando que Lucan não tinha sido excessivamente sociável. Ele só mostrou seu rosto uma vez no final de semana e ficou na soma total de vinte e três minutos. Louisa sabia porque tinha marcado o tempo dele. “Foi uma fratura simples. Ela precisa de seis a oito semanas em uma bota imobilizadora. Contratamos uma enfermeira para ajudá-la com as coisas do dia-a-dia, como tomar banho.”

“Se você precisar de algum tempo para ficar com ela, podemos definitivamente organizar isso. Se você acha que deveria estar lá...”

"Obrigado, Vasilii, mas acho que é melhor para nós duas que ela tenha ajuda e eu a veja todos os dias."

Vasilii apertou os olhos para ela. "Você tem certeza? Eu sinto que isso seria uma boa ideia. Sim?"

Louisa sacudiu a cabeça. "Não. Obrigada. Eu vim para saber sobre a amostra desaparecida”, ela disse, mudando de assunto. "Você conseguiu encontrar a pessoa que a pegou?"

Abruptamente, Vasilii empurrou a cadeira para longe da mesa e ficou em pé antes de colocar as plantas na prateleira. "Ainda estamos trabalhando nisso", disse ele. "Nós temos alguns suspeitos."

"Mas se você ainda não encontrou ninguém, devemos chamar a polícia?"

Vasilii voltou para a mesa e sentou-se novamente. "É claro que informamos todas as partes relevantes", disse ele. "Nossa reputação é fundamental, e eu não vou ter ninguém mexendo com isso. Ouça, você tem o suficiente para se preocupar, Louisa”, disse ele. “Com sua

mãe e tudo mais. Por favor. Deixe-me lidar com isso. Eu avisarei se você pudar ajudar.”

Liz entrou apressada e deu seu café a Lou. "Aproveite, meu amor."

"Obrigada, Liz."

Liz pegou uma pilha de correspondência da mesa de Vasilii e saiu novamente.

“Louisa. Eu sou grato que você se importa muito com isso. Mas provavelmente não é nada para nos preocuparmos.”

Ela se levantou e pegou o café. "Eu certamente espero que sim."

A falta de progresso era uma preocupação. Sem saber por que a amostra foi roubada, era impossível saber se alguém havia mexido com outras amostras. Ela odiava o pensamento de ter que dispor da fatia do cérebro que a tinha sido enviada, a própria ideia apertou seu peito. Era difícil encontrar doadores para pesquisa médica, e as partes do corpo eram tratadas como ouro uma vez que lhes eram dada. Uma mercadoria altamente valiosa e uma única chance de descobrir em tempo real o que causou a condição que sofriam.

Louisa entrou na sala de descanso, que ainda estava quieta. Ela tomou um gole de café enquanto olhava para o estacionamento. O céu cinzento logo seria brilhantemente iluminado pelo sol do final de agosto. Talvez fosse hora de ela ir ver um médico. Sua mente estava lhe dizendo que havia algo estranho sobre a maneira como Vasilii havia respondido sua pergunta sobre a polícia. Ele nunca disse sim. Tudo o que ele fez foi dizer a ela que ligou para as autoridades competentes. Mas o homem era amigo da família dela

há anos. Ele a tratava como uma filha. Seu coração estava dizendo que não havia nada de estranho na maneira como ele estava lidando com isso... mas a mente dela, estava pensando muito rápido. Ela mal conseguia acompanhar a dúvida e a paranóia que estava criando.

Louisa lavou a caneca até a pia e colocou na lava-louças. Não mais perto de entender o que estava acontecendo, ela sabia que havia uma coisa que ela poderia fazer. Era pequeno e talvez nem reduzisse o risco.

Determinada, ela retornou ao laboratório. Ivan não estaria por mais uma hora. Não é um madrugador. Ela correu para dentro do jaleco e roupas de proteção e entrou na unidade de ar. Uma vez dentro do laboratório, ela pegou a amostra da geladeira e uma garrafa grande de alvejante, em seguida, foi para a pia que descarta lixo biomédico. Ela misturou a amostra e água sanitária, neutralizando suas propriedades e destruindo-a para sempre.

"O que você está fazendo?"

"Meu Deus. Ivan.” Ela colocou a mão sobre o peito. "Você me deu um susto."

Ivan pegou a garrafa de amostra. “Esclarecendo? O que era isso?”

Pensando rapidamente, ela disse a única coisa plausível que ele compraria. “Com o laboratório comprometido, e sem sabermos o que foi adulterado, eu pensei que deveríamos limpar o local. É chato livrar-se de parte desse trabalho, mas do que adianta continuar se não tivermos cem por cento de certeza com o que estamos trabalhando?”

Ivan estudou-a longamente, ela teve a suspeita de que ele estava a testando.

"Você não acha que isso é um pouco prematuro?"

Ela balançou a cabeça. "Não temos nenhuma filmagem aqui que nos permita saber em que eles tocaram, mesmo que quem a tenha pego tenha ficado aqui apenas por alguns momentos." Deus, era ridículo duvidar de Ivan.

Ele olhou por mais alguns segundos. "OK. Vou pegar mais água sanitária."

Louisa soltou um suspiro enorme enquanto observava suas costas desaparecerem do laboratório. Ela precisava de alguém para pensar nisso, e a única pessoa em quem conseguia pensar era em Six.

* * *

Six desligou o telefone e recostou-se na cadeira do escritório. Um de seus antigos contatos com a CIA estava ansioso para saber quando ele poderia pedir ajuda à Eagle, especialmente para operações mais delicadas em solo americano. A política de navegar pelos crescentes poderes da CIA para administrar o terrorismo com o papel do FBI e da polícia local à parte, era exatamente o tipo de trabalho que eles queriam entrar, e Six tinha dito ao seu contato que eles estavam dispostos e aptos a ajudar. Mas hoje ele tinha uma classe cheia de aspirantes a seguranças que ele precisava colocar em prática. Era outra das ideias de Mac. Guardas certificados pela Eagle Securities, com os participantes pagando mil dólares por um curso de treinamento de três dias. Gaz e Joel tinham passado o dia anterior

com eles, ensinando módulos sobre o básico - configuração, planejamento prévio, como conduzir verificações de perímetro, etc. Hoje ele apresentava módulos sobre tudo, desde identificação tática de ameaça até combate corpo a corpo e contenção. Sexta-feira estava com o Cabe.

Ele também fez duas entrevistas para novos operadores e uma longa lista de tarefas que envolvia encontrar um advogado respeitável no Iraque, já que os contratados estavam sujeitos à lei iraquiana. Se eles fizessem qualquer tipo de trabalho para a CIA no exterior, precisariam de representação legal na maioria dos países em que operavam, como backup. Não adiantava esperar até que uma operação fosse parada ou um irmão fosse preso por acusações forjadas. Ele começou contatando um amigo dele no Grupo de Desenvolvimento de Guerra Especial da Marinha, que garantiu que esse tipo de coisa estava em vigor para as equipes do SEAL no passado.

"Ei, Six", gritou Buddha ao entrar na área de treinamento. "Há uma mulher procurando por você no portão da frente."

"Estou indo. Obrigado." Ele caminhou em direção à área de recepção e apertou o botão verde ao lado da porta para destravá-la. Com um empurrão, ela se abriu, e lá no saguão estava Louisa, com as mãos entrelaçadas firmemente na frente dela. Ela estava olhando para o chão como sempre, e ele sentiu ago por ela. Normalmente, ele era atraído por pessoas que exalavam confiança, mas seus próprios problemas o tornavam mais compreensivo.

"Ei, Louisa. Você está bem?" Ele perguntou, caminhando em direção a ela, esperando que ela olhasse para ele. Aquele momento

em que ela fez contato visual na caminhada deles foi tão poderoso quanto qualquer coisa que ele já experimentou, e porque ele percebeu que ela não fazia isso com outras pessoas, fez parecer especial.

Quando ela fez, ele viu um monte de preocupação e estresse nas linhas de seu rosto. "Espere, não. Ei…" ele disse, puxando-a em seus braços sem pensar. "Venha aqui." Seu corpo se inclinou para ele e seu ombro deslizou sob o seu braço. Ela se encaixava perfeitamente nele - embora agora fosse o momento menos apropriado para pensar sobre isso. Exceto, caramba, ele amava a sensação de seu corpo pressionado contra o dele.

"Eu não estou chateada", ela praticamente rosnou, mas ela colocou os braços em volta da cintura dele mesmo assim. "Eu estou brava. E muito confusa."

OK. Eles ficaram ali por um momento em silêncio até que ele recuou e pegou a mão dela. "Vamos para o meu escritório e podemos conversar."

Ele seguiu meio tonto pela porta de segurança, não totalmente certo do porque ela veio vê-lo, mas feliz que ela veio, no entanto. Sexta à noite tinha sido uma experiência nova, apenas sair e conversar, e no sábado, quando ele estava em um bar em *Coronado* com um monte de irmãos SEAL, jogando merda, ele se viu imaginando o que Lou estaria fazendo.

Ele ofereceu a ela um lugar e se encostou na mesa a frente dela. Louisa sentou-se por dois segundos, então bufou e se levantou e começou a andar de um lado para o outro em seu escritório. Ela foi até a estante onde ele colocou todos os fichários e livros ao acaso,

apenas feliz em tê-los fora das caixas, e começou a organizá-los enquanto falava.

"Eu tenho um problema e não sabia a quem pedir ajuda. Acho que alguma coisa está acontecendo no laboratório" ela disse enquanto tirava as pastas de uma prateleira e colocava de volta na outra, agrupando-as pela altura e cor. Ele teria achado engraçado se o que ela tinha falado não fosse tão sério.

"Eu não sei o que fazer ou se devo ir à polícia."

"Batendo, batendo", disse Cabe, passando a cabeça pela porta.

"Hey, Cabe. Esta é Louisa, a apresentadora do evento de caridade da última sexta-feira. Louisa, este é o Cabe. Foi sobre ele que eu te falei na sexta-feira." Six tomou nota do jeito que a sobrancelha de Cabe se levantou pra ele, mas Cabe, no entanto, foi educado.

"Ei, Louisa, sua apresentação foi incrível. Prazer em finalmente conhecê-la", disse Cabe.

Louisa olhou para cima rapidamente, mas rapidamente voltou ao que estava fazendo, parecia estar reorganizando os livros que estavam nas prateleiras, em ordem alfabética. Cabe olhou em sua direção com um olhar de, *o que diabos ela está fazendo*? Six sorriu e balançou a cabeça ligeiramente.

"Louisa estava apenas me dizendo que ela está tendo alguns problemas. Você quer continuar, Lou?"

Ela terminou as prateleiras e caminhou até a janela e começou a desembaraçar as cordas das persianas, cheias de nós. "Minha pesquisa médica se concentra especificamente em encontrar uma

droga para combater os movimentos involuntários da doença de Huntington", disse ela, enfiando uma corda em si mesma.

“Costumava ser chamada de *Chorea* de Huntington porque *Chorea* é a palavra grega para dançar, mas esse era um título realmente limitante, porque há muito mais na doença do que esses movimentos anormais. Algumas tentativas funcionam, algumas tentativas não. Acabamos desenvolvendo um tratamento que estávamos realmente confiantes de que iria funcionar, mas acabou paralisando os ratos que testamos. O que foi duplamente assustador foi a maneira que as mutações ocorriam. Nós não tínhamos feito todo o pos morte tanto no experimento quanto nos ratos, portanto agarramo-nos à amostra que tínhamos criado. Quando eu vi você na trilha na semana passada, eu estava esperando por uma resposta do meu parceiro de laboratório porque não conseguia encontrar uma das amostras. Então, na sexta-feira, fui direto ao laboratório verificar os arquivos para confirmar qual era a composição química da amostra que faltava, porque, de qualquer forma, essa amostra era perigosa e possivelmente poderia ser usada para causar danos. Minhas anotações manuscritas e meus arquivos eletrônicos tinham sumido.”

Os cabelos na nuca de Six estavam arrepiados. Ele geralmente tinha um bom radar para detectar histórias bobas, e seu instinto dizia que Louisa estava dizendo a verdade.

"Então, denuncie à polícia", disse Cabe. "Parece uma coisa civil e não o tipo de coisa que fazemos."

“Tecnicamente, você está certo. Isso se tornaria uma questão do FBI. Mas... ah. Veja, eu não consigo explicar isso para você. É um

sentimento. Meu parceiro de laboratório e meu chefe, que por acaso é o avô do meu parceiro de laboratório, estão apenas agindo... estranho... cautelosos.”

"Então, o seu medo é o quê?" Cabe perguntou.

"O que nós criamos tinha todos os ingredientes de uma arma química", disse Louisa, finalmente olhando para eles enquanto suas mãos se mantinham ocupadas.

"Isso é possível?", Perguntou Six.

Louisa largou o cordão e ele notou que não havia nós. "Você conhece a história da quimioterapia?"

Six olhou para Cabe e ambos balançaram a cabeça.

“Ele começou com dois médicos da Universidade de Yale que estudando os registros médicos de soldados que morreram de envenenamento por gás mostarda na Grande Guerra. Eles estavam tentando encontrar um antídoto para o gás venenoso, porque a Segunda Guerra Mundial estava a caminho, mas notaram que muitos dos que haviam morrido tinham um número muito baixo de células imunológicas. Então, eles imaginaram que se o gás mostarda pudesse matar as células boas, provavelmente poderia matar as células cancerígenas também. É um pouco mais complicado do que isso, obviamente, mas isso foi basicamente o início da quimioterapia como um tratamento contra o câncer. Em suma, não é incomum que muitas dessas curas percorram uma linha muito delicada entre brilho medicinal e veneno.”

A ciência falante a acalmou. Provavelmente não era uma coisa consciente, mas ele percebeu a maneira como a voz dela perdeu a incerteza enquanto falava.

"Eu não tinha ideia", disse Six. O tempo todo em que eles estiveram em seu escritório, ele permaneceu encostado na mesa enquanto ela continuava vagando e movendo as coisas. Isso poderia enlouquecer muitas pessoas, mas ele achava isso bastante cativante.

“A maioria das pessoas não percebe a conexão, mas é isso que torna a amostra tão perigosa. Não é incomum que ocorram ocorrências de espionagem entre um laboratório e outro. Ou para alguém ter a ideia inteligente de roubar uma amostra e tentar vendê-la para outro laboratório ou chantagear o laboratório de onde ela veio para entregá-la a eles. Nenhuma dessas coisas funcionam, porque todos supõem que a amostra está comprometida. Mas é estranho como Ivan e Vasilii estão agindo.”

“Ivan Popov?” Six perguntou, ficando cada vez mais intrigado com o problema dela, especialmente agora que envolvia alguém que ele conhecia e que particularmente não gostava.

“Então, por que você veio procurar o Six?” Cabe interrompeu antes que Louisa pudesse responder.

"Eu não consigo decidir se ir à polícia é a coisa certa. Vou ser demitida se passar por cima do meu chefe e ir direto a polícia pedir por atualização? Existe uma maneira de eu descobrir isso, antes de tomar uma decisão de fim de carreira e pressionar Vasilii e Ivan? Eu não sei.”

Ela olhou diretamente para ele, uma raridade. "Eu só pensei que você poderia me dar algum conselho."

"Não é o tipo de coisa que fazemos. Você precisa de um investigador particular ou, com toda a honestidade, basta chamar a polícia", disse Cabe. Six passou a mão pelo rosto. Ele queria ajudá-la, ele realmente queria, mas por mais que isso o incomodasse, Cabe estava certo. Este não era o tipo de trabalho que eles faziam. Mas ele definitivamente poderia ajudá-la a pensar em algo mais.

"Hey, Cabe. O que você queria quando colocou sua cabeça aqui? "Six perguntou, atirando nele um olhar que ele esperançosamente entendeu como *"Foda-se, seu idiota."*

Cabe olhou entre Six e Louisa. "Tudo bem", ele bufou. "Eu só queria os arquivos do trabalho que temos no começo do próximo mês." Segurança para engenheiros de uma empresa de energia na Venezuela. Six pegou a pasta de sua mesa e a entregou a Cabe, que prontamente saiu da sala.

"Tudo bem", disse Louisa, de cabeça baixa enquanto caminhava para a porta. "Está tudo bem. Eu vou te deixar em paz."

"Louisa. Espere", Six disse, pulando para seus pés. "Eu posso falar sobre isso com você. Não é por isso que você veio aqui?"

"Não. Você sabe o que, eu estou exagerando." Tudo bem ela disse, tentando endireitar seus ombros, mas deixando-os cair em derrota. "Apenas dizer em voz alta para vocês fez parecer bobo."

"Bem, chame a polícia imediatamente se você ficar preocupada." Ele pegou seu pulso e percebeu o quão pequeno era em sua mão. "Ou melhor ainda, me ligue. Você tem o meu número."

Ela se virou e saiu do escritório, e ele ouviu o clique suave das portas de segurança.

Foda-se Cabe.

Fodam-se as regras.

Era em parte sua companhia. E ele decidia por si mesmo que tipo de trabalho faria.

* * *

"Eu não posso acreditar que ele me deixou depois que eu comprei um carro para ele. Ele disse que a viagem do hospital foi um alerta sobre a nossa diferença de idade e que ele não queria ser um cuidador. Eu tenho apenas cinquenta e cinco anos pelo amor de Deus." Sua mãe, Antonia, despejou uma pequena quantidade de vinho no copo de cristal que ela tinha feito Louisa pegar em uma bandeja de prata. "Tem certeza de que não quer um?", perguntou ela.

Louisa balançou a cabeça e se concentrou no som do oceano enquanto as ondas batiam na costa que corria ao longo da frente da casa de sua mãe, *Torrey Pines Road*. O grande pátio que percorria toda a extensão da propriedade era acessado pela sala de estar e era protegido por uma grande pérgula que estava coberta de grandes flores de glicínias com aroma de violeta.

"Eu vou ter que dirigir para casa em breve", ela respondeu, virando-se para a mãe. Depois de três dias estranhamente quietos no laboratório, enquanto eles avaliavam onde estavam depois de descartar tudo no laboratório, ela perguntou a Ivan sobre atualizações, mas ele não tinha novas informações para

compartilhar. Então ela veio para obter a opinião de sua mãe sobre a situação, mas assim que ela chegou, sua mãe começou a falar sobre seu último desastre romântico, então ela decidiu deixar a conversa para outro dia.

“Mãe, eu tenho que perguntar, você está realmente surpresa que o Lucan partiu? E eu estou julgando ele, não você, com essa pergunta. Papai não quer que você fique sozinha, não é disso que se trata, mas alguns desses homens são vinte, talvez trinta anos mais novos que você. É quase como se você não estivesse namorando com eles. Você consegue apresentá-los, mas eles nunca a apresenta para seus amigos ou familiares. ”

Sua mãe sentou-se em sua cadeira. "Eu não sou uma velha ingênua, você sabe."

“Eu sei mamãe. Mas você é incrivelmente generosa. E tem um grande coração. E de alguma forma esses homens estão ficando sob sua pele.”

Antonia tomou um gole do vinho. “O mundo do namoro mudou muito desde que seu pai e eu nos conhecemos. Alguém sugeriu que eu deveria usar um site de namoro porque eu estou sozinha, Louisa. Eu realmente estou."

Louisa pensou longa e duramente sobre como responder, porque em uma estranha dicotomia, desde o encontro com Six, ela mesma sentiu uma leve sensação de solidão.

"Eu entendo isso, mamãe, mas a solidão não é uma razão boa o suficiente para resolver. E isso nunca vai funcionar se você tiver que comprar a atenção deles.”

Todo homem que sua mãe tinha namorado era perfeitamente bonito, todos com rostos bonitos e línguas suaves. Eles elogiam e flertam com sua a mãe. Mas um punhado deles mostrara suas verdadeiras faces. Um deles deu em cima de Louisa enquanto sua mãe estava na cozinha enquanto celebravam o Natal há dois anos. *"Eu não sabia que havia uma opção mais jovem* Ele disse enquanto deslizava a mão ao longo de sua coxa até a sua saia. Ela deu um tapa nele e ele foi embora. No início, sua mãe ficou perturbada com o desaparecimento repentino, mas uma vez que Louisa explicou exatamente o que tinha acontecido, sua mãe ficou mais preocupada que ele saiu usando o relógio *Breitling Navitimer* que ela tinha dado a ele apenas algumas horas antes.

Ela pensou em todos os rostos bonitos que passaram pela casa desde a morte de seu pai. Todo homem tinha sido um vigarista esperto que estava com a mãe dela por nenhum outro motivo além do que ela poderia oferecer.

"Me desculpe mamãe. Lamento que muitos desses homens sejam piadas totais. Talvez você devesse participar de um site de namoro, mas eu não acho que se juntar a um discreto serviço de casamenteiro seja o melhor caminho a percorrer."

Sua mãe suspirou e tomou outro gole. "Tem certeza de que não posso convencê-la a se juntar a mim para jantar na casa dos Hansens hoje à noite? Eu sei que eles gostariam de te ver."

Uma noite com os Hansens era absolutamente a última coisa que ela queria. Especialmente se o recém-divorciado filho do físico quântico estivesse em casa. Tanto quanto ela amava a ciência, depois de horas ouvindo-o falar e falar sobre a superposição de

estados e descoerência quântica e seu efeito na realidade como nós percebíamos, ela estaria pronta para cutucar seus próprios olhos com um dos palitos de madeira ridículos que ele insistia em mastigar depois do jantar.

Louisa se levantou e respirou fundo novamente. Havia algo no oceano que apenas lhe acalmava a alma. "Eu tenho um encontro com algum trabalho e algum filme de grande horror dos anos cinquenta", ela mentiu. Bem, além do horror, que era sua rotina habitual de quinta-feira à noite.

“Quando vamos falar sobre você namorar? Devemos falar sobre aquele jovem bonito que veio em meu auxílio”, sua mãe disse bem-humorada.

"Eu não tenho muito tempo para me preocupar com o namoro", Louisa disse, sua resposta habitual. Não estava pronta para falar sobre seus sentimentos confusos em relação a Six, ela empurrou o pensamento para o fundo de sua mente. Ela ficou um pouco mais de tempo, ouviu as intermináveis fofocas da mãe, depois se despediu e entrou no carro.

O celular dela vibrou quando ela ligou o motor, e ela checou sua mensagem.

Onde você mora? Você se importa se eu passar mais tarde? - 6

Six. Mesmo que ela ainda estivesse envergonhada por ter se jogado à sua mercê dois dias antes, ela rapidamente digitou sua resposta.

Por que você está passando?

Queria discutir algumas coisas com você.

Bem, isso lhe disse a soma total de nada, mas ela mandou uma mensagem com o seu endereço antes de mudar de ideia.

Ele respondeu imediatamente. *Vou demorar. Não espere se você se cansar, apenas envie uma mensagem para mim avisando.*

Com o tráfego a seu favor, levou apenas meia hora para chegar à sua casa em Mission Hills. A primeira vez que ela a viu, ela sabia que era a única para ela, apesar de seu pai ter se oferecido para comprar uma casa significativamente maior em *La Jolla*, puramente porque ele podia pagar por isso. Ele investiu pesadamente em bolsas dot.com, tendo entrado cedo em companhias como Google, Amazon e eBay, enquanto ele sofreu algumas perdas quando a bolsa estourou, ele foi esperto e largou a maior parte de seu estoque antes que isso acontecesse, tornando a fortuna da família bem acima de cem milhões de dólares. Mas o estilo de vida ultra-rico não era realmente dela. Ela não tinha vontade de se sentar nos conselhos de caridade ou participar de casamentos na sociedade. Houve dias em que ela podia aguentar nem a sua própria companhia, quanto mais a de qualquer outra pessoa.

Ela parou na entrada de sua casa de metade tijolo e metade tinta azul, que tinha janelas brancas e portas de madeira. Debaixo da janela da frente havia um banco de madeira com duas lindas almofadas azuis e brancas que ela havia comprado em uma de suas lojas online favoritas, e um vaso de terracota cheio de lavanda estava ao lado da porta. A lembrança autobiográfica evocada pelo odor era um fato comprovado, e toda vez que ela cheirava a lavanda, lembrava-a de entrar na segurança de sua casa.

Louisa desligou o motor, pegou as malas e saiu do carro. Entrou na casa, desligou o alarme e subiu direto para o escritório. Tirar as coisas de sua bolsa era um ritual. Simbolizava estar em casa. Pegou o caderno e o telefone, colocou a bolsa no lugar na estante e se virou para caminhar até o quarto. Duas esculturas de madeira que estavam em cima do seu armário de arquivo chamaram sua atenção. Elas eram abstratas, mas, na mente de Louisa, havia uma parte de trás e uma frente para elas. E uma estava no lugar errado. O baque surdo de seu coração e a onda de sangue que atravessava suas têmporas soavam terrivelmente altas.

Rapidamente, ela correu para o armário de arquivo e procurou sinais de arrombamento, mas a fechadura ainda estava bem fechada e não havia outros sinais de perturbação. Louisa examinou a sala minuciosamente, procurando o menor sinal de movimento. Ela procurou até no tapete de creme macio em busca de pegadas, mas não conseguiu ver nada além da sua. Silenciosamente, ela tirou os sapatos e atravessou a casa, verificando as janelas, olhando nos armários e até olhando debaixo das camas.

Quando ela finalmente se certificou de que estava sozinha em sua casa e que apenas a escultura de madeira estava fora do lugar, ela entrou na cozinha de cor azul-cobalto, o azulejo fresco de terracota em seus pés e abriu a geladeira. Uma garrafa meio cheia de vinho ajudaria a afastar o nervosismo. A única explicação para a escultura fora do lugar era que ela deveria ter batido nela. Ela pegou um copo de vinho branco de uma das prateleiras abertas que corriam ao longo da parede e se serviu de uma medida generosa. Não havia sentido em ficar ansiosa. Em vez disso, ela pensou nas coisas que ela poderia fazer para se livrar dela. Ficar em dia com o sono, ler revistas médicas, entrar na piscina.

Ela pegou algumas batatas-doces e enchiladas de feijão preto e bebeu seu vinho enquanto eles estavam assando no forno. Nada a confortava como cozinhar em casa. Trinta minutos depois, ela vestiu shorts e uma blusa, colocou o cabelo para cima, serviu outro copo de vinho e ficou sentada em frente à televisão, assistindo ao clássico de 1957 *Night of the Demon* de Jacques Tourneur.

Estava escuro lá fora quando o filme terminou e ela levou seu prato até a cozinha. Normalmente, a escuridão não era um problema. Normalmente ela tomava seu copo de vinho no deck de madeira e observava as estrelas por horas a fio. Mas esta noite parecia diferente. Hoje à noite parecia nervosa. A segurança que ela normalmente sentia dentro de sua casa estava faltando. Desesperada para parecer normal, ela seguiu sua rotina habitual. Colocou um pouco de pipoca para estourar enquanto lavava os pratos e enchia o copo de vinho. Enquanto servia a pipoca pronta em uma tigela de vidro azul e estava prestes a voltar para a TV, ouviu a porta de um carro bater e sobressaltou. Mas então ela se lembrou do texto de Six. Tinha que ser ele. Uma vertigem que não sentia desde o colegial passava por ela. Ela ficou na ponta dos pés e se inclinou sobre a pia para olhar para a garagem, mas as luzes automáticas não estavam acesas e não havia sinal de seu caminhão.

Louisa balançou a cabeça e riu. Muito drama no trabalho, muito álcool e assistir a um filme de terror a assustavam desnecessariamente. Talvez ela devesse assistir a um de seus filmes favoritos de terror, como *Chocolat* ou *Shakespeare in Love* ou alguma coisa.

Qualquer coisa para afugentar o pânico.

* * *

Six cantarolou junto com Nina, algo sobre ser mal entendido. Todos os marcadores de milha importantes em sua vida foram marcados com uma de suas canções. *"Ain't Got No, I Got Life"* tinha explodido nos alto-falantes quando ele foi separado do Mac e Cabe, quando ele foi transferido de sua unidade da costa oeste para a costa leste. *"I Think It's Going to Rain Today"* tocou quando ele se vestiu para o funeral de Brock. Ele até perdeu a virgindade com Jessica McKade na traseira da caminhonete de seu pai ao som de *"Do I Move You?"*. A coisa toda tinha acabado antes do final da música de três minutos. Ele sorriu com a lembrança. Suas habilidades certamente melhoraram desde então.

Quando os outros tinham preferido a música rock mais áspera para fazê-los entrar no clima de guerra, ele procurou *"Sinnerman"*. Ele nunca confessava publicamente, mas *"Here Comes the Sun"* tinha sido a sua magia enquando estava no hospital militar. Houve um prazer simples em ouvi-la em solo americano pela primeira vez com as janelas do caminhão abaixadas, embora a hora estivesse atrasada.

Começar um novo negócio era uma bola de cera totalmente diferente do que ele esperava. Ele se sentia meio bobo por todo o trabalho que Mac e Cabe já tinham feito nos meses em que saíram. Agora era tudo armas em punho enquanto eles lutavam para construir seus negócios. No café da manhã, ele preparou uma proposta para um contrato de apoio a um comboio de ajuda através da Colômbia. No caminho para o trabalho, ele participou de uma teleconferência com um antigo amigo da CIA sobre a possível cobertura para um grupo que não frequentava a rede na Síria. O almoço incluiu uma reunião com um candidato em potencial para

um gerente de escritório. Nesse meio tempo, ele escrevia módulos para o seu negócio de treinamento de segurança, colocava uma hora no campo de tiro e terminava em pintar a sala médica. A lista de afazeres deles nunca terminava e, por um momento, ele ansiava pelos dias em que recebera ordens de serviço. Seu corpo doía de um jeito bom, pronto para tomar um banho quente com uma cerveja gelada.

Quando eles começaram a Eagle Securities, ele imaginou estar em missões constantes em algum lugar fazendo algo cheio de adrenalina por conta própria e com suas próprias regras, mas por enquanto, os dias se misturavam em uma pilha interminável de papelada. No entanto, o calendário na parede estava começando a se encher de trabalho e, em outubro, eles estariam ocupados. Provavelmente mais ocupados do que eles poderiam lidar, mas eles iriam consegui.

Apesar da pilha de trabalho em sua mesa, Louisa estava em sua mente. Depois que ela saiu, ele estudou suas prateleiras organizadas e se perguntou se ela percebera o que tinha feito. Ela mal olhava para os livros enquanto os colocava de volta no lugar, mas ele notou que ela os classificou por tipo antes de alfabetizá-los. O que significava que ela lia todos os livros da coleção dele, o que ele achava altamente improvável, ou ela lia as costas em um milésimo de segundo para categorizá-los, o que era igualmente maluco, a menos que ela fosse uma leitora de velocidade épica.

Mas não foram apenas os livros. Foram os olhos dela. Ele reconheceu o olhar neles. Aquele que disse que eles viram mais do que deveriam. Aquele que implorou a ele para ajudá-la, mesmo quando ela disse a ele que lidaria com isso sozinha.

Ele virou o caminhão para a rua dela e baixou o volume do som. Era um bairro bonito. Mesmo à luz de todas as pequenas lâmpadas solares que iluminavam os caminhos até as portas da frente, ele podia ver que os gramados eram mais verdes do que deveriam ser possível com o relógio da seca em vigor. *Riqueza*. Isso fazia com que as pessoas se sentissem acima das restrições e leis que o homem comum enfrentava. Isso o irritava, como na noite do evento de arrecadação de fundos que ele havia frequentado. No entanto, ele se sentiu compelido a doar após a apresentação persuasiva de Louisa. Encontrar uma cura para a doença era mais importante do que se preocupar com quem doava os dólares. O que as motivações das pessoas importam, desde que a caridade seja beneficiada?

Sua tensão diminuiu, porém, quando ele viu o quintal de Louisa, que estava cheio de plantas que ele apostaria seu traseiro que eram resistentes à seca, dado seu claro conhecimento das plantas. Louisa North era uma mulher complicada.

Ele puxou o caminhão para o meio-fio e desligou o motor. Havia uma luz do lado de fora ligada pela porta da frente, mas ele não viu nenhuma luz lá dentro. Talvez ela tivesse aceitado as palavra dele e ido para a cama. Por um momento ele pensou em mandar mensagem para ver se ela estava acordada, mas ele decidiu sair do caminhão e bater primeiro. A porta de madeira estava sob as juntas dos dedos e o doce aroma de lavanda o saudou.

O silêncio se agarrava ao ar até que ele ouviu pés pisando no chão de ladrilhos. Houve o som de uma corrente sendo destrancada.

"Six", disse ela sem fôlego, olhando para ele através daquela longos franja.

Ok, todo o aperto em seu peito poderia ir embora porque não havia absolutamente nada sexy sobre os shorts de ginástica soltos que ela usava. E sim, estava claro que ela não estava usando sutiã por baixo daquela blusa porque, Cristo... mamilos... mas ele poderia ser profissional. Ele tentou convencer seu pau que não havia nada para ver aqui, como um truque mental Jedi, mas não funcionou. Agindo de forma independente, decidira por completo que havia muito para aceitar.

"Ei, Lou", ele disse, sua voz um pouco mais áspera do que o normal. Ele tossiu para limpar a garganta, e Louisa ajeitou o quadril enquanto esperava que ele se recompusesse. O movimento levantou seu top uma polegada, revelando uma faixa estreita de pele que parecia suave o suficiente para lamber, o que realmente não ajudou o desconforto que ele sentia em seu jeans. “Eu queria sair e checar você. Saber mais sobre o que está acontecendo, vê se não há algo com o qual eu possa ajudá-la."

"Eu aprecio isso." Ela recuou e conduziu-o para o corredor. "Eu não sou particularmente boa com... companhias", ela disse baixinho.

Ele não podia imaginar como isso deveria ser. Sua própria natureza extrovertida tinha sido a única coisa com a qual ele podia contar quando tinha que se mudar tantas vezes, se adequar às novas equipes e fazer amigos nos lugares onde estava implantado. "Você está indo muito bem", disse ele quando entrou em sua casa.

O corredor era grande, mas esparso. Paredes amarelas pálidas foram decoradas com fotos emolduradas de desenhos técnicos antigos de insetos. Havia placas litográficas de borboletas, abelhas e

gafanhotos. Elas eram incomuns, mas estranhamente convincentes. Como a sua dona.

"Muitos deles são de Otto Staudinger *Catálogo de Lepidopteren des palaearctischen Faunengebietes*. É o trabalho padrão de referência para os Lepidoptera."

As coisas aleatórias que essa mulher conhecia. *"Lepidoptera?"*

"Você sabe, os agrupamentos de quase duzentas mil espécies de mariposas e borboletas. É uma estrutura de insetos altamente organizada. Carl Linnaeus, um botânico sueco, inventou o termo das palavras gregas..."

"Como você sabe de toda essa merda?", Ele perguntou.

Louisa ficou tensa, e ele desejou que ele apenas a deixasse falar. "Desculpe", ela disse com um encolher de ombros.

"Não, sério. Como na terra você consegue se lembrar de todas essas coisas?"

"Memória eidética[21], eu acho."

"Eidética?"

"Não importa", disse ela, e se dirigiu para uma porta fechada. "Posso te dar uma bebida? Cerveja? Vinho?"

Bem, porcaria. Isso era bom.

"Claro, cerveja seria bom se você tiver alguma."

---

[21] Memória eidética, popularmente conhecida como Memória fotográfica, é a capacidade de se lembrar de coisas vistas, com um nível de detalhe perfeito.

Ele a seguiu até uma cozinha do mais brilhante azul. Prateleiras de madeira forravam uma das paredes. Ele não era especialista, mas a porcelana parecia que vinha de uma daquelas lojas caras alinhadas nas prateleiras, como o tipo que a noiva de Cabe tinha colocado em seu registro de casamento antes... bem... ele balançou a cabeça. A China, com aros de prata, ficava ao lado de pratos como os que ele não comprara por nada na IKEA. E misturavam-se placas de cerâmica em cores vibrantes que poderiam ter vindo de qualquer mercado de rua no México.

Sem desperdiçar movimento ou palavras, Louisa foi com eficiência para a geladeira, pegou uma cerveja e quebrou a tampa antes de entregá-la a ele. Pipoca estava em uma tigela azul brilhante no balcão. Junto a ela, uma taça de vinho branco, a condensação dizia que ela acabara de despejá-lo.

"Desculpe, estou interrompendo alguma coisa?" Álcool e pipoca pareciam uma coisa tão legal para se fazer.

Louisa sorriu. “Não, a menos que você conte assustar-me até a morte com horror vintage. Eu estava prestes a colocar outra coisa.” Ela olhou para ele, e com a cabeça inclinada para o lado, ele podia ver seus olhos claramente, novamente. “Você quer vir assistir alguma coisa? Quero dizer, enquanto conversamos, poderíamos... não importa. Você provavelmente tem coisas para fazer, e eu tenho alguns relatórios que preciso...”

"Eu adoraria", disse ele, incapaz de esconder o sorriso em sua falta de jeito.

“Sério?” Ela perguntou, os olhos cor de café dela tão amplos quanto o estoque de pratos de Natal que ele tinha visto em suas prateleiras.

"Mesmo. A menos que você tenha um mau gosto crônico em filmes, nesse caso eu estou fora, cerveja ou sem cerveja ”, disse ele, pegando a tigela de pipoca.

"Oh-kay", disse ela, tirando as sílabas como se ele tivesse acabado de lhe dar uma instrução que ela não entendia. Soava mais como uma pergunta do que como uma resposta.

Era impossível ignorar o balanço sutil de seus quadris enquanto ela andava na sua frente. Ele era um otário para os quadris. E bunda. E peitos. Especialmente aqueles com mamilos responsivos sob blusas finas. Idiota. Foco.

Louisa colocou seu vinho na mesa e abriu uma porta na unidade embutida ao redor da televisão.

Six não pôde deixar de rir enquanto colocava sua cerveja e a pipoca no chão. "Lou, eu não entendo", disse ele. Ele se aproximou dela e passou os dedos pelas lombadas de filme após filme, que não só eram organizados por categoria, mas também tinham cartões laminados presos na prateleira dizendo-lhe onde cada seção começava.

"Não entendeu o quê?", Ela perguntou, o olhar em seu rosto de genuína confusão.

"Isso", disse ele, apontando a mão para cima e para baixo na prateleira. "Suas prateleiras de cozinha são uma mistura eclética de

coisas, todas empilhadas aleatoriamente, mas você organizou a merda fora disso."

"Bem, eu não compreendo isso", disse ela, gesticulando para cima e para baixo do jeito que ele tinha na prateleira. "Diga-me novamente por que você está aqui."

Ela era fofa quando era espinhosa. Ele estendeu a mão e puxou Ocean's Eleven, o original, de uma categoria chamada TRAVESSURAS, e entregou a ela.

"Ouvi dizer que é noite de cinema na casa do Norte, então imaginei que sairia." Ele se moveu para o sofá, desabou e colocou as botas na mesa de centro de vidro.

Uma vez que o filme começou, ela veio e sentou-se ao lado dele, e ele fez o melhor que pôde para ignorar o modo como o short dela subiu por suas coxas. Ele passou mais tempo com uma companhia feminina na cama do que fora dela. E aquela companhia, quem quer que ela fosse naquele dia, geralmente não tinha nenhum problema de deixar cair suas roupas no momento em que entrava pela porta dele. Pele tão pelada que ele estava totalmente deprimido. No entanto, de alguma forma, apenas aquele pouquinho de carne extra o fez se sentir tonto, como se ele fosse o garoto que perdeu a virgindade em menos de dois minutos dando a Jessica McKade.

Louisa deu um tapa na coxa dele. "Pelo menos tire seus sapatos", disse ela antes de enfiar a mão em sua pipoca.

"Sim, senhora", disse ele, sentando-se para a frente e tirando as botas.

Uma semana atrás, ele não poderia ter se imaginado pronto para receber ordens de novo tão cedo, mas naquela época, ele não tinha conhecido Louisa North.

CAPÍTULO CINCO

A falta de alguém com quem ela não estava em um relacionamento, porque ela não o via desde quarta-feira, e agora era sábado, era ridícula. Com uma R maiúsculo. Em vez disso, Louisa dirigiu até Torrey Pines para pegar sua mãe, depois as levou de volta a Coronado para que pudessem almoçar no Hotel Del, o lugar preferido de sua mãe. O fato de ela ter ouvido *Nina Simone* todo o caminho até lá não tinha nada a ver com isso. Pela primeira vez em sua vida, foi bom estar fora do laboratório e longe da faixa invisível que ela sentia em volta do peito quando entrava.

Não houve progresso, e Liz havia avisado que Vasilii estava ficando irritado com os constantes pedidos de informação. O instinto de Louisa disse a ela que o que tinha acontecido importava, mas ela começou a considerar que era o seu ego falando. E se esse fracasso entrasse na comunidade de pesquisa? Claro, a pesquisa foi toda sobre teste, tentativas, refazer. O fracasso fazia parte da vida de um pesquisador tanto quanto os jalecos brancos e os riscos biológicos. Mas ela não queria que o mundo visse sua roupa suja. Além disso, ela começou a se perguntar se isso iria refletir mal para ela pessoalmente como chefe daquele laboratório específico do qual a amostra foi roubada.

Antes de voltar para casa, elas foram para o sul da ilha. Toda a sua vida, ela sabia que Navy SEALs treinavam ao longo da praia. Inferno, antes que eles fechassem o acesso a essa parte da costa, ela pode até ter visto eles uma ou duas vezes. Transportando troncos para cima e para baixo nas dunas ou mergulhando dentro e fora da

água. Mas parecia diferente, sabendo que aquele era um lugar onde Six havia passado grande parte da vida dele, e ela nunca o conhecera. Na verdade, se ele não tivesse se aproximado dela na varanda da apresentação, os seus caminhos provavelmente nunca teriam se cruzado. Quando ela deixou sua mãe em casa, ela comentou que Louisa parecia distraída. Não era nada menos que a verdade, e ela sabia que precisava fazer alguma coisa.

Quando ela deixou o carro na garagem, estava exausta, mas sabia que precisava fazer uma lista. Ela tomou uma inspiração profunda da lavanda que ela plantou no recipiente perto da porta da frente, deixando-a acalmá-la quando ela girou a chave na fechadura e entrou. Louisa pegou sua bolsa no andar de cima e colocou-a na mesa antes de tirar os sapatos. Felizmente, as esculturas de madeira estavam onde ela as deixou. Rapidamente, ela pegou um caderno e foi para a cozinha. Uma vez sentada, ela virou a página no caderno e começou uma nova lista. SIX.

Seu lápis pairou sobre a página enquanto ela repetia os acontecimentos da noite de quarta-feira em sua mente. Ele ficou por quase três horas e mudou para a água depois de sua primeira cerveja. Como eles assistiram ao filme, ele fez perguntas sobre o que havia acontecido e ela explicou como realmente acreditava que Vasilii faria a coisa certa por causa da reputação do laboratório. Uma vez que Vasilii tivesse completado sua investigação, ele ligaria e pediria desculpas por ser tão baixo com ela, ela estava certa. Ele não toleraria esse tipo de confusão em seu laboratório.

Six a madou chamar a polícia, mas ela devia confiar em Vasilii, que as pessoas certas estavam envolvidas, que ele primeiro fizesse a investigação à sua própria maneira. Além disso, apesar do

comportamento suspeito de Ivan, pairando sobre o ombro dela no laboratório o dia todo, poderia haver uma explicação que ela não havia considerado. A ciência ensinou-a a não fechar possíveis vias de investigação. Ela prometeu a Six, no entanto, que se as descobertas de Vasilii fossem outra coisa senão a verdade como ela sabia, chamaria a polícia imediatamente.

O que ela deveria escrever nesta lista? Ele estava entendendo*. Foi útil conversar com ele. Tem olhos da cor de uma tempestade de inverno.*

Gah. Isso foi inútil. Ela colocou o lápis na mesa. Só de pensar no homem estava mexendo com ela de novo. Ele nunca a tocou... Bem, exceto pelos momentos em que as mãos deles alcançaram a pipoca ao mesmo tempo. No começo, foi estranho, e ela puxou a mão para fora imediatamente. Mas Six tinha transformado isso em um jogo, agarrando seus dedos quando eles chegaram na proximidade dele. Seus reflexos eram tão rápidos que ela não teve tempo de tirar os dela do alcance dele. Ocasionalmente, ele segurava os dedos dela por apenas uma fração a mais do que ela seguraria os dele, se os papéis tivessem sido invertidas.

Louisa se recostou na cadeira. O jeito que ele parecia em seu jeans azul que abraçava sua bunda e a camiseta preta que era tão simples, mas enlouquecidamente celestial no modo como seguia o contorno de seus bíceps, tinha sido delicioso o suficiente. Mas o jeito que ele sempre liderava com um lado da boca quando sorria com o outro lado seguindo e o jeito que ele olhava para ela pelos cantos dos olhos sem mover a cabeça apenas aumentava a tensão. Ele provavelmente notou como... ciente... ele a fez depois que ela correu

para a cozinha para encher seu vinho quando ela ainda tinha meio copo. Ela só precisava sair da sala antes de implodir.

O som do telefone tocando a fez pular. Six brilhou em seu telefone. Literalmente. Uma foto dele sentado em seu sofá apareceu na tela.

“Você mexeu no meu telefone?” Ela perguntou.

“Ei, Louisa. Estou bem, obrigado por perguntar. Como você está? ”Six perguntou, sua fala arrastada cheia de humor.

Bem. Ela não precisava ser tão sucinta. "Eu estou bem. Está tudo bem?"

"Eu estou chegando mais tarde", disse ele. "Você vai estar em casa?"

Ele faria o quê? "Por quê?"

“Porque a terceira prateleira na cozinha parece que vai entrar em colapso. Estou adicionando um colchete médio em todas as prateleiras para que elas tenham mais peso. Então você está? Pode ser tarde. Como nove da noite.”

Ela passou a mão pelo cabelo, subitamente sentindo-se intimidada e estudou as prateleiras. Ele estava correto. Eles estavam se curvando no meio. Por que ela nunca notou isso antes? E foi a resposta realmente um homem que ela mal conhecia vindo para sua casa para algum DIY[22]? "Um..."

[22] Faça-você-mesmo é o método de construção, modificação ou reparação das coisas sem a ajuda direta de especialistas ou profissionais.

"Se você não se importar em esperar, eu poderia pegar comida ou pedir pizza ou algo assim."

Apenas o pensamento de ele se juntar a ela para outra noite parecia... tudo.

"Prateleiras e pizza", disse ele, sem lhe dar tempo para responder. “Não é grande coisa, Lou. Não pense demais nisso.” Por que ele tinha que soar tão completamente... alegre... sobre isso? Provavelmente porque ele fazia esse tipo de coisa o tempo todo.

"Bem. Obrigada” ela acrescentou rapidamente.

“Não se preocupe, Lou. Até logo."

Ela desligou o telefone enquanto tentava processar o que diabos aconteceu. No espaço relativamente curto de uma semana, ela perdeu uma amostra e ganhou um amigo do sexo masculino. Um amigo homem que por acaso era construído como um daqueles modelos da Calvin Klein que ela viu em outdoors.

Com o pensamento de Six posando reclinado em sua cueca, ela precisava se refrescar. Ela vestiu um maiô, pegou uma toalha no armário e saiu da porta de correr da cozinha em direção à piscina.

Várias horas depois, Louisa podou as ervas frescas que ela cultivava no grande peitoril da janela da cozinha. Não que elas realmente precisassem de poda, mas isso lhe dava algo a fazer com a energia nervosa zumbindo através dela. Toda a louça e os copos estavam empilhados nos balcões, deixando as prateleiras de madeira vazias. Ela limpou a poeira inexistente delas e começou o processo de colocar alguns dos pratos que ela raramente usava na lava-louças.

Quanto mais perto se aproximava a chegada do Six, mais ela sentia vontade de ligar para cancelar. As prateleiras estavam bem. Maldição, ela poderia até mesmo ir até a casa da mãe dela e pegar as ferramentas que pertenciam a seu pai e que a mãe dela não tinha conseguido se livrar depois da morte dele. Tinha que haver tempo em sua agenda para ela arrumar as prateleiras sozinha, entre a pesquisa e a hora de dormir todos os dias.

Ela ouviu um estrondo do lado de fora e se inclinou na direção da janela para ver se Six havia estacionado em sua garagem, mas ninguém estava lá. Provavelmente um dos vizinhos fechou a porta do carro ou tirou o lixo. O cheiro de hortelã encheu o ar quando ela terminou de podar e jogou a tesoura na pia.

O mesmo ruído voltou, mais silencioso desta vez, mas acompanhado pelo som de vidro tilintando contra o vidro. O som vinha de dentro de sua casa.

Ela queria que fosse Six. Queria que ele estivesse fazendo alguma brincadeira idiota que ela poderia ficar louca depois. Parte dela pensou em chamá-lo para ter certeza. Mas ela sabia que não era.

Ela ouviu o vidro batendo de novo. Alguém deve ter aberto a janela da sala de jantar, porque o som de vidro tilintando vinha de sua coleção de isoladores antigos que ficavam nas prateleiras embaixo da janela. O coração de Louisa correu quando ela pensou em suas opções. Seu telefone ainda estava sendo carregado no escritório, e subir as escadas se distanciando das portas de saída não parecia ser a coisa mais inteligente a fazer.

Ela poderia escapar pelas portas do pátio da cozinha e gritar na esperança de que alguém ouvisse, percebesse que era ela, e depois

corresse para ajudá-la. Dado que a chave da fechadura no portão traseiro estava pendurada em um gancho no corredor, as chances de ser uma estratégia bem-sucedida eram baixas. Ou ela poderia rastejar em direção à porta da frente. Seria necessário passar pelo arco até a sala de jantar, mas ela poderia pegar as chaves do carro e fugir. Essa parecia a melhor opção.

Com cuidado, ela pegou o rolo que mantinha no balcão e a grande faca de corte do bloco de facas e se esgueirou para a entrada.

* * *

Era um pouco depois das nove horas, quando Six se dirigiu lentamente para a rua de Louisa. O caminhão podia ser barulhento, e a última coisa que ele queria fazer era agravar ou acordar o bairro. Six bocejou. Ele passou as últimas horas com Cabe em comunicação com Mac para revisar todos os detalhes finais para a extração da garotinha no caso de custódia. Eles a localizaram e passaram vários dias atrás da família para estabelecer um padrão de vida do qual poderiam deduzir o melhor momento para resgatá-la. O local do resgate havia sido decidido. Teria lugar no início da manhã de domingo a partir da casa da avó da menina, antes de ela voltar para a casa do pai. Levariam aproximadamente onze minutos para chegar do ponto de coleta ao helicóptero e o início de seu retorno ao solo dos EUA. Espero que eles estejam no ar antes que a polícia chegue ao local. Graças a um ex-SEAL com as conexões certas, eles pousariam em um aeroporto privado a cerca de trinta quilômetros de San Diego. Cabe ia reunir a mãe assim que o avião saísse do México.

Os detalhes ainda estavam zumbindo em sua cabeça. Parecia estranho estar puramente no final da logística de uma operação quando seu coração pertencia à ação dela. Era ainda mais difícil quando sua mente continuava indo para Louisa. A falta de foco nunca foi um problema para ele. De fato, sua clareza tinha sido uma de suas características duradouras. Mas apesar do significado desta primeira operação, ele estava preocupado. Por alguma razão, ele podia sentir o quanto havia lhe custado pedir ajuda, e a maneira como ela aceitou o que Cabe dissera e desapareceu tão rapidamente deixou claro que ela não esperava que eles a ajudassem de qualquer maneira... Agora, depois de passar um tempo com ela no meio da semana, ele estava mais comprometido do que nunca a ficar de olho nela. Ele tinha certeza de que algumas pessoas iriam acha-la abrupta, distante, mas ele podia ver a pessoa por baixo de tudo isso, e ele tinha uma suspeita de que ela não tinha ninguém para se apoiar. Ele queria vê-la novamente, e as prateleiras eram uma boa desculpa.

Muitas mulheres demonstraram interesse por ele, e uma quantidade sólida delas seguiu o seu caminho, seja deslizando seus números ou simplesmente lançando um ataque total. Ele gostava das duas abordagens igualmente, quase tanto quanto gostava da sensação nos olhos de Louisa sobre ele, mas na quarta-feira ela nunca se movia da extremidade do sofá, nem mesmo quando ele começou a brincar quando ela pegava a pipoca. O que ela teria feito se ele pegasse sua mão e a mantivesse? Six sacudiu a cabeça. Por que ele estava pensando nisso? Isso não era nada mais do que oferecer uma mão amiga para alguém que lhe ofereceu a mesma cortesia quando ele se apavorou em sua corrida.

Uma van preta estava estacionada do outro lado da rua de Louisa. A porta lateral deslizante estava aberta e o motor estava funcionando, mas estranhamente as luzes estavam apagadas. Pela iluminação de seus próprios faróis, ele podia ver o motorista olhando nervosamente para a garagem de Louisa, esforçando-se da esquerda para a direita como se tentasse obter uma linha de visão melhor.

Ele sempre acreditou que os melhores SEALs tinham a capacidade de retardar o tempo, poderiam de alguma forma absorver milhares de detalhes em uma fração de segundo, processá-los e tomar uma decisão no tempo que as pessoas normais levavam para piscar. O motorista da van o avistou, sentou-se alto e estendeu a mão para algo no assento ao lado dele.

Six passou dirigindo, perdendo deliberadamente a entrada de carros curvada de Louisa. Enquanto a parte racional de sua mente lhe dizia que ele provavelmente estava aumentando isso fora de qualquer proporção, algo sobre a van e seu motorista havia tropeçado em seus sentidos. Afinal, se apenas metade do que Louisa dissera era verdade, a amostra que faltava era perigosa.

Talvez as coisas tivessem aumentado desde a conversa anterior, e ele se perguntou se Lou o teria chamado se tivessem. Se aquela van realmente fosse um veículo de fuga de algum tipo, então havia pessoas na casa de Louisa, possivelmente armadas. A última coisa que ele queria fazer era deixá-los mais animados. Com absoluta normalidade, para não chamar a atenção para si mesmo, dirigiu para a esquina e estacionou o caminhão. Ele tirou a camiseta branca por cima da cabeça e procurou em sua sacola de ginástica pelo capuz preto. Rapidamente ele puxou-o sobre a cabeça e colocou o capuz

para esconder seu cabelo loiro. Sob as leis de armas restritivas de San Diego, ele não deveria ser capaz de carregar a arma atualmente escondida no porta-luvas, mas ainda não havia uma regra que ele não tivesse encontrado. Por isso ele ficou grato.

Tão silenciosamente quanto possível, ele pulou do caminhão e fechou a porta. Ele não se incomodou com o alarme porque o sinal era alto. Six rastejou nas sombras em direção à casa e nem sequer pensou em guardar sua arma. Não havia ninguém na rua, exceto o motorista da van que ele queria evitar, então ele entrou na garagem do vizinho e avaliou um lugar para atravessar. Um jardim de fronteira separava as duas propriedades. Six olhou para o lado da casa do vizinho e viu luzes na parede com sensores apontados para pontos pertinentes, como o acesso ao portão traseiro e à entrada principal. Ele não queria que eles viessem. Mantendo-se baixo e apertado contra os arbustos, dirigiu-se a um intervalo entre as fileiras de plantas, mas não parou até pôr os pés na entrada de automóveis de Louisa. A janela ao lado da casa estava aberta.

A van que ele viu não era grande, então não podia haver muitos alvos dentro, mas sua principal preocupação era chegar a Louisa. Ele tirou uma foto rápida da van com o telefone e depois calmamente correu até a casa dela e se encostou na parede ao lado da janela. Se isso fosse uma entrega de sapatos ou flores ou algo assim, ele se sentiria o maior idiota do planeta, mas algo em seu íntimo lhe dizia que tudo estava errado. Ele preferia assustar Louisa esperando o pior do que matar os dois, esperando às cegas.

Uma coisa que ele sempre ouvira era que dar uma espiadinha era uma maneira infalível de ser morto. Nove em cada dez vezes havia alguém esperando com uma arma apontando em sua direção. Mas

neste caso, estava escuro e eles obviamente tiveram o cuidado de não serem vistos, então eles certamente não esperavam que ele se aproximasse deles como o bicho-papão.

Six caiu de joelhos abaixo do peitoril da janela e, lentamente, levantou a cabeça para espiar a sala escura. À direita, ele podia ouvir a televisão falando, como na noite anterior. Se Louisa estava lá, ela era um pato sentado. Ele ouviu um grito, mas veio da direção oposta, da cozinha. Ele puxou-se pela janela e rolou pelo chão, parando em uma posição agachada, um joelho no chão, a arma em ambas as mãos apontada para a frente. Rapidamente se levantando, Six pressionou suas costas contra a parede e bloqueou os gritos de Louisa. Seria perigoso para os dois se ele cedesse ao pânico. Em vez disso, ele deslizou ao redor da parede que levava na direção dos gritos de Louisa. A sólida porta da cozinha estava entre ele e Louisa. O melhor de seu treinamento começou como sempre, e ele caiu antes de abrir a porta e rolar para dentro. Quando as portas se abriam, as pessoas automaticamente esperavam que alguém passasse por elas, então os homens armados sempre disparavam alto, em vez de baixo.

Quando as balas voaram sobre sua cabeça, ele avistou Louisa presa atrás de uma mesa. Os dois invasores obviamente estavam prestes a capturá-la, mas a garota esperta se armou e ia dificultar para eles.

"O que o...?" Um dos homens gritou. "Eu pensei que você disse que ela estava sozinha."

Six caiu atrás da ilha da cozinha. Ele não queria filmar porque eles estavam muito perto de Louisa e ele não tinha um tiro claro,

então ele rastejou para o outro lado na esperança de que ele pudesse tranquilizá-la de alguma forma, para ficar calma. Tiros ricochetearam dos armários atrás dele. "A polícia está a caminho", Six gritou. "Você tem talvez três minutos para dar o fora daqui."

Um dos homens se moveu em sua direção e levantou a arma. Six capitalizou o erro do novato e disparou baixo, pegando o intruso mais próximo a ele na panturrilha. Com o canto do olho, ele viu Louisa cair e rastejar por baixo da mesa. Garota esperta. Tomar cobertura era a melhor coisa que ela podia fazer com as balas voando por aí. O outro cara correu para a porta aberta.

O assaltante ferido gritou em agonia e gritou algo em uma linguagem que Six não entendia, mas que soava do Leste Europeu. Como seu parceiro, ele correu para a porta, deixando uma trilha sangrenta atrás dele.

"Você está bem, Lou?" Ele gritou quando ficou de pé.

"Estou bem", ela gritou enquanto corria para fora da porta atrás deles.

Proteger Louisa - afastar os bandidos dela e mantê-los afastados - era sua primeira prioridade. Ele correu para a rua onde a van já estava fazendo a sua saída. O cara que ele atirou estava sendo arrastado pela porta lateral aberta enquanto a van virava a esquina.

Six correu de volta para a casa, trancou a porta da frente, correu para o que ele agora sabia ser a sala de jantar e fechou a janela. Quando ele voltou para a cozinha, ele encontrou Louisa no telefone falando com os serviços de emergência. Ele empurrou o capuz e caminhou até ela para colocar a mão nas costas dela.

"Não, acho que eles se foram", disse ela à operadora do 911, com a voz vacilante. "Certo?", ela perguntou, olhando para ele.

Six assentiu. "Em uma van preta", disse ele, e escreveu a placa para baixo em um bloco de notas no balcão.

Louisa retransmitiu a informação para o operador. "Sim, isso mesmo." Houve uma pausa. "Ok, obrigada", ela disse, e desligou o telefone. Ela soltou um suspiro e caiu contra a ilha.

"Puta merda", ela engasgou. "Puta merda." Sua respiração veio rápida e desigual. “Havia homens em minha casa. Minha casa.”

"Louisa, olhe para mim", disse ele, preocupado com o choque. Intrusão doméstica era muitas vezes duplamente violadora porque ser atacado no lugar que deveria ser o refúgio mais seguro da pessoa fazia com que ela se sentisse incrivelmente vulnerável. Ela levantou a cabeça. Suas bochechas estavam um pouco coradas e sua pele um pouco mais pálida que o normal, mas por baixo disso tudo estava a centelha de raiva.

"Agora você acredita em mim?", Ela perguntou.

* * *

"Você acha que eu não acreditava em você, quando disse que algo estava acontecendo?" Six perguntou incrédulo.

Na verdade, Louisa não sabia o que pensar. Sua cabeça estava girando, aparentemente cheia de informações úteis e inúteis sobre o que havia acontecido. Mais ou menos como todo o material extra em genomas que se acumulou ao longo do tempo, embora não tenha qualquer propósito biológico. Duas semanas atrás, ela estava na

mesma cozinha e tinha tomado café da manhã enquanto se preocupava com uma amostra perdida e planejava contar ao chefe do laboratório sobre suas preocupações. Agora dois homens haviam invadido sua casa, e Six sem dúvida salvara sua vida. Ah, e havia sangue em seus ladrilhos da cozinha, que ela compulsivamente precisava limpar, mas inteligente sabia que precisava sair até a polícia chegar e fazer a pericia. Ela enfiou as mãos trêmulas no cabelo e olhou ao redor da cozinha que amava, sabendo que nunca mais sentiria o mesmo com ela.

"Eu não sei." Ela encolheu os ombros. “Parece que eu estava exagerando, eu acho. Mas tudo isso contribui para a mesma coisa ”, disse ela. "De qualquer forma, isso não importa. A polícia está a caminho, então você deveria ir. Eu vou ficar bem. Estou muito aliviada por você ter vindo.” Sua voz falhou nas últimas palavras, e qualquer tentativa de parecer corajosa desapareceu mais rápido do que a amostra do laboratório. Lágrimas que raramente caíam queimavam os cantos dos seus olhos, e antes que ela pudesse pronunciar as palavras para se desculpar momentaneamente para poder chorar na privacidade do banheiro, Six a puxou para seus braços fortes e envolveu-os com força ao redor dela. Eles se sentiam seguros, reconfortantes até, e ela pressionou a bochecha contra o capuz e fechou os olhos. Embora ela pudesse saber a razão biológica pela qual a adrenalina estava bombeando suas veias agora, isso não tornava mais suportável. Seu corpo inteiro tremeu com força incontrolável.

"Não está bem", disse ele, esfregando as costas suavemente. "Não está certo que alguém invadiu sua casa. E não tente me mandar sair de novo, senhorita” brincou ele. "Porque enquanto eu tenho uma década de experiência em receber ordens para o meu trabalho, eu

não aceito gentilmente na minha vida pessoal. Além disso, se você estivesse pensando direito, você teria percebido que a polícia provavelmente vai querer falar com o cara que colocou uma bala na perna de um de seus agressores."

Eles ficaram em silêncio por um momento enquanto Louisa se concentrava em respirar profundamente. Ela segurou a cintura de Six firmemente. Ela supôs que deveria ser estranho, mas não era. Era reconfortante. Ela podia sentir a força dele, e ela sabia que ele não deixaria nada acontecer com ela.

Louisa inclinou a cabeça para trás para olhá-lo. "Eu quero saber por que você tem uma arma quando San Diego praticamente proíbe o uso de armas?"

Felizmente ele não a soltou. Na verdade, ele a puxou para mais perto e recostou-se contra a ilha da cozinha, colocando as pernas de cada lado dela. "Bem, você pode agradecer ao Xerife Pike no Alabama, por isso."

Sua proximidade estava a confundindo. Seu corpo ainda estava em alerta máximo enquanto sua mão tremia e seu corpo tentava descobrir o que fazer com a instrução química para fugir. Mas então outra parte dela estava muito consciente da maneira como se alinhavam. E como o fato de ele ter ficado um pouco relaxado significava que eles estavam alinhados de uma maneira muito íntima. Ela precisava se concentrar na conversa e não na maneira como a parte interna da coxa dele estava tão quente contra o lado da perna dela.

"O que o xerife Pike tem a ver com isso?"

“Já ouviu falar da Lei de Segurança dos Oficiais da Lei?” Six perguntou, e Louisa balançou a cabeça. “É uma lei federal com mais de uma década que permite que as pessoas responsáveis pela aplicação da lei carreguem armas de fogo ocultas em qualquer jurisdição nos Estados Unidos. Então, consegui que o xerife Pike me substituísse - até consegui provar a estrela de ouro. E agora eu carrego uma arma.”

"Isso soa como um tecnicismo para mim."

Six sorriu. “E meio que é. Agora que você tem um pouco mais de cor na sua cara e parou de tremer, quer me dizer quem eram esses homens ou o que eles queriam?”

Louisa alisou as mãos na frente de seu peito para consertar seu moletom amarrotado e depois endireitou a bainha. Six agarrou as mãos dela e acalmou-as. Suas mãos eram do tamanho de luvas de beisebol em comparação com as dela.

"Eu não tenho certeza. Eles ficaram aqui por um minuto ou dois no máximo. Eles me disseram que queriam que eu fosse com eles, e foi só isso. Não quero pensar que isso tenha algo a ver com a amostra ausente.”

Os pensamentos se acumularam quase rápido demais para processar todos. Coisas assim não aconteciam com ela. Era contra as regras. Suas regras diziam que ela passaria a vida fazendo pesquisas longe de todas as coisas horríveis que aconteciam no mundo. E essa merda certamente não acontecia em Mission Hills. Ela se perguntou se era inteligente manter o fato de que ela havia trocado as duas amostras e descartado a que era perigosa, cinco dias antes. Mas esta era uma oportunidade de ouro para descobrir como a polícia estava

com o roubo no laboratório. Obviamente, Six salvou sua vida, mas ela não queria que ele se metesse em problemas por atirar em um dos homens. Ela nem sabia como isso funcionaria. Não era como se ele estivesse defendendo sua casa. Ele estava defendendo ela com uma arma que ele trouxe com ele, que ela não tinha certeza se era legal. *Porcaria*.

"É tudo uma bagunça", ela sussurrou contra o ombro de Six.

"Eu sei. Mas eu estou bem aqui com você", ele disse suavemente.

Seu coração bateu de novo e sua cabeça parecia grogue, como lama, como se estivesse de ressaca. O que ela realmente precisava era de algum silêncio. Ela tentou se afastar de Six, mas ele não a deixaria se mover. "Deixe-me ir", disse ela, soprando a franja do rosto.

Six balançou a cabeça devagar. "Eu não sei o que está acontecendo, mas você vai contar a polícia passo a passo, e eu vou contar o que eu sei. Então vamos descobrir como fazer você ficar segura esta noite. Então, de manhã, vou ajudá-la a descobrir o que você pode fazer para permanecer segura enquanto isso é resolvido."

E se eles voltassem? Oh Deus. Ela não tinha pensado tão longe. Ela poderia ir para a casa da mãe, mas isso poderia levar as pessoas que a seguiam para a família. Droga. Por que ela já havia decidido que era sobre a amostra quando poderia ter sido uma tentativa de sequestro ou um assalto à mão armada, o que não a fez se sentir menos vulnerável, mas reprimiu todas as teorias da conspiração em sua cabeça? E se ela estivesse excluindo opções importantes? Ela era filha de uma viúva muito rica. Resgate poderia ser uma possibilidade.

Six apertou suas mãos trêmulas, trazendo-a de volta ao presente. "E só para você saber, ficar segura significa aprender a se proteger, querida."

"Eu fiz muito bem", Louisa bufou, sem vontade de assumir o manto de vítima que ela estava construindo em sua cabeça.

"Você segurava um rolo", disse Six, balançando a cabeça para ela. “O que você ia fazer, Betty Crocker[23] até a morte?”

Ela empurrou as mãos contra o peito dele, e desta vez ele a soltou. Nunca lhe ocorrera que alguém violasse sua casa, mas Six estava certo. Se ela olhasse logicamente, ela obviamente precisava atualizar cada elemento de sua segurança doméstica. Ela nem conseguia se lembrar de quando abrira a janela pela última vez na sala de jantar, mas obviamente se tornou negligente em trancá-la depois. E nenhuma de suas luzes externas de segurança se acenderam, o que significava que elas não eram eficazes ou os sensores apontavam para lugares errados. E seu alarme tinha a capacidade de estar apenas nas portas e janelas quando ela estava em casa, mas acordada, mas ela nunca—

"O que está acontecendo dentro dessa sua cabeça?" Six perguntou. "Porque você desaparece dentro dela às vezes e eu me preocupo quando vejo você começar a mexer com as coisas."

Louisa olhou para as mãos e percebeu que estava batendo as bases que colocara no mármore.

[23] Marca de biscoitos.

“Eu estava apenas pensando no que você disse. Acho que me tornei um pouco preguiçosa... parei de me preocupar com a segurança em casa, porque nada realmente acontece aqui. ”

"Ok, vamos olhar para duas coisas. Um, como você protege sua casa, e dois, como você se protege no caso de alguém passar por todas as suas outras defesas.” Ele separou sua franja com o dedo, e isso a fez tremer.

Desde a morte de seu pai, ela não tinha ninguém com quem contar. Assim não. “Por que você está realmente aqui, Six? Não é sobre minhas prateleiras irregulares, é?” ela perguntou baixinho.

Six estudou seu rosto, examinando sua testa, suas bochechas e até seu pescoço antes de encontrar seus olhos. Foi um momento que pareceu muito longo, cheio de... alguma coisa. Potencial, talvez. "Porque você me pediu para ajudar e..."

Ele parou de falar ao som das rodas puxando para o cascalho. Rapidamente, ele desligou a luz da cozinha, e ficou claro que as luzes externas estavam acesas. Com uma corrida rápida, arma disparada, ele correu para dar uma olhada pela janela.

Raios azuis e vermelhos de luz brilhavam na parede da cozinha. Eles eram a melhor coisa que ela tinha visto o dia todo, bem, além de ver a porta da cozinha se abrir e Six entrar, parecendo tão mortal quanto qualquer soldado que ela já tivesse visto. Em retrospectiva, agora que o perigo havia passado, ela percebeu que ele parecia mais quente do que qualquer estrela de ação de Hollywood em um grande filme campeão de bilheteria.

Mesmo quando ela se perguntasse que outra razão ele estava prestes a dar a ela o real motivo por estar lá, ela percebeu que nenhuma das palavras dele, ou a chegada da polícia, significava que ela estava segura.

* * *

"Então, você disse que a amostra do laboratório foi dada como desaparecida por você há uma semana ontem."

"Sim", disse Louisa quando o policial fez anotações em seu relatório. "Tenho certeza que Vasilii Popov, o proprietário do laboratório, já fez um relatório, mas não posso dizer quando ele fez isso."

"Deixe-me apenas obter os detalhes para isso", disse o oficial Meeks. “Despacho, posso obter um relatório por roubo nos Laboratórios VPN?” Ele acrescentou outros detalhes, como o endereço do laboratório. "O queixoso é o Vasilii Popov ou um Ivan Popov."

Six ouviu enquanto o policial repetia a informação que Lou lhe dera via rádio ao despachante para pedir detalhes e informar o número. Six não poderiam culpá-lo por essa perfeição. Além disso, ele notou que Lou estava imediatamente desconfortável com estranhos em sua casa, e o policial tenente tinha sido atento o suficiente para agir de acordo.

Por parte de Lou, ela estava se segurando notavelmente bem, mas uma vez que a adrenalina começou a clarear seu sistema, ele não tinha certeza de como ela reagiria. Uma coisa que ele tinha certeza era que ela não estaria sozinha.

"Eu não quero que o Six entre em problemas", disse ela.

Em tudo o que estava acontecendo, ela ainda estava pensando nele.

O sócio do oficial Meeks enfiou a cabeça pela porta da sala de estar. “Forense está aqui. Eu os coloco na cozinha. E também liguei para o Sherriff Pike no Alabama. Ele corrobora a história do Sr. Rapp.”

Quando a polícia chegou, Six saiu do prédio com as mãos no ar, identificou-se e informou os policiais sobre a localização de sua arma. Em troca, eles estavam levemente irritados com sua interferência e o haviam dito extensivamente sobre não tratar o solo dos EUA como uma zona militarizada, como se eles soubessem o que isso significava. Mas ele faria de novo em um piscar de olhos se a vida de Louisa estivesse em perigo.

O policial Meeks olhou para Louisa. "Sr. Rapp não vai enfrentar nenhuma cobrança nossa. Ele tem permissão para carregar a arma escondido.” Ele se virou e olhou diretamente para Six. "Só esperamos que, da próxima vez, ele demore um segundo para nos ligar antes que as coisas caiam, e não depois."

Six reclinou no sofá e colocou a mão nas costas de Louisa, esfregando-a para cima e para baixo até que ela se endireitou. Esperando que a equipe forense trabalhe rápido, porque enquanto sangue e cartuchos vazios no chão não significam nada para ele, eles significam tudo para Lou. Quanto mais tempo ficavam na cozinha enquanto esperavam a chegada da polícia, mais Louisa olhava para a trilha de sangue. Levou cada grama de persuasão para fazê-la afastar-se da cena do crime e ir até a sala de estar. Vendo pequenos

triângulos de plástico amarelo com números sobre eles cobrindo o azulejo na cozinha certamente não ia ajudar. O choque iria alcançá-la eventualmente, não importava o quanto ela lutasse contra isso. E ele queria que a polícia saísse da casa dela o mais rápido possível, porque ele poderia organizar um plano melhor do que eles.

"G213, isso é um negativo para relatos de invasão no Laboratório VNP", uma voz estalou no rádio. "Eu também procurei sobe os nomes Vasilii Popov e Ivan Popov e não encontrei nada."

Louisa se virou para ele. “Vasilii nunca relatou isso. Eu sabia que ele queria salvar sua reputação, mas a amostra é muito perigosa para ser ignorada.”

Tudo sobre isso o deixava no limite. E de alguma forma ele precisava descobrir como melhor ajudá-la. Isso estava ficando cada vez mais fora de controle. Six agarrou suas mãos firmemente entre as dele. Elas estavam gelados, e ele estava começando a se preocupar com o choque. "Vamos resolver isso com o policial Meeks, e então eu vou ficar aqui hoje à noite. Nós vamos descobrir isso.”

Louisa se inclinou para frente em seu assento e colocou a cabeça entre as mãos. "Eu sabia que isso poderia acontecer."

"Sinto muito, senhora", disse o policial Meeks. "Não conseguimos encontrar nenhum relatório sobre esse incidente, então por que você não me conta o que sabe, começando do início?"

Três horas depois, todos foram embora, deixando para trás um buquê de impressões digitais em pó ao redor das janelas e linhas ao redor do sangue no chão da cozinha. O primeiro trabalho era colocar Louisa na cama. Ele viu os policiais fora da casa e voltou para

encontrá-la caída no braço da cadeira, dormindo profundamente. Sua franja tinha caído para o lado, e ele podia ver seus longos cílios descansando em suas bochechas. Ela o lembrou da correnteza em que ele foi pego quando tinha quinze anos. A água estava um pouco enérgica, mas as ondas pareciam surpreendentes. Ótimas, um pouco agitadas, mas ele estava se sentindo confiante. Seu terceiro passeio do dia tinha ido um pouco fora do curso, aterrando-o bem no meio do rasgo. Ele ficou deitado na prancha e tentou remar, mas a maré continuava a tirá-lo. Ele imaginou que era o que sentia pr ela todos os dias, uma luta exaustiva contra uma maré que sempre a puxava na direção oposta, e ele queria ajudá-la, manter as pessoas longe dela.

Ele cuidadosamente deslizou um braço ao redor das costas dela e o outro sob as suas pernas e levantou-a no ar. Ela virou a cabeça no ombro dele e colocou os braços ao redor do seu pescoço. “Todos saíram?” Ela murmurou.

“Sim, querida. Eles fizeram. Qual é o seu código de alarme?”

"A seqüência de Fibonacci", disse ela através de um bocejo gigante. “…0-1-1-2-3-5-8-13.”

Tão gentilmente quanto podia, ele subiu as escadas até o quarto dela e rapidamente decidiu qual quarto era mais provável ser dela baseado no que parecia mais vivido. Ele deitou-a na cama, e mesmo que ela fingisse odiá-lo por isso de manhã, ele tirou o sutiã sem retirar a blusa para proteger sua modéstia. Era tão importante para ele como seria para ela que ele pudesse olhá-la nos olhos e dizer que ele não tinha visto nada do que ela se envergonharia. Por mais que ele quisesse ser um cavalheiro, ele não resistiu em checá-la um

pouco. Ele esqueceu o encanto dos seios naturais. Seu tipo normalmente poderia dar uma chance a Barbie por seu dinheiro nas estacas de plástico e silício. Mas Louisa é perfeita.

Ele tirou a faixa do cabelo de Louisa para que ela não tivesse dor de cabeça quando acordasse e puxou o edredom do outro lado da cama para que ela não ficasse gelada. Quando ele estava certo de que ela estava confortável e dormindo em paz, ele correu para baixo e verificou todas as portas e janelas. Ele encontrou um conjunto de chaves da casa no corredor e as testou na porta da frente antes de sair e correr para a caminhonete, que felizmente ainda estava onde ele havia deixado. Com um rugido que não podia ser evitado, ele ligou o caminhão, deu a volta e depois voltou pela rua para colocá-lo na entrada da garagem. Não iria parar um assaltante determinado, mas poderia dar uma pausa se eles achavam que Louisa tinha companhia.

Felizmente, sua bolsa de ginástica estava sempre cheia de roupas, já que permanecer em forma era uma grande parte de sua vida. Aos dezessete anos de idade, ele percebeu que ter um pacote de seis e bíceps garantia que ele passasse o verão cercado por garotas de biquínis minúsculos. Durante a faculdade, tinha sido sobre qualquer coisa que lhe desse os melhores tempos de natação. Mas foi quando ele decidiu se alistar que ele levou a sério a força funcional completa. Agora ele treinava todos os dias e sentia-se mal-humorado se não o fizesse. Ele pegou sua bolsa, pulou da caminhonete, trancou-a e voltou a entrar na casa.

Uma vez lá dentro, ele trancou a porta e se moveu para acionar o alarme. Qual diabos era a sequência de Fibonacci, afinal? Ele pegou o telefone e pesquisou. Típico. Algum tipo de fórmula matemática que

aparecia muito na natureza. Era realmente interessante. Enquanto ele tinha o telefone na mão, ele mandou para Cabe uma mensagem. O cara estava no gancho para a retirada do refém, mas ele se sentiria melhor se pelo menos mais uma pessoa fora da polícia soubesse o que havia acontecido com Louisa.

Com a bolsa sobre o ombro, Six subiu as escadas. Seria mais seguro para os dois se eles dormissem no mesmo quarto, só por esta noite, mas como Louisa não estava acordada tempo suficiente para perguntar se ela estaria bem com ele dormindo na cama ao lado dela, ele decidiu ficar no chão, junto à porta. Ele tirou o colchão do quarto de hóspedes da cama e voltou para o quarto de Louisa. Ela ainda estava exatamente onde ele a deixou.

Uma vez que a porta estava trancada, ele fez a cama. A maioria das pessoas odiaria a ideia de dormir no chão, mas Six poderia literalmente adormecer em qualquer lugar. Ele tinha adormecido em pé durante a semana de inverno e em missões, quando às vezes não tinha outra escolha senão pegar uma hora de sono com seu corpo no chão frio e úmido. Assim, um tapete esponjoso, um colchão ridiculamente macio e um par de travesseiros grossos seriam uma melhoria maciça.

Ele tirou o moletom e colocou a camiseta de volta. Enquanto ele estava 99,9% certo de que os homens não voltariam hoje à noite, ele não iria arriscar dormir sem suas roupas ou botas. O combate corpo-a-corpo realizado enquanto se estava nu era sempre uma experiência miserável.

Six apagou todas as luzes e olhou para a cama, onde ele podia ver o edredom subir e descer com a respiração de Louisa. Havia tanta

coisa que ela teria que lidar, e ele rezou para que ela tivesse uma boa noite de sono.

"Boa noite, Lou", ele disse suavemente, e fechou os olhos.

CAPÍTULO SEIS

Por que alguém ligou as luzes? Ainda era o meio da noite, e Louisa estava dormindo até que o brilho do outro lado de suas pálpebras tivesse penetrado em seu sono.

Ela rolou e puxou o edredom sobre a cabeça, deleitando-se com o calor e a escuridão. Com um grande bocejo, ela tentou abrir os olhos, mas a vontade de continuar dormindo ganhou a batalha. Até que ela se lembrou de que vivia sozinha e que os homens invadiram sua casa na noite anterior. Ela jogou para trás o edredom e endireitou-se. Sua cabeça girou com o movimento repentino, e ela lutou para abrir os olhos, achando o mundo uma bagunça borrada.

Quando o coração dela bateu no peito, ela tentou entender o que havia acontecido. Os homens haviam invadido, mas Six a salvara. Se nada mais, ela iria encontrar uma maneira de agradecer-lhe. Louisa balançou a cabeça mais uma vez para limpar o torpor e olhou ao redor do quarto. As cortinas estavam abertas, deixando entrar luz do sol. E uma pmesa de cobertores dobrados no chão estava ao lado da porta, que estava entreaberta. Six deve ter ficado a noite para cuidar dela. O pensamento enviou um arrepio animado através de seu corpo e cortou o pânico. Ele a protegeu. Seu próprio herói pessoal. Era todo o tipo errado pensar nele dessa maneira porque - ela parou o pensamento. Talvez seus toques gentis fossem um pouco mais do que amistosos, mas ele era um tipo de cara paquerador, e percebeu que ele era simplesmente um amigo que decidira ajudá-la.

Ela inclinou a cabeça para ver se conseguia ouvir qualquer som dele ainda na casa. Silenciosamente, ela saiu da cama e foi até o patamar. Parecia que a água corria no banheiro de hóspedes, e ela se perguntou que desculpa poderia inventar para entrar acidentalmente ali. O pensamento de Six, nu, provavelmente coberto de espuma, forçou seus pensamentos do medo à excitação.

Incerta sobre o que fazer com a mistura de sentimentos correndo por ela, ela correu para seu próprio banheiro. Ela não sabia se ficaria ofendida ou aliviada ao descobrir que não dormiu de sutiã. A ideia de que Six poderia ter visto seus seios era tão excitante quanto horripilante. Louisa colocou suas roupas sujas no cesto de roupas e rapidamente fez sua própria rotina matinal.

Depois de tomar banho e secar o cabelo, ela usou um pouco de rímel e brilho, incomum para ela no seu dia-a-dia. Era um gesto tolo da parte dela, ela sabia disso, mas por alguma razão parecia importante transmitir o fato de que ela estava de volta ao controle e não era provável que desmoronasse novamente como na noite anterior. Hoje seria sobre fazer planos. Ela se perguntou se poderia contratar alguém da empresa de Six, a Eagle Securities, para acompanhá-la naquele dia. Se a invasão da noite anterior e a amostra fossem conectadas, ela não se sentiria particularmente segura de outra forma.

Detalhes, detalhes, detalhes. Ela teria que passar por tudo em sua cabeça e documentar o máximo que pudesse. O laboratório tinha diretrizes de segurança muito específicas. Os laptops eram propriedade da empresa e precisavam ser deixados no laboratório, o que tornava tudo isso ainda mais estranho. Embora Louisa não tivesse dado a ninguém suas senhas, tinha certeza de que qualquer

pessoa de TI sem cérebro poderia acessar rapidamente os arquivos e as informações. Ela nunca conseguiu trazer informações do laboratório para casa ou até mesmo enviar arquivos por e-mail para si mesma. Sempre cumpriu as regras, nunca tentou usar outros meios eletrônicos. Assim, todas as suas notas de pesquisa eram agora propriedade dos Laboratórios VNP. Ela precisava passar o dia baixando cada coisa que podia lembrar. Felizmente, ela fazia anotações pessoais todos os dias quando chegava em casa, então ela tinha muito material de referência. O problema, porém, era que suas anotações manuscritas não provavam a ninguém que a amostra realmente existia.

Porcaria. A igreja. Ela prometeu a mãe que ela iria levá-la para o serviço a tarde, e levá-la alguns mantimentos.

Ela abriu a porta do armário e tirou um vestido turquesa, que ela apertou com o cinto de couro marrom. Ela encontrou suas botas marrons favoritas no fundo do armário, então as calçou também. De todas as coisas que ela estava pronta para enfrentar, Six não era uma delas. A ciência em geral tinha leis, equações que sempre somavam. Era limpa e ordenada e sempre poderia ser explicada. Mas a biologia era um mundo próprio. Claro, a anatomia de tudo isso era bem entendida, mas o coração dela, não o órgão físico, mas as partes que permitiam a um humano sonhar, experimentar emoções complexas e chorar nos vídeos estúpidos que se tornaram virais a cada segundo do dia, ainda eram um mistério. Se eles fossem totalmente compreendidos, não haveria utilidade para aplicativos como o Tinder. Você só poderia carregar seu perfil biológico para encontrar alguém que se sentiria da mesma maneira que você e o resto seria garantido. Ela não tinha nenhuma explicação biológica para seus sentimentos sobre Six, mas ela sabia que lhe devia um

agradecimento e não poderia se esconder em seu quarto pelo resto do dia.

Louisa cautelosamente desceu e se apoiou na porta da cozinha. Haveria limpeza para fazer, mas, por enquanto, para sua própria saúde mental, ela precisava ignorar a mancha de sangue que ela conhecia que cobria os ladrilhos do outro lado. Ela empurrou a porta e foi saudada pelo cheiro de café e bacon. E tanto quanto ela amava os dois, nenhum dos dois era compatível com a visão impressionante de Six vestindo nada além de um par de shorts que rodava baixo em seus quadris enquanto cozinhava. *Ombros sagrados*. Aprender os principais grupos musculares era a biologia 101, mas ela não tinha ideia de que o grande dorsal e o principal rombóide parecessem tão bons...

"Você está bem aí, Lou?" Ele perguntou sem se virar.

Havia humor em sua voz, e ela soube imediatamente que ele a tinha encarado - embora ela não soubesse como.

"Seus passos pararam quando você atravessou a porta", ele respondeu, lendo seus pensamentos. "Eu não ouvi o balanço da porta fechada, o que significa que você ainda está segurando, e ainda por cima…", disse ele, voltando-se para olhar para ela, "…eu podia ver seu reflexo na janela. Bom dia, Louisa."

Ela imediatamente soltou a porta, deixando-a fechar atrás dela, e desviou o olhar, desesperada para encontrar algo que pudesse tirar sua atenção dele e da tatuagem sexy-como-todo-o-inferno que subiu por suas costas e por cima do ombro.

Seus olhos foram direto para as prateleiras, que agora estavam retas.

"Espero ter colocado tudo de volta no lugar certo", disse Six, acenando com a mão na direção da louça e copos que foram colocados aleatoriamente sobre eles. Ela poderia arrumá-los mais tarde.

“Eu aprecio isso. Obrigada”, ela murmurou enquanto se dirigia para a cafeteira, ainda envergonhada por ser pega olhando. "Posso te pegar uma xícara?"

Quando ela estendeu a mão, uma mão deslizou por cima da dela. Ele a encarou silenciosamente. “Eu estava apenas brincando com você, Lou. Como você dormiu?” Ele perguntou, movendo a mão dela. Ele tirou uma caneca do armário e serviu café cheio de vapor. Quando ele entregou a ela, ele fez aquela coisa, aquela em que ele empurrava a franja do seu rosto, mas ela não conseguiu se livrar da mão dele. Em vez disso, ela se preparou e olhou para ele.

Louisa forçou os ombros a relaxar. “Melhor do que eu pensei que fosse. Você dormiu no chão?”

O cuspir e assobiar da panela a fez pular, e Six correu de volta para a panela para tirar o bacon e colocá-lo em toalhas de papel para drenar a gordura.

"Isso é literalmente a segunda vez que você salvou meu bacon", Louisa disse, e tomou um gole de café para ajudar a combater o sorriso.

Six riu enquanto colocava a espátula no chão. “Você acabou de contar uma piada, Louisa North? Porque isso pareceu muito um trocadilho.” Ele começou a montar o que parecia ser BLTs[24].

"Sabe-se que isso acontece", disse ela, pegando o suco de laranja da geladeira. Ela pegou dois copos das prateleiras abertas e colocou tudo nas banquetas do lado oposto da mesa.

Sua boca se encheu com o cheiro do café da manhã. Bacon era a única razão pela qual ela não podia se intitular vegana. Ela tentou desistir de proteína animal por razões de saúde, mas quanto mais tempo ela se privava de bacon, mais ela pensava em comê-lo, até que ela admitiu que comer um uma vez por semana não era realmente o fim do mundo. Six deslizou um prato na frente dela, e ambos se sentaram nas banquetas. Louisa mordeu o sanduíche e gemeu. Ele usou muito mais maionese do que ela teria, mas provavelmente era por isso que o gosto era tão bom.

"Obrigada", ela murmurou com a boca cheia de comida.

Educadamente, Six esperou até terminar de mastigar.

"Por nada. Espero que você não se importe comigo usando sua comida. E para responder à sua pergunta, sim, eu dormi no chão, mas não foi nada demais. Eu dormi em lugares muito piores.”

Louisa conseguiu engolir. "Você não precisava fazer isso. Você poderia ter dormido em um dos quartos de hóspedes.”

---

[24] O BLT é um sanduíche muito popular. Mas o que quer dizer BLT? B é BACON; L é LETTUCE (alface); T é TOMATO (tomate). Estes são os ingredientes deste sanduíche clássico que ainda leva maionese (mayonnaise) e é claro, pão (bread).

“Tornou mais fácil para mim mantê-la segura, tendo nós dois no mesmo lugar. Mas você precisa pensar sobre o que irá fazer agora. O que você vai fazer hoje?"

A pergunta dele atraiu os olhos dela para o chão, mas o sangue sumiu, e quando ela olhou em volta, percebeu que todos os outros sinais do arrombamento haviam sumido também.

"Você limpou?", Ela perguntou.

Six olhou para o prato e deu outra mordida na comida. Ele deu de ombros enquanto mastigava, como se o que ele fez não fosse grande coisa. “Alguns dos meus rapazes trouxeram alguns produtos de limpeza essa manhã. Há algumas coisas com as quais você nunca deveria ter que lidar na vida, e uma enorme possa de sangue de outra pessoa, especialmente o sangue de seu inimigo, é uma delas.”

Louisa colocou a mão no braço dele. Era macio, quente e coberto de cabelo loiro e macio. "Obrigada, por tudo que você fez por mim", disse ela.

Quando seus olhos encontraram os dela, ela sentiu um pequeno chute no estômago. “A qualquer hora, Louisa.”

* * *

Havia poucas coisas que fizeram Six desejar o isolamento de estar empoleirado no topo de uma colina com seu rifle em um país do Oriente Médio, mas o Home Depot[25] em um domingo era um deles.

[25] A The Home Depot, Inc., ou simplesmente Home Depot, é uma companhia varejista norte-americana que vende produtos para o lar e construção civil.

Louisa tinha ido para a casa da mãe para levá-la à igreja. Enquanto ela tomava banho, ele inspecionou seu carro e seu caminhão para qualquer tipo de dispositivo de rastreamento, não que ele tivesse dito a ela. Ela estava claramente abalada com a invasão, e a última coisa que ele queria fazer era fazê-la se sentir insegura em seu carro, assim como em sua casa.

Ela parecia bonita como uma foto naquele vestido turquesa, e ele queria dizer a ela quando ele a viu entrar em seu carro, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Se ele as tivesse dito, ela poderia ter tido ideias, e se tivesse ideias, então ele provavelmente teria embarcado com elas. Em vez disso, ele a seguiu até a estrada, garantindo que ela não tinha perseguidores, onde foi para o norte até Torrey Pines, e ele se dirigiu a Eagle Securities para dar apoio à extração da garota no México. Uma vez que o avião estava de pé e voltando para os EUA, ele soltou um suspiro enorme de alívio. Seu primeiro grande trabalho acabou e foi um sucesso.

No entanto, sua mente ainda estava em Lou. Ele puxou outro pacote de fechaduras pra janelas da prateleira. Estes eram um muito mais efetivo do que os que ela tinha atualmente instalado, e por todas as contas nunca usadas. Havia um milhão de outras maneiras de ele preferir passar seu domingo do que tentar encontrar produtos em corredores estreitos com cerca de dez mil itens iguais, mas ele se sentia incapaz de simplesmente deixá-la com seus próprios dispositivos. Ele precisava saber que ela estava segura. Que suas malditas janelas estavam trancadas. Que ela instalou a CCTV. Então aqui estava ele sozinho em uma loja de ferragens.

Porra.

Um ruído barulhento, como disparos semi-automáticos, soou à sua esquerda e seu batimento cardíaco elevou-se a um ritmo perigoso. Ele se forçou a segurar a prateleira de metal e olhar na direção do barulho. Um garoto, brincando com uma prateleira cheia de equipamentos e acessórios, estava sendo expulso por seu pai envergonhado enquanto suprimentos de encanamento soltos caíam no chão, o som de metal batendo no concreto ressoando pelo corredor. Six se forçou a respirar pelo nariz e soltar o ar pela boca. *Estou bem*. Ele repetiu, repetidamente. *Estou bem*.

Se ele dissesse o suficiente, ele poderia acreditar. E, ao contrário das partes do encanamento, ele não batia no chão, o que era um bom sinal. Não era?

Seu telefone tocou e ele o pegou do bolso. A visão do rosto de Lou em sua tela não deveria ser tão reconfortante, não é?

"O que foi, Lou?" Ele disse, jogando seis pacotes das fechaduras em sua cesta.

"Isso vai soar muito estranho", disse ela, com a voz embargada. "Mas você não pediu a um dos seus homens para ficar perto de mim hoje, não é?"

"Onde você está?", Ele perguntou. Deixando cair o cesto de compras no chão e saindo apressado pela saída. Bloqueios de janelas não seriam a resposta para suas orações.

"Estou voltando da casa da minha mãe, mas eu vi esse carro do lado de fora do estacionamento da igreja e depois estava atrás de mim quando... quando entrei na mercearia. Acho que está atrás de mim agora, cerca de dois carros na estrada."

A estrada. Droga. Seria impossível chegar até ela facilmente. Ele teria que ir para o norte, em seguida, virar, tentar chegar por trás dela.

“Você está perto da saída da Home Depot? Você pode dirigir diretamente para mim, Lou?”

"Estou a poucos minutos de distância." O alívio passou por ele. Isso facilitava a vida.

"Ok, você está indo muito bem. Você não precisa fazer nada louco, Lou. Apenas mantenha-o firme, mas não pare. Salte uma luz vermelha se você precisar. Vou colocar o caminhão no canto traseiro esquerdo da loja, onde há um pouco mais de espaço. Apenas dirija direto para mim.”

"Você acha que é quem tentou me pegar ontem?" Ela perguntou, e ele podia ouvir as lágrimas em sua voz.

Six pulou em seu caminhão e ligou o motor para que ele pudesse se posicionar. “Não faço ideia, Lou. Mas continue vindo até mim. Descreva o carro para mim. Como ele é?” Uma vez estacionado novamente, ele puxou seu SIG[26] de seu coldre e deu a volta na traseira do caminhão.

“É prata, algum tipo de sedan. Há dois homens nele. Ele tinha um logo prateado… Honda… Toyota… eu não sei, na frente, mas eu não sei o que é. Eu acabei de sair da estrada. Meu Deus. Eles me seguiram, Six. Eles estão apenas um carro atrás de mim.” Sua voz

[26] Um Sistema de Informação Geográfica é um sistema de hardware, software, informação espacial, procedimentos computacionais e recursos humanos que permite e facilita a análise, gestão ou representação do espaço e dos fenômenos que nele ocorrem.

disse-lhe tudo o que ele precisava saber. Ela estava se esforçando para ficar calma, mas era uma tarefa quase impossível.

"Menos de três minutos até chegar à loja", disse ele, asperamente. "Eu estou esperando por você. Eu estou atrás do caminhão. Apenas fique focada." Ele testemunhou o momento em que seu Audi apareceu. O carro prateado passou pela saída, mas ele tinha a sensação de que não iria longe. "Parte traseira esquerda, Lou. Você está indo em minha direção, siga em frente ao caminhão e espere que eu vá buscá-la."

Ela fez o que ele pediu, e ele teve um flash de suas feições pálidas e olhos vermelhos quando ela deslizou ao lado dele.

Ele correu para o lado dela do carro. Não havia como dizer quanto tempo ela havia perdido o carro prateado. Eles provavelmente estavam estacionados na saída, prontos para segui-la novamente. Six abriu a porta e ela caiu em seus braços. Seu corpo tremendo violentamente.

Para mantê-la segura, ele fez a única coisa em que conseguiu pensar, puxou-a em seus braços, girou-a contra o caminhão, protegendo-a com seu próprio corpo e pressionou os lábios contra o pescoço dela. Para chegar até ela, eles precisavam passar por ele, mas também tinha outros dois benefícios. Primeiro, ajudaria ela a se acalmar, e segundo, havia a pequena possibilidade disso ajudar a escondê-la daqueles que a estavam perseguindo.

"Você está segura, Lou, por enquanto. Mas eu preciso que você aguente firme por mais algum tempo."

Ela engasgou de surpresa, e ele correu as mãos pelas costelas para acalmá-la. Ele sabia que o movimento a distraíria. *Droga*. Estava perto de distraí-lo também. Louisa congelou quando ele tentou ignorar o jeito que ela se sentia pressionada contra ele e se concentrou na tarefa de suas mãos. "Relaxe. Envolva seus braços em volta de mim, querida. Eu vou te levantar até o caminhão. OK?"

"Certo" Ela sussurrou, sua voz instável.

Six fez como prometeu e se moveu ligeiramente, diminuindo seu peso contra seu corpo mas ainda se usando como um escudo. Não ficou claro para ele se as pessoas que a perseguiam queriam que ela estivesse viva ou morta, mas ele não arriscaria que eles pudessem aparecer e atirar nela. Ele alcançou e abriu a porta do passageiro. Em um movimento reminiscente de algo que um amante brincalhão faria, ele a levantou no assento. “Aperte o cinto e, quando eu sair para a estrada, se abaixe e mantenha a cabeça baixa. Se eles estão seguindo você o dia todo, tenho que acreditar que eles nos seguirão agora. Não posso ter certeza que eles não viram você trocar de carro, então precisamos agir como eles. Eles estavam armados na noite passada, então temos que assumir que eles estarão hoje.”

"O que faremos se eles nos pegarem?" Sua pele estava pálida e seus olhos castanhos arregalaram quando ela fez o que ele pediu.

"Eles não vão. Confie em mim."

Ele fechou a porta, correu até o seu lado e pulou no caminhão. Não importava quem estava atrás das rodas daquele veículo, ele lançaria suas habilidades de condução de emergência contra qualquer um. Elas o deixaram livre de problemas mais vezes do que

se lembrava em Fallujah. Ele colocou o cinto de segurança e colocou a arma no assento entre ele e Louisa.

"Você não sabe como usar isso, não é?" Ele perguntou quando eles saíram da garagem.

"Eu assinei o registro de controle de armas."

"Claro que você fez", disse ele com uma piscadela quando puxou um freio de mão para fora da loja de ferragens.

Louisa agarrou a maçaneta acima da porta, como se estivesse agarrando à sua preciosa vida, enquanto aceleravam até a saida e depois aceleravam com força para a estrada. O carro estava logo atrás. Parte dele se perguntou por um milésimo de segundo se ele não deveria levá-la de volta ao complexo da Eagle Securities, mas o tráfego para a cidade era sempre pior a essa hora do dia, então sair de lá fazia sentido.

"Por favor, diga-me que você tem um plano", disse Louisa, enquanto se esforçava para se virar para trás.

Six olhou pelo retrovisor e viu o carro. Estava chegando perto deles enquanto ele tentava evitar os outros veículos ao redor deles. “Eu sempre tenho um plano. Eu sou como Hannibal.”

"Lecter?", ela perguntou.

"Não, do The A-Team", disse ele ao passar as luzes em um cruzamento importante, prendendo o carro atrás deles. “Adoro quando um plano se junta. Estamos prestes a nos livrar do carro.”

Ele checou novamente atrás deles. "Merda", ele rosnou quando o carro os seguiu novamente. Ele estava chegando perto deles o tempo

todo. “Agarre a arma, Lou. Se o carro se aproximar e começar a atirar, incline-se para trás do pilar do cinto de segurança, mas fique à vontade para atirar de volta. Aponte para os pneus. Será o suficiente para tirá-los da estrada.”

Além disso, ele não queria que ela tivesse que lidar com a realidade de matar um homem.

Ele correu para a rodovia, movendo-se rapidamente pelas pistas para contornar caminhões e motoristas lentos. O carro seguiu seu caminho. Uma saída estava chegando e ele checou as pistas. O carro estava preso a um veículo ao lado, de modo que Six desviou o caminhão em linha reta através das pistas, atravessou o rebordo de cascalho e subiu a rampa de saída.

Louisa gritou ao lado dele. "Ah Merda."

Ele estendeu a mão para acariciar sua perna em conforto.

"Mãos no volante, Rapp", disse ela, empurrando a mão dele.

Six gritou quando ele verificou o retrovisor. "Agora eles se foram", disse ele, mantendo o pé no pedal.

"Eu acho que vou ficar doente", disse Louisa.

"De verdade?", Ele perguntou. "Porque eu não tenho certeza se seremos amigos se você vomitar no meu caminhão." Louisa deu-lhe um olhar sério, e ele não pôde deixar de sorrir. Os civis nunca realmente entenderam a necessidade de brincadeiras despreocupadas nas situações mais terríveis, mas muitas vezes isso o manteve são.

"Bem, na minha busca por vida ou morte, farei o meu melhor para não sujar seu veículo precioso. Tem certeza de que eles se foram? ”Ela perguntou, virando-se em seu assento para olhar pela janela traseira.

Não havia como o carro o ter seguido na saída. "Definitivamente."

"Então, onde você está me levando?" Louisa perguntou quando passaram por outra saída.

"Minha casa.”

* * *

Louisa não se lembrava da última vez em que fizera o caminho para Encinitas, mas esquecera como era verde e exuberante comparada com a vizinhança dela. Embora as gramas estivessem mortas, passavam por sebes arbustivas, vibrantemente decoradas com flores vermelhas.

Ela tentou reprimir o pânico crescendo dentro dela. Eles ligaram para o policial Meeks do carro, e Louisa ficou chocada com todos os pequenos detalhes que Six conseguia lembrar, desde a placa do veículo até as descrições dos homens que estavam sentados lá dentro. Tudo o que ela conseguia lembrar era o jeito que ela tinha sido jogada de um lado para o outro enquanto Six tinha tomado os cantos e curvas em alta velocidade. Ah, e seu desespero para evitar ser baleada. E o jeito que Six a segurou, seus lábios roçando seu pescoço, antes que ele a levasse para o caminhão. Ele não a tocou desde que disse a ela que tudo tinha sido um armação para levá-la para o caminhão com segurança, o que ela apreciou profundamente e ainda assim...

Ela tentou prestar atenção quando Six explicou a ela porque o que havia acontecido era uma coisa boa. Algo sobre câmeras de circuito fechado e câmeras de tráfego rodoviário aumentam as chances de a polícia acertar alguma coisa. Louisa entendeu a lógica, mas ela ainda estava processando o terror de perceber que alguém realmente estava querendo pegá-la e ela não sabia por que, embora tivesse que ser uma idiota para não concluir que tinha a ver com o laboratório.

"Você se importaria se desligássemos o ar-condicionado e abríssemos um pouco as janelas?", Ela perguntou, flexionando os dedos por um momento para tentar fazer o sangue fluir através deles. Eles estavam como cubos de gelo, e ela enfiou as mãos entre as coxas para um pouco de calor.

"Desculpe, Lou", Six disse quando eles saíram da estrada que tinham estado por um tempo, entrando em uma rua mais tranquila. "Eu deveria ter percebido que você poderia estar com mais frio, mas estamos bem aqui. Você está bem?"

Ela tirou o carregador do celular da tomada e começou a endireitar o cordão amarrado. “Eu estaria mentindo se dissesse sim. Pela segunda vez em vinte e quatro horas, alguém tentou, o que…? Me matar?"

Six olhou para ela e suspirou. "É um conforto frio, querida, mas se eles quisessem você morta, eles teriam matado você na noite passada. Eles tiveram tempo antes de eu chegar lá, mais você disse que eles disseram que queriam que você fosse com eles. O que quer que eles queiram com você, eles querem que você viva para fazer isso.”

Seu estômago se agitou com o pensamento. "Não tenho certeza de que isso me faz sentir muito melhor."

Ele pegou uma das mãos dela e apertou-a. "Confie em mim. Estar vivo é a melhor coisa do mundo. Se você está vivo, você pode lutar, você pode pensar, você pode até esperar que alguém venha buscá-lo.", ele disse apaixonadamente. "Você pode voltar de qualquer lugar que eles possam te levar. Mas não há como voltar dos mortos. Isso é tão final quanto parece."

Louisa apertou sua mão com força. Porque havia muito sentimento nas palavras, ela estava confiante de que ele falava por experiência.

"Você se importa se eu fizer uma ligação?" Louisa perguntou. "Eu vou perder a coragem se eu não fizer isso agora."

"Claro", Six disse, soltando a mão dela, e ela se arrependeu no momento em que os dedos dele escaparam dos dela.

Ela pegou o telefone e ligou para Vasilii.

"Louisa. Como você está?" Ele disse em seu tom geralmente agradável. "O que você está fazendo hoje?"

"Por que você não ligou para a polícia sobre a amostra desaparecida, Vasilii?"

Houve uma pausa longa e fértil do outro lado da linha telefônica e finalmente Vasilii tossiu gentilmente. "Louisa. Você sabe o quanto é importante a reputação do laboratório. Ainda estamos tentando..."

"Você quer saber o que aconteceu comigo ontem à noite? Dois homens tentaram invadir minha casa e me sequestrar. E esta manhã,

fui perseguida por dois homens ao redor do bairro da minha mãe e de volta para casa.”

“Caro senhor, Louisa. Você está bem?” A preocupação em sua voz soou genuína, deixando-a confusa.

"Por agora. Sim. Mas eu disse à polícia sobre o arrombamento no laboratório. Eles foram os que me disseram que não tinham registro disso. Vasilii, sinceramente acho que você arriscou a minha vida e a de Ivan.”

Six estendeu a mão sobre o assento e esfregou sua coxa, suas grandes mãos segurando-a suavemente. Ela colocou a mão sobre a dele e entrelaçou os seus dedos.

"Espere. Você acha que essas coisas estão conectadas”, disse Vasilii. “Isso parece uma conclusão muito grande. Você é a única filha do extremamente rico Isaías North. Pode haver outros motivos. O que a polícia disse?”

Em vez de dizer a ele, ela decidiu se conter. Como ela não tinha certeza se poderia confiar nele ou não, não fazia sentido contar mais. “Eles provavelmente vão querer fazer algumas perguntas. Sobre o que aconteceu. Ver qualquer evidência que você coletou neste pesquisa interna de vocês.”

"Louisa, eu não gosto da insinuação..."

"Eu preciso de um tempo fora", Louisa disse rapidamente. Ela realmente não queria discutir. Ela queria um pouco de comida e uma cama. Segurança seria legal. "Há algumas coisas que eu preciso cuidar, e eu simplesmente não sinto que posso..."

“Eu entendo, Louisa. Tire o tempo que você precisar, então voltaremos a conversar. Você está segura? Você tem algum lugar para ficar?”

Six virou o carro para uma estrada lateral e soltou a mão dela. Ele passou um pouco por uma entrada de carros, depois se virou, evitando uma caixa de correio branca e dois postes de vedação com velocidade e precisão que lhe diziam que ele fizera isso milhares de vezes antes.

"Sim, eu tenho", disse ela. “Adeus, Vasilii.”

Ela terminou a ligação e olhou para Six.

“Mi casa es tu casa”, ele disse.

Minha casa é sua casa.

Não era sua casa, mas era seguro, e ela era incrivelmente grata. "Obrigada por me trazer aqui", disse ela.

Louisa saltou do caminhão e conseguiu seu primeiro olhar real para a linda casa de dois andares. Não era o que ela estava esperando. Para Six, ela imaginou algo elegante e brilhante. Muito vidro e cromo. No entanto, os luxuriantes jardins e o belo telhado de terracota não pareceriam fora de lugar na frente de um cartão de saudação.

Ela pegou sua bolsa do chão do caminhão e fechou a porta.

"Deixe-me dar-lhe um passeio pelo lugar", disse Six quando ele se aproximou por trás dela. Ele colocou a mão nas suas costas, e ela se lembrou do comportamento dele no caminhão. Amigável, atencioso, mas não… mais. Não importava o quão bom tivesse sido a mão dele

sobre ela, eles eram apenas amigos, e ele estava apenas sendo educado, conduzindo-a pelos degraus. Em vez disso, ela tentou se concentrar no padrão de tijolos vermelhos que levava à porta da frente.

"Está uma bagunça," Six disse se desculpando. “Eu tinha inquilinos aqui há vários anos e só voltei na semana passada. Então minhas coisas estão todas espalhadas, o que eu já sei que você vai odiar.”

Era engraçado o quão bem ele estava vindo a conhecê-la, e enquanto a ideia de que ele estava vivendo fora de caixas a fez coçar como um suéter de lã barato, ela morderia a língua e lidaria com isso.

"Eu tenho certeza que vou ficar bem", disse ela. "Eu aprecio você me trazer em algum lugar seguro para que eu possa fazer novos planos."

Six abriu a porta e entrou em um corredor estreito que levava direto para a sala de estar, um grande espaço com chão escuro e paredes brancas escassamente mobiliadas. Caixas se alinhavam na parede ao lado da porta, e um sofá bem gasto cobria o oposto.

"Sala de estar", disse ele, levando-a por duas poltronas vermelhas enfiadas em uma alcova e por um arco que levava a uma pequena sala de jantar mobiliada com uma pequena mesa de madeira e quatro cadeiras pretas. Um segundo arco levava a uma cozinha com armários feitos de pinheiro amarelo e uma bancada branca de serviço.

“Eu odiei esses contadores quando a vovó os instalou, e eu ainda os odeio agora. Vai ser uma das primeiras coisas a ir fora quando eu conseguir o dinheiro para isso”, disse ele. “Sirva-se de tudo o que encontrar na geladeira. Vamos precisar fazer compras esta tarde de qualquer maneira. ”

Duas coisas a atingiram quase simultaneamente. Primeiro, eles não discutiram o pagamento por seus serviços de segurança, e embora não parecesse que ele precisava do dinheiro, ele obviamente tinha planos que exigiriam isso. E segundo, ele disse a palavra "nós vamos". Vamos às compras. Ele achava que ela estava ficando?

Eles vagaram por um corredor, e ele apontou para um escritório e banheiro. "Este é o meu quarto", disse ele quando entraram em um belo quarto com grandes janelas e portas de pátio que levavam a um terraço em estilo de pátio.

"Eu compraria esta casa apenas para este quarto", disse ela, observando os guarda-roupas de tela shoji e os tetos pintados de branco com vigas de madeira.

Six sorriu. “Eu me sentia da mesma maneira toda vez que eu ficava quando criança. Além disso, eu precisava de um quarto que pudesse levar uma cama king-size na Califórnia, porque se eu puder nunca mais dormir em uma cama onde meus pés fiquem pendurados, será bom demais.”

Louisa olhou para a cama, que, como ele apontou, era enorme. De repente, ela estava muito ciente de que ela estava de pé no quarto onde ele provavelmente dormia nu, e seus olhos estavam sobre ela. Ela nunca pensou muito sobre a noção de predador e presa até hoje. Mais cedo, durante a perseguição de carro, ela claramente era a

presa, e tinha sido assustador como toda a merda. Mas agora, de pé em seu quarto, o ar entre eles positivamente estalando, ela se sentia a presa de um tipo diferente.

Sentindo-se ousada, ela olhou para ele. Era o seu sorriso. Ele parecia um herói pensativo da capa de um dos livros de romance que sua mãe tanto adorava.

“Então ela disse, enunciando muito mais letra “o” do que havia na palavra. "Eu deveria fazer algumas chamadas, eu acho, para que eu possa sair do seu caminho.”

Six sorriu de novo, as três pequenas linhas que tinham franzido a testa, indo tão rapidamente quanto haviam chegado. “Não vai acontecer, Lou.” Ele passou por ela, pegou a mão dela e levou-a para outro quarto do outro lado do corredor. "Eu decidi que você não está segura, então você não vai a lugar nenhum até chegarmos ao fim do que está acontecendo. Este é o seu quarto. Banheiro por lá.” Ele inclinou o queixo na direção de uma porta branca ao longo da parede distante.

Não vai a lugar nenhum. Mas ela não podia ficar aqui. Com ele. Mesmo que parecesse o lugar mais seguro do mundo quando ele estava lá, seus bíceps esticando as mangas de sua maldita camiseta e o contorno fraco da arma em sua cintura. "Você quer que eu fique... aqui... com você?"

"Pra onde você vai? Se você acha que alguém pode cuidar de você melhor do que eu, você sempre pode sair. Você não é minha refém", disse ele, recuando e levantando as mãos no sinal universal de rendição. "Eu só não quero que você pense que você tem que sair. Deixe-me ajudá-la.”

* * *

Se ela achava que ele a deixaria ir depois de tudo que passara nas últimas vinte e quatro horas, ela estava enganada. Quando ele disse que não iria mantê-la como refém, ele só queria dizer isso. Se isso significasse empurrá-la na cama que estava a um pé atrás dela e mantê-la ali por um tempo para persuadi-la, então ele faria exatamente isso. Porque estar encostado a ela perto do caminhão, estar tão perto dela a ponto de sentir o cheiro de maçãs verdes que lhe davam água na boca, era quase mais do que ele podia suportar.

E não foi apenas o fato de que ela cheirava tão bem. Ela era corajosa como merda diante do que deve ter sido uma provação terrível para ela. A admiração nem sequer começou a descrever o que ele sentia por ela agora, e quanto mais tempo ele passava com ela, mais ele queria aprender sobre ela. Seu corpo, não utilizado para ser negado, estava em total concordância e tinha estado desde que ele tinha verificado aqueles seios doces dela na noite anterior.

Todos os pensamentos de seus planos, suas regras para si mesmo, estavam evaporando rapidamente.

Além disso, nem ela conseguia negar o que acabara de passar entre eles no quarto dele. Em algum lugar ao longo da linha, ela encontrou seu caminho sob sua pele, e ele estava além de intrigado, embora determinado a não apressar as coisas. Ela tinha o suficiente para lidar sem ele sujar a água. O que ela precisava agora era que ele se comportasse como o agente treinado que ele era e a ajudasse a descobrir o que diabos estava acontecendo em sua vida. O que exigia um plano. E ação que não era nem mesmo remotamente sexual por natureza. O resto poderia chegar a tempo, e por enquanto, ele estava

resolvido que a única ação que seu pau iria conseguir viria de uma garrafa de óleo de bebê e sua mão no chuveiro.

“Você quer que eu fique aqui?” repetiu ela, e foi até uma pintura na parede, que ela endireitou.

"Sim. Eu quero. A casa pode estar uma bagunça, mas a única coisa que fiz desde que cheguei em casa é instalar segurança.” Um amigo dele o tinha ligado com tudo, desde alarmes de portas e janelas até luzes de segurança e CCTV que não só capturavam o que estava ao redor do perímetro de sua casa, mas também o que estivesse inclinado em direção ao sinal de parada no final da estrada para que qualquer pessoa que entrasse e saísse da rua fosse capturada. Era tudo alimentado ao vivo para seu laptop e gravado. “Eu também tenho uma arma segura, impressão digital controlada, que tem tudo que eu preciso para nos proteger. Eu durmo com meu SIG carregado na mesa de cabeceira. Você pode dormir com um no seu, se quiser, mas só depois que eu te ensinar a atirar na maldita coisa.”

Six calou a boca e esperou que ela terminasse de endireitar o travesseiro que ela estava fixada no momento.

"Sinto muito por me impor a você assim", ela disse, e finalmente olhou para ele novamente.

Como poderia ser que o mundo parecia se encaixar quando ela fazia? Ele caminhou até ela e colocou as mãos nos seus ombros. "Você não está impondo, embora você possa ficar doente da minha casa antes que eu fique doente de você." Ele puxou-a para um abraço e beijou o topo de sua cabeça suavemente, mas mesmo que ela se sentisse perfeita em seus braços, ele se afastou rapidamente, mantendo-o breve e amigável.

“A primeira coisa que precisamos fazer é chamar Meeks de volta e dizer a ele onde estamos e que você está segura. Tenho certeza de que precisaremos ir vê-lo, ou pelo menos fazer com que ele venha aqui e faça uma declaração oficial. Vamos manter a polícia informada daqui.”

“Então o que acontece agora?” Ela perguntou, e sacudiu a franja para o lado. Droga. Isso só tornava mais difícil manter distância quando ele sabia o quanto o pequeno ato custava a ela.

“Primeiro, colega de quarto, precisamos nos preparar para nos manter. Como ir buscar mantimentos. E por mais fofo que esse vestido esteja em você, você vai precisar de mais do que isso para ficar aqui por alguns dias. Eu te emprestaria alguns shorts e camisetas, mas eles seriam muito grandes para você.” Uma pequena parte dele lamentou que ele não iria vê-la em sua camiseta tão cedo, mas ele sabia que suas chances de manter as mãos longe dela diminuiriam se ele o fizesse.

"Existe algum lugar por aqui que eu possa conseguir algumas coisas, como pijamas e alguns produtos de higiene pessoal?"

Ele estava a segundos de dizer a ela que ela não precisava de nada para dormir, mas ele mordeu a língua antes de responder. "Sim. Pode não ser as marcas sofisticados com os quais você está acostumada, mas vamos conseguir. Então quando voltarmos pra casa, sentamos com uma caneta e um bloco de papel e iremos repassar todos os fatos ocorridos detalhadamente. Vê se não conseguimos ter uma noção do que aconteceu por nós mesmos e por fim obter algumas informações. "

"É seguro para nós sairmos?" Louisa perguntou a ele.

“É, porque levará algum tempo para descobrir onde você foi. O caminhão está registrado na empresa, por isso não os levará até aqui. E digamos que eles sejam pessoas altamente conectadas. Mesmo assim, não há como eles nos rastrearem usando o CCTV ou qualquer coisa assim, porque eu peguei rotas que sei que não têm câmeras. Assim, na melhor das hipóteses, a Eagle Securities será o seu ponto de partida, supondo que eles possam até chegar tão longe. Então eles terão que descobrir qual de nós tem o carro e depois descobrir um endereço residencial. Isso vai mantê-los ocupados por um tempo, então devemos ir buscar o que precisamos agora e nos mantermos protegidos. Então contatarei meus amigos e verei o que podemos descobrir. ”

Louisa ficou em silêncio por um momento e depois assentiu afirmativamente. "OK. Existe algum motivo para não ligarmos para eles agora? Acho que me sentiria mais segura se mais pessoas soubessem o que estava acontecendo, mas a única pessoa que eu tenho é minha mãe e não quero assustá-la. Espere. Merda. Você não acha que eles vão usar minha mãe para chegar até mim, não é?”

A verdade era que isso havia passado pela cabeça dele. "Ok, vamos conversar enquanto formos, porque só temos algum tempo." Incapaz de resistir, Six pegou a mão de Louisa e a levou para fora da casa, pegando sua mochila no gancho no corredor enquanto eles passavam. Ficava apenas alguns minutos a pé, descendo a colina até a mercearia, mas o ar fresco faria bem a ambos. Então eles entraram no caminhão, e ele a levou para o shopping do *The Forum* em *Carlsbad* para comprar roupas.

“Para responder às suas outras perguntas”, ele disse enquanto cruzavam os trilhos do trem, “Dois dos membros da minha equipe

sabem o que está acontecendo. Eles são os caras que trouxeram as coisas de limpeza esta manhã. Infelizmente, todo mundo está amarrado no trabalho hoje, reunindo uma criança com a mãe dela, caso contrário eles já estariam envolvidos. Com relação à sua mãe, você pode querer ligar para ela. O que você diz é inteiramente com você. Você a conhece melhor do que eu. Ser honesto é a melhor política, pelo que vale a pena."

"Minha tia poderia ir buscá-la, dizer que é melhor enquanto o tornozelo ainda está engessado".

"Isso poderia funcionar. Se você disser a ela para apenas fazer uma viagem, ela vai pensar que você está louca com o tornozelo, mas se você disser a ela que algo está acontecendo, ela vai tomar mais precauções e se mover mais rápido."

Sempre vigilante, Six os conduziu pelo pequeno lote. Um barulho alto veio de trás deles, e ele se virou rapidamente, com a mão na arma, apenas para perceber que era o som da lixeira sendo esvaziada em um caminhão de lixo. Seu coração disparou, mas a resposta não foi tão chocante quanto na noite em que ele conheceu Louisa. Por que diabos aconteceu algumas vezes e não todas?

Uma mão em seu braço o fez pular. Louisa, Merda. "Desculpe", ele disse, tentando rir com um sorriso que ele realmente não sentia. "Perigo ocupacional".

"Você não tem que fingir comigo", ela disse baixinho. "Eu tenho fingido ser normal desde que me lembro."

“Eu posso te manter segura. Você não precisa se preocupar com isso." De onde diabos isso veio? *Porque você é uma bagunça, seu idiota*. Ele realmente não queria parecer incapaz na frente dela.

Ela inclinou a cabeça para um lado e sorriu enquanto colocava as mãos em seus bíceps. "Eu não tenho nenhuma dúvida sobre isso", disse ela com confiança.

"Bom", ele disse, ignorando a maneira como sua voz soava como se tivesse fumado um maço por dia durante uma década.

O fato de que ela confiava nele, deveria tê-lo feito sentir como um rei. *Confiava nele*.

Mas isso não aconteceu.

Porque pela primeira vez, ele não confiava em si mesmo.

CAPÍTULO SETE

"Então você não sabe as quantidades exatas de todos os ingredientes, mas sabe quais são os ingredientes?" Six perguntou enquanto comiam seus burritos de abóbora e feijão-preto.

Ele a desafiou sobre comer bacon no café da manhã porque ele ficou surpreso ao vê-lo em sua geladeira, e ela confessou a única coisa que ela não podia desistir, e foi por isso que ela sempre disse que era praticamente vegetariana. Então, eles compraram lado a lado com dois carrinhos diferentes, contendo dois conjuntos diferentes de mantimentos. Incerta quanto a quantos dias ficaria com Six, comprou uma semana de comida. Ela sempre poderia levar com ela quando ela saísse, se seu amigo carnívoro não quisesse. Mas, de alguma forma, entre pegar os mantimentos, pegar roupas no shopping e Louisa começar a preparar o jantar, Six ficara curioso sobre o que estava no cardápio. E quando ela se ofereceu para fazer o suficiente para os dois, ele concordou.

Louisa colocou um pouco de salsa, espinafre e o recheio feito de arroz, pimentão, feijão preto, abóbora e temperos no embrulho e enrolou-o. "Está certo. Temos muitas amostras diferentes em movimento, muitos testes diferentes, e às vezes eu faria parte da preparação e Ivan faria o outro. Eu sinceramente não me lembro de todas as proporções."

"Para bancar o advogado do diabo, por que eles precisariam de você se tivessem todas as anotações do laboratório?"

Era algo que Louisa estava considerando enquanto fazia compras. “A amostra desapareceu há duas semanas. Meu único pensamento é que alguém tentou refazê-lo fora do laboratório e não funcionou por qualquer motivo. Se esse for o caso, eles têm duas opções: reestruturá-la para trás a partir da amostra que eles conhecem ou encontrar a pessoa que fez isso para ver se ela pode recriá-la.”

Six de repente a prendeu com seu olhar. "Você não disse que eles têm a amostra? Aquela que foi roubada? Isso é o que começou tudo isso. Certo?"

Droga. Ele não sabia o que ela tinha feito, e ela não conseguia decidir se essa era a razão pela qual sua boca estava seca, ou se era como seus olhos pareciam vê-la.

"Eles não têm a amostra", disse ela. Era hora de falar a verdade pelo menos para ele, e ela sabia disso. Ela só esperava que ele entendesse quando ela explicasse.

“Na sexta-feira, no dia em que te vi na festa, tive a estranha sensação de que alguém estivera no laboratório. Eu não pude entender o porquê. É como se a energia estivesse desligada ou algo assim, o que sei que provavelmente não faz sentido para você.”

Mas para sua surpresa, Six assentiu em concordância. “Eu entendo totalmente isso. Eu confio no instinto mais do que qualquer inteligência, especialmente se eu tiver apenas uma fração de segundo para tomar uma decisão. Então o que você fez?"

"Isso me incomodou, e eu sabia que a coisa mais... significativa... que tínhamos no laboratório era a amostra e que os resultados dos testes que fizemos eram razoavelmente bem conhecidos. Eu tive que sair para chegar à apresentação, então eu fiz a única coisa que eu conseguia pensar. Havia outra coisa em que eu estava trabalhando, totalmente sem relação, então troquei as amostras. Parecia bobo, mas era a única coisa que eu poderia inventar."

"Movimento corajoso, Lou. Então, até onde você sabe, alguém pegou o composto que você trocou, pensando que era real, e eles tentaram recriar o teste em outro lugar, mas não conseguiram e agora percebem que não têm a amostra real. E agora eles querem você?"

Louisa mastigou sua comida e assentiu. "Ou Ivan. Mas se Ivan ou Vasilii estão envolvidos de alguma forma, eles também podem estar trabalhando no laboratório tentando encontrá-lo. Ivan e eu limpamos o laboratório recentemente, mas outros experimentos se acumulam rapidamente. Eles podem ter descoberto o que eu fiz e tentar identificar com qual amostra eu o troquei, mas isso não os levaria a lugar nenhum. Eu odeio pensar em Ivan como o cara mau. Ele é um bom parceiro de laboratório há um ano, embora não queira estar no laboratório. Vasilii insistiu que tinha que gastar tempo fazendo algumas pesquisas para aprender sobre o negócio de baixo para cima. Eu acho que é um ponto de discórdia entre os dois. Mas o que eu não entendo é se eles me queriam, teria sido fácil para eles conseguirem. Eles poderiam ter me chamado para uma reunião a qualquer momento na última semana, e me levarem de lá."

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos enquanto comiam a comida.

"Eu conheço Ivan", Six disse eventualmente, e o estômago de Louisa caiu.

Ele disse isso tão casualmente, como se fosse algo que ela deveria ter esperado. Seu intestino disse a ela que Six era um bom homem, mas era difícil entender por que ele não tinha pensado em mencionar isso antes. Confusão lutou com confiança em sua revelação. Ela se levantou rapidamente, pronta para sair, se fosse preciso. “O que você quer dizer com você conhece? É um pouco tarde para me dizer isso, você não acha?”

Six segurou a mão dela gentilmente. “Sente-se, Lou. Eu não suporto o idiota sorrateiro. Ele era uma merda quando criança na escola, e desde que seu avô compartilhou seu dinheiro, ele se tornou ainda maior. Mas estamos expandindo nossos negócios, então assumimos o trabalho na campanha de arrecadação de fundos, embora nenhum de nós goste dele.”

O coração de Louisa correu furiosamente, mas ela respirou fundo e tentou não ceder ao pânico. Nada em sua vida a tinha preparado para o que estava acontecendo agora. Nunca fora uma decisão de vida ou morte sobre quem ela podia confiar. E a verdade era que ela conhecia Six um curto período de tempo, mas a explicação dele fazia sentido, e ele já salvara a vida dela duas vezes. Além disso, até mesmo para seus olhos inexperientes, havia algo na maneira como ele a olhava, às vezes, com um lampejo de mais do que apenas amizade que lhe dava um sentimento de esperança mole e desconhecido. "Você acha que ele poderia orquestrar algo assim?", Ela perguntou.

"Eu sinceramente não sei, mas sei que vi homens fazendo coisas mais estranhas por razões mais fracas."

Louisa ponderou os comentários de Six. Ela poderia muito bem contar a ele toda a verdade. “Na segunda-feira, entrei no laboratório cedo e destruí a amostra real. Ninguém pode usá-la para nada.”

“Uau, Lou. Quando eu acho que você é a mulher mais difícil que conheci, aprendo algo novo sobre você que me impressiona ainda mais. Isso leva coragem.”

Depois de terem limpado o jantar, Six saiu para trabalhar no jardim. Por mais que ela tenha jurado que não, ela o espionou, observando enquanto ele executava flexões, flexões abdominais e burpees em um par de shorts que pendiam baixo em seus quadris e sem camisa. A visão de seu abdômen flexionando enquanto ele fazia o exercicio de pular corda significava que havia todas as chances de que ela fosse incapaz de dormir esta noite devido a uma frustração que ela não estava acostumada a sentir. Parecia uma coceira que ela não tinha ideia de como arranhar. Eventualmente, ela cedeu ao cansaço que sentia e desmoronou na cama, mas o som do chuveiro correndo seguido pelo baixo zumbido de notícias esportivas do quarto ao lado a fez se sentir ainda mais desconfortável.

Ela nunca pensou em si mesma como particularmente sensível. Extremamente tímida, sim. Mas anos de condicionamento lhe ensinaram como aproveitar melhor qualquer situação. Intelectualmente, ela sabia que estava segura. Six a levou através de todas as precauções que ele tinha, e mesmo que ela não tivesse intenção de pegar a arma que ele tinha deixado para ela na mesa de cabeceira, ela apreciou que ele estava preocupado com ela.

Talvez tenha sido a emoção que sobrou da perseguição de carros. O acúmulo de adrenalina e ácido lático poderia fazê-la se sentir mal. Além disso, seu estômago parecia como se alguém estivesse em pé durante a maior parte da tarde, embora ela não tivesse certeza se isso era o nervosismo de estar perto de outra pessoa por um período tão prolongado de tempo. Ou talvez fosse simplesmente Six, e o fato de que os lençóis em que ela dormia cheirava como ele, ou pelo menos o perfume que ela associava a ele. Ela fechou os olhos, desejando dormir.

Quando eles compraram mantimentos, parecia tão normal, como o início de um novo relacionamento. Six era claramente conhecido no bairro, e o caixa da mercearia o chamara pelo nome.

Ela tinha visto os olhares de admiração das mulheres enquanto elas passavam, mulheres que tinham muito mais para oferecer a ele fisicamente do que ela. Levara todo o autocontrole para ela não se comparar com elas ou fazer comentários mal-intencionados internos sobre seu QI. Ela viu os olhares confusos enquanto as pessoas tentavam descobrir exatamente o que ela era para Six. Sim, eles estavam confusos, e ela também.

Seus pensamentos vagaram de volta para o homem do outro lado do corredor. Ele dorme em cueca boxer? Ou nu? Ela estremeceu com o visual do corpo quente que ela viu coberto de suor no jardim. Porra, ela precisava de outra coisa para focar, como a logística da situação deles.

Eles precisavam conversar sobre contratos. Se ele estava ajudando-a como Eagle Securities, então ela estava mais do que disposta a assinar um contrato e pagar. E parecia que eles

precisavam do dinheiro. No momento ideal. Mas ela não conseguia descobrir por que Six estava tão envolvido pessoalmente. Nela. Além da óbvia oportunidade de negócio, não fazia sentido. Talvez ela tenha confiado na lógica por muito tempo, mas por que diabos ele se importava o suficiente para trazê-la para sua casa? Ele poderia tê-la deixado na casa da mãe dela e ter seguido seu caminho. Ela poderia ter ido ficar com sua amiga Julie em Los Angeles, mesmo que ela odiasse o maldito lugar. Muitas pessoas. Demais em tudo.

Pensamentos explodiam em torno de seu cérebro, deixando-a olhando para o teto.

Eventualmente, Six desligou a TV e a luz se espalhou pelo corredor do seu quarto. Uma lata de lixo caiu na janela e todo o corpo ficou tenso. Ela ficou atenta a qualquer som de passos, janelas se abrindo ou até tiros. Racionalmente, ela sabia que era mais provável que fosse apenas um novo bairro com novos sons. Mas ela estava com medo de que eles estivessem de volta. Assustados, eles estavam tentando entrar em seu quarto enquanto ela estava lá.

Louisa afastou as cobertas e foi até a janela. Com a ponta do dedo, ela abriu as cortinas a tempo de ver um gato saltar da cerca do vizinho. Um maldito gato. Totalmente acordada, desistiu de tentar dormir e perambulou pelo corredor, passando pelo quarto de Six. A porta estava aberta e Six deitado de frente, o rosto escondido da vista. Por um segundo, sentiu-se tentada a rastejar até ele, mas correu para a cozinha. O relógio do forno dizia que era quase meia-noite. Ela ficaria exausta se não encontrasse um jeito de ir dormir logo.

As plantas na janela da sacada que haviam sido deixadas para trás pelo inquilino de Six a incomodavam. Elas estavam em todo lugar. As altos na frente, as mais curtas na parte de trás. Recipientes cinzentos, recipientes azuis, recipientes vermelhos. Normalmente ela os consertaria, mas com todo o resto acontecendo ao seu redor, ela não tinha energia. Ela se sentou no sofá e debateu se ligava a televisão, mas estava preocupada que acordaria Six.

Com um suspiro, ela se levantou novamente. A cama era o melhor lugar para estar, mesmo que ela só pudesse descansar em vez de dormir. Ela voltou para o corredor e parou em frente ao quarto de Six. Se ela se juntasse a ele, não seria muito pior do que a noite em que ele tirou o sutiã e dormiu no chão dela. E estar mais perto dele definitivamente a faria se sentir mais segura.

Convencida disso, ela se arrastou até a cama dele e tirou o edredom e lençóis. Eles sussurraram alto, mas Six não se mexeu. Ela se sentou gentilmente e levantou as pernas lentamente sobre o colchão antes de deslizá-las sob as cobertas.

Assim que ela baixasse a cabeça para o travesseiro, Six se virou de repente e estendeu a mão para ela. Seus braços serpentearam ao seu redor e a puxaram de volta para seu peito. Seu corpo estava quente, opressivo e imóvel. O leve ressonar por cima do ombro e o hálito morno passando-lhe pelo pescoço lhe disseram que ele estava dormindo, que não se tratava de um movimento deliberado, mas ela adorou.

Ela podia sentir cada parte dele pressionada contra ela enquanto sua mão subia para segurar seu seio. Tudo dentro dela se apertou. Mas ela finalmente se sentiu segura.

E não importava como era bom estar ao lado dele, ela adormeceu.

* * *

Six acordou com um sobressalto. A morte e a perda eram impossíveis de superar no sono, especialmente quando os sonhos o levavam para aquele lugar escuro que ele raramente revisitava durante suas horas de vigília. A morte de Brock e seu próprio ferimento de bala se transformaram em um evento impossivelmente conectado e grotesco que o deixou deitado e sangrando ao lado do corpo quebrado de Brock.

Naquele lugar entre estar acordado e dormindo, ele alcançou a única coisa que afugentou o frio persistente de seu pesadelo. Uma mulher. Nada parecia melhor do que acordar devagar com uma mulher doce em seus braços, especialmente quando seus sonhos o levavam para um lugar infernal. Havia algo na fragilidade de uma mulher que o ajudava a escapar das garras dos sonhos. Talvez fosse o conforto de outro ser humano vulnerável, a sensação de conexão que o ajudou a voltar à realidade. Deitado de costas, ele passou a mão pela curva da mulher encostada ao seu lado e se concentrou nela, em sua pele. Deus, ele amava o flare de um quadril, apenas passando os dedos suavemente ao longo dele e de volta. Às vezes, tocar a pele de uma mulher era uma jogada inócua, como quando assistia a um filme em uma tarde preguiçosa de domingo, e outra, era um convite para o melhor tipo de sexo.

Ela se virou em seus braços e se enterrou em seu ombro, o movimento fazendo-o sorrir. Seu braço deslizou ao redor de sua cintura, sua mão pressionada contra sua pele, segurando-o perto. Enquanto implantado, você poderia se masturbar para aliviar os

impulsos sexuais e a tensão, mas nada poderia recriar a intimidade em momentos como este. A simples quietude, a honestidade, mesmo que fosse só por uma noite.

Six rolou para o lado e forçou os olhos a se abrirem. *Louisa*. A moça atrevida tinha se esgueirado em sua cama, e ele não conseguia descobrir como ela tinha conseguido sem acordá-lo. Dado que ela estava obviamente lá por sua própria escolha, ele a puxou para mais perto, saboreando a maneira como os seios dela empurraram contra o peito dele, e deslizou a mão pelas suas costas, alcançando sua pele por baixo da camisola debaixo das cobertas. O cheiro sutil de lavanda fresca fazia cócegas no nariz dele. Ele beijou sua têmpora e sentiu-se endurecer na direção de seus pensamentos.

Gentilmente, ele moveu os lábios para o lado do rosto dela porque ele não estava pronto para acordar completamente ou para o momento de ternura sonolenta terminar. As pontas dos dedos dela correram ao longo de sua espinha, e isso o fez tremer da melhor maneira. Ela enfiou a mão nas costas de sua cueca e segurou sua bunda, puxando-o para mais perto dela. Seu pênis, encantado com o jogo que estavam jogando, pulou de prontidão. Mas isso não era sobre perseguir a presa. Era sobre algo totalmente insubstituível.

Six deslizou sua coxa entre as dela, e ela moveu o joelho sobre sua coxa. Ele passou a mão ao longo de seu quadril, ao redor da curva de sua bunda e ao longo de sua coxa antes de fazer a viagem de volta, desta vez contornando sob sua camisola. Deus, ela tinha a pele mais lisa.

Incapaz de resistir, ele beijou sua têmpora e ao longo de sua mandíbula até que ele alcançou seus lábios. Ela engasgou quando ele

os roçou com os dele, então gemeu quando ele pressionou sua boca na dela. Seus lábios eram quentes e macios como o resto do seu corpo, e seus quadris começaram a se mover, um balanço lento e constante contra sua perna. Não é carente. Ainda não, pelo menos. Mas uma busca definitiva de pressão que ele estava mais do que pronto para fornecer.

Ele passou a língua pelos lábios dela, desejando que eles abrissem, para deixá-lo entrar para que pudesse saboreá-la. Quando ela fez isso, ela gemeu, e quando sua língua encontrou a dele, ele sentiu como se tivesse morrido e ido para o céu. O movimento de seus quadris acelerou contra ele, e ela engasgou. Seus dedos cavaram nele, segurando-o onde ela o queria. Era a coisa mais sexy quando uma mulher tamava em vez de esperar para receber, embora ele estivesse mais do que disposto a acomodar as duas coisas. Ele rolou de costas, levando-a com ele, puxando-a mais para o peito para que ela pudesse montar seu pênis. Ele não dava a mínima que as roupas íntimas os separavam. Ela obviamente queria pressão contra o clitóris, e seu pau também queria.

Era tão bom, tão certo, e ele gemeu quando ela se moveu contra ele, em voz alta o suficiente para acordar Louisa de sua própria névoa sexual sonolenta.

Em uma fração de segundo, tantos pensamentos colidiram. Ela parecia tão vulnerável e deliciosa e corada e tudo o mais que ele sonhava, e tão perto do orgasmo, que ele precisava ver. Queria mais do que sua próxima respiração, o desejo ainda maior do que encontrar sua própria libertação. Ela estava a um milésimo de segundo de vir, e tudo estava acontecendo em câmera lenta. Ele podia sentir o momento em que suas mãos começaram a levantar de

seu peito e a pressão entre seu pênis e seu clitóris começou a diminuir.

"Não vá", disse ele, envolvendo os braços em volta dela. "Não me deixe." *Jesus Cristo*. Ele não deveria implorar. Ele deveria dizer a ela para ir. Para manter alguma distância. Mas em vez disso, ele colocou as mãos em ambos os lados do rosto dela, usando os dedos para mover a franja para um lado para que ele pudesse vê-la. “Termine isso” ele disse, puxando seus lábios para baixo antes que ela tivesse a chance de discutir, para desaparecer de volta dentro de sua própria cabeça. Six escorregou os dedos em seu cabelo, suavemente juntando-o em suas mãos. Era espesso e macio.

Louisa puxou seus lábios dos dele. Eles estavam inchados e rosa profundo de seus beijos, e ele queria eles sobre ele, em torno dele, praticamente em todos os lugares. Ele tinha certeza de que ela ia se afastar dele, mas então ela suspirou, pressionou seus lábios contra os dele, e abaixou seu corpo para baixo até que os dois se alinharam perfeitamente. Ela começou a balançar contra ele com o mesmo tipo de urgência que ele estava sentindo. Ela se sentia quente e úmida através de sua calcinha, e ele queria remover o que ela estava vestindo por cima. Ele agarrou a bainha e puxou-a sobre as costas dela, e Louisa levantou enquanto ele a puxava sobre a cabeça dela. Quando ela voltou a mover sobre ele novamente, ele gemeu. Pele na pele era a melhor sensação do mundo, e ele permitiu que suas mãos viajassem sobre ela, para cima e para baixo e depois sobre a sua bunda, que se encaixava perfeitamente em suas mãos enquanto ele a segurava e pressionava seu pênis contra ela.

"Oh, Deus", Louisa gritou, e enterrou a cabeça na curva do pescoço dele. Sua respiração era quente contra o seu pescoço, e

apesar do fato de que pareceria que ele não tinha controle algum, ele podia sentir suas bolas começarem a apertar enquanto ela alcançava um ritmo e fricção que estava garantido para tirá-lo.

“Eu quero sentir e ouvir você quando você vir, Louisa. Deixe vim pra mim. Perca o controle em meus braços, porque quero perder o controle nos seus.” Ele instintivamente sabia que ela precisava de permissão, que deixar ir era algo que ela raramente se permitia, o que tornava o momento ainda mais especial. Ainda mais significativo.

"Six, eu..." Era um pedido.

"Eu entendo você. Eu prometo.”, E ele fez. Ele não conseguia explicar a conexão, mas ele a sentia com cada fibra do seu ser, e ele estava certo de que isso deveria estar assustando a merda fora dele, mas não estava. Estava apenas fazendo com que ele se sentisse mais... conectado. "Olhe para mim, Louisa, por favor", disse ele, sentiu seu abdômen apertar quando ele chegou mais perto.

Louisa se levantou e olhou para ele. A confiança, a honestidade que ele viu em seus olhos enquanto ela perseguia seu próprio orgasmo foi o suficiente para empurrá-lo sobre a borda. Prestes a vir, ele queria garantir que ela viesse com ele, então ele a abraçou com força, aumentando a pressão entre eles. Ele sentiu o momento em que ela começou a soltar, e o modo como seus olhos se fixaram nele foi sua ruína.

"Louisa", ele gritou quando ele veio, e Louisa gritou e balançou contra ele, encontrando sua própria libertação.

Porra. Se isso foi tão bom mesmo sem estar dentro dela, ele só poderia imaginar como seria se sentir profundamente enterrado.

Seu coração disparou e suas mãos tremiam com o poder de seu orgasmo que criava uma bagunça pegajosa entre eles. Ele a tirou do peito e a colocou de lado, onde a envolveu em seu abraço.

"Obrigado, querida", disse ele, todas as outras palavras escapando dele enquanto ele beijava o topo de sua cabeça.

Eles ficaram em silêncio por um momento enquanto ele recuperava a respiração.

"Não que eu me importe com isso, mas você quer me dizer por que você está aqui?" Six perguntou, levantando seu queixo com o dedo para que ela olhasse para ele. Seus olhos estavam pesados, mas já havia tensão em seus ombros. O que quer que ela estivesse pensando, ele não tinha certeza se queria ouvir.

"Eu não consegui dormir na noite passada. Apenas me senti mais segura aqui, mas eu deveria ir. Eu não acho que isso foi..."

"Se você está prestes a me dizer que isso não foi uma boa ideia, terei que discordar totalmente."

"Nós simplesmente não podemos..."

Uma batida forte soou na porta. "Acorde o inferno, Viking." Cabe estava do lado de fora, provavelmente com Mac. Merda.

Ele beijou os lábios de Louisa mais uma vez. "Temos companhia", disse ele, saindo da cama. "Mas você e eu... não terminamos essa conversa."

* * *

"Como os empregos andam, não poderia ter sido mais limpo", uma voz que ela não reconheceu disse da direção da sala de estar. Tanto quanto ela poderia dizer de passos e vozes, dois homens entraram na casa.

“Os insetos são o melhor tipo. A reunião no aeroporto foi feliz, estou supondo?” Ela ouviu Six dizer da direção da cozinha.

"Sim, nós recomendamos que elas vejam um psicólogo o mais rápido possível para..." As vozes se afastaram como se estivessem se movendo em direção à sala de jantar.

Louisa vestiu a camisola e correu do quarto de Six para o que ela tentou dormir na noite anterior. A ideia de ser pega fazendo a caminhada da vergonha, mesmo que fosse apenas entre os quartos, a fazia se sentir enjoada. Rapidamente, ela pegou sua nova bolsa de higiene e a levou ao banheiro. Ela se viu no espelho quadrado simples pendurado em uma parede de azulejos. Se ela não tivesse ficado tão atordoada com seu próprio reflexo, provavelmente teria sentido inveja do belo banheiro. A reflexão mostrou lábios inchados e pele ainda ruborizada que brilhava como se ela tivesse tomado banho em algum soro mágico. Quem sabia que o olhar pós-orgasmo seria adequado para ela? Ela esvaziou o conteúdo de sua bolsa de higiene no balcão e colocou as coisas que ela precisava para o banho em uma pequena prateleira sobre a banheira.

Desesperada por água quente para acalmá-la, ela ligou o jato, deixando-o aquecido enquanto tirava a camisola e a deixava cair no chão. Uma vez sob o jato, ela permitiu que sua mente vagasse enquanto lavava o cabelo e se ensaboava. Entre as pernas dela

estava macio. Nenhuma surpresa, considerando o que ela havia feito antes, e ela ainda estava totalmente perdida para entender o que tinha acontecido na cama de Six. Quando ela vagou pelo corredor na noite anterior, incapaz de dormir, a única implicação que lhe ocorreu foi que ele poderia não estar bem com ela deslizando em sua cama por alguma segurança. Que ele poderia pedir para ela não fazer isso de novo. Nunca em um milhão de anos ela teria rastejado em sua cama se soubesse que ela seria uma completa idiota. Em sua experiência limitada, ela nunca tinha acordado tão excitada. Tão... carente. O constrangimento a encheu com a ideia de que ela se aproveitou de um homem que não a convidou para a cama dele. Um homem com quem ela acordou ao lado e depois começou a cavalgar como se não conhecesse a extremidade do pênis de um homem.

Six provavelmente usava a palavra “cacete”... ou “pau”... ou algum apelido estúpido como “Kong”. Enquanto isso, ela estava sendo toda afetada e adequada com seus termos biológicos. Ele provavelmente pensaria que ela estava afetada ou reprimida, mas ela nunca teve motivos para pensar naquela parte da anatomia de um homem com carinho. Tudo tinha sido superficial no passado. Agradável. Biológico.

Mas o que aconteceu entre ela e Six foi a melhor experiência sexual de sua vida, e tanto quanto ela estava atualmente mortificada, a verdade era que ela nunca esqueceria o jeito que ele a fazia se sentir, do jeito que ela era. Certa de que ele precisava dela tanto quanto ela precisava dele, ou a maneira que o que eles acabaram de fazer tinha silenciado todos os pensamentos batendo em sua cabeça como fogos de artifício explodindo em um pequeno espaço.

Gah! Por que ela fez isso?

Foi inesperado.

Ela começou a pensar que ela simplesmente não foi moldada para o sexo. Não exatamente assexuada, apenas muitas outras coisas acontecendo em sua vida para se concentrar em algo que pairava na parte inferior de sua lista de tarefas. Ninguém mais havia tirado aquele lado dela, então a coisa toda tinha sido uma revelação excitante. Ela tinha isso para ficar realmente excitada, tanto que ela perdeu suas inibições o suficiente para o orgasmo na frente de outra pessoa. Isso nunca tinha acontecido antes, e tinha sido assustador abandonar todo o controle que ela carregava no dia a dia, mesmo que fosse apenas por um breve momento no tempo.

E claramente não era uma coisa única para ela, porque o que eles fizeram deixou-a ansiosa por muito mais. Seu corpo ainda doía por ele, como a resposta de um viciado às drogas. Ela só podia imaginar como seria se ele batesse na porta do banheiro e se oferecesse para entrar no chuveiro, para esfregar as costas dela, ou algum outro eufemismo para levá-la contra a parede até que ela se transformasse em uma confusão em seus braços.

Quando ela terminou de enxaguar o sabonete, desligou a água, saiu do chuveiro e pegou uma toalha na prateleira. Era incrivelmente suave e fofa, o que parecia estar em desacordo com o SEAL da arma.

Depois de seca, ela enrolou a toalha no peito e voltou para o quarto. Depois da noite passada, ela se perguntou se deveria pensar em desfazer as malas. Por enquanto, ela deixaria tudo em sacolas de compras até que eles conversassem. Ela vestiu roupas íntimas, um par de denim, e uma blusa solta azul-marinho de manga curta. Com

o cabelo molhado, ela parecia mais jovem que seus trinta anos, mas como não tinha conseguido encontrar um secador de cabelos no banheiro, não havia nada que pudesse fazer sobre isso. Ela não ia sair e perguntar a Six se ele tinha um. Embora as chances fossem de que não. Ele era provavelmente uma daquelas pessoas que acabavam de acordar de manhã, parecendo perfeitas. Provavelmente bem acordado também.

Diferentemente dela. Ela precisava de café para funcionar. Talvez isso possa explicar o comportamento dela esta manhã. Se não houvesse uma regra que o sexo antes do café simplesmente não contava, deveria haver. Mas o café estava lá fora. Onde eles estavam. Ela não podia encará-lo. Ou eles. Quem quer que as vozes fossem. *Porcaria*.

Ela caiu de volta na cama.

Com uma mão sobre os olhos, ela tentou separar seus sentimentos. Ela tentou um truque de respiração que conhecia, diminuindo a respiração a oito batidas de seu coração. A contagem servia como uma distração dos pensamentos, e a respiração diminuiu sua frequência cardíaca. Quanto mais lento o ritmo cardíaco, mais devagar respirava. Circulo virtuoso. Ela sabia que a adrenalina, o choque e o medo podiam fazer as pessoas fazerem as coisas mais loucas, e ela sentia os três nas últimas vinte e quatro horas, então seu comportamento era compreensível, certo?

Você gostou.

Foi quase um sussurro, mas era a verdade.

Ela gostou disso. E por todos os seus pecados ela queria fazer isso de novo. Para ver como seria o sexo alucinante. Porque alucinante seria a única maneira que poderia ser com ele. Era como se Six tivesse magicamente removido toda a inibição que ela tinha.

Louisa sentou-se na cama. Ela ia ser madura sobre isso. Ela ia sair para lá, tomar café e agir como se não tivesse pulando nos ossos de um pobre homem que tinha pena dela e de tudo o que estava acontecendo nos útimos dias.

Em um minuto.

Não.

Agora.

* * *

"Não há problemas em mover as armas, então?" Six perguntou.

Mac sacudiu a cabeça. "Nenhum. Quero dizer, temos toda a papelada para mover as armas do QG para o aeroporto."

Six pensou nas dezenas de milhares que pagaram para obter todas as permissões para armazenar e movimentar as armas no restrito estado da Califórnia. "Você já se perguntou se teria sido mais barato se estabelecer no Alasca ou no Alabama?" Ele riu.

Cabe riu. "Sim, mas então teríamos que viver no Alasca. Lembre-se de treinar em climas frios, que miserável isso foi."

Memórias de dedos congelados fizeram Six tremer. Passos no corredor capturaram sua atenção. Louisa. Seus pensamentos voltaram para o que eles fizeram naquela manhã. Como ela

conseguiu entrar em sua cama sem acordá-lo estava além dele. Anos de treinamento o fizeram acordar ao menor som, mas por algum motivo ela conseguiu entrar sem criar qualquer tipo de alerta sonoro.

Ela entrou na cozinha, de cabeça baixa, usando shorts que revelavam as longas pernas que ele tinha visto através da saia no evento de arrecadação de fundos. Sua impressão inicial de que elas duravam dias era completamente verdadeira. E a fofa blusa azul que ela usava era tão dela. Um pouco afetado, mas mostrava a figura que ele estava chutando a si mesmo por não ter realmente prestado atenção antes.

Um pedaço de papel amassado atingiu-o no rosto e ele sorriu quando Mac ergueu a sobrancelha para Six.

"Hey, Lou", ele chamou ela, estendendo a mão em sua direção. Seria interessante ver se ela a tomaria ou não porque o olhar que ela deu a ele quando saiu da cama causou pesar. "Cabe está aqui. E quero que você conheça o Mac."

Agarrando a xícara com as duas mãos, como se sua vida dependesse disso, ela foi até a mesa. Quando o cabelo dela estava molhado, ele percebeu, era mais difícil para ela se esconder atrás dele, e ele tinha a sensação de que ela odiava estar tão vulnerável na frente das pessoas.

"Eu confio nesses caras com a minha vida", disse ele. "Somos amigos desde a escola, nos inscrevemos juntos e montamos um negócio juntos. Não há muito que eles não saibam sobre mim e eu sei que eles têm minhas costas."

Como ele esperava, ela não pegou a mão dele, apenas manteve sua xícara de café. Isso o fez sorrir.

“Pessoal, esta é Louisa. Cabe, você se lembra que Louisa entrou no escritório.”

Ele sorriu para ela. "Sim, eu me lembro."

"É bom ver você de novo", Louisa disse, sua voz caindo. "E prazer em conhecê-lo, Mac."

"Lou tem problemas", disse Six, mais para Mac do que para Cabe. "Ela precisa da nossa ajuda." Os caras precisavam saber que ajudar Lou era uma prioridade. Ele não conseguia explicar por que, mesmo para si mesmo. Ele só sabia que era mais que uma preocupação amigável.

"Sim?" Mac disse. "O que está acontecendo?"

“Alguém invadiu a casa dela no sábado à noite e tentou sequestrá-la. Eu atirei em um dos idiotas.”

"Você estava lá?" Cabe perguntou.

"Sim", disse ele, sabendo exatamente onde Cabe estava chegando. “Vi uma van, porta lateral aberta, motorista nervoso, motor ligado quando estacionei. E uma janela estava aberta ao lado da casa de Lou. E então eu ouvi... Bem, Lou precisava de ajuda.”

"Então você a trouxe aqui?" Mac perguntou.

"Não, ele não, não imediatamente de qualquer forma" Louisa disse. Six escutou enquanto ela objetivava e desapaixonadamente explicava o que havia acontecido no dia anterior e o que havia

acontecido no laboratório no tempo que levava a seus problemas. A maneira como ela explicou isso, soou como um relatório de laboratório. Clínico, desapaixonado. Nada parecido com a mulher que tremeu em seus braços quando aconteceu ou que havia se esgueirado para a sua cama para se sentir segura. Quando ela terminou, tomou um grande gole de café.

“Louisa, posso perguntar por que você é tão apaixonada por Huntington? Por que essa doença?” Cabe perguntou.

“Huntington é cem por cento genético. Se um de seus pais é portador, há uma chance em duas de que você o contraia. Meu pai morreu dez anos atrás. Nunca conheci minha avó paterna por causa disso.”

Como ele não sabia que era genético? Six estendeu a mão e agarrou a mão dela, puxando-a para mais perto do braço da cadeira.

"Merda", disse Mac. "Isso é difícil, Louisa."

"Você sabe se você tem isso?" Six perguntou, sua voz áspera quando sua preocupação por ela cresceu.

"Eu não sei. Existe um teste para isso. Rastreio genético."

"E você não foi testada?" Ele perguntou, puxando-a para mais perto.

"Não, eu não vejo o ponto disso. Eu não quero saber.”

"Por que não? E por favor, diga-nos para calar a boca se isso for pessoal.”, disse Cabe.

“Qual é o ponto? Se eu não descobrir, mas souber que é uma possibilidade, eu vivo todos os dias como se fosse o último e fiz as coisas pelas quais sou mais apaixonada. Como encontrar um tratamento para isso. Não saber, mantém a urgência. Me faz querer fazer o máximo que puder agora, caso eu tenha.”

O silêncio se estabeleceu ao redor da mesa.

"Eu entendo essa lógica", Six disse calmamente. “Fazemos um trabalho há anos que sabíamos que não poderíamos voltar. Mas você tem que sair e assumir que vai voltar, senão você morre antes de pisar no teatro, desculpe, no campo. É uma espécie de lógica reversa, mas eu entendo.”

"Então agora você entende por que é crítico que eu recupere toda a pesquisa. Claro, nós fomos longe demais no último teste, mas foi mais perto do que eu já tinha conseguido. A droga em que estávamos trabalhando era para ajudar com o tremor da chorea. A maioria dos medicamentos para administrá-lo tem o risco de desencadear condições psiquiátricas. Paranóia, ansiedade, pensamentos suicidas. Estou tentando consertar isso.”

Jesus Cristo. O que você diria para alguém que poderia estar carregando uma doença fatal, só porque eles nasceram sem sorte na loteria genética? Seu coração doía por ela e pela bagunça em que ela se encontrava.

"O que você estava pensando, Six?" Mac perguntou.

“Precisamos tentar confirmar se é Ivan ou Vasilii estão envolvidos e por quê. Eu peguei as placas dos dois veículos que

foram usados na noite anterior e ontem. Eu sugiro que comecemos por lá. Ver a quem elas pertencem."

"Eu estou dentro", disse Mac.

"E eu acho que precisamos ficar de olho em Ivan, ver com quem ele está conversando e se encontrando.", acrescentou Six.

Mac assentiu. "Boa ideia. Vamos dar isso para Buda e Gaz. Bailey e Ryder estão chegando para entrevistas hoje, então eu preciso estar no escritório por um tempo."

Cabe bateu os dedos na mesa. "Isso amarra muitos dos nossos caras. O que fazemos sobre o trabalho que temos em mãos?"

Merda. A mulher tinha acabado de dizer que ela poderia estar carregando uma doença mortal e era uma das principais pesquisadoras no campo. "Terá que esperar até que tenhamos cuidado de Lou."

"Isso é tudo nobre e merda, mas temos contas a pagar. Você sabe disso."

Louisa se retirou de seus braços. "Não se preocupe", disse ela, olhando para ele com aqueles doces olhos castanhos.

"Eu posso te pagar." Six endureceu quando ela se virou para olhar para os outros homens na mesa. "Estou falando sério. Eu posso me dar ao luxo de te contratar. E isso faz sentido. Você já disse que precisava de dinheiro para construir. Não é grande coisa."

"Lou, querida. Você pode me dar um segundo com os caras, por favor?" Six perguntou.

Ela lançou um olhar para Cabe e Mac e baixou a voz para um sussurro. "Por favor. Não brigue com seus parceiros de negócios por mim.”

Ele colocou as mãos no ombro dela. "Nós caímos sobre a merda o tempo todo, desde que tínhamos cinco anos de idade", disse ele, voltando-se para encarar Cabe por um momento. "Apenas nos deixe falar, e eu vou buscar você. Vá sentar no jardim com o seu café, ok?”

"Bem. Mas eu vou ficar brava se vocês brigarem por isso.”

Six sorriu para ela e moveu sua franja. "Anotado."

Six a observou caminhar em direção ao seu quarto para chegar ao jardim.

"Cara. Que diabos?” Cabe disse. "Lembro que dissemos que ela deveria ir à polícia."

“Sim, bem, para o registro, nós fizemos. As coisas aumentaram rapidamente. Eu quero ajudá-la, e eu tenho que cobrar dela, mas eu não quero assustá-la.”

Mac riu. "Estamos falando financeiramente ou...?"

"Foda-se". Six não pôde deixar de rir.

"Brincadeiras à parte, você sabe que se ela se tornar uma cliente, você não pode estar em um relacionamento com ela, certo?" Mac disse.

Ele soltou o sorriso e ignorou o modo como seu peito se apertou. Eles estavam apenas começando, e agora ele tinha que parar para saber o quão bom era quando ela se alinhava em seus braços.

Cabe o cutucou. "Não podemos ser vistos como parceiros. Não é bom pra nossa imagem.”

Six passou as mãos pelos dedos. "Sim", ele admitiu com relutância. "Eu sei. Podemos apenas… vamos chegar a um preço que não me faça sentir como um idiota ”.

Horas depois, depois que eles concordaram em cobrar uma taxa e Louisa a aceitou, Six assistiu Louisa enquanto ela andava pela cozinha. Ela tinha comido apenas uma pequena quantidade da pizza que ele pediu, mesmo que ele tenha pedido uma comida vegetariana totalmente carregada só para ela. Ele não sabia a primeira coisa sobre Huntington e se perguntou se deveria comprar alimentos que lhe mantivessem com força ou algo em vez de se alimentar com massa com molho de tomate barato e legumes pré-cortados.

Ela limpou o balcão e tirou os pratos do armário, recolocou-os e colocou-os de volta. Ele se perguntou se ela percebia que ela fazia coisas assim quando estava estressada. De seu lugar na sala de jantar, ele a viu seguir para as estantes de livros na sala de estar, que ela prontamente começou a reorganizar. Ele se perguntou qual seria sua lógica. Agrupando por tipo, então ele acharia todos os seus livros de negócios separados de sua ficção? Ou em ordem alfabética, independentemente do gênero? Conhecendo Louisa como ele estava fazendo, seria uma mistura de ambos.

"Você sabe que ela é uma cliente agora, certo?" Cabe murmurou baixinho, arrumando seu laptop.

Sim. Eu fodidamente sei. "Eu sei", ele disse calmamente, tentando não dar mais nada para Cabe do que precisava.

"Mano. Eu não fiz isso para te chatear." Cabe se levantou e esfregou o queixo, algo que ele fazia quando pensava. "Desculpe, precisamos cobrar dela, mas não podemos trabalhar de graça porque nos sentimos mal por alguém. E pelo jeito que você está olhando para ela, lamento que tenhamos regras sobre namorar clientes. Você entende isso, certo?"

"Entendido" disse ele rispidamente, observando Louisa andando até a janela e começando a acariciar as folhas de uma das plantas enquanto olhava para a água que era visível acima dos telhados e das árvores.

"Não há mais do que você está nos dizendo, não é?" Cabe baixou a voz. "Alguma coisa já aconteceu entre vocês dois?"

Six olhou para Cabe, que também observava Louisa. Ele não tinha intenção de compartilhar o que havia acontecido entre os dois naquela manhã. Era muito importante. Palavras para defini-lo pareciam fora de alcance, mas havia muito mais do que puramente físico. O jeito que ela olhou para ele, a maneira como ele se afogou naqueles olhos dela... era tudo, ou tinha sido. Agora ele tinha que se afastar, ser o bom soldado, dá o exemplo para os outros caras.

"Eu entendi, tudo bem. Vá para casa, Cabe.", disse ele. Six realmente entendia. Nada de bom viria de misturar negócios com prazer, mas seus sentimentos por Louisa estavam se desenvolvendo muito antes de ela decidir contratá-los. Inferno, eles foram desenvolvidos antes que ela tivesse montado seu pênis com um abandono que ele nunca experimentou. E agora ele estava ansioso para ver o que eles poderiam fazer juntos.

“Deixei uma caixa de cerveja na geladeira. Vejo você amanhã, idiota.”

"Sim. Noite", ele disse, não indelicado. Tudo acabaria antes da manhã. Rancores nunca funcionaram, não importa o quão irritados eles estavam um com o outro. Além disso, não era como se ele e Louisa nunca pudessem ficar juntos. Colocar sua exploração um do outro em espera seria uma coisa de curto prazo. Um adiamento, não um cancelamento.

Ele observou enquanto Cabe dizia algo para Louisa, que mantinha a cabeça baixa, mas assentiu antes de olhar para Six. Cabe se foi e Louisa se aproximou dele.

"Você quer uma bebida, Lou?", Disse ele.

"Eu adoraria uma. Eu sei que é errado usar o álcool como muleta, mas se eu não fizer algo para aliviar a tensão, talvez eu nunca consiga dormir.”

"Tenho certeza que você está muito longe do lado do abuso de álcool." Six ficou de pé e colocou a mão em sua parte inferior das costas. "Acredite em mim, você merece uma coisinha." Eles caminharam até a cozinha e ele abriu a geladeira. “Eu tenho cerveja e vinho. Faça sua escolha."

"O vinho seria ótimo", disse ela enquanto endireitava as banquetas contra o balcão. Ela era um enigma. Ela não era consistente o suficiente para ter TOC, tanto quanto ele podia dizer com seu olho altamente destreinado, havia uma pilha de notas no balcão, por exemplo, que ela não tinha endireitado. Era como se ela

só precisasse de algo para fazer com as mãos quando estava estressada. Ou preocupada. Ou ambos.

Ele abriu a garrafa, pegou um copo e serviu-lhe uma medida maior do que normalmente faria. Isso a ajudaria a dormir. Seus dedos roçaram os dele quando ele entregou o vinho para ela. Eles estavam frios, e a vontade de puxá-la em seus braços, para aquecê-la e tranquilizá-la, era tão forte que ele teve que se forçar a agir ocupadamente pegando sua própria cerveja.

"Você já surfou?", Ele perguntou enquanto colocava seu copo de vinho no balcão e cruzava os braços sobre a bancada. *Maldição*. A posição lhe dava uma visão clara do V da blusa, revelando as curvas de dois seios perfeitamente bronzeados. Isso o deixou louco. Ele se lembrou do que eles eram nas mão, pressionados contra o peito. O mesmo fez seu pênis, que certamente estava começando a armar seus shorts, embora ele não ousasse olhar para baixo e chamar a atenção dela para ele.

Ela balançou a cabeça. "Nunca tive tempo para aprender."

"Então é isso que vamos fazer. Quando isso acabar, vou ensiná-la a surfar."

"Eu não tenho certeza se é uma boa..."

Six riu. "É a melhor ideia." Ele adoraria vê-la de biquíni em uma prancha. Ela estaria focada. E quente. E caramba. Ele estava de volta onde seus pensamentos haviam começado. "Ouça, Lou. Agora você é uma cliente... eu não deveria... Bem, eu não posso dar um mau exemplo para os outros caras."

“Um mau exemplo sobre o quê?” perguntou ela, inclinando a cabeça para que a franja caísse para o lado. Ela não tinha ideia de como ele faria qualquer coisa que ela pedisse se ela olhasse diretamente para ele.

"Isso." Ele gesticulou entre os dois. “Nos explorar. Precisa esperar até que nosso trabalho com você termine.”

Decepção saturou suas características. "Oh, certo. OK.”

“Eu sinto muito, Lou. É só que isso..."

"Não. Não. Eu entendo. Tudo bem.”, ela disse, empurrando seu vinho pela metade para ele. "Compreendo. Estou cansada. De qualquer forma... então... eu vou para a cama. Boa noite, Six.” Ele observou-a correr em direção ao seu quarto, um que estava a menos de três metros de distância dele, e suspirou.

Não havia nada que ele quisesse mais do que deslizar na cama ao lado dela.

Mas ele tinha um trabalho a fazer.

E agora, ele o faria.

CAPÍTULO OITO

Nunca um cobertor de algodão leve foi tão irritante. Louisa voltou a se deitar na cama, odiando o modo como o lençol roçava sua pele sensibilizada. Ao longo do dia, ela assistiu Six se transformar do cara que ela tinha acordado ao soldado que ela imaginou que ele tinha sido. Todo negócios. Ele parou de olhar para ela como se ele a quisesse, e ele certamente não tinha voltado para a conversa que eles tinham começado na cama naquela manhã, como ele havia prometido. O que frustrou o inferno fora dela, porque tudo que ela conseguia pensar era o quão bom seu corpo tinha se sentido pressionado contra o dele e o quanto ela queria que seus braços a envolvessem novamente.

A conversa deles terminara sem jeito. Ela se sentiu estranha. Ela ficou esperando a luz do seu quarto acender ao entrar, mas nunca aconteceu. Em vez disso, ele passou a noite no computador no escritório, ela adivinhou.

Ela entendeu e odiou a ideia de que ele não queria misturar negócios e prazer. Mas uma pequena parte dela, a parte usada para ser rejeitada por seu comportamento letrado, preocupava-se que ele tivesse esfriado na dura realidade do dia. Talvez ele estivesse feliz em ajudá-la a aliviar sua coceira, mas talvez ele não tivesse achado a coisa toda tão alucinante quanto ela. Ou talvez tenha sido por ter descoberto que ela poderia ser uma portadora de Huntington. Isso aconteceu com ela antes. Ele disse que era porque agora eles tinham um contrato de negócios entre eles. Um que Mac havia escrito e

dado a ela. Mas então ela poderia jurar que ela ouviu Six murmurar uma maldição em voz baixa enquanto ela assinava.

Seja qual for o motivo, ela estava agora na cama, um lugar que ela não estava realmente cansada o suficiente para estar, e pior de tudo, ela estava sozinha.

O seu celular vibrou na mesa de cabeceira, e ela não resistiu em pegá-lo para ver quem era.

Eu estava muito apressado. Sinto muito pelo que aconteceu em sua casa. A polícia veio me ver. Por favor, podemos nos encontrar para conversar um pouco mais? Vasilii.

Pareceu-lhe estranho. Vasilii nunca mandou uma mensagem. Ele sempre enviou e-mails. Ou ligou para ela. Ou passou pelo laboratório. Nem uma vez ela recebeu uma mensagem dele em todos os anos que ela trabalhou lá. E para ele enviar uma mensagem de texto sobre algo tão sério estava definitivamente fora do personagem. Ela mencionaria isso a Six e veria o que ele achava disso.

Parte dela queria confiar nele, mas logo ela se perguntou se eles poderiam rastrear sua localização através de seu telefone? Para se sentir segura, ela rapidamente desligou o aparelho.

Louisa deitou na cama e olhou para as vigas brancas no teto. Assim como na noite anterior, ela não conseguiu dormir, mas ao contrário da noite anterior, ela não iria deitar na cama de Six com ele, para melhorar. Ela estava muito quente, e, se fosse honesta, muito excitada, sem saber o que fazer enquanto dormia do outro

lado do corredor do homem que a fazia se sentir assim. *Acalme-se, North.*

Com exasperação levando-a perto do ponto de ruptura, ela jogou as cobertas para longe com um bufar e saiu da cama. A casa estava morna, quase quente, mas ela não conseguia decidir se era por causa do ar condicionado que Six disse a ela que não funcionava muito bem ou porque seus pensamentos a estavam causando combustão interna. Ela entrou na cozinha, pegou uma xícara e um saquinho de chá e colocou a chaleira para ferver no fogão. Uma xícara de chá de camomila ajudaria a acalmar seus nervos.

A casa estava em silêncio, ao contrário dos pensamentos em sua cabeça.

"Não conseguiu dormir?" A voz áspera de Six tomou conta dela, e ela se virou para ele. Seus olhos correram para cima e para baixo de seu corpo, e ela começou a se arrepender da decisão de dormir no pequeno top e shorts que ela comprou, ao contrário de seu pijama habitual, especialmente quando seus mamilos endureceram em resposta.

A cueca Boxer abraçou seus quadris como uma segunda pele e fez pouco para esconder o fato de que ele era tão bem dotado como ela imaginou, não tendo sequer chegado ao estágio de remoção de roupas íntimas naquela manhã. A chaleira começou a assobiar, o que a fez pular, só aumentando seu constrangimento.

“Não… quero dizer, sim. Eu não consegui dormir”, ela disse, tropeçando em uma tentativa de parecer normal. Com as mãos trêmulas, ela despejou a água quente em sua caneca e desligou o gás. Ela abriu a gaveta para pegar uma colher, mas ela caiu ruidosamente

da sua mão. Ela colocou a mão no peito, temendo pelo coração, a maneira como ele bateu como se houvesse uma mariposa presa dentro dela.

"Aqui", disse Six, andando bem atrás dela. Não tão perto para que eles se tocassem, mas perto o suficiente para que ela pudesse sentir o calor de seu corpo. Ele colocou uma mão a um lado dela para segurar a caneca, pegou a colher na outra mão e pegou o saquinho de chá, jogando ambos na pia, o tempo todo mantendo-a encostada contra o balcão.

Louisa podia senti-lo com tanta certeza como se os dedos dele estivessem nela. Na janela, ela podia ver o reflexo dele enquanto ele abaixava o nariz até o seu pescoço e a cheirava. Nenhuma parte dele roçava contra ela, mas Louisa mal conseguia respirar. Ela olhou para as mãos dele, que seguravam a borda da bancada laminada, os nós dos dedos brancos. Os sentimentos de constrangimento de antes colidiram contra um desejo ardente de tocá-lo. Por que ela estava tão confusa e excitada? Novamente?

Antecipação correu por ela quando ele levantou a mão e roçou o seu cabelo em direção a um ombro, a ação fazendo-a tremer e os cabelos na parte de trás do seu pescoço ficarem atentos. Ela inclinou a cabeça para um lado e fechou os olhos.

"Diga-me para parar, Lou", ele sussurrou na quietude. “Diga-me que esta é uma má ideia. Que preciso ficar longe de você porque você é minha cliente.”

A sensação de sua respiração em sua pele fez cada parte dela ganhar vida. "Eu não posso", disse ela, quase desesperadamente. "Mostre-me".

Ele roçou os lábios contra a pele do seu pescoço tão gentilmente que ela achou que estava imaginando. "Mostrar a você o que, doce Louisa?"

“Mostre-me como o sexo pode ser bom. Quão bom fazer amor pode ser. Quão bom pode ser para...” Droga. Apenas diga isso. "Como pode ser bom apenas foder e realmente dizer isso."

Six gemeu e envolveu suas mãos ao redor dela, suavemente, puxando-a contra seu peito, contra a ereção que ela podia sentir pressionada firmemente contra sua bunda. Suas mãos arrastaram suas curvas e seus polegares roçaram suavemente seus mamilos, fazendo seus joelhos tremerem enquanto ele plantava beijos suaves ao longo de sua mandíbula.

"Eu não deveria fazer isso, Lou", ele sussurrou contra seu ouvido antes de morder o lóbulo de sua orelha. "Mas, por algum motivo, eu não consigo parar." Uma mão deslizou sobre sua calcinha e entre suas pernas, e ele pressionou a palma da mão contra o seu clitóris. "Eu sei que você gosta de pressão aqui, mas o que mais você gosta, Lou?”

Ela tinha certeza de que deveria estar preocupada com o fato de que eles estavam em pé na cozinha dele com as mãos entre as suas pernas, mas ela não conseguia se importar. Ela queria o que quer que Six estivesse disposto a dar a ela, e ficaria lá o tempo que fosse necessário.

"Você riria se eu dissesse que não sei?", Ela disse com sinceridade. Porque ela não sabia. "Eu não sabia até esta manhã que o orgasmo poderia ser tão bom."

Six gemeu em seu cabelo. “Você tem alguma ideia do quanto isso me afeta? Sabendo que sou o primeiro a te excitar assim? ”Ele deslizou a mão em seu short. “Inferno, Lou. Você está tão molhada. Eu poderia dizer esta manhã que você estava excitada porque eu pude sentir o quão molhada você estava através da sua calcinha. Isso parece ainda melhor.”

Louisa empurrou contra ele quando ele lentamente deslizou um dedo dentro dela, prendendo-a a ele. Ela pressionou as palmas das mãos no balcão, precisando manter o equilíbrio. "Oh Deus. Six.” ela gritou.

Sensações e sentimentos a bombardearam enquanto ela cavagava no dedo dele. Quando ele acrescentou um segundo dedo, parecia que ela ia morrer, mas não antes de ter um orgasmo causado por alguém que não fosse ela mesma. Ela se viu na janela, seu reflexo revelando uma mulher que ela mal conhecia. Uma que parecia... sexual. Era a única palavra em que ela conseguia pensar.

"Foda-se", six ofegou e tirou o dedo.

Ela gritou com a perda.

"Está tudo bem, querida. Eu não vou a lugar nenhum, exceto para baixo.” Ele puxou o short para baixo de suas pernas e seus joelhos bateram no chão enquanto ele a encorajava a sair deles. “Segure o balcão, pise as pernas na minha direção e arqueie as costas.”

Louisa fez o que ele disse, mas roubou um olhar por cima do ombro bem a tempo de vê-lo agarrar sua bunda e enterrar o rosto entre as coxas. "Oh, Deus", ela gritou quando ele levou seu clitóris em sua boca para chupar e lamber.

Sem pensar, ela subiu na ponta dos pés, ampliou sua postura. Qualquer coisa para lhe dar mais acesso.

"Você tem um gosto tão bom, Lou", Six murmurou quando ele deslizou um dedo nela. "Eu não posso esperar para sentir você gozar na minha língua."

Ela queria dizer a ele que ele não teria que esperar muito. Queria dizer a ele para se levantar e deslizar para dentro dela. Para vir com ela. Mas ela não podia. A pressão começou a crescer dentro da sala, que explodiu como fogos de artifício, tirando a sua habilidade de fazer qualquer outra coisa além de gritar enquanto gozava ainda mais intensamente do que naquela manhã.

Mais e mais enquanto a língua de Six acariciava profundamente dentro dela, tornando impossível ficar em pé ou fazer qualquer outra coisa, exceto cair para frente até que sua cabeça descansasse em suas mãos.

* * *

Sentir Louisa gozar com tal abandono foi a coisa mais quente que aconteceu com ele desde o seu retorno. O choque em sua voz quando ela veio lhe disse que achara a experiência uma surpresa tão grande quanto para ele. Ser capaz de dar um orgasmo tão avasalador para ela fez seu coração disparar e seu pau pulsar.

Ele deveria acabar com isso. Lembrar-se das regras e a ajudar a voltar para os shorts que o deixaram louco em primeiro lugar. Ser o bom agente que ele deveria ser. Mas quebrar regras era o que ele fazia de melhor, e não havia como ele não estar deslizando

profundamente em Louisa esta noite, não importando o quanto isso iria irritar seus amigos.

Suas pernas tremiam, e ele agarrou seus quadris para ajudá-la a ficar de pé enquanto ele continuava a acariciá-la com a língua. Não, ele não podia parar, não quando ela já o deixava provar a parte mais íntima dela. Ele adorava se apaixonar por uma mulher, amava a intimidade que ela criava. Com mais um beijo, ele se levantou e virou-a para encará-lo. Belos olhos castanhos, arregalados de choque, olhavam para ele sem a segurança de sua franja, e ele queria que ela sempre olhasse para ele dessa maneira. Incapaz de resistir, ele pressionou seus lábios nos dela e gemeu quando ela se derreteu contra ele.

Louisa jogou os braços em volta do seu pescoço e ele a ergueu em seus braços. Ela envolveu as pernas ao redor de sua cintura, trazendo-a em linha reta com seu pênis, que estava desesperado por liberação. Parte dele queria apenas pegá-la no balcão e dirigir diretamente para ela, mas em vez disso, ele a levou de volta para seu quarto e a deitou na cama.

“Lou, baby. Eu posso ir embora agora mesmo. Meu pau pode nunca me perdoar, mas eu posso. Dê mais cinco e eu vou ficar assim em você, não haverá como parar até que ambos estejamos satifeitos. É uma má ideia, mas me diga que você quer isso. Tome a decisão por nós, Lou, porque eu te quero tanto que dói.”

Era verdade. Todas as palavras. Não era segredo que ele dormiu com seu quinhão de mulheres, mas, diabos, ele queria Louisa.

Ela se sentou na cama e ergueu o top sobre a cabeça, revelando os seios perfeitamente empinados. “Eu quero você, Six. Eu não sei o quanto mais claro eu posso deixar isso. Eu não sou virgem, eu só...”

"Só o quê?", Ele perguntou quando largou a cueca boxer no chão e depois pegou um preservativo da mesa de cabeceira. Seus olhos foram direto para seu pênis, e fez seu ego bom para ver a maneira como eles se alargaram quando ela o analisou. Ele colocou o preservativo e usou seu silêncio para rastejar sobre ela, descansando seu peso em seus braços em ambos os lados da cabeça dela.

"Eu nunca vi estrelas como eu faço com você."

Ele empurrou a franja para o lado e olhou profundamente em seus olhos. Cautelosamente, Louisa colocou a mão em sua bochecha em um movimento que era ao mesmo tempo doce e provocador. Ele queria que ela visse o universo inteiro.

"Isso torna as coisas complicadas, Lou."

“Elas já não eram complicados?” Ela perguntou.

Ele beijou a ponta de seu nariz, um movimento que a fez sorrir e seu coração tropeçar em seu peito. Então ele fez o seu caminho ao longo de suas costelas e chupou seus mamilos no caminho para uma boa medida. Eles eram tão receptivos quando endureceram às exigências de sua língua. Six se arrastou entre suas pernas, onde ele podia ver a umidade de seu primeiro orgasmo, e gemeu quando ele rastejou de volta para cima de seu corpo. "Eu pensei sobre isso mil vezes hoje", disse ele, agarrando seu pênis e deslizando a primeira polegada escaldante para ela. "Você se sente tão bem, Lou."

Louisa ofegou debaixo dele, e ele pressionou seus lábios nos dela, roubando sua respiração. Suas mãos percorreram suas costas e seguraram sua bunda, e ele amava o jeito que ela o encorajava a ir mais profundamente. Normalmente, ele simplesmente mergulhava. Literalmente. Mas ele queria saber que Lou estava com ele a cada passo do modo alucinante.

Ele aliviou e deslizou mais profundamente. Porra. Apertada e molhada. Ela poderia ser mais perfeita? Ele agarrou a perna dela atrás do joelho e deslizou sua coxa ao longo da sua enquanto ele pressionava mais profundamente.

"Oh Deus. Por favor, Six." Sua voz era ofegante e baixa, os olhos fechados enquanto ela arqueava as costas e deixava a cabeça cair mais no travesseiro.

Ele moveria o céu e o inferno sagrado para dar a ela o que ela precisava quando ele deslizou para fora dela e empurrou para trás profundamente dentro de seu calor acolhedor. Uma vez seguramente enfiado de volta, ele rolou eles, então ele estava de costas e sua garota estava sentada nele. *Sua garota*. Soava bem. E ele estava fingindo que não estava desenvolvendo sentimentos por ela enquanto ela ria da manobra dele.

"Eu adoro quando você ri", disse ele enquanto Louisa se levantava de joelhos e baixava de volta para ele.

"Toque-me, Six. Devore-me. Mostre-me tudo."

Ele colocou o polegar nos lábios dela. "Chupe-me", disse ele, e ela abriu a boca, dando-lhe acesso. Sua língua provocou-o, girou em torno dele, deixando-o bom e molhado. Deus, isso foi bom. Fez todo

o melhor que, daqui de baixo, ela não conseguia se esconder atrás da franja e ele podia ver o quanto seus olhos estavam encapuzados enquanto ela continuava a cavalgá-lo. Ele geralmente gostava de dominar. Libertar todas as suas frustrações e desejos sexuais pelo corpo de uma mulher. Mas Louisa merecia algo mais, mais... gentil. Ele inclinou o pensamento e retirou o polegar dos limites quentes de sua boca. Um dia ele pediria para ela chupar seu pênis com aquela boca dela.

Lou pressionou as mãos sobre o peito dele como quando ela tinha feito naquela manhã, mas ela olhou para o ponto onde eles estavam unidos e ofegou. Sim, era quente ver o jeito que ele desaparecia dentro dela, e ele adorava que ela também gostasse.

A visão dela cavalgando era outra coisa. Ele colocou o polegar em seu clitóris e esfregou quando ela se levantou de joelhos e sentou-se com força sobre ele. Ele sabia quando os movimentos começavam a mudar de prazer sexual para puro desespero. O ritmo de Louisa ficou irregular. Seus quadris rolaram para frente enquanto ela abaixava sobre ele, certificando-se de que seu clitóris estava recebendo a pressão que ela precisava, e seu abdômen apertou em resposta. Não havia nada mais quente do que uma mulher descendo em seu pênis, mas de alguma forma, sabendo que era Louisa o tinha mais duro que granito.

Calafrios indicadores começaram a descer por sua espinha. Ela iria montá-lo até que ele gozasse dentro dela, mas ele precisava assumir o controle. Ele os virou novamente para que ela acabasse debaixo dele.

"Envolva suas pernas em volta de mim, Lou", ele instruiu e gemeu quando ela fez, enviando-o mais e mais fundo nela. Seu ritmo aumentou, socando nela. Ele queria perguntar se era muito difícil. Ele queria perguntar se ela sentia a honestidade disso. Mas sua respiração estava presa em seus pulmões e não mostrava nenhum sinal de ser libertada tão cedo.

"Six", ela suspirou. "Estou tão perto. Eu não posso... eu não..."

Ele pressionou os lábios nos dela em um beijo molhado e úmido que tentou dizer a ela exatamente onde seus sentimentos estavam e o quão perto de gozar dentro dela estava. Mas tudo o que ele podia fazer era tomar. Pegar tudo o que ela estava oferecendo quando ela agarrou sua bunda, cavando as pontas dos dedos com força. Quando ela ofegou contra seus lábios. Enquanto ele respirava o ar dela. Quando ela começou a tremer contra ele e apertar em torno de seu pênis.

"Meu Deus. Sim, Six. Por favor", ela chorou quando jogou a cabeça contra o travesseiro.

A visão e a sensação de sua vinda foi sua ruína. Seu próprio orgasmo começou a rasgá-lo enquanto ela pressionava contra ele, enterrando a cabeça em seu ombro. Incapaz de ajudar a si mesmo, ele a puxou para perto quando ele apoiou os joelhos e bateu nela, finalmente cedendo à sua própria liberação.

* * *

Pela segunda manhã, Six acordou com Louisa embrulhada em seus braços, e pela segunda manhã seguida, ele saboreou a maneira como ela se sentia lá. Só que desta vez, a consciência imediata do

que foi feito fez o sentir ainda melhor. Talvez tenha sido o fato de que ela não era uma distração temporária. Ele mentalmente balançou a cabeça. Ela definitivamente não era isso.

Não houve pesadelos. Apenas uma maravilhosa noite de sexo e sono.

Sua pele era macia e quente sob as pontas dos dedos, mas ele se lembrava de como se arrepiou quando ele beijou seu caminho ao longo de suas costelas. Aquelas curvas atualmente pressionadas contra ele com mais força do que seu traje de mergulho, acomodadas em todos os lugares certos, moveram-se poeticamente contra ele. Ele passou a mão para cima e para baixo em sua espinha e se perguntou como ela reagiria se ele pegasse um cubo de gelo e o passase no arco das suas costas. Delicadamente, Six arrastou a mão sobre a curva de sua bunda.

Relutantemente, Six abriu os olhos e olhou para a janela. A visão de toda a porcaria em sua mesa de cabeceira o fez sorrir. Louisa era uma garota pós-sexo, e para uma mulher que comia tudo limpo e saudável, ela devorou os brownies após a primeira rodada e uma grande sacola de chips com sabor de churrasco depois da segunda. Foi uma bênção que ela tivesse adormecido antes de uma terceira rodada porque ele estava sem lanches.

Deus, o olhar no rosto dela quando ela gozou, era outra coisa. Seu membro apertou com a memória, ansioso para repetir a dose. Sexo sempre foi o caminho para aliviar o estresse, mas algo sobre sexo com Louisa tinha relaxado músculos que ele nem percebeu estarem apertados. Ele se sentia solto e flexível e pronto para enfrentar o mundo.

O som de um veículo estacionando na entrada da garagem esmagou a ideia de levar seus pensamentos e ainda mais, lembrando-o de que ela estava em apuros e precisava de muito mais do que apenas seu pênis para ficar bem. Ela precisava da proteção dele e da companhia dele. Ela precisava do controle e de ele levar sua responsabilidade a sério. Seus parceiros iriam ficar chateados. Parte dele queria a chance de conversar com Lou antes deles chegarem, para decidir como iriam jogar. Por um momento ele considerou pedir a ela para mentir, para esconder que eles estavam juntos e em que eles estavam se metendo. Mas mentiras e segredos não parecem ser a melhor maneira de começar um novo relacionamento. Ela não era algo de que ele se envergonhasse. Ainda confessando seus sentimentos sobre algo tão novo e demonstrando sua falta de controle e o abjeto voou em face de tudo o que ele estava tentando construir. Ele não deveria estar tendo essa conversa consigo mesmo porque não deveria tê-la tocado. Ele deveria ter honrado a promessa que fez ao Cabe - ou mais importante, a que ele fez para si mesmo.

Delicadamente, ele desembaraçou os braços ao redor dela e saiu da cama. Colocou alguns shorts, passou a mão pelo cabelo, pegou o SIG da mesinha de cabeceira e andou descalço até a janela da frente, aliviado ao ver o caminhão de Cabe, antes de ir até a porta da frente.

“Venha, Viking. Eu não tenho o dia todo. Pegue sua linda bunda aqui.”

Six puxou a porta aberta.

"O pagamento de Louisa foi efetivado, então todos os sistemas estão prontos", disse Cabe, entrando na casa com um estojo de armas.

Mac seguiu logo atrás. "Achei que você poderia querer dobrar a proteção." Ele empurrou o queixo em direção à caixa de metal cinza.

Mais reforços foram uma ótima ideia, embora ele tivesse uma coleção própria de suas armas seguras. A primeiro tarefa era ensinar Louisa a usar uma delas e conseguir uma permissão para que ela pudesse ter uma arma em sua casa. Um amigo dele tinha uma área central de cerca de quarenta minutos a leste. O meio do nada seria seguro o suficiente para ensinar-lhe a arte de disparar uma arma. Mas isso levaria tempo que eles não tinham agora, então eles precisariam gerenciar com uma introdução rápida sobre como carregar, mirar e disparar com segurança o suficiente no caso de outra invasão. “Obrigado, mano. Vocês já tomaram café?”

“Não. Adorariamos algum. Louisa está por aí?” Cabe perguntou enquanto seguia Six para a cozinha.

Six inclinou a cabeça na direção dos quartos, tomando cuidado para não indicar um quarto ou o outro. "Ainda dormindo", disse ele, tirando o café do armário.

"Olha, cara", Mac disse, pegando três canecas. "Sobre ontem. Eu sei que parece difícil, mas não podemos administrar este lugar como uma instituição de caridade. Nós não somos o equalizador.”

Isso irritou Six, que Mac estava certo. "E se Delaney estivesse em apuros?" Six perguntou de qualquer maneira, referindo-se à irmã

mais nova de Brock e a única mulher que Mac já amou tanto quanto Six poderia dizer. “Nós a rejeitariamos?”

“Foda-se você. Isso é um golpe baixo e você sabe disso. Delaney seria diferente. Nós cuidaríamos dela por causa de Brock. Ela é da família. Você conheceu Louisa o que? Uma semana."

Six sacudiu a cabeça. Era impossível explicar seus sentimentos para Mac quando ele não conseguia nem explicar para si mesmo. "Deixa pra lá. Como está Delaney? Você sabe?"

A morte de Brock enquanto eles estavam na faculdade tinha deixado todos eles com cicatrizes, o tipo emocional. E Mac carregou o maior peso delas. Mesmo que as conclusões tivessem absorvido de Mac de qualquer responsabilidade, ele ainda se culpava. Mac tentou se aproximar da família de Brock, a única maneira de se absolver da culpa que ele carregava da morte de Brock, mas nem Delaney nem a mãe conversaram com ele durante anos.

“Ainda fazendo algum jornalismo investigativo maluco. Eu falo como o resto de vocês quando suas histórias chegam às manchetes.”

"Isso é tão Delaney, no entanto", disse Cabe. “Diabos, todos nós sabemos que Brock pretendia se alistar após a formatura. Talvez, a seu modo, ela continue com a necessidade de Brock de servir o país dele ou algo assim.”

Six assentiu. Embora ela não tenha se alistado, sua forma de jornalismo, rastrear os mais desejados e temidos do mundo, ajudou a manter o país seguro.

A cafeteira começou a tremer e Six serviu uma xícara a todos. "Eu tive algumas ideias durante a noite e estava indo só para verificá-

las", disse ele, agarrando seu laptop. Eles caminharam até a sala de jantar e sentaram-se.

"Você ainda faz café horrível", disse Cabe com um estremecimento.

"E você expulsa suas papilas gustativas com todas aquelas asas extras que você come, cara." A equipe brincou que Cabe tinha uma boca de amianto. O cara comia qualquer coisa dizendo ser mais gostoso que Hades. Dito isso, era um café incomum, uma mistura marroquina de que ele gostava ao fazer exercícios na costa do Marrocos e que agora encomendava on-line. Era forte como merda. Engraçado, Lou bebeu sem muito comentário.

“Ivan parece ter sumido da terra. Nenhum sinal dele no laboratório ou em sua casa” disse Mac. “Buda entrou ontem à noite e colocou uma câmera que cobre sua entrada de automóveis e porta para que possamos assistir sem estar lá. Nós fazemos muito mais, porém, e precisamos ser mais transparentes com a polícia. Você sabe disso, certo?”

"Eu sei. Mas nós temos recursos que eles não têm. Eles têm as placas do carro, nossas declarações... Eles têm tudo o que temos até agora, então vamos ver o quão rápido eles funcionam. Encontramos alguma coisa e a entregamos. Devemos ter um olho em suas finanças hoje”, disse Six, abrindo seu laptop. "Você acha que deveríamos estar vigiando o velho?" Seu intestino não estava dando-lhe uma direção clara sobre Vasilii, ainda.

"Estava me perguntando sobre isso eu mesmo", respondeu Cabe. “Ele pode nos levar até o Ivan. Vamos ver o que acontece hoje.”

Six escaneou seu email. Seu amigo no licenciamento de veículos havia passado. “Temos um endereço para a van desde a primeira tentativa. Vamos dar uma olhada hoje de manhã.”

Louisa entrou na cozinha usando o short e o top que ela comprou, sem sutiã, o que Cabe notou com uma rápida olhada. Idiota. Ela olhou para eles, mas rapidamente desviou o olhar e pegou o capuz de Six que estava sobre a mesa, puxando-o sobre a cabeça. Suas bochechas estavam coradas de vergonha e Six se sentia uma merda por não avisá-la que tinham companhia. Por outro lado, ela provavelmente não tinha ideia de quão deliciosa ela parecia em suas roupas. Rapidamente, ela foi até a geladeira. "Vocês comeram?”, Ela perguntou.

Talvez ele estivesse imaginando, mas sua voz soava mais sexy do que nunca. Como toda palavra era um convite para o sexo, não café da manhã. Six sacudiu a cabeça. "Não. Mas eu posso fazer alguma coisa se você me der mais dez.”

"Está tudo bem. Entendi. Isso é algo que eu posso fazer.”

"Vá devagar comigo, Lou", disse ele, provocando-a. "Eu não posso comer espelta[27] ou aveia fria, porcaria, no início da manhã."

Lou revirou os olhos. "Só porque prefiro não comer produtos de origem animal por motivos de saúde, não me importo de cozinhá-los", disse ela.

Ele observou a maneira como ela eficientemente pegou ovos e legumes da geladeira antes de colocá-los no balcão. Ele se perguntou se ela percebeu que estava no lugar exato onde ele caiu de joelhos e

[27] A espelta ou trigo-vermelho é uma espécie da família das gramíneas, próxima do trigo.

introduziu sua língua em sua buceta insaciável. Seu pênis se contraiu, e de repente ele queria Mac e Cabe fora de sua casa para que ele pudesse soltar os shorts apenas o suficiente para deslizar seu pau endurecido dentro dela.

"Diga-me que você não...", Cabe sussurrou através da mesa.

Six sacudiu a cabeça. "Não é da sua conta, cara", ele avisou. Louisa estava ocupada cortando, muito longe deles para ouvir suas palavras.

"Sim. Você não pode pensar com o seu pau ", disse Mac. "Nós conversamos sobre isso."

"Não", Six avisou. “Você falou sobre isso. Eu não concordei.”

Cabe revirou os olhos. "Sim. Tenho certeza que fez merda.”

"Ok", Six admitiu com um encolher de ombros. "Eu fiz. Acontece que eu não quis fazer isso. ”O que ele não adicionou foi que ele quis isso, desde o primeiro momento em que ele a viu. Provou-se impossível ficar longe de Louisa, mesmo que ele soubesse que era o melhor.

“Você não vai pensar claramente. Você está muito perto. É uma fraqueza sua. Mulheres."

Seu estômago apertou ao pensar no que Cabe estava sugerindo. Seu julgamento não foi obscurecido por Louisa, foi? Incapaz de formular uma resposta que faria algum sentido para Cabe, ele virou o dedo do meio para ele.

"Uau, maduro de verdade, Six."

"Não me faça soletrar, idiota. Ela é diferente. OK?"

Choque comprimiu as feições de Cabe. "Que diabos? Sério?"

Six assentiu. "Não me peça para explicar porque eu não posso. E nós temos trabalho para fazer." Ele olhou para seu laptop. "Temos um endereço para a van. Qual dos caras está do lado de fora?"

"Gaz está lá fora, mas Mac veio para aliviá-lo. O que você está pensando?" Cabe perguntou.

"Lou precisa ir dar sua declaração formal. Então, Mac, talvez você pudesse levá-la, e Cabe, acho que deveríamos ver se não conseguiríamos persuadir o proprietário da van a compartilhar o que ele sabe."

Cabe sorriu. "Estou dentro."

Sobre as omeletes que Louisa fez, eles finalizaram seus planos, mas algo incomodou na parte de trás do cérebro de Six. A ideia de deixar Lou aos cuidados de Mac estava deixando-o louco. E não porque ele não confiava nas intenções de seu melhor amigo, o que ele fazia implicitamente, mas porque não era ele. Ele deveria estar cuidando dela. Mas ele também não queria que ninguém seguisse sua liderança, caso eles estragassem tudo.

"Dê-me dois minutos para ficar pronto", disse Six, empurrando seu prato na direção de Mac, que já tinha começado a limpar a mesa.

Sua cabeça estava cheia de conversas sobre Lou e seus próprios pensamentos confusos enquanto caminhava em direção ao banheiro. O SEAL e o homem nele nunca estiveram em conflito antes. Era uma loucura que seus sentimentos por ela estivessem

nublando seu julgamento. Tanto quanto ele odiava a ideia de colocar alguma distância entre ele e Louisa, tanto quanto ele queria se reunir contra o que Cabe e Mac disseram, uma pequena voz disse que era o melhor. Pelo menos até que isso acabasse. Louisa merecia a melhor proteção que ele poderia fornecer, o que significava que ela precisava dele para ser o SEAL agora. Porque ele precisava que ela estivesse viva para ele ver o que eles poderiam ser juntos. Seu tempo o sugaria. Então ele lhes daria espaço, mesmo que o Six homem soubesse que fazer isso doeria como o inferno.

* * *

Louisa enrolou a toalha em volta do peito e apertou-a com força. Usando as costas da mão, limpou o espelho do banheiro no quarto de Six e estudou seu reflexo. Olhos brilhantes e lábios inchados de uma noite cheia de beijos a encaravam de volta. E o melhor de tudo, ela se sentia... energizada. Agora que ela sabia como era o sexo incrível, ela fez um pacto consigo mesma de que nunca aceitaria outra coisa. Esperançosa de que Six continuaria a aliviar o tesão nela, ela estacionou a ideia de encontrar o, porque tudo o que fez foi fazer com que seu batimento cardíaco aumentasse e um caroço se desenvolvesse no centro de seu estômago. Em vez disso, ela se concentrou na maneira de como ele se sentia abaixo dela.

Embora a maior parte dela sofresse por ter as mãos de Six sobre ela porque, querido Deus, elas eram enormes e fortes, e a tinham maltratado de uma maneira que enviara deliciosos sentimentos reunidos entre suas coxas, ela sentia mais do que apenas excitação sexual. Estava claro que ele estava lidando com uma combinação de seu senso de dever, o contrato que ela assinara com eles e o mesmo tipo de frustração reprimida que estava sentindo. Ela pensou sobre

as palavras que ele sussurrou em seu ouvido. *Diga-me para parar, Lou... Você é minha cliente.*

E se ele se arrependesse? Ele tinha saído da cama antes de ela acordar. No começo, ela se perguntou se isso era apenas um hábito militar, mas pensando nisso agora, talvez ele não quisesse que as coisas ficassem tão empolgadas entre eles. Louisa balançou a cabeça para limpar todos os pensamentos do ensino médio. Ele era um homem adulto. Ela não o forçou. Longe disso. Ele se aproximou dela na cozinha. Ele colocou as mãos sobre ela. Tudo o que ela fez foi ser honesta e dizer a ele que ela não era forte o suficiente para impedi-lo de tocá-la. Que ela queria as mãos dele varrendo sua pele. Não. Não havia nada para ele se arrepender. E ela estava apenas sendo tola. Foi sexo. E isso foi sublime.

De alguma forma, ela precisava encontrar as palavras para dizer a ele o quanto ela queria aprender com ele, como ela queria aprender mais sobre si mesma... o que ela gostava e o que funcionava para ela. E sua língua. Oh, Senhor, sua língua. Quando ele se ajoelhou na frente dela, ela se perguntou o que diabos ele faria, mas depois ele a lambeu como se ela fosse um picolé maldito, e ela estremeceu de cima a baixo. Suas coxas se apertaram ao pensar nisso agora.

Secou o cabelo com uma toalha de mão e, quando começou a pentear, Six abriu a porta. Seus olhos imediatamente caíram para os seus seios, que ainda estavam cobertos pela pequena toalha, e depois baixaram para onde as gotículas de água desciam por suas coxas.

"Merda", ele murmurou sob sua respiração quando seus olhos finalmente encontraram os dela. "Desculpe, eu não sabia que você estava aqui. Só queria escovar os dentes antes de sair." Era difícil discernir, pelo seu tom, se ele estava mal-humorado por ela estar usando o seu banheiro em vez do de hóspedes ou frustrado porque estava com pressa. Ou se ele estava realmente bravo com ela pelo que eles fizeram.

"Estou quase terminando", ela disse, recusando-se a pedir desculpas por algo que ela nem tinha certeza se deveria se desculpar. "Onde você está indo?" Sua voz soava exponencialmente mais calma do que ela se sentia por dentro.

Six recostou-se na parede e cruzou os braços. "Tenho uma pista da van, então Cabe e eu vamos checar as coisas. Apenas alguns recon[28] se não podemos pegar uma trilha para descobrir o que está acontecendo."

"Eu deveria ir com você?" ela perguntou baixinho.

Ele balançou sua cabeça. "Não. É mais seguro se você ficar aqui. Você é o alvo deles, e eu não quero você em nenhuma mira. Você seria apenas uma distração."

"Você deveria saber que Vasilii me mandou uma mensagem ontem à noite. Eu não sei se tem alguma coisa a ver com a van, mas ele queria falar comigo."

Nada em suas feições ou tom sugeria qualquer tipo de felicidade ao vê-la, e isso era uma droga. Realmente uma merda. Ele estava

[28] Missão de reconhecimento

obviamente no modo SEAL. E ele parecia feroz. "O que exatamente ele disse?"

"Só que ele foi muito apressado. Que ele sentia muito que alguém invadiu minha casa e que a polícia tinha ido vê-lo. E ele queria conversar um pouco mais."

Linhas de formaram na testa de Six. "Bem, por enquanto, simplesmente ignore. E definitivamente não tente ir encontrá-lo, pelo menos não sem falar com um de nós."

"Tudo bem", ela respondeu. Era ridículo que, sob a conversa de textos, e rastrear os motoristas de van, ela estivesse desesperada para perguntar a ele sobre os dois. Mas ela não ia ser aquela garota. Aquela que pergunta: "O que você está pensando?" Não. Ela estava apenas indo para terminar, para que ela pudesse ser esmagada em particular. "Apenas me dê mais dois minutos."

Quando ela terminou, ela se virou e viu que Six não se mexeu. Seus olhos ainda estavam fixos nela, ele passou a língua ao longo do seu lábio inferior.

Deliberadamente, ela ajustou a toalha, totalmente consciente de que os olhos de Six seguiam cada movimento dela. Intelectualmente, ela sabia que era errado ficar tão excitada com apenas uma olhar dele quando o mesmo parecia subitamente tão distante dela.

A timidez patológica ensinara Louisa uma coisa importante. Nunca coloque alguém na conversa. Louisa odiava quando as pessoas tentavam envolvê-la, como no drive- thru, quando tentavam perguntar sobre o seu dia. Ela só queria sua comida e seguir seu caminho. Ou quando as pessoas que a conheciam um pouco melhor

se esqueceiam de trabalhar com o fato de que ela se sentia desconfortável perto de qualquer outra pessoa que não sua mãe e passavam a agir como psiquiatras sem treinamento para chegar ao fundo de seus problemas. Ela sempre desejava que as pessoas a deixassem em paz.

Então, ela se fixou no fato de que Six estava aderindo estritamente a negócios e nunca seria o único a quebrar os termos de seu acordo profissional, apesar de ter quebrado seu coração que ela realmente queria sentir seus braços apertados em volta dela e um beijo de bom dia nos lábios dela.

"Tudo feito", disse ela, pendurando a toalha de cabelo no gancho ao lado do chuveiro. Com a cabeça baixa, ela correu para a porta e estava pegando a alça quando a mão de Six agarrou sua mão.

"Sinto muito, Lou", disse ele. "Eu não pude me parar na noite passada, mas eu deveria ter me segurado."

A mágoa se acumulou em sua barriga, fazendo-a apertar. Como sempre, a lógica era sua estratégia. Ela olhou para ele, embora raramente se sentisse confortável o suficiente para olhar alguém diretamente nos olhos. Especialmente quando ele estava vestido e ela estava enrolada em uma toalha.

"Não me olhe assim, Lou. Eu sei o quanto custa você olhar diretamente para mim, e eu não valho a pena, acredite em mim."

Six parecia torturado. O senso comum estava dizendo a ela que era melhor apenas voltar para o quarto dela e deixá-lo trabalhar com isso, o que estava totalmente alinhado com seu habitual modo de evitar, bem, a vida. Mas pela primeira vez ela se manteve firme.

“Ok, primeiro por favor, desista do ato de mártir. Somos adultos que tiveram sexo consensual. Tenho certeza que você já fez isso antes, então não comece a ficar estranho só porque era eu. Em segundo lugar, vou olhar para você de qualquer maneira que eu queira. Você não se importou como eu olhei para você quando eu estava andando... bem ... você sabe ", disse ela, apontando para o short. "Terceiro. Se a única diferença entre você puxar o canto da toalha para fazer alguma coisa... urgh... quente, ou sexual, ou algo assim, e você sair do banheiro sem me dar um beijo de bom dia é o fato de eu ter um contrato com sua empresa, Eu vou cancelar. Eu prefiro pagar você para me ajudar, mas tenho certeza que posso encontrar outra pessoa, se é a diferença entre nós fazer isso ou não. ”Seus joelhos tremiam e sua voz era alta o suficiente para que de repente percebesse que qualquer um da equipe de Six ainda estava em casa, eles provavelmente ouviram suas palavras tropeçadas. Ela se sentiu o rosa se espalhando por suas bochechas.

Ela deu um passo em direção à porta do banheiro, sentindo que ia desmaiar antes de chegar ao seu próprio quarto. Seu coração estava batendo e sua cabeça estava girando.

"Lou", Six disse baixinho, sua mão em volta de seu pulso. “Você gosta das suas listas? Bem. Eu vou te dar a minha. Primeiro, não estou sendo um mártir. Não podemos construir uma reputação como uma empresa profissional se eu me encontrar com uma de nossas primeiros clientes. Profissionalmente, você deve ver o quão estranho isso parece, não importa o quanto eu queira. E que tipo de mensagem é enviada para os caras que trabalham para mim? E sim. Já fiz sexo antes, muito, mas o que fizemos foi muito mais que isso. Então, por favor, pelo nosso bem, não o minimize. Só porque eu não deveria ter feito isso não significa que não foi perfeito. E para o

registro, como você estava montando meu pau - e sim, você pode dizer a palavra porque, como você mencionou, nós dois somos adultos - foi gravada na minha memória. E em terceiro lugar, se fosse tão simples como parece, você teria saído daquela toalha e estaria no balcão com meu rosto entre as suas pernas antes de poder gritar meu nome. É só... Merda, Lou. Eu estou tentando descobrir qual é a coisa certa a fazer aqui, e meu dever vence sempre."

Six correu o dedo ao longo de sua mandíbula e aplicou apenas a menor quantidade de pressão para incentivá-la a olhar para ele.

"Eu não tenho experiência expansiva nisso, Six", disse ela, honestamente. "Mas eu não estou preparada para passar por tudo o que é preciso para me abrir para você, se você não tiver certeza."

Ele soltou o queixo dela e suspirou, e ela sabia que eles terminaram a conversa. Pela maneira como seus olhos a seguravam, ela sabia que o relacionamento deles estava, na melhor das hipóteses, temporariamente suspenso. Por um momento, ela considerou se era corajosa o suficiente para ficar na ponta dos pés e iniciar um beijo. Ou se ela tinha o que precisava para simplesmente deixar cair a toalha e ficar na frente dele, nua. Ela estava certa de que poderia convencê-lo. Mas ela nunca saberia com certeza se ele realmente a queria ou não.

E quem queria um cara que precisava ser convencido para estar em um relacionamento com você?

CAPÍTULO NOVE

Six estava feliz por eles terem decidido levar o caminhão preto de Cabe. Ele se misturava melhor à noite do que o dele, e ser invisível era exatamente o que eles precisavam agora. Além disso, a escuridão combinava totalmente com seu humor. Agitação rastejou através dele, e o silêncio absoluto que ele normalmente podia encontrar quando precisava se concentrar estava se arrastando mais e mais fora de alcance.

Depois do almoço, uma rápida ligação ao oficial Meeks confirmou que a van usada na tentativa de rapto de Louisa fora encontrada, queimada, em um terreno abandonado. Nenhum dos esforços da polícia para encontrar o proprietário, Demyan Kovalenko, foi bem sucedido.

Era por isso que Six estava estacionado na rua da casa de Kovalenko, fazendo algo que a polícia não tinha recursos humanos para fazer. Esperando e assistindo. No entanto, por alguma razão, a paciência que ele tinha em escalas astronomicas como atirador havia desaparecido. Sentado no caminhão de Cabe, esperando, estava deixando-o louco e ele não sabia por quê.

Bem, talvez ele soubesse, mas admitir significava admitir que Cabe e Mac estavam certos. O que eles estavam fazendo era muito urgente, importante demais, para... dá... tudo errado. Porque se eles não acertassem, então Louisa estava em risco. E isso fez dele uma responsabilidade.

Ele odiava a ideia de que ela estava em sua casa agora e ele não estava lá para protegê-la. Ele odiava o olhar em seus olhos quando ela saiu do banheiro, e quando ele chegasse em casa ele ia ter certeza de que ela entendesse que seria apenas um atraso no tempo deles se conhecerem melhor. Exceto que ele odiava a ideia de que ele poderia ter que voltar para ela e dizer a ela que eles não tinham novas informações, que ele não tinha conseguido nada que pudesse tranquilizá-la de que ela estava segura.

"Você abre meu porta-luvas novamente e eu vou te matar", disse Cabe. Ele estava sentado, com os braços cruzados sobre o peito, como fazia desde que pararam, os olhos para a frente. "Quanto tempo você quer ficar aqui antes de chamarmos de beco sem saída?"

Six sacudiu a cabeça. "Vamos fazer mais algumas horas. Então eu acho que nós diremos aos policiais que estamos colocando câmeras fora de sua casa."

"Você sabe, se realmente acreditamos que há potencial para que essa droga seja uma pista, aposto que poderíamos obter algum tipo de autorização da Aitken para investigar isso ainda mais."

Andrew Aitken, o contato de Six na CIA no Departamento de Operações, foi uma ótima ligação. Six olhou para o relógio. Era quase meia-noite, tarde demais para ligar para ele agora.

"Eu vou falar com ele pela manhã. O ângulo russo provavelmente será suficiente para despertar seu interesse. Eu não adoro a idéia de ser pego em uma batalha da CIA contra o FBI, mas não fazer nada me atrai ainda menos."

Os dois caíram em silêncio novamente, e o tempo se arrastou dolorosamente devagar, os números verde-neon do relógio do painel batendo em Six. Ele brincou com o fone de ouvido que ele estava usando, um protocolo quando eles estavam fora em um trabalho para garantir que eles nunca estivessem fora de contato.

Um corredor passou o caminhão, ignorando completamente Six e Cabe, ambos vestidos de preto, desvanecendo no fundo sua especialidade. Ele era volumoso, o tipo de rato de academia que só trabalhava em seu peito, que estava coberto por um moletom escuro, uma escolha estranha dada a época de agosto. Algo não se encaixava e não era apenas a calça cinza que ele tinha que parar periodicamente para puxar para cima.

"Você está vendo isso?" Cabe sussurrou para Six.

"Isso não é Kovalenko, mas eu vou pegar qualquer coisa que pudermos."

Eles assistiram enquanto o homem corria em direção à casa de Kovalenko. Ele olhou para a esquerda, depois para a direita, como se estivesse checando a vizinhança.

Six checou sua arma. “Merda.” O homem passou direto pela casa. Decepção o inundou. Ele estava tão certo

"Bingo!" Cabe disse quando o homem dobrou de volta e abruptamente correu pelo caminho estreito ao lado da casa de Kovalenko.

Depois de alguns momentos de escuridão, um lampejo de luz, como se de uma lanterna apareceu na janela do andar de cima. Six percorreu os cenários. Kovalenko ainda estava vivo e fugindo, mas

precisava de algo de sua casa para fugir. Ou Kovalenko estava morto e algo precisava ser limpo... evidências precisavam ser destruídas... alguma coisa.

"Nós vamos buscá-lo quando ele sair, ou você quer segui-lo."

"Siga-o", disse Six. “Ele pode nos dizer algo se o pararmos agora ou talvez não. Mas se seguirmos ele, descobriremos mais. Eu vou segui-lo a pé, vou mantê-lo informado no local. Fique perto."

Six desceu do caminhão e fechou a porta silenciosamente, desaparecendo nas sombras atrás do caminhão.

Vários minutos depois, o cara saiu da casa e passou direto por eles novamente no lado oposto da rua. Agora ele carregava uma pequena bolsa esportiva preta.

Confiante de que a câmera do painel teria capturado a entrada e a saída do homem da casa, Six começou a correr, com o cuidado de colocar os pés deliberadamente no chão para evitar o tapa habitual de botas na calçada. Isso ele poderia fazer. Isso parecia tomar ação. E não havia nenhuma maneira na terra verde de Deus que o cara pudesse fugir dele.

A menos de dois quarteirões de distância, o corredor caiu de uma corrida para uma caminhada, depois se dirigiu para um carro do outro lado do semáforo. Ele se atrapalhou no bolso, então as luzes do carro brilharam e ele apertou sua grande estrutura dentro.

“Cabe, venha até aqui. Ele está entrando em um carro e sairá em menos de um minuto.”

Quando o motorista se afastou, o caminhão de Cabe parou ao lado e Six pulou. Ao invés de ligar para o detetive no caso de Louisa, eles ligaram para Noah, dando a ele todas as informações que tinham. Mantendo uma distância constante, eles seguiram o caminhão por vinte minutos até que ele parou em frente a uma unidade residencial de dois andares em San Ysidro. O estuque sujo de cor creme estava lascado e desbotado. Quatro espreguiçadeiras de plástico foram colocadas em volta de uma piscina vazia.

O homem saiu do carro e entrou em um dos prédios de nível inferior, deixando a bolsa para trás.

"Recebi o endereço, as unidades locais estarão lá em breve", disse Noah. "Eu expliquei quem você é, o que você está fazendo."

"Obrigado. Vou manter você informado se ele se mexer", Six disse e desligou o telefone. "Eu quero saber o que tem nessa bolsa." Six soltou o cinto de segurança e silenciosamente abriu a porta, escapando para a escuridão. Cabe seguindo.

Six soltou um suspiro de alívio quando tentou a porta traseira do carro e encontrou-a destrancada. Rapidamente, ele abriu o zíper da bolsa e encontrou um passaporte e um telefone em cima da roupa que tinha sido empurrada para dentro.

Ele olhou para onde Cabe estava tirando uma foto da documentação que ele encontrou no porta-luvas.

Felizmente, o telefone estava desbloqueado e Six rapidamente encontrou o número. Ele tirou uma foto dele e fez uma anotação mental para rastrear o mais rápido possível.

Uma luz brilhante iluminava o concreto, desaparecendo rapidamente como se alguém tivesse aberto e fechado uma porta. Six prendeu a respiração, ouvindo agudamente os sons de passos indo em sua direção. Soavam como se estivessem vindo do lado de fora do prédio. Ele bateu no ombro de Cabe, dando-lhe o sinal para se retirar.

Silenciosamente, ele e Cabe rapidamente se afastaram do veículo, fechando as portas com o clique mais gentil, antes de correr de volta para o caminhão, acomodando-se no interior quando dois desconhecidos caminharam até o veículo e pegaram a bolsa preta.

Six pegou o telefone e ligou para Lite, outro de suas novas contratações.

"O que é?" Lite resmungou, claramente meio adormecido.

“Eu preciso de acesso total a um telefone. Agora."

"Me envia o número."

Six desligou e enviou o número para Lite. Com alguma sorte, eles poderiam colocar o telefone em um dispositivo de gravação e capturar o que estava acontecendo dentro daquele apartamento.

Nem Cabe nem Six falaram novamente até que luzes azuis piscaram, várias delas, aparecendo no espelho retrovisor. Six queria a queda. Policiais eram bons, mas os SEALs eram melhores.

Ele desceu do caminhão.

Um dos policiais olhou para ele. "Fique fora do caminho", ele disse rispidamente. "Você não tem qualquer autoridade aqui."

"O que..."

"Ele está certo", disse Cabe, colocando a mão no ombro de Six.

Eles iriam estragar tudo, ele sabia disso. Haveria saídas deixadas descobertas, evidências deixadas para trás. E maldição, ele sabia que ele estava sendo injusto com os policiais trabalhadores, mas era Louisa quem estava em risco se qualquer pedra fosse deixada sem ser revolvida.

Six começou a andar de um lado para o outro quando ouviu o barulho alto da porta, os gritos e os gritos para todos descerem. No recesso de sua mente estavam imagens de todas as vezes em que ele invadiu uma sala e gritou as mesmas coisas.

Porcaria.

O som de pés batendo na calçada chamou sua atenção para a esquerda, e ele viu o homem que invadira a casa de Kovalenko fugindo do prédio. Six começou a correr, energizando as pernas enquanto seu coração bombeava furiosamente, para acompanhar o homem que fugia da cena. Não havia nenhuma maneira no inferno dele fugir.

Quando Six se aproximou, o homem começou a olhar por cima do ombro, depois correu mais rápido. A calça cinza solta começou a escorregar, e o homem agarrou o cós, o que o atrasou o suficiente para que Six saltasse pela distância entre eles e levasse o cara para o chão.

"Foda-se", disse o cara, tentando afastar Six dele.

"Fique abaixado", Six gritou quando o homem se contorceu debaixo dele. Um punho desonesto pegou Six no lado da cabeça, não com força suficiente para machucar. Em uma tentativa de colocar o homem em sua frente, as juntas de Six bateram no concreto duro, enviando dor ao seu braço.

As botas de Cabe apareceram na visão periférica de Six.

"Eu tenho cerca de dois minutos," Six rosnou quando ele finalmente subjugou o homem, "antes que os policiais saiam e levem você embora. E eu tenho um punhado de balas nesta arma, que estou mais do que feliz em usar para conseguir que você me diga para quem diabos todos trabalham."

Com o joelho nas costas do sujeito, Six tirou uma gravata do bolso e segurou os braços dele atrás das costas. Ele não tinha intenção de matar o cara, mas ele tinha certeza de que era legal usar a ameaça para conseguir o que queria.

Six puxou sua arma e colocou ao lado da cabeça do cara. "Sempre que você estiver pronto."

"Não, por favor. Não atire. É Lemtov. Victor Lemtov" o cara gritou.

Não era um nome que surgiu em uma conversa com Lou, mas Six pretendia descobrir quem diabos ele era. Rapidamente, Six guardou sua arma e se levantou. Cabe arrastou o cara para seus pés.

Foram necessários mais vinte minutos dolorosos de espera para saber que Kovalenko não estava no prédio e mais vinte para dar suas declarações e entregar todas as informações que coletaram.

Eram quase três da manhã quando ele voltou para sua própria casa e pegou uma garrafa de água da geladeira. Ele olhou para o quarto de Lou, onde ela ainda estava dormindo. Por mais tentador que fosse perder as roupas e rastejar na cama ao lado daquele corpo quente dela, ele não faria. Ele não confiava em seus sentimentos ao redor dela. Quando ela olhou para ele no banheiro como se ele fosse um sundae de sorvete gigante e ela tivesse cinco anos de idade para comer antes do café da manhã, tinha feito sua semana. Mas quando ela saiu do banheiro, parecia que se sentia tão mal quanto ele. Por um momento, ele poderia jurar que ela não aceitaria o seu não como resposta, e ele se perguntou como teria reagido se ela tivesse agido com aquele lampejo de confiança. No entanto, ela não tinha.

Passos no chão de madeira atrás dele fizeram seu coração disparar um pouco de excitação, algo que ele não sentia por uma mulher em um longo tempo. Ele fechou a porta da geladeira e se virou para olhar para Louisa. Círculos escuros rodeavam seus olhos e seus lábios estavam franzidos.

"Você está bem?" Ela disse, baixinho, enquanto olhava para o chão.

De volta para se esconder novamente. Olhe para mim, lou.

Droga. Ela colocou sua parede de volta enquanto ele estava fora, e enquanto era a melhor coisa para os dois, ele odiava isso.

"Estou bem. E você?" ele disse, colocando a mão no ombro dela. Ele fez isso para consolá-la, mas foi ele quem de repente se sentiu melhor. Pelo menos ele fez até que ela deu de ombros e saiu de seu alcance e caminhou até a janela.

"Estou bem", ela disse em uma voz que dizia que ela tinha muitas coisas, mas certamente não era uma delas. "O que aconteceu ontem à noite?"

"Nós encontramos um cara, o seguimos até o que achamos ser uma espécie de casa segura, e temos algumas pistas sobre quem pode estar envolvido", ele respondeu honestamente. Tecnicamente, ela era sua cliente, então ele devia suas respostas, mas, merda... E se ela não pudesse lidar com a realidade sobre como ele veio por eles? Ele não suportaria se ela o odiasse pelo que ele tinha que fazer para obter as repostas.

Louisa segurou a parte de trás do banco, finalmente olhando para ele. "Bem desse jeito? Você bateu na porta e disse: "Ei, quem contratou você?", E ele contou para você?" Ela ergueu uma sobrancelha, desconfiada.

"Bem, não foi tão simples assim", disse ele. Ele seguiu o olhar dela para os nós dos dedos machucados que ele flexionou subconscientemente. Não havia como guardar nada dela. "Não", ele respondeu, porque podia dizer pelo olhar em seu rosto, todos os olhos apertados e lábios altamente beijáveis, que ela ia exigir respostas, mesmo que seu instinto natural quisesse protegê-la delas. "Não foi assim tão fácil. Demorou um pouco de persuasão física. Mas descobrimos que ele foi contratado por um russo que mora em Los Angeles. Um Victor Lemtov."

"Ivan e Vasilii são russos. Eles estão conectados? Quero dizer, é meio óbvio, na verdade."

"Seria tolice não assumir isso. E se eles estão, eles são espertos o suficiente para perceber que você chegará a essa conclusão. Alguém

quer a droga que você criou, o que significa que alguém teve que dizer a ele que existia."

"Isso é reconfortante", disse ela antes de embaralhar os menus de entrega que ele mantinha no balcão até que eles estivessem em ordem de tamanho.

Embora a confiança com a qual ela falava fosse prejudicada pelas ações nervosas, ele ficou impressionado com a forma como ela mantinha tudo junto.

"Você não matou o homem com quem falou ontem, não é?"

Tinha sido difícil não fazer isso, mas ele balançou a cabeça. "Ele ainda estava vivo e no banco de trás de um carro da polícia quando saímos", disse Six, deliberadamente sendo leve em detalhes. "Recebemos as informações de que precisávamos e agora temos os meios para ficar de olho nele também."

"Então, o que acontece agora?" Ela perguntou.

"Mac e Lite estão trabalhando no ângulo de Los Angeles, apenas pegando algumas informações sobre o cara antes de irmos lá e ver o que podemos descobrir. Lite está cobrindo a casa de Ivan e do telefone pertencente a Kovalenko, o cara que tentou sequestrá-la. Buda, Gaz e eu estamos tecnicamente fora da rotação hoje. Sherlock está rastreando os outros veículos para ver se podemos descobrir mais deles."

"Eu pensei que a coisa toda de sinal de chamada era um mito", disse Louisa, colocando os menus de volta atrás do telefone.

"São apenas apelidos. Mac é realmente curto para o seu nome real, Malachi, que ele odeia. O verdadeiro nome de Buda é Joel Budd. Gaz é Gareth. O primeiro nome de Lite é na verdade Miller. Miller Lite, certo? O nome verdadeiro de Sherlock é Jensen Holmes. Eu recebo Six de Sixton, mas também recebo Viking às vezes. A família do meu pai descende deles."

"Hmm", ela disse. "Eu quero um apelido também. Posso escolher um?"

Six riu. "Não funciona assim. A equipe meio que escolhe para você."

"Você vai escolher um para mim?" Ela perguntou, sua voz mais leve, mais ofegante. Deus, ele queria levá-la de volta para a cama, para ouvi-la sussurrar palavras sobre seus lábios antes que ele a beijasse. Mas ele não podia. De novo não. Ele a decepcionou uma vez já cedendo à coisa que ele mais queria. Ela precisava do foco dele, e ele precisava tirá-los de sua casa antes que ele esquecesse tudo o que ele estava dizendo a si mesmo nas últimas vinte e quatro horas.

Sem respondê-la, ele mudou de assunto. "Eu preciso dormir um pouco, Lou, e você também." Ele pegou a mão dela e levou-a para a porta do quarto, notando seu beicinho quando ele não a seguiu para dentro. O pensamento de que ela o queria tanto quanto ele a queria ia dificultar o sono. "Mas amanhã, você quer dar um passeio, Louisa?" Ela estava trancada em sua casa por três dias. Ele a levaria até a praia, entraria na longa faixa de areia que os levaria aos jardins de meditação.

"Sim. Sim, eu gostaria" ela disse rapidamente.

Nesse caso, é melhor descansar e se armar.

* * *

Estar fora nunca foi tão libertador, mas tão aterrorizante.

Três dias se escondendo na casa de Six a fizeram desejar a simples liberdade de movimento, sobre a qual ela nunca esteve excessivamente preocupada. Era uma sensação estranha, mas ela queria estar do lado de fora, mesmo que estivesse com medo por razões completamente diferentes do que o normal. Agora, ela ansiava por estar em uma multidão. A segurança nos números era uma coisa muito real, e a ideia de estar isolada a assustava. Além disso, três dias inteiros na presença de Six também a fizeram desejar sexo - algo que não estava no topo da lista de coisas para fazer, mas que agora parecia tão vital quanto respirar. A ideia de Six de sair a impediu de fazer algo tolo para agradecer-lhe por se machucar por causa dela. Aqueles dedos estavam inchados e azuis, e embora fosse um pensamento primitivo, ela adorava a ideia de que ele a defendera. As coisas estavam se mexendo dentro dela, e pela primeira vez, Louisa começou a questionar o jeito que ela estava escolhendo viver sua vida. Timidez incapacitante a levara a viver com a menor interação humana possível, mas algo estava mudando. Bem, ela não podia dizer exatamente que uma parede havia quebrado dentro dela, mas definitivamente havia uma pequena rachadura na argamassa, e ela se perguntou o quanto ela teria que empurrar a rachadura para crescer.

Ela teve que esperar que Six fizesse uma ligação para um de seus contatos da CIA antes de partirem, alguém que tinha o poder de dar à Eagle Securities a autoridade legal para cavar mais profundamente

os assuntos de Vasilii, Ivan, Kovalenko, e um nome que ela não tinha ouvido antes, Victor Lemtov, sob o disfarce de segurança nacional. Quando ele desligou, Six garantiu que, embora seu contato precisasse fazer algum acompanhamento antes de concordar, Six estava confiante de que conseguiria a autorização de que precisava antes do final do dia.

O sol quente de Encinitas aqueceu seu rosto, e Louisa se concentrou na vitamina D natural que estava adquirindo. Qualquer coisa para tirar sua mente do homem alto ao lado dela que estava vestindo uma jaqueta leve, apesar do calor, para que ele pudesse usar não uma, mas duas armas e um par de facas amarradas em suas botas para protegê-la. Seus olhos estavam constantemente em movimento. Ele olhou para baixo da colina e depois se virou para olhá-la de volta. E ela não tinha perdido o jeito que ele trocou de lado para ficar entre a plataforma e ela enquanto eles se aproximavam da estação de trem. Ele explicou seu raciocínio antes mesmo de sair de casa. Eles estariam mais expostos na curta caminhada pela rua e até a escada de madeira que os levaria até a areia.

"Isso meio que me assusta você carregando tantas armas", disse ela enquanto andavam. "Mas eu estou aliviada que você está. Você não acha que eles vão atirar em mim, não é?" A mão dela roçou na de Six e, por um momento, ela se perguntou como seria andar ao lado dele, segurando-a, como um casal de verdade.

Por um breve momento, ele tirou os olhos do ambiente e olhou para ela. "Não, eu não sei. Eles mostraram repetidamente que pretendem levá-la viva. Se alguém for levar um tiro, sou eu. Eu estou entre você e eles."

"Bem, isso é reconfortante", ela disse, sua boca seca na imagem mental dele na calçada com um tiro no peito. Seu coração apertou com o pensamento.

Six riu. "Garantindo que você esteja bem, ou que eu leve um tiro?"

Ela o olhou provocativamente. "Ambos."

"Legal, Lou", disse ele quando chegaram à escada para a areia. Ele colocou a mão nas costas dela, levando-a na frente dele. "Senhoras primeiro", disse ele. "Se alguém estava olhando para nós, eles estarão atrás de nós. Então eu quero você na minha frente. Você sabe, então eu posso levar um tiro em vez de você."

Louisa parou e se virou para olhá-lo. "Isso não é muito engraçado, você sabe. Eu não quero que você leve um tiro por mim."

"Eu sei, mas é o meu trabalho. Um que faço de bom grado. Eu sou bom nisso. Eu não quero ser baleado mais do que você não quer. Mas eu sempre colocarei você em primeiro lugar." Ele passou o dedo pelo queixo dela e depois o tirou rapidamente. Mesmo depois que suas mãos sairam de perto dela, a linha que ele traçou queimava. "De qualquer forma", disse ele, circulando o dedo para incentivá-la a se virar e começar a se mexer novamente, "humor irreverente é a melhor maneira de passar por merdas assim. Além disso, se você for primeiro, eu vou olhar para sua bunda."

Apesar do nervosismo, Louisa riu. Talvez ele estivesse certo. Havia tanta coisa que ela podia controlar. Outro item para adicionar à sua lista de coisas que ela aprendeu desde que passou um tempo com Six. Controle não era tudo. O design de cada experimento que ela já fez dependia de ter controle sobre as coisas, todas as variáveis

contabilizadas, excluídas ou medidas. Mas não havia como ela controlar o que estava acontecendo em sua vida agora.

Ela fez um movimento para tirar seus tênis no último degrau, mas Six colocou a mão no braço dela. "Não", ele disse baixinho. “Sempre mantenha seus sapatos. Você precisa ser capaz de correr, se for necessário. E se você fizer isso, vá para a areia mais dura. É mais fácil de correr. Correr na areia fofa exige mais esforço.”

"Eu não tenho certeza se eu estaria tão ansiosa para sair se tivesse pensado em tudo", disse ela, olhando para a água melancolicamente. O suave ruído das ondas que batiam na praia e o leve cheiro de água salgada no ar a provocavam. Era o dia perfeito para caminhar ao longo da beira da água, sentindo as bolhas de espuma em seus pés, fresca e refrescante.

Embora as crianças locais tivessem voltado à escola na semana anterior, a praia estava ocupada. Famílias brincavam na areia quente e remavam na água rasa. Três jovens estavam jogando preguiçosamente uma bola de futebol entre eles. E um grupo de senhoras mais velhas com chapéus de aba larga caminhavam na direção deles. Turistas. Havia muitos deles, e seu ritmo cardíaco acelerou ainda mais. Six começou a se mover, mas ela ficou enraizada no local.

Perceber que o medo não era a melhor maneira de viver sua vida e fazer algo sobre isso eram duas coisas diferentes. Reconhecer que ela era culpada de uma não significava diretamente que ela poderia consertar a outra.

"O que há, Lou?" Six disse, aproximando-se dela.

Ele estava tão perto que ela podia ver as gotas de suor em sua testa e podia sentir o calor irradiando de seu corpo. Ela fechou os olhos, permitindo-se concentrar-se nele e em sua presença, não em todas as outras pessoas na praia fora de seu círculo. "Eu só preciso de um momento."

Six colocou o braço em volta do ombro dela e puxou-a para perto. Ela podia sentir a linha dura da arma sob a jaqueta dele, mas mais importante poderia enterrar sua cabeça em seu peito por um momento enquanto ela protegia suas defesas. Sua mão estava entre eles, e ela sabia que estava no coldre em seu short, apenas no caso. Louisa deixou sua força e absoluta falta de medo penetrar nela. Sua mão se arrastou para a parte de trás do pescoço dela e massageou lentamente enquanto ele beijava o topo de sua cabeça. "Você está bem, grão de bico. Apenas respire fundo."

Ela deixou suas respirações se alinharem com as dele, lenta e seguramente. "Eu não estou tendo um ataque de pânico", disse ela, em voz baixa.

"Eu sei", disse ele, suas palavras reverberando em seu peito. "Você está muito no controle para isso, certo?"

Ela estava? Suas entranhas pareciam uma mistura de gelatina e sua pele era o molde de plástico que mantinha tudo junto. Ela só precisava colocar um pé na frente do outro, respirar uma após a outra.

Relutantemente, ela se afastou dos braços dele e apertou os olhos ao olhar em sua direção. Seu cabelo parecia ainda mais branco ao sol, mas ela não podia ver seus olhos através de seus óculos escuros.

“Eu odeio estar perto das pessoas, Six. Eu sei que isso não fará sentido para você, e eu acho que o medo de ser sequestrada é horrível para qualquer um, mas o casal que tem medo de estar perto de qualquer pessoa é quase... Estou preocupada que seja mais do que posso suportar. Há obviamente um número de pessoas envolvidas. Se eles precisarem da minha ajuda para recriar a amostra, ela precisará estar em um laboratório, em uma sala limpa. E eu não posso imaginar que vou ficar sozinha.”

"Você vai me odiar por dizer isso porque parece tão banal, mas acho que você vai achar incrível o que você pode lidar quando realmente precisa. Você já ouviu falar em BUD/S?” Ele perguntou, começando a andar pela praia. Ele colocou a mão na parte inferior das costas dela e ela estremeceu com o contato. Com uma leve pressão, ele a acompanhou em torno dos grupos espalhados na areia e os que se dirigiam para eles.

Sem pensar, ela pegou a mão dele, querendo continuar a segurança que sentia em seus braços, mas ele apertou seus dedos suavemente e depois se afastou. Calor inundou suas bochechas, e ela deu um passo para longe dele.

"Não interprete nada disso, Lou", ele disse baixinho, passando os dedos pelos cabelos. “Eu preciso das minhas mãos caso algo aconteça.”

Claro que ele precisava. Seu comentário a fez se sentir ainda mais estúpida, e ela balançou a cabeça. "É o treinamento físico SEAL, certo?"

“Sim, embora seja muito mais que isso. Durante a primeira fase, o que é chamada Hell Week[29]. Louca como toda a merda. Eles literalmente te colocam no inferno. Eu me lembro de estar tão exausto que adormeci sendo tratado por um instrutor enquanto outro gritava no meu ouvido.” Ele se virou para ela e sorriu. "É fisicamente esgotante e leva você ao limite, na tentativa de fazer com que você ligue, saia. Mas a verdade é que é tudo mental. Assim que você se depara com o fato de que é incrivelmente raro alguém morrer durante o treinamento SEAL e que seu corpo é praticamente capaz de tudo o que você pode imaginar, você percebe que a única coisa que te obriga a desistir é sua própria cabeça."

Louisa pensou em suas palavras, deixou-as afundar em vez de responder a elas imediatamente. Ela preferiria estar viva e cercada de pessoas, que morta? Claro. Isso a enfraqueceria com medo? Possivelmente. Ela sobreviveria?

"Onde você está, Lou?", Ele perguntou.

“Só pensando no que você disse. Mesmo quando digo minhas preocupações em voz alta, sei o quão estúpidas elas soam. Eu gostaria de dizer que é claro que vou passar por qualquer coisa que acontecer. Mas você me viu naquela noite antes da apresentação.”

Era maré alta, e a água os obrigou a aproximar-se dos penhascos para que pudessem subir as rochas baixas para ficar fora da água. Um homem estava no baixio fazendo o que parecia ser ioga, sua pele a cor e textura do couro escuro. Six assentiu em sua direção. “Ele está aqui todos os dias. Eu vivi pela última vez em Encinitas oito

[29] Semana do inferno.

anos atrás, mas ele era um elemento fixo naquele local muito antes disso. Você já tentou ioga?”

"Uma vez. Na verdade, por duas vezes” ela disse, observando-a pisar enquanto Six pegava sua mão para ajudá-la a descer sobre uma extensão maior de areia. "Acontece que eu tenho a graça de uma girafa recém-nascida."

Six riu e levou-os para outra escada de madeira. "Eu não acredito nisso."

Louisa se virou na areia e olhou para ele. “E o que isso significa?” Ela desafiou.

"Com a prática, acredito que você pode ficar bom em qualquer coisa."

"Eu digo que é besteira", disse ela, levantando a franja do rosto. "Veja isso?", Disse ela, apontando para a cicatriz irregular que corria de sua sobrancelha em direção a a seu cabelo. "Seis pontos depois de bater na mesa de café dizem que você está tão errado."

Six olhou de perto, em seguida, levantou as mãos em sinal de rendição. “Eu estou corrigindo. Mas para o registro, eu ficaria mais do que feliz em ajudá-la a aprender como fazê-lo corretamente sem derrubar móveis inanimados. ”

Louisa riu. "Bem. Talvez eu dê outra chance.” A ideia de um Six seminu trabalhando em sua flexibilidade forneceu todos os tipos de inspiração visual.

“Então, srta. Bióloga. Que outros remédios alternativos você já tentou? Hipnoterapia? Aromaterapia? Acupuntura? Meditação?"

"Um par deles", disse ela. "Nenhuma diferença real notável, exceto para exercícios de respiração."

Eles começaram a subir as escadas íngremes de madeira.

"O que, nenhum argumento sobre a medicina oriental ser mágica?" Ele brincou.

Eles chegaram ao topo da escada, e Louisa teria respondido se ela não estivesse completamente sem fôlego. A respiração de Six não mudou, provavelmente por causa de tudo o que ele fez naquele quadro no jardim. Talvez ela devesse levá-lo para ajudá-la a entrar no tipo de forma em que ele estava. “

“Nenhuma”, ela disse.

"Eu darei a qualquer coisa uma tentativa, se isso vai manter minha mente longe das coisas."

"Nesse caso", disse ele, virando-se para uma rua lateral, “os jardins de meditação estão bem aqui." Ele virou à esquerda por um portão de metal e puxou-a para um lado, examinando cuidadosamente a estrada que havia aparecido. "Não estamos sendo seguidos", disse ele. "Vamos encontrar um lugar para sentar."

O jardim era lindo e exuberante, intercalado com bancos de pedra e pequenas alcovas para contemplação silenciosa. Todo mundo andava de uma maneira que ela só podia descrever como deliberada, tomando um momento aqui e ali para tocar as plantas. Ou observar a vista. Uma sensação de tranquilidade tomou conta dela quando Six pegou sua mão e a levou para um canto com um pequeno banco que dava para o oceano.

“Sente-se, Lou. E respire fundo.”

* * *

Tanto para estar do lado de fora!

Ele pensou, incorretamente, que estar em um espaço aberto e público com ela diminuiria a necessidade de estar com ela, mas aumentara. Tudo começou com a necessidade de segurar a sua mão, e ele realmente não se importava se era politicamente incorreto, mas ele queria que todos os babacas na praia que a olhavam mais de uma vez soubessem que ela estava com ele.

Que ela não estava. O seu pedido. Que era nobre... e fodido.

E agora ela sentava-se a um braço de distância dele no banco, em um de seus lugares favoritos na Terra, tão rígida que parecia que ela tinha um poste na espinha.

"Relaxe", disse ele, colocando o braço ao longo das costas do banco. Seu cabelo fazia cócegas em sua pele, mas ele resistiu ao impulso de agarrar seu ombro e puxá-la para perto dele. Em vez disso, ele se concentrou no azul do oceano, no verde das plantas e no vermelho rosado das flores. Cores que ele perdeu quando foram jogadas em tigelas de pó na cozinha de Satanás, onde a paisagem vinha em vários tons de bege e marrom.

“Eu deveria ter um mantra ou algo assim?” Ela perguntou. "Ou dizer ‘om’?"

“Engraçado, Lou. Você já ouviu falar sobre respiração na caixa?”

Ela inclinou a cabeça para olhar para ele, e levou todo o seu controle para não se inclinar para frente e beijá-la.

“É como inspirar por oito e expirar por oito?”

“Não é bem assim. Você inspira por quatro, segura por quatro, expira por quatro e segura por quatro. Apenas se concentre em sua respiração. Não pense em mais nada. Se você achar seus pensamentos à deriva, pare assim que perceber e volte para a respiração.”

"Isso é muito Nova Era de você, Six", ela disse baixinho, os olhos fechados e um sorriso sereno em seu rosto, apesar de sua provocação.

Ele observou enquanto ela seguia suas instruções e ele se encontrou respirando em sincronia com ela. “Sim, bem. Você ficaria surpresa com a merda que eu conheço.”

Eles se sentaram em silêncio, mas ele não conseguia se concentrar. Não podia deixar de olhar de soslaio em sua direção. No caminho, seus longos cílios tremulavam contra suas bochechas, ou o jeito que ela passava a língua sobre os lábios. Periodicamente, seu peito levantava, destacando a maneira como sua camiseta fina abraçava seus seios, e ela soltava a respiração em um longo suspiro que o lembrou do momento em que ele deslizou dentro dela pela primeira vez.

Você precisa transar. Claro que ele precisava. Quando ele voltou à Virgínia, não faltaram mulheres dispostas a passar tempo com ele. E ele tinha um entendimento contínuo com algumas mulheres felizes em receber o telefonema ocasional. Então uma vez em duas semanas foi quase tão ruim quanto ser implantado. Sair e encontrar alguém não seria problema, exceto a ideia de que Louisa não machucaria seu

peito. Estaria vazio, uma palavra que ele nunca havia associado com mulheres antes.

Ele sentiu, no momento em que Louisa finalmente relaxou. Ela tinha uma energia ansiosa e frenética normalmente. Seus ombros caíram, arredondados. E a cabeça dela caiu para frente. No começo ele pensou que ela tinha adormecido, mas então ela abriu os olhos.

"É difícil manter os pensamentos à distância, não é?", Perguntou ela, ligando os dedos.

Soava mais como uma afirmação do que como uma pergunta, e se ele não soubesse melhor, ele poderia jurar que ela lia sua mente. “Sim, pode ser. Mas fica mais fácil com o tempo.” Ele estava claramente fora de prática, mesmo que tivesse sido sua rotina noturna quando ele foi implantado e ele não podia esvaziar a mente tempo suficiente para pegar algumas horas de sono.

"Como você faz isso, Six?" Ela se virou no banco para encará-lo e levantou os óculos de sol, colocando-os no topo de sua cabeça.

Por alguma razão, pareceu importante que ele fizesse o mesmo. Para olhá-la nos olhos. “Minha mãe ensina meditação e minha irmã ensina ioga. Eu faço os dois desde criança.”

Louisa sorriu. "Essa é uma história muito legal", disse ela. “E quero ouvir mais sobre o pequeno Sixton, o iogue. Mas eu quis dizer se preparar para se colocar em perigo. Você nunca parece incomodado com isso.”

"Se eu pensasse por um segundo que isso ajudaria, eu entraria em pânico junto com aqueles que eu deveria defender." Ele ofereceu-lhe a mão e se maravilhou, quando ela aceitou, em quão

pequena a dela parecia na dele. “Mas, infelizmente, isso não acontece. O medo afeta sua capacidade de pensar direito, de tomar boas decisões. Nos momentos mais difíceis que já experimentei, procurei o lugar mais silencioso que encontrei dentro de mim. Tente se livrar de todo o barulho, da porcaria e do pânico, e concentre-se na pequena voz dentro de você que conhece as respostas.”

"Você percebe que soa um pouco como *Use a força, Luke*?" Ela olhou para as suas mãos unidas, e ele notou que ela tinha uma covinha na bochecha esquerda que mostrava quando ela sorria amplamente.

“É preciso um certo tipo de pessoa para ser um SEAL. É difícil de explicar. Pergunte a qualquer um de nós e diremos que há um momento de absoluta clareza, à medida que as coisas acontecem em câmera lenta à sua frente.”

"Eu não posso imaginar isso. Quer dizer, eu assisti a filmes sobre SEALs e você vê imagens na TV, mas deve ser outra coisa para estar lá pessoalmente. Você é um herói de boa fé.”

Six encolheu os ombros. "Eu não sei sobre isso. Eu acho que você é mais corajosa do que eu. Eu não posso imaginar como deve ser viver à sombra de uma doença tão debilitante.”

Louisa soltou a mão dele e se levantou. Ela vagou para o corrimão que dava para a água e se virou para encará-lo. “Não é debilitante. É mortal. Geralmente dentro de quinze a vinte anos do início. Mas meu pai não morreu diretamente da doença.” Ela puxou um elástico do pulso e puxou o cabelo para cima em um rabo de cavalo.

Ele ficou. "O que aconteceu?", Ele perguntou, e seguiu para se apoiar no corrimão ao lado dela.

“O sintoma mais característico de Huntington é a chorea, os movimentos bruscos. Meu pai já havia começado a mostrar algumas manifestações neuropsiquiátricas, mas a medicação que ele tomou para a chorea a exacerbou.” Seu nariz se contraiu e ela olhou para cima, piscando as lágrimas. “Ele passou de ansiedade e depressão para suicídio em questão de meses. Fui eu quem o encontrou pendurado na garagem.”

"Oh, Lou", ele disse enquanto se levantava. Ele a pegou nos braços e puxou-a para perto de seu peito. Ele beijou o topo de sua cabeça.

Mais uma vez ela deu um passo para trás enquanto engolia profundamente, mas felizmente ela não se afastou dos braços dele, onde, é claro, ela não deveria estar em primeiro lugar. Mas ele não dava a mínima.

“Ele se matou logo depois que eu saí da escola e minha mãe foi para Los Angeles visitar um amigo. Quando o encontrei, ele estava morto em nossa garagem quente por nove horas.”

Six pensou sobre o modo como os corpos se decompõem em temperaturas quentes. O cheiro sozinho teria sido suficiente para deixá-la doente. E pendurado. Cristo. As pessoas ocasionalmente perdiam sua merda. Literalmente. A morte violenta não era algo que alguém deveria ter que testemunhar.

"Eu sinto muito. Isso é uma coisa horrível.”

"Sim. Bem. Agora você entende porque isso significa muito para mim. Os remédios que deveriam ajudar com seus sintomas o empurraram para o limite. É por isso que preciso encontrar algo para ajudar nisso, enquanto outros lutam pela cura da doença como um todo. Isso pode levar muito tempo porque não recebe o tipo de financiamento que o câncer faz. Então isso parece algo que eu posso fazer."

Incapaz de resistir, ele a puxou para perto novamente, e ela foi de bom grado. "Vamos descobrir isso, Lou. Eu prometo. Não sei quanto tempo vai demorar, mas prometo que sim. E esperamos que a rota da CIA chegue hoje, para que eu não precise contornar a polícia. Eles têm o devido processo e os mandados, e menos meios de fazer as pessoas falarem. Este contrato nos dará um tipo diferente de latitude para fazer as coisas rapidamente. Vamos manter a polícia e os funcionários, o FBI, acompanhando todos os passos, mas vamos fazer do nosso jeito."

"O que acontece agora que parte da poeira se instalou?"

Ele tirou as mechas de sua franja do rosto dela com o polegar. "Nós voltamos para casa e vemos o que temos. Alinhar todas as peças. E vou colocar um rastreador no seu celular e um no seu sapato. Se, por alguma razão, eles conseguirem superar todos nós, se chegarem até você, poderei encontrar você. Eles podem levar seu telefone, mas não vão levar seus sapatos."

Louisa assentiu. "Certo. Coloque quantos quiser em mim. Isso me fará sentir mais segura. E quanto a… não importa."

"Não, vá em frente. O que, sobre o que?"

"Nada. Honestamente", ela disse. Ela saiu de seus braços e ele odiou a perda que sentiu. "Estou ansiosa para chegar em casa e começar."

Ela partiu pelo caminho que eles haviam caminhado sem sequer olhar para trás.

Ele tinha a sensação de que ela estava prestes a perguntar sobre seus próprios demônios.

E se ela tivesse, ele poderia ter dito a ela.

CAPÍTULO DEZ

Victor Lemtov não fazia parte da máfia russa, o que, de acordo com Six, foi uma coisa brilhante porque o crime organizado tinha braços e pernas e relacionamentos com outras famílias. Então, o alcance da ameaça não foi tão longe quanto poderia ter sido, mas também essa foi uma faca de dois gumes. Lemtov estava voando abaixo do radar. Transgressões menores, geralmente envolvendo capangas mal organizados, o colocaram de volta, mas a negociação localizada e a morte de traficantes menores não podiam ser atribuídas a ele, não importando o quanto a força policial tentasse. O sequestro de alvos não relacionados a drogas pareciam ser um campo de jogo maior do que ele estava acostumado, e o FBI estava interessado em suas operações que aparentemente causavam um empurrãozinho entre a CIA de Six e contatos fracos envolvendo a Eagle Securities. Mas, como Six prometera, seu contato havia chegado e agora Eagle estava oficialmente agindo com o consentimento deles.

Depois da caminhada, eles voltaram para a casa de Six e ele mostrou como carregar e disparar uma de suas armas. Ele lhe explicou, mas ela não conseguia se lembrar, apenas recordava que tinha sentido que era fria e pesada em sua mão. Então ele retomou ao modo guarda-costas, colocando a distância de volta entre eles. Isso a estava deixando louca, porque ela tinha certeza que ele a checou ocasionalmente durante o tempo que passaram na praia. E quando ele a puxou em seus braços, ela poderia ter jurado que sua

respiração tinha falhado um pouco. Ou talvez fosse porque ela o abraçou com um toque agressivo demais.

Sua ânsia por por ele estava piorando. Quão difícil seria levá-lo a bordo de volta para onde eles tinham ido quando foram para a cama juntos? Pela primeira vez na eternidade, ela pensou em se masturbar - algo que ela nunca precisara antes, mas, Deus, uma mulher só conseguia cruzar as pernas tantas vezes antes de implodir internamente.

Na necessidade de algo legal, ela pegou o suco verde que ele comprou para ela de cima da mesa no pátio coberto e tomou um gole. Um ventilador soprava monotonamente para cima dela enquanto ela bebia e tentava não olhar para a forma como Six estava reclinado em uma cadeira de rattan, com os pés em cima da mesa de centro, com um laptop em seu colo. Ele também a convenceu a tomar um suco de quatro onças com gengibre e pimenta Caiena, que tinha gosto ruim e queimou sua garganta quando ela engoliu, mas ele apenas tomou e riu de sua expressão. Agora, ele estava sem camisa, obviamente lendo alguma coisa. Ele estava tão concentrado quanto ela estava distraída.

Ela checou seu telefone. Havia uma série de mensagens de Aiden perguntando se tudo estava bem. Era raro que ela perdesse um dia no laboratório, por isso sua ausência provavelmente era evidente. Ela deu uma resposta rápida de que havia alguns problemas, mas ela estava segura.

"Então," ela disse, sabendo que estava interrompendo a concentração de Six. "O que mais você tem?"

"Apenas lendo algumas coisas de Sherlock."

Ela esperou por um momento para ele continuar, mas ele não o fez. Talvez ele precisasse de um momento para terminar. Nem todo mundo era um leitor de velocidade como ela. Mais alguns minutos se passaram enquanto o vento zumbia acima deles. Se esta fosse sua casa, ela substituiria o ventilador o mais rápido que pudesse. O zumbido e o rangido a deixavam louca.

Incapaz de esperar por mais tempo, ela interrompeu novamente. “O que isso diz?”

Six balançou a cabeça e encolheu os ombros olhando para ela. "Nada de mais. Mais confirmação do que ainda não sabemos.”

Era impossível explicar como, mas no fundo ela sabia que Six estava escondendo algo dela. "Há mais do que isso, não é?"

"Lou", ele avisou, mas ela continuou.

“Você disse que Mac e Lite estavam acompanhando Lemtov. Então, ou eles escondem informações ou você sabe mais do que está dizendo. Você não me disse nada das câmeras na casa de Ivan. Ele esteve no laboratório? Ele viu o avô dele? O laboratório está apenas seguindo normalmente? E você disse que tem um criado chamado Kovalenko e o cara que você atirou.” Six estremeceu com isso, mas ela continuou intimidando. “Eles foram interrogados? Para quem ele telefonou? Eles estão livres?”

Six olhou para ela, sua boca em uma linha sombria. “Não há nada sólido. Nada que nos leve a algum tipo de conclusão ainda. Qualquer coisa que eu dissesse seria pura especulação.”

Inclinando-se para frente, ela bateu a caneta no papel. "O que você está tentando esconder de mim?", Ela perguntou.

Six fechou seu laptop e a estudou. “Eu prometo que vou contar quando houver algo importante. Você já tem o suficiente para se preocupar.”

“E você decide isso?” Ela perguntou, ouvindo sua voz subir uma oitava.

Ficou claro que ele notou o problema com raiva também. “Espere, Lou. Não é nada disso.”

"Não. Porque soou muito como se você estivesse decidindo o que eu ouvirei sobre um caso que eu estou realmente pagando você.”

"Você tem que confiar em nós para fazer o nosso trabalho", disse ele, frustração entrelaçando suas palavras. “É para isso que você está nos pagando. Para mantê-la segura e descobrir o que está acontecendo. Para fazer isso parar. Para lidar com os perseguidores.”

"Bem, não parece que você está fazendo um ótimo trabalho, já que você tem zero para me atualizar." Ela jogou o bloco de notas sobre a mesa com raiva.

"Pelo amor de Deus," Six murmurou. "Não há necessidade de v*ocê* ouvir tudo *isso*.”

“Eu decidirei isso”, ela protestou. "E eu farei isso com base em você me dizendo tudo até que *eu decida que não preciso ouvir.”*

"Algumas coisas não podem ser ouvidas, Lou, ou não devem ser vistas. E algumas delas são classificadas."

Por um momento, ela se perguntou se ele estava falando sobre ela ou sobre suas próprias experiências.

“Isso me envolve. Você não tem ideia do pouco detalhe que você pode ter que possa desencadear algo na minha cabeça sobre conversas que tive no passado, ou pessoas que conheci ou empresas que conheço. Você reúne informações, então você não percebe como seria estúpido não seguir comigo? E encontrar padrões é o meu maldito trabalho. Um trabalho em que sou muito boa. Eu posso ajudar."

Lágrimas picaram dos seus cantos dos olhos, mas não eram tristes. Elas eram lágrimas de frustração que ela sempre sentiu quando foi marginalizada pelos pesquisadores masculinos com quem trabalhou no passado. Louisa se levantou e Six ficou de pé também. O olhar em seu rosto só poderia ser descrito como predatório, assim como o tempo em que eles estiveram juntos no seu quarto.

"Eu não quero que você tenha pesadelos sobre isso depois que tudo acabar. Estou tentando protegê-la disso, não estou escondendo nada de você.

"Eu não preciso ser protegida, Six."

“Sim, você precisa. Eu te vejo, Louisa. Eu vejo o rosto corajoso que você está tentando colocar nisso. Mas então eu vejo os livros nas minhas prateleiras agora estão em ordem alfabética e que as plantas na janela estão agora em ordem de tamanho. Você faz sua cama e deixa os travesseiros perfeitamente alinhados, e tudo na geladeira está voltado para a frente. E não me diga que é TOC porque se fosse, você seria obrigada a fazer esse tipo de coisa o tempo todo. Mas você não faz. Você faz isso quando está com medo. Assim que nos sentamos à mesa de café, você começou a empilhar as pedras. Veja."

Ela olhou para os seixos no centro da mesa de madeira que tinha formado uma peça central com um grande pedaço de madeira flutuante. Sem pensar, ela os separou de tal maneira que agora corriam do cinza pálido para o preto, como um arco-íris monocromático.

Ele marchou até ela e pressionou-a contra a parede, com as mãos em ambos os lados da cabeça. "Então não me diga que você não precisa ser protegida, Lou", disse ele, trovejando. "Eu vejo isso mesmo quando você não faz. E eu quero ser esse cara para você."

Seus lábios queimaram nos dela enquanto a raiva e a frustração davam lugar à única coisa que estava se formando entre eles. De todas as coisas que ele poderia ter dito ou feito, esta era a única coisa que poderia desarmá-la, deixá-la esquecer exatamente o que eles estavam brigando. Não foi resolvido, mas ela estava disposta deixar de lado até que tudo aquilo acabasse.

Suas mãos deslizaram em torno de sua cintura, puxando-a para ele, e ela deslizou as mãos em seu cabelo, segurando a sua vida enquanto sua ereção pressionava contra seu quadril. Deus querido, ela queria que ele a levasse. Bem aqui. Na varanda dos fundos, com o estúpido ventilador rangendo, resfriando-os de cima.

"Lou", ele engasgou pouco antes de sua língua encontrar a dela, e ela gemeu em resposta. Ele provou do smoothie de manga que ele comprou, e ela estremeceu quando a mão dele deslizou para dentro de sua camiseta e ao longo de suas costelas até que o polegar roçou a renda de seu sutiã.

"Por favor, Six", ela gemeu quando ele pressionou mais firmemente contra ela. Seu telefone, que ele havia deixado na mesa, começou a tocar, mas felizmente ele ignorou.

Ele levantou a camiseta acima da cabeça dela e a jogou na cadeira antes de voltar sua atenção para os seios dela. Ele alcançou as suas costas, acariciando o pescoço dela enquanto o fazia, e abriu o fecho do sutiã. As alças caíram pelos braços, e ele baixou a boca ao longo de sua clavícula e desceu pelo seu peito antes de chupar o mamilo em sua boca. Ela enfiou as mãos de volta em seu cabelo e agarrou-o a ela, silenciosamente encorajando-o a lamber e chupar mais forte, o que ele fez, fazendo seus joelhos fracos.

O calor se acumulou entre suas pernas e ela queria desesperadamente aliviar a pressão. O telefone começou a tocar novamente e ele olhou para ele. Ela alcançou entre eles, deslizou ambas as mãos em sua roupa íntima, e agarrou sua ereção com firmeza.

“Deus, Lou. Sim. Não pare", disse ele, levantando a cabeça para olhar para ela, seus olhos azuis mais frios do que uma geleira ártica. O calor estava se formando entre eles, mas diferente da primeira vez juntos. Isso era inflamável. Ela iria entrar em combustão se ele não a levasse logo.

Excitação estremeceu através dela quando ele empurrou em sua mão. Ele a queria tanto quanto ela o queria. "Não aqui", disse ele. “Minha cama.” Eles começaram a se mover em direção ao quarto, sua mão enfiada na dele, mas o telefone tocou novamente.

"Porcaria", ele gritou, mas pegou de qualquer maneira. Com um olhar superficial na tela, ele respondeu. "O quê?" Ele retrucou. Ele

passou o polegar sobre o mamilo e piscou. Talvez fosse porque ele estava ao telefone com outra pessoa, mas de repente ela se sentiu exposta e levantou o braço para cobrir os seios. Sua mão caiu, seu rosto perdendo o desejo que tinha sido óbvio em suas pálpebras encapuzadas e mandíbula frouxa. O soldado estava de volta quando ele se abaixou para pegar o sutiã e entregou a ela.

"Vejo você lá em uma hora", disse ele, e desligou o telefone.

* * *

A escola de atiradores de elite ensinara a Six a lição mais importante de todas: como bloquear simultaneamente todo o resto ao seu redor e focar no alvo, ainda que absorvesse todas as mudanças no ambiente. E como ignorar a dor surda em seu pênis. Afastar-se de Louisa tinha sido uma tarefa impossível, mas ele tinha uma missão. Nunca foi tão difícil cair em seu papel como um SEAL. Namorar estava começando a ter um toque mais agradável, e esperançosamente ele voltaria para a cama antes dela adormecer.

Por enquanto, tudo o que ele precisava fazer era se concentrar no trabalho que tinha em mãos. O plano deles era simples: cercar, surpreender e levá-los a se render.

Demyan Kovalenko estava prestes a ser assombrado por fantasmas. Graças ao telefone sem fio que Six havia colocado no celular do cara, eles sabiam que Kovalenko estava chateado por não ter sido pago, embora a tentativa de pegar Lou tivesse sido um fracasso. Em uma destruição do trem que Mac, que estava ouvindo a cerca de uma milha de distância, Kovalenko havia ligado para alguém chamado Mitty, exigindo pagamento e proteção.

De um jeito ou de outro, era improvável que as coisas terminassem bem para ele.

Six assistiu de seu lugar atrás da parede de tijolos atrás do prédio abandonado. Bailey e Ryder, que decidiram aceitar as ofertas para se juntar à Eagle Securities, não estavam felizes em receber o dever de proteção de Louisa, mas o horário e o local da reunião haviam sido organizados, e Mac, Cabe, Six, Buddha, Lite, e Gaz passaram a tarde cobrindo a locação para garantir que não importasse onde a ação caísse, eles tinham olhos nela. Eles também fizeram um trabalho pesado sério. As partes desmoronadas da parede haviam se juntado em pedaços de sete ou oito tijolos, e eles carregaram pilhas delas na estrada para impedir a passagem de veículos em um movimento projetado para limitar o uso de carros na estrada de concreto rachada.

"Então, eu ouvi que você e Louisa estão ficando firmes", Mac sussurrou de seu esconderijo a dois metros de distância, silenciando com uma mão o microfone que mantinha todos conectados através de seus fones de ouvido.

Six olhou para a entrada principal, curioso para saber se as duas partes iam chegar de carro ou a pé. Ele silenciou o microfone também. "Isso não faz o seu estilo Mac, ficar conversando na hora do trabalho. Você andou muito tempo com o Cabe."

"Ela é fácil para os olhos, eu vou te dar isso. Me lembra Delaney dessa maneira."

Apesar de Mac a querer, Six esperava que Mac e Delaney ficassem um dia, por mais improvável que parecesse. Ela não falava com Mac desde o dia em que lhe deu um tapa na frente do caixão do irmão.

"Se você passa mais tempo procurando por nossos alvos do que fofocando sobre Lou, esta noite será muito mais produtiva."

"Faróis." Posicionado no terceiro andar do prédio, onde ele podia ver a estrada que levava ao armazém, Lite era esparso como sempre, com seus comentários.

“Podemos contar quantos? Armas visíveis? ”Six perguntou.

"Trabalhando nisso."

Momentos como esse sempre pareciam se arrastar para sempre, segundos parecendo minutos, mas Six sabia que o valor de tomar seu tempo, especialmente no tiro, até que eles tivessem todas as informações.

"Três. Nenhuma visível.”

O carro estacionou na parte de trás do armazém para o lado da estrada, pouco antes dos tijolos. Se a merda caísse, Buda tiraria os pneus dianteiros de sua posição. Seus veículos estavam no acostamento de uma estrada que não era facilmente acessível do depósito, a não ser a pé, com um Gaz irritado atrás do volante de um deles. Ele não ficou feliz em ficar de fora da ação principal depois de ter sido deixado para trás no show do México, mas ele não disse uma palavra. Em vez disso, ele deixaria sua direção falar por ele. Eles tiveram a sorte de não terem sido parados pela polícia.

"Segundo veículo, um motorista, nenhum passageiro."

"Uau", sussurrou Buda em seu esconderijo. "Isso foi quase uma frase, Lite."

“Foda-se você. Como é que isso não foi uma sentença? Verbo e pronome incluídos.”

Mac olhou para Six e sorriu.

O segundo carro estacionou atrás do primeiro. Erro de novato, pensou Six. O motorista deveria ter virado o carro, deixado na direção que ele precisava para sair. Agora, se ele tivesse que correr rapidamente, ele seria confrontado com a perspectiva de ter que fazer um giro de três pontos sob pressão, e possivelmente em uma chuva de balas.

Kovalenko, machucado, pulou para fora do carro sem desligar o motor e, imprudentemente, marchou em direção ao outro veículo, com uma pequena arma na parte de trás da calça jeans. "Onde esta meu dinheiro?"

Six revirou os olhos. Estava acontecendo como uma cena ruim em um filme da lista B. Todo diálogo empolado e uma má atuação. O motorista do primeiro veículo saiu. Meathead[30] típico. Pescoço grosso e salsichas para os dedos. Parecia o tamanho de um pequeno tanque, mas corria mais devagar que uma tartaruga. Ele seria um alvo fácil de derrubar.

O motorista abriu a porta atrás do carro e dois homens saíram, ambos de jeans e camiseta e um deles vestindo uma jaqueta de couro apesar do calor, que disse a Six que ele provavelmente estava fortemente armado.

"Mitkin", disse Kovalenko em voz alta. "Você precisa me pagar."

---

[30] Um cara muito musculoso que não consegue manter uma conversa sobre nada além de levantamento de peso e produtos para encorpar os músculos

Mitty. A abreviação fazia sentido.

"E me diga por que você acha que eu deveria fazer isso", disse Mitkin. "Porque eu definitivamente não tenho a garota."

O motorista do veículo estava lentamente deslizando a mão atrás das costas, o que era toda a confirmação que Six precisava que pelo menos duas das pessoas que eles estavam assistindo estivessem armadas.

O microfone de Six clicou em seu ouvido. “Buda, motorista. Cabe, jaqueta de couro. Eu tenho o camiseta cinza” Mac sussurrou. "Six, Kovalenko."

“Eu preciso fugir. Alguém estava vigiando minha casa”, disse Kovalenko. “Eles vieram por mim. Eles sabem quem eu sou e onde moro. Eu preciso de dinheiro para fugir.”

Mitkin olhou entre seus dois capangas e sorriu. "Eu ainda não entendo porque você acha que isso tem algo a ver comigo. Você estragou tudo. E sempre há consequências.”

"Você fez soar como uma simples entrada e saída."

O riso rompeu o silêncio. “Eu te ofereci um emprego, você aceitou o emprego e você falhou no trabalho. Não há nada a ganhar chorando comigo sobre suas próprias falhas. Mas você pode ser útil para mim.”

Kovalenko limpou a testa enquanto olhava entre os três homens nervosamente. "O que você precisa?"

Mitkin caminhou em direção a Kovalenko e Six sacudiu a cabeça.

"Bye bye, Kovalenko", Lite cantou em voz baixa através do fone de ouvido.

Six respirou fundo e esperou pelo inevitável.

"Eu quero que você seja uma lição para aqueles que pensam que podem falhar e esperar pagamento." Mitkin parou a poucos passos de distância dele.

De repente, sentindo no que ele tinha se metido, Kovalenko estendeu as mãos para as costas para tirar a arma do coldre, mas era tarde demais. Six balançou a cabeça quando o motorista do veículo deu um passo à frente e apontou a arma, pronto para puxar o gatilho até que a arma fosse disparada de sua mão por Lite. Eles precisavam de Kovalenko vivo. Eles precisavam de todos eles vivos.

Mitkin mergulhou para se esconder, e Kovalenko desmoronou no chão com medo.

"Vá!" Mac gritou.

"Abaixe suas armas," Six gritou enquanto diminuia a distância entre eles, a arma apontada diretamente para Mitkin, mesmo que Mac já o tivesse coberto. Com Kovalenko já em baixo, o foco deveria estar no chefe. Gritos instruindo os três homens a descer para o chão ecoaram ao redor dele.

Capitalizando no elemento surpresa e vendo o choque gravado nos rostos dos homens de Mitkin, seus homens saíram correndo de seus esconderijos com Lite cobrindo de cima, acertando o motorista no ombro quando uma bala passou zunindo à esquerda da cabeça de Six. Já dobrado do ferimento de bala, o motorista era o alvo mais fácil. Six viu Buda carregá-lo, mandando-o esparramado no chão, de

frente. Com um grito alto, Buda pousou diretamente em cima dele, colocando um joelho diretamente na parte inferior das costas. Grosseiramente, ele puxou os braços do motorista para trás e os segurou com força.

"Cubra-me", gritou Mitkin, mas não havia mais ninguém para fazer isso. O motorista estava fora, e Cabe estava no processo de desarmar o cara da jaqueta de couro.

Six concentrou-se em Mitkin, que absorveu a confusão que os rodeava. Choque gravado em seu rosto. Six segurou sua arma diretamente para ele. "No chão", ele gritou, mas sendo o babaca mal informado e fraco que era, Mitkin fez uma corrida para o carro de Kovalenko. Six gemeu. "No chão", ele gritou e disparou um tiro de advertência que deliberadamente pousou a poucos centímetros de distância do pé de Mitkin. Não havia jeito de Six deixá-lo ir embora. Ele cobriu o concreto desigual como se o inferno estivesse em seus calcanhares. Ele atiraria no cara antes de deixá-lo fugir. Com um grunhido, ele se jogou em cima de Mitkin e o forçou ao chão. Mesmo com a leve estrutura de Mitkin absorvendo a maior parte do impacto, os joelhos de Six fizeram contato com o concreto e a dor subiu por suas pernas.

"Você não tem ideia de quem você está mexendo", Mitkin gritou. "Você vai estar morto antes do amanhecer."

“É improvável” Six disse, encostando a cabeça de Mitkin no chão para uma boa medida.

"Limpo", gritou Cabe.

“Limpo”, Buda ecoou.

Six conteve as mãos de Mitkin e o checou por armas. "Limpo", acrescentou finalmente.

Mac desligou o motor do carro de Kovalenko. "Vamos levá-los para dentro", ele instruiu.

Seus prisioneiros lutaram por um momento mais longo, mas logo ficaram dominados quando perceberam que estavam esgotados e desarmados.

Six puxou Mitkin para seus pés e o arrastou para os veículos que os aguardavam. Mac e os outros o seguiram, e assim que todos entraram no veículo, eles foram transportados para o escritório do FBI em San Diego, conforme combinado. Ao contrário dos filmes, eles não fizeram nenhum movimento para pressioná-los. Eles queriam que os homens falassem. “Lábios soltos afundam navios” era um ditado por uma razão, e ele levava qualquer informação que pudesse para ajudar Lou.

Apesar das esperanças de Six de que eles poderiam lutar uns com os outros, revelando algo crucial para o caso de Louisa, Mitkin tinha feito pouco mais que olhar para Kovalenko enquanto eles dirigiam. Assim que entraram no prédio federal, foram separados. O motorista e o capanga foram colocados em espera até que pudessem ser entrevistados. Six e Cabe levaram Mitkin para uma sala de entrevistas, Mac e Lite levaram Kovalenko.

Havia uma linha tênue entre entrevista, interrogatório e intimidação. Os dois honorários do outro lado do espelho de duas mãos provavelmente tinham uma visão tão borrada das sutilezas quanto ele. E dado o que estava em jogo, ele não estava com humor

para medir suas palavras. Então ele conseguiu a leitura dos direitos de Miranda fora do caminho.

"Você vai para a prisão e, provavelmente, no final da frase, vai voltar para a Rússia", disse ele antes que Mitkin tivesse tido a chance de se sentar. "A única coisa que afetará sua sentença é o que você diz em seguida."

Six puxou a cadeira, virou-a. "Então, o que vai ser?"

* * *

Depois que o sol se pôs, Louisa percebeu que havia muitas janelas sem cortinas na casa dos Six. Cada quarto tinha pelo menos duas, e de repente ela se sentia exposta.

Talvez tenha sido por causa do tempo que ela passou dando sua declaração oficial, mas de repente ela se sentia muito sozinha.

Ela não deveria, é claro, porque Six a deixara coberta por dois caras da Eagle Securities que ele conhecia e confiava. Ela sabia que deveria aceitar a palavra dele de que eles eram tão bons quanto ele, mas do seu lugar na cama, ela abriu a gaveta e verificou pela milésima vez que a arma ainda estava lá. Mais cedo, ela até tirou e segurou na mão dela. Era legal ao toque e mais suave do que ela imaginou. Sua mão estava tremendo quando ela colocou um dedo no gatilho, mas os pensamentos de puxá-lo a fizeram coloca-la rapidamente de volta na gaveta e a fechou.

Mesmo agora, mesmo com tudo o que estava acontecendo em sua vida, ela ainda não conseguia imaginar um cenário em que ela realmente precisasse de uma arma para disparar.

Enquanto isso, Six estava caçando os homens que tentaram machucá-la, e a ideia de ele fazer isso desarmado era impensável.

Louisa pegou seu laptop e percorreu a agenda de uma conferência de neurologia na qual a pediram que falasse em janeiro seguinte. No passado, ela tendia a adiar essas palestras para os outros porque detestava apresentar... e pessoas - dois elementos que geralmente eram dados em grandes conferências. Mas ela estava começando a pensar que era possível empurrar tudo isso para um lado e fazê-lo de qualquer maneira pelo bem do que ela estava tentando fazer. Ela se perguntou quantos doadores potenciais, ou, francamente, quanto mais pesquisa, ela poderia ter conseguido se tivesse falado mais.

Quanto mais o alcance dela poderia ter estendido?

Talvez os organizadores possam trabalhar com ela para manter o impacto e o volume de interações ao mínimo.

Ela olhou para o relógio no canto da tela para descobrir que apenas dez minutos se passaram desde a última vez que ela olhou. Onde estava Six? Seu coração disparou um pouco, e ela se perguntou como os cônjuges militares lidavam quando os entes queridos saíam em ação, enfrentando ameaças diariamente. Louisa só podia imaginar como era difícil enterrar o medo e a ansiedade para continuar com a vida. Dizer adeus a Six pela tarde tinha sido difícil o suficiente, mesmo que ela estivesse tão brava quanto ela estava excitada. O ciúme apertou seus pulmões enquanto se perguntava se tinha havido um tempo em que Six teve que deixar uma namorada para trás antes.

A mudança nele havia sido instantânea. Um momento, ele estava prestes a devorá-la na varanda; no seguinte, ele a beijou na bochecha, embora com uma expressão de desejo e uma ereção muito rígida, e lhe entregou as roupas antes de desaparecer dentro da casa. Ela esperou que ele saísse antes de perguntar a ele o que estava acontecendo, e sua frustração tinha borbulhado em raiva quando ele explicou pouco mais do que eles tinham uma pista. Finalmente, ele cedeu e disse a ela que a liderança era a pessoa que eles suspeitavam de pagar Kovalenko para sequestrá-la, mas depois ele a beijou na testa e se dirigiu para a porta, dizendo-lhe que Bailey e Ryder estariam do lado de fora...

O toque em seu telefone a assustou, e ela rapidamente o tirou da mesa de cabeceira. "Olá", ela disse.

"Ah, Louisa." Uma das peculiaridades de Vasilii era a maneira como ele desenhava seu nome através das três longas sílabas. *Looo-eeee-zaaa.* Sangue bombeava em seu coração tão rapidamente que ela podia ouvir a pressa em seus ouvidos.

Ela deveria ser legal? Ou ela deveria simplesmente ser sincera e dizer a Vasilii que sabia o que Ivan estava fazendo e que não tinha mais nada a lhe dizer? Não, ela ficaria quieta, sua timidez, inadvertidamente, ensinou-lhe que as pessoas costumavam dizer mais do que pretendiam quando a outra parte permanecia em silêncio.

“Vasilii. O que posso fazer por você? ”Ela perguntou.

“Estou ligando para me desculpar. Me desculpe por não ter lidado com o arrombamento no laboratório... de forma diferente.” Ele

parecia incerto. O que era estranho, porque se havia uma coisa que Vasilii não era, era incerto.

"Obrigada, Vasilii", disse ela, surpresa por sua admissão. "Fico feliz em ouvir isso."

“Eu preciso te ver pessoalmente para discutir... as coisas. Eu sei que você pediu algum tempo de folga, e eu estou mais do que disposto a honrar isso, mas acredito que devemos conversar. Eliminar a tensão. Você pode, por acaso, está em casa?”

Apesar de estar com medo, ela sentiu um pequeno tremor de raiva através dela. “Você demorou a falar com a polícia, me colocando em risco. Você corrigiu isso? A polícia agora tem todos os detalhes?”

Vasilii exalou ruidosamente. “Eu falei com eles. Sim. Se a amostra foi realmente roubada, o que agora acredito que tenha, porque uma limpeza completa de todos os laboratórios do prédio não conseguiu encontrá-la, estou nervoso com as consequências. Eu não quero que a publicidade de perder uma amostra perigosa reflita mal no laboratório... ou em você”, ele acrescentou de uma forma que, a menos que ela estivesse muito enganada, era uma ameaça implícita.

Louisa se levantou e começou a andar de um lado para o outro. Ela pegou as canetas que havia deixado na pequena escrivaninha e começou a enfileirá-las, depois soltou-as quando se lembrou das palavras de Six sobre seu hábito.

“Por que isso refletiria mal em mim quando é um lapso na segurança do laboratório? Eu vim a você sobre isso assim que percebi que elas tinham ido embora. Se houver algum atraso em

uma investigação para entender o que aconteceu, isso é sobre você. Se não houver filmagens de câmera de segurança, isso também está em você. Mas as pessoas tentaram me seqüestrar duas vezes e tenho certeza de que as duas coisas estão conectadas. Sua recusa em lidar com isso adequadamente por causa da reputação do laboratório me deixou em perigo." A conversa deu uma virada súbita para o sul, deixando-a confusa.

"Esta é a minha razão para querer conversar. Longe de Ivan. Longe do laboratório. Para ver se não podemos chegar a algum tipo de acordo. No mínimo, devemos falar sobre o seu futuro. Eu quero que você continue trabalhando para mim. Eu odiaria que um... mal-entendido... colocasse isso em risco."

O choque em suas palavras a fez tremer. "É muito mais do que um mal-entendido."

"Precisamos seguir em frente, Louisa. Eu cometi um erro, eu disse que sinto muito. E agora precisamos descobrir como avançarmos."

A fúria substituiu todos os outros pensamentos em sua cabeça. Seu calor fluiu através dela.

"Seguir em frente. Ainda estou tentando descobrir quem está tentando me sequestrar. Eu não posso acreditar que estou dizendo isso, mas coloquei a pesquisa em espera. Agende o laboratório para sua limpeza detalhada ou algo assim. Ivan é bom, mas ele não tem o que é preciso para forjar um avanço, e você sabe disso. Ele era meus braços e pernas, mas ele nunca foi o cérebro. Você é um homem de negócios. Você deveria ter olhado isso objetivamente. Você deveria

ter tomado medidas. Você deveria ter contado à polícia quando a amostra foi roubada."

"Eu entendo, mas por favor, tente ver as coisas da minha perspectiva. Onde está a objetividade em que você sempre se orgulhou? Eu expliquei minhas razões. Eles estavam errados. Você estava errada em divulgar informações da empresa para a polícia. Por favor. Venha se encontrar comigo. É muito urgente que eu fale com você. Agora você está exausta. Você deve..."

"Não, Vasilii. Eu não deveria fazer nada." Sua cabeça latejava com a ideia de que ele achava que ela estava errada. "Devemos trabalhar juntos para descobrir quem pegou, porque, sejam eles quem forem, tenho a sensação de que eles estão lutando para recriar a amostra de teste e eles estão atrás de mim para ajudá-los a fazer isso. É um concorrente do laboratório e, nesse caso, definitivamente não queremos que eles cheguem à nossa frente. Ou foi roubada por uma razão muito mais perigosa. No entanto, você me liga e não me conta nada que eu já não saiba. E, seriamente, se você sugerir que eu estava errado em dar à polícia informações que achei que eram imprescindíveis à minha segurança pessoal, informações que você já deveria ter fornecido a elas, novamente, processarei você por toda e qualquer razão que eu possa pensar e usarei esse dinheiro e o meu para montar meu próprio laboratório."

A ideia a atingiu com força e, de repente, ela ficou animada. Pela primeira vez em quase uma semana, ela percebeu que poderia formar um plano próprio. Um laboratório seria uma proposta cara. Mas talvez a mãe dela a ajudasse. Para fins de segurança, no entanto, ela se perguntou se precisaria revelar que seu pai tinha uma doença hereditária. Talvez fosse hora de saber de uma forma ou de outra.

“Você está se comportando irracionalmente, Louisa. Sua paranóia está assumindo. Talvez seja hora de você fazer o teste porque eu me preocupo...”

Louisa revirou os olhos com a menção do sintoma de sua doença, ele sabia que ela era sensível. "Nós terminamos, Vasilii."

Ela desligou e desabou na cama. Ela sabia que não era paranóica. Estava confiante de que este não era o início de sua doença. Ela não era seu pai.

O choque de louca, excitada, e sexualmente frustrada foi uma agitação energizante. Ela pulou da cama e pegou uma folha de papel. Com um Sharpie preto, ela escreveu um título no topo da página. *Farmacêutica True North*. Então ela amassou tudo e jogou no lixo. Ela pegou uma segunda folha. *Laboratórios True North.* Melhor. Mas ainda faltava... ambição. Tamanho. Merda. Como diabos alguém odiava estar perto de pessoas que dirigem uma empresa? Ela dobrou o papel em um avião e apontou para a lata de lixo. Passou e bateu nas portas de vidro do jardim.

No topo da terceira folha, ela escreveu *True North Industries*. Cresça ou vá para casa, certo?

Ela desenhou uma caixa de seleção e adicionou Contrate um CEO.

Só porque ela possuía isso não significava que ela tinha que executá-lo.

Pela primeira vez em dias, a tensão ao redor de seu peito foi liberada.

* * *

Six virou a chave na fechadura e entrou cautelosamente na casa. Nenhuma quantidade de adrenalina foi capaz de impedir seu corpo de perceber que duzentos e trinta quilos de ossos e músculos batendo no concreto doiam como uma cadela. Apesar da energia que percorria seu corpo, ele andava como um homem velho e precisava das bolsas de gelo do freezer na garagem, que ficava muito longe de muitos degraus para os joelhos bagunçados.

Foi o motorista que quebrou primeiro e Buda lhe devia dez dólares por causa disso. Meatheads foram toda a boca e nenhuma bola. E Mitkin havia aprendido uma importante lição sobre manter conversas telefônicas na traseira de um carro. Acontece que Mitkin era o genro de Lemtov e o responsável pela contratação de Kovalenko. Ainda mais interessante, agora que eles sabiam que Lemtov era o padrinho de Ivan. E a pedido de Ivan, Lemtov vendeu a fórmula para uma organização criminosa subterrânea na Rússia. Não parecia bom para ninguém envolvido que eles não pudessem criá-lo, e agora eles precisavam que Louisa resolvesse isso.

As luzes estavam apagadas na sala de estar e na cozinha, mas ele podia ver a luz que brilhava debaixo da porta de Louisa. Decidindo que o chuveiro seria a melhor aposta antes do gelo, ele foi para o quarto, passando a camisa de mangas compridas pela cabeça enquanto caminhava.

A porta de Louisa se abriu de repente, e uma rajada de ar atingiu o corredor. "Você está em casa", ela disse, seus olhos arregalados com... alguma coisa. Excitação. Ele não conseguia dizer.

"Você está bem?", Ela perguntou, passando as mãos por todo o corpo dele, em seu cabelo, e depois descendo os seus bíceps dele como se estivesse procurando por ferimentos.

Cócegas. E importava que ela se importasse.

"Estou bem, Lou", disse ele, agarrando seus dois pulsos em suas mãos entre os dois.

"Graças a Deus", disse ela com um suspiro. Usando o agarre que ele tinha sobre ela como alavanca, ela se empurrou na ponta dos pés e bateu os lábios nos dele. "Eu estava preocupada com você", ela murmurou contra eles, e então o beijou da maneira que ele ansiava agora. Perigoso e quente.

Quando ele abriu a boca para a dela, ele não conseguiu segurar um sorriso quando sua língua doce como qualquer coisa encontrou a sua. Jesus Cristo. Ela era como um macaco-aranha, praticamente subindo nele. Seu momento na varanda tinha destruído o último remanescente de seu autocontrole, então se é assim que ela queria, ele estava mais do que pronto para obedecer. Assim como o pau dele, que já estava duro como pedra e pronto para ação. Risca isso. Desesperado pela *ação*.

Ele colocou os braços em volta da cintura dela e ficou ereto enquanto ela envolvia as pernas ao redor dele.

"Merda", ele engasgou quando seus joelhos tomaram o peso de ambos. Suavemente, ele a abaixou de volta ao chão.

Louisa deu uma olhada em seu rosto. “Onde você está ferido? Você deveria ter me contado.”

"A única coisa que machuca Lou, é o meu pau", disse ele, pegando a mão dela e levando-a de volta para seu quarto. Os papéis cobriam o chão e a mesa, e, por mais que ele estivesse intrigado com o que ela estava fazendo, a única coisa em que ele podia se concentrar era tê-la nua mais rápido que a velocidade de uma bala. Com tesão como o inferno, ele sentiu como se tivesse passado as últimas quarenta e oito horas em um estado permanente de excitação.

"Você está mancando", disse ela, puxando-o para uma parada. "Deixe-me ver."

"Estou falando sério, Lou. Aquela coisa sobre bolas ficando azuis e caindo, não é mentira."

"Você está esquecendo que sou formada em biologia, marinheiro. Este é o meu território" disse ela, colocando a palma da mão no peito dele. "Deixe-me ser sua enfermeira, Six."

Bem, quando ela colocava assim. "Sim, senhora," ele disse, e a saudou.

"Muito bem. Agora, onde está machucado?" disse ela, passando a ponta do dedo pelo peito dele e por cima do mamilo. "Eu prometo beijar melhor." Sua voz era baixa e rouca.

Estava claro que ela não iria continuar até que ela soubesse o que estava acontecendo. "Meus joelhos bateram no concreto, mas não é grande coisa, honestamente."

Desta vez, ela pegou a mão dele e puxou-o na direção do banheiro. "Deixe-me ser a juiza disso. Uma boa enfermeira sempre faz a triagem do paciente. Eu preciso avaliar quais partes de você machucaram mais, e tratá-las em ordem", ela disse, passando a mão

pelo comprimento de seu pênis em um movimento que o fez pulsar e ele pular. A primeira vez que eles fizeram amor foi incrível, embora ela estivesse incerta. Agora, enquanto ela segurava seu pênis com força em uma mão enquanto o olhava nos olhos com um olhar que dizia que ela queria devorá-lo, ela tinha confiança em espadas. E ele amava ambos os lados dela, igualmente.

“Então, marinheiro. Onde você se machucou? ”Ela perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

Ele roubou um beijo rápido. Não foi possível resistir ao lúdico. "Em toda parte.”

“Em todo lugar?” Ela repetiu.

"Em toda parte."

Louisa segurou o cinto nas mãos, soltou-o e depois soltou o botão e o fecho das calças. "Bem, eu vou preciso verificar em todos os lugares para confirmar isso."

Ele colocou as mãos em ambos os lados da cabeça dela e beijou o seu cabelo suavemente, então a soltou e colocou as mãos no ar em um ato de rendição. "Seja minha convidada."

Ela caiu de joelhos, e a visão dela lá embaixo, especialmente quando ela olhou para ele e piscou, tinha o sangue correndo de uma cabeça para a outra. Ele recostou-se na pia e pegou o balcão. Estudiosamente, ela desamarrou as botas e ele as afastou. Então, lentamente, ela deslizou suas calças e cueca boxer para baixo de suas pernas, aliviando-as sobre os joelhos, que eram uma bagunça sangrenta e crua.

"Six", ela disse, simpatia atando cada palavra. "Eu preciso limpar estes para você, querido."

Querido. Era a primeira vez que ela o chamava de algo diferente de Six. E ele gostou mais do que provavelmente deveria.

“Eu ia tomar banho antes de vir ver você, mas depois você pulou no corredor.”

"Eu não pulei - ok, talvez eu tenha pulado. Como sua enfermeira, eu insisto em um banho... contanto que você me deixe me juntar a você. Só para limpar você, é claro.”

“Puramente medicinal. Entendi.”, ele disse e alcançou o chuveiro para ligar a água.

Louisa saiu do pijama. "Você precisa da minha ajuda para entrar, ou você pode fazer isso sozinho?"

"Engraçado, Lou", disse ele, tocando sua bunda para empurrá-la para o chuveiro. Merda, ela tinha uma bunda grande.

Ela inclinou a cabeça para trás e ele observou, de queixo caído, enquanto a água escorria pelo rosto, pelos seios e entre as pernas. "Fique aí", ela disse uma vez que estava deliciosamente molhada.

"Sim, senhora", disse ele e pisou sob o jato, deixando a água quente fazer sua coisa. Ela caiu de joelhos novamente, desta vez com um pano em suas mãos. Ele permaneceu estoicamente enquanto ela lavava seus cortes. Ele tinha um pior, muito pior, e ele passou a mão pela cicatriz em seu estômago.

Uma vez que ela terminou, ela olhou para ele, sem pressa para chegar a seus pés. “O que mais você disse que dói?” Ela perguntou.

Os olhos dela subiram para o pênis dele, então ele agarrou, apontando na direção dela.

"Tenho certeza que isso dói muito."

Suas mãos agarraram suas coxas e sua boca se abriu. Aqueles belos lábios rosados dela se separaram o suficiente para deixá-lo entrar. Ele resistiu ao impulso de balançar para ela, apertando sua bunda e apertando seu abdômen em uma tentativa de deixá-la assumir a liderança no ritmo e profundidade. Mas droga, era difícil não mergulhar na umidade quente. No início, ela chupou a ponta, deixando um rastro de saliva e pré-gozo em seu pênis, fazendo-o ofegar com o visual.

"Merda, Lou", ele respirou.

Com ambas as mãos, ele a puxou para seus pés e a beijou profundamente, apaixonadamente, saboreando a maneira como seu corpo molhado e nu se sentia contra o dele. Então ele a levantou em seus braços.

"Seus joelhos", ela disse, rapidamente.

"Estou bem, Lou", disse ele, desligando o chuveiro e levando-os para o seu quarto sem parar para se secar. Ele a colocou em sua cama, e ela ficou de quatro para rastejar para o centro.

Porra.

"Fique aí", ele disse rispidamente enquanto pegava o preservativo e o colocava.

O ar parecia frio para o seu corpo aquecido, a água pingava do cabelo molhado na cama, mas ele estremeceu quando ele agarrou

seus quadris e a puxou de volta para a beira da cama. Puta merda. Ela ia deixá-lo levá-la enquanto ele se levantava. “Mmm. Você parece seriamente quente, Lou”, ele disse, arrastando um dedo entre as bochechas de seu traseiro, indo mais baixo até que ele encontrou sua umidade. “Pronta também. Eu amo isso."

Six deslizou seu dedo nela e depois outro, inserindo eles suavemente.

"Oh, Six", ela gritou, abaixando a testa para a cama.

"Sim. Eu sinto isso”, Six disse, sua voz baixa. Tensão suspensa entre eles, como um elástico pronto para estalar. Ele alinhou sua ereção e pressionou lentamente nela. Um gemido escapou de seus lábios, e os dele, quando ele empurrou seu caminho mais profundo até que ele estava o mais longe que ele podia ir e parou.

“Eu gostaria que você pudesse ver o que eu posso, Lou. Vê como você se abre para mim, vê como você está molhada, quão encharcado está meu pau. ”

Louisa estremeceu com suas palavras. Ele agarrou seus quadris com força enquanto deslizava para fora e de volta, a sensação deixando-o tonto e desesperado. Incapaz de se controlar, Louisa se encostou nele. “Sim, empurre-se contra mim. Faça o que for bom, Lou.”

Ela resistiu quando as pontas dos dedos dele pressionaram contra o clitóris em círculos firmes e os nós dos dedos ficaram brancos enquanto ela segurava o edredom com toda a força. Ele roçou os lábios no ombro dela e afastou o cabelo do seu rosto. "Você se sente tão bem, Lou", ele rosnou em seu ouvido. “Observar você

como você está agora, desinibida, tomando o que você precisa de mim, é incrivelmente quente. Você sente o que você faz comigo? ”Ele empurrou nela mais duro. “Eu quero você, cada parte de você, tão mal. Eu quero sua respiração, sua pele, seu suor, seu orgasmo. Dê tudo para mim, Lou.”

Seus pensamentos se dispersaram quando ele se concentrou nela. O jeito que ela estava presa na cama enquanto ela pegava tudo o que ele queria dar a ela, o jeito que a respiração dele entrava em curtos estouros contra o lado do pescoço dela, a maneira como o suor deles encharcava os dois e o jeito que a necessidade de vir os delirava.

"Estou perto", ela sussurrou, e fechou os olhos.

"Você está me apertando tão duro agora, eu mal posso manter minhas merdas juntas. Então faça isso, Lou. Venha. Mostre-me o quanto você nos ama assim.”

Deus, ele estava tão perto, e ele precisava da libertação mais do que um drogado precisava de uma alta. Ele perseguia e ansiava por isso. E quando o aperto revelador começou, ele gemeu em desespero. Mais áspero do que antes, ele pressionou os dedos contra o clitóris, dando-lhe a pressão extra que precisava para ela vir.

"Six, oh Deus, eu..." O oxigênio foi sugado para fora do quarto enquanto ela explodia, gritando de alívio e soltando.

Six continuou a bater nela, ordenhando cada último momento de seu orgasmo até que ela ficou sem fôlego e ofegante. Estrelas flutuaram em sua visão periférica enquanto ele sugava o ar. Lou

abriu os olhos e olhou por cima do ombro para ele. Ela estava bem ali com ele. Realmente com ele. Gravada em sua alma.

"Por favor, Six", ela implorou. "Faça-me vir de novo."

Six olhou para ela, imobilizou-a com os olhos enquanto empurrava para dentro e para fora, cada músculo em seu corpo definido. "Lou", ele gritou, e através da força de seu orgasmo, ele podia sentir o momento em que ela foi para a borda novamente, também.

"Merda", ele gemeu no edredom ao lado dela enquanto ele continuava a deslizar dentro e fora. Mais devagar agora. Pressionando-se com força contra ela, segurando-a antes de sair. "Toda vez que estou está com você, Lou."

Silenciosamente, depois de remover o preservativo e se arrastar para a cama, eles ficaram quietos por algum tempo, apenas segurando um ao outro.

"Você pode me dizer o que aconteceu hoje à noite?" Lou perguntou, eventualmente.

“Eu pensei sobre isso depois que saí mais cedo. Eu tenho lembranças de coisas com as quais eu estive envolvido. Memórias que não posso esquecer. Não me arrependo de nenhuma das coisas que fiz, mas posso lembrar de todas elas. Eu estava apenas tentando te salvar de ter que lidar com memórias assim. Eu não estava tentando não te dá informações.”

Ela passou a mão pelo queixo barbudo. “Eu aprecio você tentando fazer isso. Mas preciso saber o que está acontecendo. É o meu problema. Não é teu."

"Entendi. Eu realmente faço", ele disse, escovando o cabelo da bochecha dela. "E se você fosse uma cliente regular, eu não me sentiria tão em conflito. Mas a idéia de você se machucar me assusta como nada mais... mas eu entendo. Apenas… podemos fazer isso de manhã? Sobre o café."

"Enquanto isso for um acordo, sim."

Six expirou. "Isto é. Eu só quero aproveitar isso. Nós, agora mesmo. Ouça, eu não quero que você pense que isso foi apenas mais um deslize de controle da minha parte. Eu acabei tentando fingir que isso não está acontecendo."

Louisa parou por um momento, depois disse: "Bom".

"Bom?" Six perguntou, incapaz de esconder seu sorriso.

"Bem, não é como se eu não tivesse deixado minha posição perfeitamente clara", disse ela, com os olhos arregalados e brilhantes.

"Oh, isso mesmo, você queria que eu te mostrasse... O que você disse? Ah, isso mesmo… *Me mostre o quão bom pode ser apenas foder e realmente dizer isso.* Então, como eu fui?" Ele alcançou o interruptor de luz e mergulhou o quarto na escuridão.

"Foi tudo bem", disse ela, mas ele podia ouvir a risada em sua voz.

Ele envolveu seus braços ao seu redor e a puxou de volta contra seu peito. "Tudo bem, Lou?" Ele rosnou em seu ouvido, e ela riu.

"Ok, talvez um pouco melhor do que bem."

"Eu comi você sem sentido, e você sabe disso."

"Boa noite, Six."

"Boa noite, Lou."

CAPÍTULO ONZE

Cada vez com você, Lou.

Deitada ao lado de um Six adormecido, ela pensou no modo como ele a levara na noite anterior. O embaraço lutou com a necessidade no início. Ela se sentiu exposta sobre os joelhos e estava convencida de que sua bunda devia parecer enorme daquele ângulo. Mas tinha sido algo que ela não percebeu que estava ansiosa. Para alguém querer tanto ela que ele fosse até ela apesar dos ferimentos e apesar das "regras" dizendo que não deveriam. Alguém disposto a superar as probabilidades e ainda a querer.

Ela não tinha certeza do que ele quis dizer com as palavras que disse, mas havia tanta reverência em seu tom que ela não sentiu a necessidade de perguntar a ele. Nem todas as perguntas precisavam ser respondidas. Então ela sorriu. Responder perguntas era a vida dela, mas pela primeira vez ela percebeu que não era tudo. Às vezes você não precisava saber as respostas. Às vezes você só tinha que senti-las.

Louisa sempre teve borboletas em seu estômago como uma idéia, porque, bem, era estúpido, e seu estômago nervoso parecia horrível quando ele explodiu. Mas de repente ela as sentiu, e apesar de serem um equívoco biológico, eram lindas.

A luz do dia entrava pelas cortinas escuras quando ela se virou em seus braços e ele abriu os olhos sonolentos.

“Mmm. Eu poderia me acostumar a acordar com o seu doce rosto, Lou”, ele murmurou rispidamente.

"Como você conseguiu isso?", Ela perguntou, e arrastou o dedo ao longo da linha roxa em seu estômago.

Six agarrou a mão dela e beijou as pontas dos seus dedos. Os toques divertidos fizeram seu coração inchar. "Ferimento de bala, fazendo algo de que não posso falar, em um lugar que provavelmente nunca deveria ter ido."

“Oh meu Deus, isso é horrível. Eu sinto muito. Você é um herói regular. Espero que tenham lhe dado uma medalha por isso.” Ela uniu os dedos aos dele.

"Eles me deram duas." Six deu de ombros como se não fosse grande coisa. "Um coração roxo e uma estrela de prata."

Louisa passou os dedos pelo cabelo dele. "Você tem outras medalhas?" Ela perguntou, seu estômago apertando ao pensar nele estando em tanto perigo, ou pior, ferido.

"Uma estrela de bronze", disse ele, colocando o braço sobre a cintura e puxando-a para mais perto.

"Qual é a diferença entre uma Estrela de Bronze e uma Estrela de Prata?"

"Meu nível de grandiosidade", disse ele, puxando-a para os lábios para um beijo doce.

Ela não pôde deixar de rir. "Seu nível de grandiosidade?"

"Sim. Grandiosíssimo.”

“Bem, senhor Grandiosíssimo. Você sente vontade de me dizer o que sabe? Você prometeu que iria ontem à noite.”

Six deu de ombros, beijou sua testa e sentou-se. "Aqui não. Não em nosso quarto” ele disse, e seu coração disparou com o uso do "nosso".

Ele puxou alguns shorts. "Vamos lá, eu vou cozinhar enquanto conversamos. Eu sei que você é louca por bacon.”

Uma hora depois, Louisa tomava um gole de café, seu estômago cheio. Tofu scramble e bacon. Six tinha contado sobre tudo o que ele tinha acontecido, e ela contou sobre o telefonema e o texto do Vasilii.

"É altamente provável que ele queira que você o veja para que eles possam levá-la de lá. Então, regra um de uma... não importa o que aconteça, não importa o que ele diga, você não vai a Ivan ou Vasilii por nenhuma razão. ”

Lou olhou para ele. "Sim, senhor", disse ela, e saudou.

“Eu não estou brincando, Lou. Se ele entrar em contato com você novamente, me diga imediatamente. E essa foi a pior saudação que eu já vi”, ele disse, e pegou o prato dela. Houve um barulho alto quando ele caiu na pia.

Lou ponderou o que eles poderiam fazer para tentar descobrir o que Vasilii poderia estar fazendo. "Eu tenho um amigo", disse ela, imediatamente pensando em Aiden. “Ele dirige o laboratório oposto ao meu. Ele é um bom homem. Acho que devemos ir vê-lo e ver o que ele pode saber. Ele pode ter visto algo e não percebeu isso. Ou talvez ele já tenha ouvido alguma coisa da pesquisa do laboratório.”

"Tem certeza de que ele não revelará nada para os Popovs?" Six disse, e deu a volta no balcão para ficar na frente dela.

"Positivo", disse ela, e colocou os braços em volta da cintura dele. Era uma maravilha que ela tenha gostado desse homem.

“Nesse caso, por que não nos limpamos? Eu posso ligar para os caras e pedir apoio.”

Duas horas depois, depois de um banho que tinha continuado de onde tinham parado na noite anterior e a quarenta minutos de carro da casa de Aiden em Chula Vista, Louisa estava na varanda e tocava a campainha.

"Louisa", disse ele com surpresa. “Por favor, entre. Você está bem? Eu estive preocupado com você.”

Louisa observou o jeito que Six parecia, tentando dimensioná-lo. “Aiden, este é o Six, um… amigo meu. Ele está me ajudando agora.”

Six ofereceu sua mão. "Prazer em conhecê-lo, Aiden."

Aiden agitou-o timidamente. Não teria servido a nenhum propósito dizer a Six que ela estava ciente da queda de Aiden. Nem teria sido justo para Aiden. Exceto no momento, era óbvio para todos, e ela desejou ter evitado isso.

"Vasilii disse que você estava tirando uma folga por motivos pessoais", disse Aiden, olhando para Six. “E seu laboratório está fechado. É por causa do roubo?”

Louisa assentiu enquanto seguia para a sala de estar. Ela sentou-se no sofá e Six sentou-se ao lado dela. "Você pode nos dizer o que está acontecendo no laboratório esta semana?"

Aiden os preencheu nos detalhes. A checagem completa das amostras, o exame do laboratório, e nos últimos dois dias, havia vários detetives entrando e saindo do prédio.

“Até houve alguns agentes do FBI. Liz está frustrada”, disse ele, referindo-se a assistente de Vasilii. "Vasilii está no meio deste grande negócio de terras que ela gostaria de colocar em espera enquanto tudo isso está acontecendo, mas ele está com medo de que o vendedor volte atrás, se o fizer."

"Ivan está por aí?" Six perguntou, e Aiden balançou a cabeça.

"Não. Eu acho que com o laboratório de Louisa sendo fechado, não há muita pesquisa para ele fazer. Eu assumi que ele estava envolvido neste negócio de terras. Mas o laboratório tem cem por cento de luz apagada. O que aconteceu com você, Louisa? ”Ele perguntou.

Louisa explicou o que podia, e o medo nos olhos de Aiden a fez se sentir um pouco culpada pelo que estava prestes a fazer em seguida. “Aiden. Eu odeio perguntar isso, mas, você poderia... Seria ótimo se você pudesse ver o que você pode descobrir no laboratório. Eu não quero que você tenha problemas, mas acredite, eu tenho boas razões para acreditar que Ivan, e possivelmente Vasilii, estão envolvidos no que aconteceu comigo. Qualquer informação que você possa encontrar seria muito útil. Especialmente qualquer coisa fora do comum. Viagens não planejadas, reservas, etc.”

Aiden levantou-se da cadeira e foi até a janela que dava para a rua. "Eu vou", disse ele. "Enquanto minha pesquisa não for comprometida. Alzheimer significa muito para mim como o

Huntington faz para você. Eu não posso simplesmente abandonar minha pesquisa."

Louise se levantou e correu para ele. Ela pegou a mão dele, precisando implorar. "Eu entendo completamente, mas por favor ... tente o seu melhor." Ela olhou em seus olhos. Eles eram doces, mas não eram os de Six e nunca seriam.

"Por você, Louisa. eu vou."

* * *

Tudo sobre Louisa parecia certo. E não era apenas o sexo, que era uma revelação a cada vez. Era muito mais. Como o jeito que ela estava dormindo no momento, finalmente relaxada o suficiente no sono para esquecer suas paredes internas e desligar todos os seus alarmes. Como a maneira como ele olhava para os papéis em sua mesa enquanto ela tomava banho e encontrou os ingredientes de um plano de negócios para uma empresa chamada True North Industries com um plano financeiro que fazia seus olhos lacrimejarem. A mulher era mais inteligente do que ele e claramente mais rica do que imaginara, considerando a quantia que planejava investir.

E ela era engraçada, e o fez rir, e não deixou que ele fugisse com essa merda.

Que tinha todos os ingredientes de estar apaixonado. Ele esperou que seu estômago se voltasse para a idéia, para se agarrar a pensamentos relacionados a se estabelecer. Mas nada aconteceu. Exceto um sentimento de paz interior na declaração mental de que sua mãe se orgulharia. Ele mandou uma mensagem para sua mãe e

irmã e disse a elas para ficarem longe. Claro, ele tinha dito que um cliente ficaria com ele, o que era completamente verdade. Sua mãe sempre foi capaz de dizer se ele estava mentindo, mesmo que fosse eletronicamente. Mas ele estava realmente ansioso para apresentá-la à sua família.

Observá-la hoje com Aiden tinha sido estranho. Pela primeira vez, ele tinha inveja de sua amizade. Estava claro para ele que Aiden queria um relacionamento com Lou, mas o olhar em seus olhos tinha dito tudo que ele precisava saber. A única pessoa em quem ela estava interessada era ele.

Ele não conseguiu dormir. Cabe estava certo. Era mais difícil pensar claramente sobre o que a coisa certa a fazer, e isso era porque era Louisa. Eles estavam se reunindo em Eagle de manhã, e ele já tinha concordado em levar Lou com ele, porque não havia como ela aceitar ser deixada para trás, e Louisa estava certa. Ela era inteligente e poderia ajudar. Mas parte dele queria poder trancá-la em casa e cercá-la com uma centena de ex-militares em seu lugar. Amor e dever para companheiros inquietos.

Lou rolou para o lado dela e enterrou a cabeça em seu próprio travesseiro. O som de metal arranhando contra metal chamou sua atenção, e ele se sentou rapidamente, esticando a cabeça na direção do som. Se ele não soubesse melhor, ele juraria que era a porta da garagem. Rapidamente, ele rolou para fora da cama, vestiu seu short e colocou seus sapatos, que estavam exatamente onde ele os alinhara.

Ele puxou seu SIG para fora da gaveta e colocou a mão sobre a boca de Louisa. Ela acordou com um sobressalto, mas ele colocou os

lábios ao lado da orelha dela. “Shh. Alguém está aqui.” Silenciosamente, ele deslizou sua gaveta para abrir e tirou a arma que ele deixou lá para ela. Ele entregou a arma e seu telefone, para ela. “Entre no banheiro e tranque a porta. Não abra para ninguém além de mim. Se alguém chutar a porta, você atira direto no peito como eu mostrei para você. Se você ouvir tiros, chame a polícia.”

Como a mulher inteligente que ele conhecia, ela pegou os dois e pegou seu pijama e tênis no caminho.

Uma vez que ele ouviu o clique da fechadura, ele segurou sua arma e se moveu para o corredor. Seu primeiro trabalho era manter quem estava tentando entrar na propriedade longe de Lou. O que significava que eles não conseguiriam chegar aos fundos da casa. Chegou à porta da cozinha a tempo de ver a maçaneta no topo da escada que descia até a garagem virar ameaçadoramente. Ele caiu no chão à esquerda do arco, que oferecia ocultação, não cobertura. Dependendo do tipo de armas que eles possam ter, eles poderiam rasgar o drywall em pedaços, então a localização dele era menos que ideal, mas ele não tinha tempo de correr para o outro lado da cozinha.

Tudo ao seu redor ficou em silêncio e em câmera lenta. A porta se abriu e três homens entraram. Ele teve a vantagem de surpreender o primeiro intruso e atirou-o diretamente no peito. O impacto fez com que ele tropeçasse para trás, e ele bateu no segundo intruso, que se moveu tão rapidamente que a bala que Six disparou contra ele passou por seu ombro em vez de seu coração. O último teria matado ele, como seu amigo, instantaneamente, mas foi um golpe suficiente para ele cair para se esconder. Antes que ele pudesse mirar no terceiro intruso, a dor rasgou seu lado, a força o empurrou para o

lado. A bala não derrubou Six - tiros raramente faziam - mas ele conseguiu segurar sua arma enquanto pressionava sua mão em sua ferida. Uma segunda bala atingiu o chão ao lado dele, e Six se escondeu no canto. Passos lhe disseram que o cara que ele tinha acertado no ombro estava em movimento, provavelmente andando pelo espaço para ir até ele do outro lado. Não havia como ele poder ajudar Lou se ele estivesse morto, então ele se pôs de pé. Ele olhou para uma pintura em sua parede do corredor. As luzes da rua fora de sua casa fizeram com que refletisse, e no vidro ele pôde ver o terceiro assaltante, que ainda não estava ferido, se aproximando. Antecipando seu próximo movimento, Six apontou a arma para o canto e disparou quatro balas em rápida sucessão, sentindo nada além de alívio quando ouviu um corpo cair no chão com um baque surdo.

Seu lado latejava como uma cadela absoluta, e ele podia sentir o sangue escorrendo por sua perna, mas ele ignorou ambos. A dor era passageira, o que ele aprendeu na BUD/S, e pelo que ele lutava, a segurança de Lou, era muito mais importante.

Six se virou para ouvir o segundo assaltante, mas já era tarde demais. Ele se virou de cara no cano de uma arma. Seu treinamento disparou para a vida e ele empurrou o cano para cima, segurando a mão do assaltante e ouvindo o crack satisfatório quando ele quebrou o dedo do cara no gatilho. Era quase impossível para um cara matar com um tiro quando ele não podia disparar sua arma.

Um tiro ecoou pelo corredor, e ele procurou por um quarto assaltante. Merda, ele estragou tudo. Deve haver mais alguém na casa. Outro ponto de entrada talvez. Tudo o que ele tinha que fazer era mantê-los vivos por tempo suficiente para a polícia chegar. O

homem que ele estava lutando caiu contra a parede do corredor e soltou sua arma no controle de Six quando ele deslizou para o chão. Uma mancha de sangue vermelho manchava o papel de parede antigo.

"Eu o matei?" Louisa disse, sua voz tremendo. Ela estava ali de pijama e tênis rosa brilhante, arma em uma mão, o telefone na outra, um detalhe que ele captou quando ela olhou para a direita e gritou. Uma bala perdia-a por centímetros, espatifando o vidro quando bateu no espelho da parede. "Há mais deles", ela gritou enquanto se apressava em direção a ele.

"Vamos", ele gritou, formulando rapidamente um plano que envolvia sair da casa. Eles certamente estavam em desvantagem numérica, e ele não tinha ideia de quantos deles realmente havia. Se eles saíssem pela porta da frente, eles seriam expostos a alguém que vigiava do lado de fora. A garagem poderia ser mais segura se os três homens com quem já tinham lidado fossem os únicos assaltantes, especialmente se pudessem entrar no caminhão.

Agarrando sua arma, ele pegou a mão dela enquanto ela cruzava a distância entre eles. Ele os apressou pela cozinha, onde pegou as chaves e a carteira e ela pegou a bolsa e o telefone no balcão. Eles se moveram rapidamente sobre os dois corpos na cozinha e desceram os degraus até a garagem. Ferido ou não, ele precisava tirá-los de lá e, pela primeira vez em sua vida, sentiu medo. Não por ele, mas por Louisa. Ele abriu a porta do caminhão e a ajudou a entrar antes de correr para o seu lado do veículo. Uma vez lá dentro, ele levantou a porta da garagem e ligou o motor. No espelho retrovisor, ele viu mais dois homens saírem da casa e começarem a atirar neles.

"Se abaixe", ele ordenou Louisa, aliviado que ela fez como ele instruiu imediatamente. Ela tinha uma chance melhor de não ser baleada se fosse protegida por metal em vez de vidro. Ele podia sentir seu medo e ouvir o modo como sua respiração estava chegando quando o ping metálico de balas atingindo o caminhão reverberou em torno deles. O pânico não ia ajudar nenhum deles.

Ele levou o caminhão para fora da garagem, notando a van escura estacionada no lado oposto da rua, e imediatamente tomou a primeira esquerda que pôde. "Você ainda tem o meu telefone?" Ele perguntou calmamente enquanto olhava para trás. Dois homens atravessaram a rua e pularam no outro veículo.

"Sim", ela disse.

“Ok, ligue para Cabe. Diga a ele o que aconteceu e que estamos indo para a Eagle Securities. Diga-lhe que levei um tiro.”

Louisa se sentou imediatamente. "Você levou um tiro? Onde?” Ela chorou.

"Não importa, querida. Apenas faça o que eu disse.” Ele fez o possível para ignorar as lágrimas no rosto dela. Haveria tempo para abraçá-la mais tarde, para tranqüilizá-la. Mas agora ele precisava se concentrar.

“Então encontre Eric Lestap em meus contatos e diga a mesma coisa. Ele é o capitão da North Coastal Station e nós servimos juntos. Diga a ele o que aconteceu e que eu ligo para ele quando chegarmos a algum lugar seguro. Diga para entrar em contato com o oficial Meeks no SDPD.”

Entrou com força na Rodovia da Costa Sul, depois no Teatro La Paloma, com sua bilheteria ornamentada, onde ele a levaria um dia. Ele andou de um lado para o outro pelas ruas laterais e depois voltou para se conectar com a I-5. Com um olho no espelho retrovisor, ele escutou enquanto Louisa se recompunha o suficiente para fazer as ligações.

"Eu preciso aplicar pressão ao seu ferimento de bala", disse ela.

Ele latejava como uma cadela, o que o fez pensar que a bala ainda estava lá. “Bolsa de ginástica na parte de trás do carro. Há uma toalha lá.”

Louisa tirou o cinto de segurança antes que ele pudesse avisá-la para não fazê-lo. Ele estava dirigindo agora com manobras evasivas, e ele com certeza não queria frear enquanto ela estava entre os dois assentos. Ele não pararia agora, nem mesmo para a polícia. O tipo de homem que o seguia era implacável em sua busca e não pensaria em matar policiais para conseguir o que queriam.”

"Entendi", disse ela, sem fôlego quando ela caiu de volta em seu assento.

"Prenda seu cinto de segurança", disse ele.

"Quando eu cuidar de você", disse ela, inclinando-se para ele, mas ele afastou a mão dela.

“Lou, por favor. Prenda seu cinto de segurança para que eu não tenha que me preocupar em dirigir como um maníaco.”

"Pelo amor de Deus", ela bufou, puxando a alça por cima do ombro.

"Você acabou de jurar para mim, Louisa North?" Explosivos saindo daqueles lábios apenas pareciam errados. Ele olhou para trás. Ainda sem sinal. Ele deve tê-los perdido em Encinitas.

"Eu vou fazer mais do que jurar se você não me deixar olhar para o seu ferimento", disse ela, inclinando-se sobre ele. Ela apertou a toalha com tanta força contra ele que ele engasgou. "Eu tenho uma arma bem aqui, e eu já mostrei que posso usá-la", ela disse, seu riso soando meio genuíno, meio nervoso.

Ele colocou a mão em cima da dela.

"Estamos bem, Lou. Lembre-se do que eu disse sobre estar vivo. É a única coisa que importa."

Exceto você. Porque ela estava começando a significar mais.

* * *

Mac abriu a porta para a Eagle Securities enquanto Six puxava o caminhão para o estacionamento. Para alguém que geralmente odiava as pessoas, Louisa nunca se sentira mais aliviada ao ver alguém em sua vida. Especialmente quando essa pessoa estava claramente armada até os dentes. Ela protestou que Six deveria parar e deixá-la dirigir, mas ele deu a ela um olhar, um que dizia que isso nunca iria acontecer. Em seguida, tiveram uma grande batalha para fazê-lo dirigir diretamente ao hospital para tratamento, mas Six havia explicado que Mac havia treinado como médico e era mais do que capaz de lidar com um ferimento de bala, exceto, como ele disse, "Sem o preço de seis dígitos. "

Um carro preto guinchou ao lado de seu caminhão, e Louisa gritou. Ela pegou a arma que ela colocou no chão e segurou-a em direção à janela, pronta para atirar de novo se fosse necessário.

"Não", Six gritou, arrancando a arma da mão dela. "Tudo bem, querida. É Cabe."

Lágrimas ameaçavam cair quando choque e alívio e pânico se desenrolavam dentro dela. Six fez algo com a arma. O que, ela não tinha certeza - provavelmente liberou todas as balas ou câmara ou o que diabos fosse chamado.

"Não desmorone ainda", disse Six em voz baixa. "Vamos entrar, ficar seguros e nos limpar. Três passos. Eu sei que você pode fazer isso."

Cabe saltou rapidamente do carro, correu para a porta de Six e abriu-a. "O que diabos aconteceu?"

Six desligou o motor e retirou a mão da toalha. "É hora de ir, Lou. Passo um. Lembra? Entre. Mas espere que o Mac venha buscá-la e lhe dê cobertura. Tenho certeza que os perdemos, mas não podemos ser muito descuidados."

Ele se virou para sair do caminhão, e ela podia dizer pelo jeito que ele deixava todo o peso dele pendurado em seus ombros e braços que ele estava tentando limitar seu movimento o máximo possível.

"Jesus Cristo, leve-o para dentro", ela ouviu Mac dizer, com a arma na mão, enquanto ele se aproximava dela.

Ela empurrou a porta e se abaixou no chão. Mac a protegeu com seu corpo enquanto a empurrava para frente em direção ao prédio.

"Chaves", disse Cabe, estendendo a mão em direção a Six.

Six as tirou do bolso e as jogou na palma de Cabe.

"Eu abri a porta lateral", disse Mac, acenando com a cabeça para a lateral do prédio. "Ele vai puxar seu caminhão para dentro, apenas no caso de você ter algum perseguidor."

Ação estava acontecendo ao seu redor. Cabe correu para fora, batendo a porta principal atrás dele. Mac trancou tudo e depois ofereceu seu ombro a Six, que estava encostado na mesa da frente, deixando uma mancha de sangue com uma das mãos enquanto a outra pressionava a toalha contra a cintura.

"Vamos levá-lo para essas salas médicas", disse Mac. "Prazer em você ter dado a tinta a chance de secar antes de você se levantar."

"Engraçado, idiota", Six respondeu. Quando ele se virou e piscou para ela, ela podia ver o suor em sua testa e a maneira como sua pele assumia uma palidez. Estava demorando muito para ele ficar em pé, ela podia dizer, e ela se perguntou o quanto disso era para seu benefício. Ela deveria se sentir segura em um complexo seguro com três homens treinados para matar. Sem a intervenção de Six, ela certamente estaria nas mãos das pessoas que a queriam. Seu corpo inteiro tremeu com o pensamento. Mas eles quase o mataram. Ela viu a ferida de bala com seus próprios olhos. Dez centímetros mais alto e seu coração estaria em um mundo de problemas. Parte dela queria dizer a eles que o contrato foi cancelado, que ela não queria a ajuda deles para protegê-la se isso colocasse a vida de Six em risco.

Mas ela era muito covarde para ir sozinha, e inteligente demais para realmente considerar isso.

Ela arrastou os pés atrás deles, ainda de pijama, através de outra porta codificada por chave, pelo corredor, e depois por um espaço aberto. Tinha as proporções de um pequeno hangar de avião, mas isso não era possível devido à sua localização tão próxima da universidade. O caminhão de Six invadiu o prédio pela porta escancarada e, assim que Cab teve que parar, ele saiu da cabine e abaixou a pesada veneziana.

Passaram por uma pequena academia em uma série de quartos nos fundos que pareciam e cheiravam como um vestiário. Six empurrou a porta para uma sala que parecia parte médica, parte dormitório. Na instrução de Mac, ele pulou na cama.

"Aqui". Cabe deixou cair um grande lençol em volta dos seus ombros. "Não temos roupas para mulheres, mas isso vai ajudá-la a se aquecer".

Louisa lutou para fazer seu cérebro funcionar. Estava quente lá fora, mas ela estava congelando. Ela assistiu, quase imparcialmente, quando Mac cortou o short de Six e depois enfiou uma agulha em seu ferimento. Ao longo dos anos, ela dissecou animais e até humanos, mas de alguma forma, a visão de Mac costurando Six a fez se sentir mal. Apesar do frio que sentia, precisava de ar. Ela se virou e correu para o ginásio antes de vomitar em uma lata de lixo.

"Lou?" Ela ouviu Six gritar. Mas ela precisava de um momento antes de voltar para vê-lo. *Você está bem. Ele está vivo. Ele vai ficar bem. Tudo vai ficar bem.* Exceto que não estava tudo bem. Ela vomitou novamente.

Depois de terminar de vomitar, limpou a boca com uma ponta do lençol e se recostou nos joelhos.

"Aqui. Beba isso." Cabe ofereceu-lhe uma garrafa de água gelada e colocou-a contra a testa. "Você está ótima, Louisa. Noite estressante para todos."

"Lou?" Six gritou novamente.

"Ela está bem, Viking. Fique onde está. "Cabe gritou de volta.

"Eles atiraram nele", ela desabafou. "Então eu atirei em um deles. Ele está no chão. Eu acho que matei ele."

Cabe sentou-se no chão ao lado dela, apoiando os antebraços nos joelhos. "Sim. Isso acontece às vezes. E é muito difícil que você tenha experimentado isso. Mas se você não tivesse, qual você acha que teria sido o resultado?"

"Eles teriam matado Six e me levado."

Cabe brincou com o relógio em seu pulso. "Você é uma cientista, certo?"

Louisa assentiu.

"Então você sabe tudo sobre como projetar experimentos, alterar variáveis e trocar opções, certo?"

Ela tomou um gole de água. "Eu gostaria de pensar assim", ela disse calmamente.

"Bem, aqui está a coisa. No momento em que você se adiantou para disparar a arma, seu cérebro já havia tomado a decisão de que a vida de Six e sua segurança eram mais importantes do que a vida

do outro cara. E pelo que você me disse, havia mais deles do que havia de vocês. Todos esses tiros foram até as balanças. Você não fez nada de errado, Louisa. De fato, para alguém que odeia armas - e sim, Six nos disse o quanto você não gosta - eu diria que você fez tudo certo. ”

No passado, Louisa nunca teve qualquer dificuldade em colocar a emoção de lado para olhar as coisas clinicamente. Apesar de sua conexão profundamente pessoal com a doença de Huntington, ela nunca sentiu pânico em suas tentativas de encontrar medicação para ajudar as pessoas que vivem com ela. Certamente, ela passara vários anos sentindo um fardo de responsabilidade para encontrar um tratamento rapidamente, mas nunca sentira o rio torrencial de sentimentos que atualmente percorria seu corpo.

Ela finalmente entendeu o que Six estava tentando esconder dela. Era isso. Esse sentimento, as imagens que ela nunca tiraria da cabeça, o jeito que seu estômago se sacudia com a lembrança de Six e o agressor brigando. Ela olhou para as mãos e viu o sangue de Six sobre elas.

"Você fez o que tinha que fazer para se manter viva, e não há crime ou vergonha nisso", acrescentou Cabe. “Por que você não vai ao vestiário e se limpa? Há toalhas no balcão, e deixei alguns shorts e uma camiseta lá dentro. Eu vou dizer a Six o que você está fazendo. Ele vai lidar muito melhor se ele souber que você não está perdendo sua merda.”

O som de um gemido veio de dentro da sala médica.

Louisa ficou de pé. "Eu deveria estar com ele", disse ela, e se dirigiu para a porta, mas Cabe a parou.

"Não, você não deveria. Primeiro, você se arremessou quando viu o que estava acontecendo. Doutora ou não. Em segundo lugar, isso não é uma sala de medicina totalmente equipada. Nós não temos morfina ou esses tipos de analgésicos. Six está provavelmente apenas segurando sua merda junta. Terceiro, deixe Mac fazer o que ele precisa."

Cabe moveu-se entre ela e a porta e cruzou os braços. Como o guardião no portão, ele não iria deixá-la passar.

"Tudo bem", ela retrucou e se virou para o vestiário. O chuveiro lhe daria tempo para deixar sua própria merda junta. Havia polícia para conversar e novos planos para fazer.

Mas quando ela saísse, iria ver Six.

E não havia como Cabe impedi-la.

CAPÍTULO DOZE

Six olhou para a gaze que cobria seu ferimento. A bala atravessou sua cintura, deixando uma ferida que doía como uma cadela enquanto Mac a costurava, mas o tempo todo ele estava preocupado com Lou. Ele poderia ter o torso mais sortudo do planeta, sobrevivendo a dois ferimentos de bala, e agora ele teria cicatrizes correspondentes em ambos os lados de seu corpo. Só que desta vez, ninguém ia se alinhar para lhe dar uma medalha. Mas o jeito que Lou empalideceu quando ela viu Mac cutuá-lo, quebrou seu coração. Ele viu a cor sumir do rosto dela. E era impossível perder o jeito que ela começou a balançar em seus pés. Ele quase ficou aliviado quando ela saiu correndo da sala. Quando ele disse a ela coisas que ela nunca seria capaz de descobrir, ele não tinha imaginado que ela seria confrontada com a visão dele se debatendo em uma mesa. Agora, toda vez que ela olhasse para a cicatriz, ela seria lembrada dessa vez em sua vida.

Cabe correu atrás dela e Six queria saber como ela estava. Mas ninguém havia lhe falado nada. Pelo menos não imediatamente.

Ele olhou para o outro lado da sala e para onde Louisa estava encolhida no beliche de baixo com um par de shorts que eram tão longos que pareciam capris e uma camiseta tão grande que o pescoço continuava escorregando de seu ombro. Como sempre, ela se deixou dormir, e ele se perguntou se ela percebeu o quão diferente sua energia era quando estava assim.

Quando Cabe finalmente disse a ele que ela estava doente no ginásio, ele se sentiu como merda que eles deixaram ela exposta. O time deles ainda era pequeno, com outros trabalhos em movimento, e não havia homens suficientes para colocar uma patrulha extra em sua casa naquela noite. Extremamente confiantes de que não havia como rastrear Lou de volta a sua casa e que os principais envolvidos estavam trancados, eles fizeram uma ligação ruim. Agora, tudo o que importava era descobrir como os assaltantes a haviam encontrado e, mais tarde, como empresa, eles precisariam conversar sobre como expandir ou nunca conseguiriam gerenciar vários empregos a qualquer momento.

Nesse meio tempo, ele teria que lidar com a culpa que sentia por deixá-la em perigo. Se ele não estivesse nu com ela em sua cama, mas em seu próprio quarto do outro lado do corredor, mais perto da garagem, talvez ele os tivesse ouvido mais cedo. Toda vez que Cabe dissera que ela era uma distração, ele estava certo. Ele deveria tê-la mantido à distância do braço e esperado até que tudo estivesse terminado, mas seu pênis, que quase havia sido arrancado por suas próprias falhas, estava pensando por ele.

Não que ele pudesse voltar neste momento. Seu coração doía ao pensar nisso. O pensamento de deixá-la no cuidado de outra pessoa era pior do que o buraco de bala no seu corpo. Mas pela manhã, ele ia encontrar um lugar seguro para eles ficarem enquanto eles descobrissem o que fazer. Se ele tivesse que levá-la para algum lugar, ele faria isso. Ligar para um favor com um de seus amigos que tinha seus próprios aviões e levá-la a algum lugar sem qualquer tipo de trilha de papel.

Ele estava envergonhado por ter deixado isso acontecer. Ele era melhor que isso. Mais capaz. E ainda assim ele estragou tudo. A sensação não se sentou bem.

"Ela está bem?" Cabe perguntou baixinho enquanto entrava no quarto.

Six tirou os olhos de sua forma adormecida. "Sim. Ela é forte ", disse ele, tentando manter a admiração fora de seu tom. Eles passaram horas lidando com a polícia, o FBI e atualizando o contato da CIA. Ele tinha sido completamente sincero com o oficial Meeks e com o detetive Pitt que foi designado para o caso sobre o que havia acontecido em sua casa. Ele contou a Pitt como Louisa havia contratado sua empresa para descobrir o que diabos estava acontecendo.

Kovalenko não estava falando, sabendo que ele seria morto no final do primeiro dia de prisão se revelasse algum segredo. E eles só tinham o testemunho do motorista, que não tinha fundamento; eles ainda não tinham nenhuma prova real do envolvimento de Vasilii e Ivan. Quanto a Mitkin, ele se endireitou, deixando-os com um monte de nada.

Lou fizera o que era necessário. Ela entrou, ficou segura e foi limpa. Então ela respondeu a perguntas como se fosse a hora do almoço, em vez de três e meia da manhã. O primeiro dia de perder a cabeça em setembro. Mais dois dias e todos os seus empregos deveriam começar. Inferno, mais dois dias e Cabe estaria a caminho de Serra Leoa com metade do time.

"Acho que precisamos de uma mudança de plano", Six sussurrou, levantando-se na cama.

"Sim, bem, nós não estávamos prevendo esse tipo de trabalho em nossa primeira semana de operação. Começo devagar, nós dissemos, lembra?" Cabe levantou uma sobrancelha para ele, e ele sabia que eles iriam lutar.

"Louisa está pagando uma tonelada de dinheiro para fazer isso", ele sussurrou, olhando para onde ela ainda dormia pacificamente. A última coisa que ele precisava era que ela ficasse a par dos pensamentos de Cabe. "E o que, ela quase é pega? Novamente. Na nossa guarda."

"OK. Um. Foi na sua guarda. E dois. Se você não estivesse tão envolvido nela, você teria reconhecido este acordo, como a caixa de que é, e manteria seu pau em suas calças."

As pernas de Six balançaram para fora da cama antes que ele percebesse, tiro ou nenhum tiro. "Porra. Você" ele cuspiu. Ele e Cabe tiveram suas brigas no passado, mas ele tinha a sensação de que não haveria retorno do que eles estavam prestes a ter. "Um. Foi o nosso relógio. E dois. Nós a decepcionamos."

"Bem, talvez se vocês dois não estivessem se pegando, você teria o olho no trabalho, em vez de sua buceta."

Com isso, Six rasgou o gotejamento de antibióticos de seu braço e, apesar da dor que rasgou seu lado, ele se levantou. "Você quer dizer isso de novo, idiota?"

Mac entrou no quarto, seu primeiro olhar para Louisa e seu segundo entre os dois. "Ela é nossa cliente", ele sussurrou. "Lá fora, agora."

Six marchou porta afora, não dando a mínima se Cabe estava atrás dele ou não. Na verdade, melhor para ele se ele não estivesse. Porque era provável que Six perdesse o controle a qualquer segundo, e Cabe ia sentir o peso disso.

"Ok", Mac disse uma vez que estavam na área da academia. “Vocês dois são idiotas. Devemos sair da ladainha de merda estúpida que você acabou de puxar? Argumentando na frente de uma cliente, dormindo ou não? Essa tem que ser a mais estúpida decisão de negócios.”

Ele se virou para enfrentar Cabe. “Você, se você não consegue ver que isso é diferente, então você precisa testar esses olhos, porque qualquer um com metade do cérebro pode ver que Six está apaixonado pela garota, mesmo que ele não tenha as bolas para admitir isso ainda.” Mac então olhou diretamente para Six.

"E você. Ela não é o tipo de cliente que queremos. Ela nem é o tipo de trabalho que realmente queremos fazer, mas estamos fazendo isso porque você nos pediu. E nós precisávamos do dinheiro. Então puxe o pescoço para dentro. Não era como se os Norths de San Diego não pudessem pagar. Então, por que não falamos sobre o que vamos fazer?”

"Nós sempre poderíamos pedir mais para Lou." Cabe esfregou o dedão do pé no chão. "Pense nisso. Ela pode colocar mais dinheiro, podemos contratar mais alguns caras. Em vez de começar pequeno e discutir sobre qual de nós tira o dia de folga.”

"E se ela já tiver planos para o seu dinheiro?", Ele disse, pensando no plano de negócios que ele tinha visto espalhado por toda a mesa. *Indústrias True North*.

"Então, convença-a a nos apoiar", disse Cabe. "Você pode ser persuasivo se você tentar."

"O que você sabe?" Six disse, andando um pouco longe dos caras para se sentar na perna levantada da estação. Seus pontos estavam em risco de se abrir, e ele tinha um leve cansaço, não que ele jamais admitisse isso a ninguém. Perder tanto sangue obviamente tinha cobrado seu preço, deixando-o à deriva. "Eu não preciso ser persuasivo. Tenho certeza de que ela me daria dinheiro se eu perguntasse a ela..."

"Perfeito", disse Cabe, batendo palmas.

Os caras andaram até onde ele estava sentado.

"Só me deixe terminar, idiota. Mas eu não vou perguntar. Ela veio em busca de ajuda, Cabe, e encontramos uma fraqueza em nossos planos. Não há número suficiente de pessoas para fazer qualquer tipo de rotação significativa em tempo integral e fazer o trabalho de inteligência para descobrir quem está por trás disso. Então, vamos ter que abordar nossos planos de crescimento para descobrir como podemos pagar isso. E a propósito… "

Ele olhou para Mac, confiante o suficiente para dizer as palavras em voz alta para seus amigos que ele não estava pronto para dizer a Lou. "Sim. Então, se eu a amo? Eu entendo porque isso parece estranho. Eu a conheci pela primeira vez há três semanas. Não faz sentido pra mim também. Então, podemos parar de falar sobre ela como se ela fosse um item em nossa lista de tarefas? Porque eu vou perder minha merda se vocês não fizerem."

Ele se arrastou de volta para a sala médica, precisando desesperadamente de se deitar.

"Eu posso ajudar, você sabe", disse Louisa quando ele estava prestes a subir em sua cama. Em vez disso, ele foi até o beliche e sentou-se com cautela.

"O que você quer dizer?" Ele perguntou, surpreso ao encontrá-la acordada. Ele colocou a mão na perna dela, mas ela se arrastou na cama e se sentou, encostando-se na cabeceira dela.

“Eu ouvi. Se seus fundos estão acabando, posso ajudar. Parece o mínimo que posso fazer por me manter viva.”

Six sacudiu a cabeça e pegou a mão dela. “Obrigado, Lou. Mas vamos descobrir.”

Lou respirou fundo e puxou a mão da dele. "Você será capaz de continuar me protegendo?"

“Que diabos, Lou. Claro. E por favor. Pare de tentar se afastar de mim. Está me incomodando e, para ser sincero, meu ferimento dói como uma cadela. Então por favor. Vai com calma comigo."

Imediatamente, ela parou de puxar. "Bem. Vá em frente”, ela disse em um tom que disse a ele que suas bolas estavam em risco se ele fizesse um passo em falso.

Ele acariciou o interior de seu pulso com o polegar, sentindo o modo como seu pulso corria na veia sob sua pele. “Eu disse aos caras que isso não era mais um trabalho. Porque em algum lugar entre aprender que você sabe o que é *Dieffenbachia fortunensis* e vendo

você atirar uma bala no cara que teria me matado de bom grado, eu me apaixonei por você, Lou."

Seu corpo inteiro chamou a atenção, e ela se levantou. "Você não pode querer dizer isso, Six. Quero dizer, você nem mesmo..."

"Qualquer que seja o argumento que você está prestes a me dar, pare. Você me perguntou se eu pretendo continuar protegendo você. A resposta é sim, para o futuro previsível e além disso." Ele deslizou as mãos ao redor da cintura dela e puxou-a para perto.

Ela colocou as mãos timidamente sobre os ombros dele e balançou a cabeça suavemente. "Você e eu... nós... Oh, senhor."

Six riu e pressionou a testa contra o peito dela, aliviado quando os seus dedos entraram no cabelo dele. Como sempre, ela precisava de tempo para pensar. Ela podia ler mais rápido do que qualquer um que ele já conhecera, mas suas decisões levavam uma eternidade, e para um cara que realmente precisava ter certeza de que ele não tinha acabado de vomitar seus sentimentos por nada, esperando que ela descobrisse o que queria. Dizer foi torturante.

"Você realmente quis dizer tudo isso?" Ela sussurrou em seu cabelo antes de colocar um beijo no topo de sua cabeça.

"Sim, Lou", disse ele, afastando-se para olhar para ela. "Eu te amo."

Ela olhou para ele, aqueles olhos castanhos escuros brilhando de lágrimas. "Mesmo que eu possa ter Huntington's", ela perguntou. "Isso poderia afetar tudo. Vida útil. Ter filhos."

Ele também considerou isso. “Não há garantias em nada. Você pode, você não pode. E enquanto você pode ter acabado de me assustar ao mencionar as crianças, Lou, há muitas maneiras de tê-las que podem evitar passar a doença.”

“O diagnóstico genético pré-implantacional e esses tipos de coisas são um caminho. Mas parece muito para acontecer.”

Six suspirou e mudou suas mãos para seus quadris. “Você foi direto para a biologia disso. A doença, a maneira de ter filhos. Há mais na vida e no amor do que apenas biologia, Lou”, disse ele, grato que eles poderiam ter essa conversa em particular. “E a química disso? O que você sente?"

Louisa respirou fundo, seus olhos se fecharam em exalação. Pela primeira vez desde que ele entrou no quarto, ela sorriu, o olhar permanente de preocupação em seu rosto desaparecendo. Seus olhos se abriram. "Eu penso isso..."

"Não. Não pense.” Six pegou a mão dela e colocou sobre o coração dele, pressionando-a contra a pele. “Pensar é o que vem fácil para você. Eu quero saber o que você sente, Lou. Não como você pode racionalizar isso, ou como alguma reação biológica faz seu coração acelerar do jeito que faz. Eu quero saber como você se sente quando eu olho em seus olhos e te digo que te amo. Seu coração sente como o meu faz?”

Ela cobriu a mão dele com a sua. “Sim, eu sinto isso, Six. Eu sinto isso até os dedos dos pés.” Suas bochechas coraram de rosa quando ela disse aquelas palavras simples. Ela se inclinou para frente e enterrou o rosto no cabelo dele. Six esperou enquanto seu cérebro provavelmente pensava em cada faceta das palavras que ela acabara

de dizer a ele. Apenas estar com ela era o suficiente. Era lento e real, e o oposto de sua vida, que até agora fora rápida, improvisada e às vezes superficial.

Eventualmente, ela ficou em pé e olhou para ele. "Você sabia que os pingüins sofrem o que é chamado de uma mudança catastrófica?"

Six riu - ele não podia evitar - e isso puxou seus pontos, fazendo-o gemer.

"O que é tão engraçado?", Ela perguntou. "Foi uma pergunta genuína."

“Oh, eu sei que foi, querida. Mas eu acabei de dizer a você que amo você, e sua resposta é perguntar sobre pinguins.”

O canto de sua boca se contorceu ao formar um sorriso. "De qualquer forma, você sabe o que é a mudança catastrófica?"

“Meu palpite é algo a ver com a perda de pele de bebê ou algo assim, mas vá em frente. Diga-me, porque eu não posso esperar para ver você transformar isso em uma analogia relevante.” Ele sorriu para ela, mas conseguiu agarrar seu pulso quando ela divertidamente foi atingi-lo.

"É chamado uma mudança catastrófica porque é quando o bebê perde todas as suas penas de bebê ao mesmo tempo. As penas velhas não vão cair até que as novas tenham crescido completamente. Dura cerca de duas ou três semanas, e durante esse tempo, elas parecem estranhas, desajeitadas e desconfortáveis. Não é doloroso, apenas estranho.”

De repente ele entendeu. Ela era o pinguim. Ele passou os braços firmemente ao redor dela. "Lou", ele disse cuidadosamente.

“Duas ou três semanas atrás, eu nem conhecia você. Eu honestamente nunca pensei que encontraria alguém como você. O laboratório e minha pesquisa tem sido meu tudo por tanto tempo, e agora eles se foram. Minha segurança era um privilégio que eu dava como certo, e agora não é ”, ela disse, e passou as pontas dos dedos pela gaze presa ao seu lado.

“Então é estranho, como se as coisas novas estivessem crescendo enquanto as coisas antigas ainda persistem. Como se minha vida estivesse mudando radicalmente em um espaço muito curto de tempo. Louisa pressionou os lábios contra os dele o suficiente para acordá-lo antes de se afastar. “Eu amo você, Six, e parece estranho, maravilhoso e um pouco assustador em meio a essa enorme mudança que está acontecendo na minha vida. Eu não sei onde vou acabar quando tudo isso acabar, mas espero que seja com você.”

Ela o amava, e o calor que ele não sabia que estava faltando em sua vida o enchia como se alguém estivesse aquecendo seu sangue. Ele se estabeleceu nele. Aterrou nele. Fez com que ele esquecesse todo o resto, exceto a pura perfeição de ter Louisa em seus braços, sabendo que seus sentimentos por ele eram tão fortes quanto os dele por ela.

* * *

De pé com seus jeans limpos e uma camiseta, Louisa serviu-se de outro croissant. Era o terceiro dela, e ela empilhou mais do que seu quinhão do suculento prato de frutas tropicais em seu prato. Six olhou através da grande mesa para ela e piscou. Seu coração

gaguejou. Ela estava oficialmente em um relacionamento. Com ele. A maneira como ele olhava para ela, como ele fazia agora, como se quisesse comê-la em vez da massa na mão, deixou os seus joelhos fracos.

O café que Mac colocou ao lado dela estava quente e muito forte. Ela acrescentou um pouco de creme e açúcar para ajudar a mantê-la acordada até a próxima hora. Graças a Buda e Bailey, que fizeram uma viagem até Encinitas para pegar as malas para ela e para Six, ela estava agradecida pela devolução de seus pertences, e seu telefone morto agora estava sendo carregado. Além disso, ela tomava banho com produtos que não cheiravam como se fossem desinfetantes. Transição geralmente a deixava agitada, então ela duplamente apreciava suas próprias coisas ao seu redor.

"Ok", disse Mac, diminuindo as luzes. Um projetor mostrou imagens de pessoas e edifícios na parede branca. A equipe inteira estava sentada ao redor da mesa com ela, homens que ela havia visto perto da casa de Six antes. Homens que estavam dispostos a ajudá-la. Cada um deles era tão intimidador quanto Six a princípio, mas toda vez que ela se sentia agitada em volta do pânico, Six tocava seu pé sob a mesa. “Então aqui está a linha do tempo. Na sexta-feira, Louisa notou que alguém estava mexendo com seus arquivos e trocou as amostras por precaução. Vamos chamar a amostra perigosa A e a amostra inócua B. Na quinta-feira, dia 18, ela notou que a amostra B havia sido tirada, e ela assumiu que quem a pegou achou que era a amostra A. Incapaz de encontrá-la no laboratório, ela foi falar com o dono do laboratório, Vasilii Popov, e seu neto, também parceiro de laboratório de Louisa, Ivan Popov.”

Louisa ouviu atentamente enquanto ele examinava os detalhes com a equipe. Ela olhou para o chão enquanto os detalhes eram ditos, mas sentia-se ligeiramente melhor quando Cabe encostou o ombro no dela, dando-lhe um empurrãozinho de apoio.

Enquanto ouvia Mac recapitular a relação entre Kovalenko, o homem que tentara sequestrá-la pela primeira vez, e um homem chamado Mitkin, que orquestrara tudo em nome de seu sogro, um homem chamado Lemtov, ela podia tirar sua mente do telefone. Algo a incomodava na parte de trás do cérebro. Era importante.

"Ivan saiu da rede", disse Lite. "Nós o vimos pela última vez sair de sua casa na segunda-feira." Outra foto apareceu na parede, e a dor rasgou através da visão do homem que ela confiava. Não fazia com que ela se sentisse melhor em ver que ele parecia incrivelmente magro, stress ou culpa ou alguma outra emoção que o pesava nos seis dias desde que o vira.

"Nós não temos mais o elemento de surpresa com Lemtov", disse Mac. "Ele é obrigado a saber que nós pegamos alguns de seus caras. Lite, temos algo novo?”

Lite enrolou uma caneta nas pontas dos dedos. “Lemtov cresceu com o falecido pai de Ivan. Foaram para a escola juntos. Portanto, há uma conexão real entre as duas famílias. Lemtov é o padrinho de Ivan. Não tenho certeza ainda se a conexão principal é através de Vasilii ou Ivan. ”

Vasilii. Seu chamado. Era isso que a incomodava. Esqueceram de contar aos outros sobre isso. "Vasilii me ligou", disse ela rapidamente. “A noite em que todos se encontraram com Mitkin. Eu quase me esqueci de mencionar isso porque Six chegou em casa

machucado.” Ela olhou para Six, que de repente se sentou e se inclinou para frente, cruzando os braços sobre a mesa. Felizmente ele não revelou o que a distraiu tanto naquela noite. Memórias da maneira como ele a levou a fez tremer.

"O que aconteceu? O que ele disse? "Mac disse.

Louisa contou a conversa para todos eles. “Pareceu-me estranho, porque começou de forma apologética. Mas de alguma forma soou... eu não sei... faltou autenticidade se isso não parece muito piegas. Então ele me deu desculpas, sobre a reputação do laboratório e nossa segurança. Sabendo o que Aiden nos disse, ele já tinha recebido visitas da polícia e do FBI antes de ligar. E então ele terminou dizendo que eu era paranóica.”

Cabe praguejou.

"E onde está o telefone agora?", Perguntou Lite. “Você se perguntou como eles encontraram você na noite passada, Six. Poderia haver um rastreador sobre ele. Devemos verificar primeiro isso e depois nos livrar do telefone.”

O pânico sufocou-a. "Se eles sabem onde estou por causa do meu telefone, o que os impede de vir aqui para me pegar?"

Gaz riu. “Eles precisariam ser suicidas para tentar vir pegar você aqui. Contagem de armas, meninos?”

Todos eles de repente começaram a puxar armas. De coldres, cintos. Louisa olhou ao redor da sala. Para um homem, eles estavam armados até os dentes, e não apenas com pequenas pistolas. Havia grandes armas que poderiam causar muito mais danos. E facas. De repente, ela se sentiu sobrecarregada.

"Ele está certo", disse Cabe. "Eles seriam idiotas para tentar entrar aqui."

“Então o que fazemos agora?” Ela perguntou.

"Lite vai lidar com seu telefone e tentar encontrar Ivan, entre outras coisas", respondeu Mac. “Buda, Gaz e eu estamos viajando para Los Angeles para conversar com Lemtov. Ele provavelmente está sendo cauteloso agora, mas vamos ficar de olho nele, com quem ele está se encontrando.”

Six bateu na mesa com as pontas dos dedos. Ela podia sentir a tensão saindo dele. Um pequeno músculo se contraiu por sua mandíbula. Havia obviamente algo em sua mente. Ela bateu o pé dele debaixo da mesa, mas ele não olhou para cima. Desta vez, ela chutou, muito mais do que a primeira vez.

"Dê-me um minuto com os rapazes, Louisa", disse ele. "Deixe-me falar de negócios por um minuto enquanto você pega seu telefone."

Eles deveriam passar por isso, mantê-la fora do processo. “Seja o que for que você precise discutir, você pode dizer isso na minha frente. Eu estou..."

"Por favor." Seus olhos encontraram os dela. "Eu só quero dizer a eles sobre o que conversamos hoje de manhã." Seu tom era suave.

Ela o convenceu a deixá-la dar mais para que pudessem honrar as reservas que tinham enquanto cuidavam dela. "Desculpe", disse ela. "Eu vou pegar meu telefone."

O ar no vestiário estava estagnado. Provavelmente era algum tipo de característica de segurança que o local em que eles dormiam não

tivesse outras saídas além da porta, mas certamente poderiam ter uma melhor ventilação. Ela pegou o telefone e ligou. A bateria de dezoito por cento era melhor que nada, mas não tinha sinal. Ela foi até a área de treinamento para encontrar uma e várias notificações começaram a aparecer, incluindo várias ligações perdidas de Vasilii. Discando o correio de voz dela, ela sentou em uma cadeira perto da porta.

"Louisa. É o Vasilii. Desculpe pela ligação de ontem. Mas preciso falar com você com urgência. Por favor, me ligue de volta."

Ela guardou a mensagem porque, a partir de agora, pretendia manter um registro completo de todas as suas interações com Vasilii. Não havia como dizer quando ela poderia precisar dessa informação novamente. Ela apertou o botão direito para continuar.

"Louisa. É Vasilii novamente. Por favor, preciso falar com você."

Sua voz soava tensa, frenética até.

"Eu te enviei uma foto, Louisa. Eu odeio fazer isso com você, mas preciso que você veja isso e retorne minha ligação."

Louisa puxou o telefone da orelha e abriu o e-mail. Havia uma mensagem com um anexo de Vasilii. Quando ela abriu, não havia texto, e por um momento ela se perguntou se deveria ou não abri-lo com Six. Mas ele estava ocupado com seus homens, e ela não era tão covarde que não conseguia abrir um e-mail em uma sala onde ninguém pudesse alcançá-la.

Ela tocou no pequeno ícone de anexo, e os vários segundos que ele levou para abrir pareceram uma vida inteira. Por um momento, foi tudo o que Louisa pôde fazer para manter a comida que ela havia

comido tão vorazmente antes. Sua mãe estava sentada em um lugar que ela não reconheceu. A bota do pé dela disse a Louisa que a foto era recente. Ela não parecia ferida, mas ela parecia aterrorizada.

O telefone tremeu na mão dela, e ela estava feliz por estar sentada. Havia uma lata de lixo ao alcance do braço, mas Louisa respirou profundamente e lentamente até que ela tivesse seu ritmo cardíaco sob controle. A imagem mudou tudo o que ela achava que sabia. Não havia tempo demais para Vasilii. Ele queria a fórmula o bastante para levar sua mãe. Ela sabia o que tinha que fazer. Ela tinha que ir até ele, oferecer para recriá-la no laboratório. Mas não havia como ela fazer algo tão idiota quanto esgueirar-se pela entrada lateral e fazer isso sozinha. Não quando havia uma sala cheia de homens mais do que qualificados para ajudá-la a vasculhar a terra por sua mãe. Tudo o que ela tinha que fazer era comprar tempo para eles enquanto o faziam, talvez com alguns erros ao longo do caminho para matar o tempo.

De qualquer forma, ela sabia que o que ela segurava na mão era uma informação crucial, e certamente explicava para onde Ivan havia desaparecido.

Uma vez que ela se sentiu sob controle e capaz de andar sobre as pernas que estavam tremendo, ela correu de volta para a sala de reuniões. Quando ela bateu no corredor, ela podia ouvir Six.

“E eu digo que nós contratamos mais três agora. Harley poderia estar de volta aqui esta noite, e de acordo com Gaz, Jackson está fazendo pouco mais do que transando em Tijuana. O cara está a trinta minutos daqui. Tem que haver um terço que possamos encontrar.” Ele finalmente chegou a cabeça em torno de sua oferta.

Levou uma hora de convencimento, e quando ela finalmente fez com que ele fizesse sentido, ele insistiu em tratá-lo como um empréstimo. Mesmo insistiu que eles pagassem de volta juros.

"Eu estou nisso", disse Cabe quando ele pegou o telefone fora da mesa. "Eu vou fazer essas ligações."

Apesar do tiro que ele tinha levado, Six estava de pé, pronto para lutar em seu nome.

Sem pensar demais, ela andou até o lado da mesa de Six. Suavemente, ela colocou a mão no ombro dele, encorajando-o a sentar. Músculos se esticaram sob as pontas dos dedos quando ele se sentou. Ela sabia que nunca iria convencê-lo a ficar de pé, a deixar os outros ajudá-la enquanto ele se curasse. Nem ela iria querer ele. Ela confiava em sua vida nas mãos dele. Mas ela poderia fazê-lo descansar quando fosse possível.

"Cabe, você deve ficar só por um momento", disse ela com tanta autoridade quanto ela poderia reunir. "Acho que está prestes a piorar." Ela colocou o celular nas mãos de Six.

"O que…? Quem te mandou isso? ”Ele disse, entregando o telefone para Mac.

“É de Vasilii. Eles têm minha mãe.” Ela olhou para Six. "E você não vai gostar do que eu vou sugerir que façamos para salvá-la.”

CAPÍTULO TREZE

“Louisa.”

A maneira como Vasilii disse seu nome com alguma pretensão doentia de ser amigável fez com que Six quisesse socar o cara na garganta, logo antes de arrancar suas cordas vocais com uma faca de pesca, cega.

"Onde está minha mãe? Deixe-me falar com ela. Eu preciso saber que ela está bem.” Louisa se moveu para pegar o telefone, mas Six a parou. Eles estavam gravando a chamada. Suas mãos estavam congeladas.

“Você tem algo que eu quero. Eu tenho algo que você quer. Uma troca simples é tudo o que é necessário para colocar tudo isso para trás. Vou mandar um carro para você. Esteja pronta na próxima hora. Eu sei onde você está. O motorista não saberá onde levá-la até que você esteja em segurança no seu caminho. Ele também não sabe onde minha convidada está. Não me teste, Louisa, ou a coisa que eu tenho de vocês pode se tornar... danificada. Ah, e por mais que eu odeie soar como um clichê, se alguém tentar interferir de alguma forma, como segui-la ou chamar a polícia, ou tentar manter o motorista como refém, o dano se tornará permanente, então por favor, venha sozinha.”

O telefone clicou em silêncio.

“Eu deveria ter conseguido segurança para minha mãe. Eu tenho que...”

Six se virou para ela. "Você não está pensando seriamente em ir, Lou?" Sua cabeça tinha sido preenchida com outras opções, mas nenhuma delas a envolvia entrando naquele carro. A ideia dela em qualquer outro lugar que não fosse à sua vista, assustou-o.

"Não é como se eu tivesse muita escolha", disse ela, com os olhos focados no telefone.

"Precisamos de olhos no céu", disse Buda. “Ninguém olha para cima. Nós podemos seguir o veículo dessa maneira. Deixe-me ver o quão rápido eu posso estar no ar.” Ele pegou seu telefone e saiu da sala.

"Ele não vai fazer nada para mim até que ele tenha a fórmula", disse Louisa. Ela colocou a mão no ombro dele. Parecia minúscula quando ela cavou em seus músculos. “E você me pegará antes disso. Eu sei que você vai.”

Cabe tossiu. “O que ela está dizendo faz sentido, Six. Nós podemos rastrear a merda fora dela. Coloque um colete nela. A questão é onde eles a levariam?”

“Aiden nos disse que Vasilii está distraído por uma propriedade que ele está comprando. Poderia ser lá? ”Louisa ofereceu.

Era uma incógnita. Eles poderiam levá-la a qualquer lugar. Espere. A foto da mãe dela. "Lite", disse ele, voltando-se para o técnico de tecnologia residente. "Se ele acabou de comprar a propriedade, haverá uma listagem, certo?"

O rosto de Lite se iluminou com um sorriso. “Se fosse uma venda pública. Mas mesmo que seja em outro lugar, eu tenho você. Louisa, você pode me mandar a foto de Vasilii?”

Louisa escutou enquanto ele soletrava o endereço de e-mail, e então encaminhava a foto para ele. "O que você vai fazer?"

“Usar um aplicativo de correspondência de imagens. Vê se não podemos saber onde sua mãe está através do que está no fundo da foto." Lite digitou em seu laptop furiosamente. O nível de energia na sala estava aumentando enquanto as pessoas se apressavam, caindo em velhos hábitos militares.

“Eu chamei alguns dos caras para virem e nos dar uma mão. Jogar isca, assistir a picape. Eles vão esperar que sigamos Lou. Então devemos sair agora. Saia à frente deles. Deixe o motorista pensar que todos nós ficamos para trás.”

Louisa se aproximou dele e ele passou o braço ao redor dela, mesmo que eles não tivessem muito tempo.

"Estou fora, cara", disse Buddha ao abrir a porta. “Meu amigo dirige a escola de helicóptero ao norte de Serra Mesa. Eu estarei lá em dez, em quinze. Ele está ficando pronto para mim agora.” Buda agarrou Lou e abraçou-a.

"Evite procurar por mim", disse ele. “Isso meio que estragar o elemento surpresa. Você vai me ouvir. A maioria das pessoas não olha mais quando ouve um helicóptero ou um avião porque é muito comum. Mas eu estarei lá e estarei muito bem. Vê essas mãos? ”Ele perguntou.

Louisa assentiu.

"Bom. Bem, você está segura nelas. Eu prometo.” Buda a saudou e saiu correndo da sala.

Six soltou um suspiro. "Dê-me seu sapato ", disse ele enquanto Louisa observava Buda sair.

“Isso é para o rastreador? E vocês são sempre tão arrogantes? ”Ela perguntou, colocando o telefone para baixo para desamarrar seus tênis.

"Sim, e sim", disse ele com uma piscadela. Ele correu para o armário, pegou um pacote de algo de uma das prateleiras e jogou a mochila em Bailey. "Configure-a, Bailey."

Bailey abriu-a e mostrou o que parecia ser uma palmilha para um sapato.

"Pode parecer uma sola, mas tem um rastreador GPS nela. Se alguma coisa acontecer com você, se eles a revistarem por qualquer motivo, eles provavelmente vão pegar o telefone e qualquer outra coisa que eles achem que pareça suspeita. Mas raramente eles pegam seus sapatos” disse Bailey, deslizando-a em seu tênis. Ele mexeu em seu laptop por um tempo, e então entregou o sapato de volta para ela.

"Pensamento reconfortante", disse ela. "Eu me lembro de alguém me dizendo a mesma coisa em uma praia uma vez."

Apesar de toda a atividade acontecendo ao redor deles, Six sorriu. Sua caminhada na areia parecia uma era atrás, mas foi provavelmente o dia em que ele começou a se apaixonar por ela.

"Preparem-se para sair, pessoal", disse Mac.

"Eu não gosto disso", Six disse minutos depois, enquanto arrumava o colete à prova de balas nos ombros de Louisa. O que eles estavam pensando, deixando Louisa sair sozinha para Vasilii? Uma vez que estivessem a caminho, ele ligaria para seu contato na CIA. Inferno, eles deveriam chamar todos os irmãos, ativos ou não, para circundar o perímetro. Mas Vasilii recusou-se a dizer a ela onde estava sua mãe.

"Está tudo bem", Louisa disse, olhando para ele através daqueles cílios escuros. "Eu tenho fé em você para me manter segura, mesmo que você esteja deitado na cama."

"É apenas um arranhão", disse ele, puxando a frente do colete para se certificar de que estava seguro. O colete não parecia ser proteção suficiente. Partes dela estavam expostas. Não importa quantas vezes Mac o tenha lembrado de que queriam levar Louisa viva, não importava quantas informações de inteligência já tivessem sobre o laboratório, não parecia o suficiente.

"Foi uma ferida de bala." Ela pegou os pulsos dele em suas mãos e acalmou-os. "Eu vou ficar bem. Pelo menos, espero que sim. Você e seus homens vão garantir que nada aconteça. Não há como isso parar até que eles tenham a fórmula. Nós não podemos deixá-los ter isso, Six. É muito importante. Mesmo se isso fosse para minha mãe ou para mim."

Six inclinou a cabeça da esquerda para a direita, afrouxando os músculos. Ficar rigido firme era estúpido, mas ele não conseguia relaxar. "Nós poderíamos ir a outro lugar. Eu não dou a mínima para Ivan Popov ou seu avô, e por favor, não leve isso a mal, mas eu nem dou a mínima para sua mãe ou o remédio que você está tentando

criar.” suas mãos nas bochechas de Louisa. Por que ela tinha que parecer tão perfeita e frágil hoje e do que em todos os dias? “Você é a única coisa que importa para mim. Nenhuma dessas outras coisas. Nós poderíamos pegar um vôo daqui hoje e desaparecer.”

"Você não quer dizer isso. Duvido que você tenha desistido de uma briga em sua vida.” Ela se virou e apertou os lábios na palma da mão dele.

Ela estava certa. Claro, ela estava certa. Ela sempre estava certa. E esperançosamente seria assim pelo menos nos próximos vinte anos.

"Eu não tenho. Mas para você, eu faria isso em um piscar de olhos.”

"Há muito mais em jogo aqui do que eu, e você sabe disso."

Ele sabia. Era a única razão de ele não tê-la empacotado em sua caminhonete e ido embora para o leste, de volta para onde ele seria protegido por sua antiga equipe por um tempo enquanto eles descobrissem o que fazer a seguir. Pela primeira vez em sua vida militar, ele estava em conflito, dividido entre seu senso de dever e seu amor por Louisa.

Uma série de altos estrondos veio de fora da área do dormitório e Six recuou.

"É só o resto da sua equipe se preparando", disse ela, e colocou as mãos em volta da cintura dele. "Mas em algum momento, você vai ter que desfazer o que faz você reagir dessa maneira e lidar com isso."

Six assentiu, deixando-a confortá-lo tanto quanto ele esperava que estivesse consolando-a. Ele percebeu a mesma coisa. Não importa o quanto ele tentasse, não iria embora sozinho.

Ele pressionou os lábios nos dela na esperança de que ela entendesse que eles estavam dizendo tudo o que ele não podia.

"Temos que ir, rapazes", Cabe gritou.

Six se afastou e puxou sua armadura corporal. Ele odiava usar o filho da puta enquanto constringia sua respiração, mas as pessoas que estavam enfrentando já haviam provado que atirariam para matar todas as pessoas que estavam entre elas e Louisa. Não havia nenhuma maneira que ele estava indo para baixo e deixando-a sem ajuda. Ele carregou seus sistemas de armas primárias e secundárias e tantas revistas quanto ele poderia caber na porra da coisa. Não havia como saber onde ficava essa propriedade ou o como ela parecia ainda, mas ele não teria problema em explodir as malditas portas, literalmente, para tirar Lou.

Merda. Ele precisava se concentrar na missão. Não nela.

“Você sabia que Sar-i Sang, na província de Badakhshan, no Afeganistão, contém uma das mais famosas minas de lápis-lazúli do mundo?”, Perguntou ele. "Ele tem sido extraído por mais de seis mil anos." Ele queria segurar a mão dela, mas não fez.

Cabe olhou e levantou uma sobrancelha para ele, e Six sacudiu a cabeça sutilmente. Não, ele não ia contar a ela o que aconteceu enquanto eles estavam lá. Mas ele precisava esconder suas emoções. Ele tinha visto tantas jóias e caixas feitas de lápis-lazúli enquanto ele estava lá, e era uma caixa lindamente esculpida feita de lápis-lazul

que ele imaginava agora, enquanto ele escondia seus sentimentos por Lou dentro dela. Ele precisava parar de pensar nela e começar a pensar neles, os que ousavam fazer mal a ela.

"Eu não sabia disso", disse ela. "Veja. Você me ensinou algo novo."

Por um breve momento, ele parou de carregar o colete para segurar a mão dela e ela agarrou-a, seus dedos gelados contra os dele. "Vamos ensinar um ao outro todo tipo de coisas novas quando isso acabar, Lou. Eu sei que estamos presos no meio de uma merda seriamente fodida, mas esse sempre será o período em nossas vidas quando começamos a namorar. É para ser o período em nossas vidas quando não podemos tirar os olhos um do outro e a única coisa em que podemos pensar é a maneira mais rápida de ir de onde estamos para ficar nus em qualquer tipo de superfície, o que nunca é longe da minha mente."

Louisa sorriu como ele pretendia.

"Eu quero dizer isso, Lou. Quando tudo isso acabar, estamos nos enfurnando em algum lugar, na minha casa ou na sua, eu realmente não dou a mínima, e vamos ficar na cama e ficar lá por pelo menos quarenta e oito horas para que eu possa fazer um concerto esforço para cuidar completamente de cada parte de você. "Ele roçou seus lábios contra os dela, mas depois de um breve momento, tanto quanto doeu mais de mil cortes de papel contra seu coração, ele se afastou, soltou sua mão e voltou para suas armas. Ele poderia acalmá-la, abraçá-la, aquecê-la mais tarde. Agora, seu objetivo principal era mantê-la segura enquanto resgatavam sua mãe e acabavam com aqueles que machucavam Lou.

Cabe jogou para ele seu equipamento e ele encaixou-o na orelha esquerda. Ele verificou seus bolsos. Multi-ferramentas. Tesouras. Uma ferramenta de violação. Rodadas extras. Um par de flash-crash. Punhos flexíveis de ponta dupla para que ele pudesse amarrar as pessoas, assumindo que ele não as matou. E suas luvas táticas.

Ele ajudou Louisa a colocar o suéter sobre o colete e segurou a mão dela.

Um estalo veio pelo rádio. "Confirmação de que o Buda está no ar e tem olhos em nossa localização."

Com Buda no ar e Bailey ficando para trás para os homens, os homens restantes começaram a amontoar-se em dois caminhões dirigidos para a casa da fazenda que Lite havia confirmado que Vasilii tinha comprado fora de Jamul. Eles poderiam estar indo para o local errado. Buda iria deixá-los saber disso. Eles pesquisaram a área no caminho de volta.

"*É certo que os militares dizem que eu tenho seus seis quando* eles querem dizer que eles estão de costas?" Louisa perguntou enquanto ele a levava para a porta.

Ele parou na porta e olhou por cima do ombro para ela enquanto o duplo sentido em suas palavras o atingia. Ela parecia tão fofa no capuz cinza, e suas palavras eram tão doces, que em qualquer outro dia ele teria parado o que estava fazendo, levantado-a e levado-a de volta para a cama para mostrar a ela o quanto ele a tinha de costas cobertas. Em vez disso, ele assentiu e engoliu em seco.

Seus olhos se detiveram por um momento que pareceu uma eternidade.

"Bom", ela disse com um sorriso nervoso.

* * *

O primeiro pensamento de Louisa foi que ela obviamente bebeu demais. Sua cabeça girou e seu estômago se apertou. Na verdade, ela não tinha certeza de que não ia vomitar. Os detalhes eram nebulosos. Se ela e Six estivessem comemorando?

Ela lutou para abrir os olhos. Eles queimaram o modo como o cloro em sua piscina os queimava se ela permanecesse na água por muito tempo.

Segurando a cabeça, Louisa tentou se sentar e olhar em volta. Ela estava em uma cama dupla de armação de metal envolta em uma capa de plástico em um quarto com móveis antigos de madeira de pinho e uma superabundância de tecido floral e renda. Definitivamente não era como qualquer sala de emergência ou enfermaria do hospital que ela tenha visto antes. Medo começou a enchê-la. Algo tinha acontecido, mas ela não conseguia lembrar o que ou como. Tudo estava confuso. Ela colocou as mãos no rosto. Um perfume doce permaneceu em torno dela. A amostra. O carro. Six e sua equipe e helicópteros.

Porra. O cara usou algo em mim no carro.

Seu coração disparou quando seu peito se apertou, fazendo as batidas em sua cabeça piorarem. Louisa pressionou as pontas dos dedos na têmpora.

Ela se inclinou para frente, cerrou o estômago e olhou para os pés rapidamente. Graças a Deus. Seus tênis ainda estavam em seu pé. *Eles nunca pegam seus sapatos.* Ela lembrou de suas palavras na

praia. *Sempre mantenha seus sapatos. Você precisa ser capaz de correr, se precisar.* Six estava certo. O que significava que se o GPS que Bailey tinha instalado em seu tênis estivesse funcionando, e Buda tivesse confirmado a localização, a Eagle Securities tinha o lugar cercado.

Sua pele se afastou do colchão de plástico enquanto ela se levantava. Tontura tomou conta dela, e ela jogou o braço em direção à parede para ganhar o equilíbrio. Seus membros pareciam... desconectados. Eles não estavam fazendo o que ela disse a eles. O suor se agarrava ao seu corpo, sua camiseta úmida confirmando que ela estava lá por um tempo. Quanto tempo, ela não estava certa. Havia persianas cobrindo as janelas, mas havia uma porta do outro lado da sala de sua cama. Com o jeito que suas pernas tremiam, os dez metros poderiam ter sido 160 quilômetros.

Água.

Ela mal podia engolir, mas se deu mais alguns momentos para encontrar sua compostura e a sala parar de girar.

Six.

Nada o impediria de encontrá-la. Ela sabia disso. Ela só precisava ficar viva tempo suficiente para ele chegar até ela. As palavras que ele disse na academia antes de saírem voltaram para ela. *Equipes operacionais têm a reputação de ter uma resposta rápida... não o caminho preferido... ter tempo para construir um plano infalível.*

Enquanto ele estava por perto, poderia demorar um pouco até que ele viesse. Seu pensamento inicial tinha sido gritar e gritar, superar o medo que ela tinha de quem estava do outro lado da porta

e exigir saber onde diabos ela estava. Mas agora ela achava que seria melhor simplesmente fingir que ainda estava dormindo, caso alguém aparecesse para checá-la. Qualquer coisa que daria tempo.

Ela cruzou os dedos e rezou para que este fosse o novo lar de Vasilii e que ele e Ivan estivessem aqui.

Louisa examinou a sala, ansiosa para ver se havia alguma coisa que pudesse usar como arma, mas com exceção de um pequeno peso de papel de bronze ao lado da cama, não havia nada ali. Six disse que a queriam viva, e ela esperava que fosse verdade.

Ela se enrolou de volta na cama, a dor em sua cabeça entorpecendo quando ela se deitou, mas se virou para poder ver a porta. Se alguém entrasse, ela os estudaria cuidadosamente antes de se levantar. Agora era a hora dela ser inteligente. Não imprudente.

Momentos arrastados sem fim. Ocasionalmente, um baque surdo ou o som de metal batendo contra metal soaria no espaço oco.

Quando a porta finalmente se abriu, Ivan passou por ela. Um homem com uma arma estava atrás dele e gritou alguma coisa em um idioma que ela assumiu ser o russo antes de fechar a porta.

Quando Ivan finalmente olhou para ela, tudo o que ela podia ver era um homem quebrado. O que quer que tenha acontecido, Ivan não era o mentor. Ou se ele tivesse sido em um ponto, ele não era mais.

"Louisa", ele disse, sua voz rouca. "Eu sinto muito." Lágrimas encheram seus olhos enquanto ele falava.

"Quem são eles? O que eles querem? ”Ela perguntou rapidamente, seus olhos passando entre a porta e Ivan.

Ivan sentou-se na beira do colchão. "Eles querem a droga que criamos."

Cientes de que não precisariam muito antes que alguém viesse pegar os dois, ela se apressou em suas perguntas. “Mas quem são eles, Ivan? E o que eles querem? Como eles sabiam disso? Eles são uma companhia farmacêutica rival? ”Ela sabia que eles não eram. Havia uma enorme diferença entre a espionagem entre as companhias e o sequestro. Mas ela queria mantê-lo falando. As palavras de Six do dia na praia voltaram para ela. *Se você está vivo, pode brigar, pode pensar, pode até esperar que alguém venha buscá-lo. Você voltará de qualquer coisa que eles puderem passar. Mas não há como voltar dos mortos. Isso é tão final quanto possível.*

Desanimado, Ivan sacudiu a cabeça. "Se ao menos..." ele disse.

Ela precisava de mais informações, não de frases abreviadas. "Quem são eles, Ivan?"

Ele suspirou. "Estraguei tudo. E tudo ficou tão fora de mão. Vasilii providenciou para me tirar de problemas. Eu tenho problemas financeiros, e ele foi super alavancado. O desenvolvimento de nossa droga e outras estava demorando demais.”

Ela brincou, fingindo que não entendia. "Eu não entendo. Ele achava que alguém poderia fazer a pesquisa e chegar mais rápido? ”Ela disse, sua voz subindo em frustração fingida. "Acabamos de

começar os testes em animais. Pode levar anos até termos a fórmula certa e aprovação da FDA[31]. ”

Ivan olhou freneticamente para a porta e silenciou-a. "Eles não querem a fórmula que esperávamos criar. Eles querem a que fizemos. Eles querem armá-la. Você acha que Vasilii quer estar aqui?”

Louisa se sentou e ignorou o modo como sua cabeça girava novamente. A náusea a percorreu como ondas e ela engoliu em seco. "Você ainda não respondeu quem eles são."

"É uma bagunça, Lou." Seu soluço hackeado ecoou nas paredes.

Tudo por paciência, ela se levantou e tropeçou através do quarto para Ivan. "Primeiro, não me chame de Lou." Six era a única pessoa que ela permitiria chamá-la assim, e o homem na frente dela não merecia nem um pouco de sua simpatia. A bagunça era de Ivan, mesmo que agora fosse maior do que ele pretendia. “Você e eu não estamos do mesmo lado, apesar de estarmos na mesma bagunça. Em segundo lugar, recomponha-se. E terceiro, comece do começo. Quem está por trás disso e o que eles querem?”

Ivan começou como se ela tivesse fisicamente esbofeteado ele. Como se fosse um choque que ela estivesse com tanta raiva.

"O quê?" Ela perguntou. "Não pareça tão surpreso. Você me custou meu trabalho, minha sanidade mental e, dependendo de

---

[31] A Food and Drug Administration é uma agência federal do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, um dos departamentos executivos federais dos Estados Unidos.

como tudo isso acabar, possivelmente minha vida, então pare de ser patético."

"Você não vê, Lou? Estamos do mesmo lado. Eu estou até os meus olhos em dívidas de jogo no Lucky Seven Casino. Eu tenho jogado suas mesas de high roller por um tempo, mas está muito acima da minha cabeça, Louisa. Vasilii queria me cortar, parar de consertar minhas besteiras. Disse que eu precisava ficar de pé e aceitar alguma responsabilidade por minhas ações."

O estômago de Louisa virou, e ela não tinha certeza se não ia ficar doente. Se foram as drogas ou o olhar lamentável no rosto de Ivan que a fizeram se sentir tão mal, ela não tinha certeza. "Então, o que você fez?" Ela perguntou.

"Vasilii recusou-se a me libertar dessa vez. Então, o que eu deveria fazer?"

"Eu não sei", Louisa murmurou. "Vender sua casa, seus carros. Dinheiro em algumas ações. Vender ações no laboratório. Vender uma das patentes que o laboratório possui."

Ivan se levantou e caminhou, passando as mãos pelos cabelos. "Eu sabia que a fórmula poderia ser armada... então eu... Bem, eu sabia que não estávamos precisando dela... e você geralmente está tão focada em preparar o próximo teste que eu me desfiz das amostras antigas."

"Então você tentou vendê-la?" Ela perguntou.

Ivan assentiu com a cabeça e criou um pequeno espaço nas cortinas para espiar pela janela e entrar na escuridão. Aterrorizada que Ivan visse Six e sua equipe e alertasse quem mais estava na casa

para a presença deles, Louisa fingiu estar de pé e derrubou o peso de papel de bronze no chão enquanto ela tropeçava. Era fraco e ela não era atriz, mas funcionava. Ivan soltou a cortina e olhou para ela quando ela pegou de novo e voltou para a mesa.

“Eu fiz e peguei o dinheiro e liquidei minhas dívidas. E quando você relatou a falta da amostra, Vasilii me questionou sobre isso. Me odiava por fazer isso. Mesmo se ofereceu para pagar o dinheiro de volta para os compradores para fazer tudo certo, mas então já era tarde demais. Os russos que ofereci para vendê-la através de meu padrinho nos ameaçaram. Eles me disseram para recriar a amostra.”

Por um momento, ela pensou em contar a Ivan que a ajuda estava a caminho. Embora ela estivesse chateada que ele os colocou nessa bagunça, o cara parecia mais aterrorizado do que ela se sentia. Mas o desespero poderia fazer um homem fazer coisas estranhas, então ela guardou a informação para si mesma.

"Então, o que aconteceu?" Louisa perguntou.

"Você é meticulosa na gravação dos detalhes, mas devemos ter perdido algo, porque não importa o quanto eu tentei, não consegui recriá-la."

A cientista nela recusou seus comentários. Ela foi meticulosa. Não havia como eles terem escrito de forma incorreta.

"Então eu testei a amostra que dei a eles e reconheci imediatamente que não era a amostra que eles procuravam. Mas eu não contei a eles no começo. Onde está a amostra real, Louisa? Porque sei que deve ser você quem trocou os rótulos.”

"A amostra desapareceu há muito tempo, no ralo do laboratório em uma amostra de cinco partes, uma solução de lixívia de uma parte, a salvo de suas mãos ansiosas."

Os ombros de Ivan caiu. "Você não deveria ter feito isso, Louisa. Poderia ter salvado nossas vidas. Eu não acho que vamos passar por isso."

Louisa olhou para a janela com cortinas. Ela iria passar por isso, porque alguém estava esperando por ela lá fora. Risque isso. Alguém viria buscá-la. "Onde está minha mãe, Ivan? Eu quero vê-la e verificar se ela está bem."

"Ela está em outro cômodo da casa com Vasilii. Uma ala diferente. Mas ela está segura, por enquanto. Vou tentar arranjar para você vê-la antes de te moverem."

"Mover-me? Para onde eu vou? "Ela perguntou.

"Para um laboratório diferente. Se você não cooperar com eles, não posso dizer o que vai acontecer. E tudo isso se tornou demais para Vasilii... Ele parece... desequilibrado." Ele se levantou e foi até a porta. Bateu nela, depois pisou como se fosse andar para fora.

"Eu te odeio por isso", ela sussurrou, significando cada palavra.

"Eu sei. Eu também me odeio" disse Ivan quando a porta se fechou atrás dele.

* * *

Uma brisa sussurrava entre as árvores que faziam fronteira com a parte traseira da antiga casa da fazenda. Six fixou os óculos de noite e se concentraram na porta traseira, a que Gaz ia pegar em

cerca de seis minutos. Ele olhou para o relógio novamente. Como o SEAL que sempre foi um fã de ação direta, e como o homem apaixonado pela mulher presa dentro daquela porcaria, Six estava lutando para encontrar a calma que ele normalmente encontrava antes de uma missão. Ele prometeu que a encontraria, e não lhe ocorreu dizer a ela que talvez não fosse imediato. Ele olhou para Mac, que fez a ligação para esperar até as horas da noite, quando o assalto à casa criaria choque e reverência, e balançou a cabeça para limpá-la. Se ele não tivesse a cabeça na porra do jogo, ele provavelmente perderia. Além disso, sendo o estrategista experiente que ele era, ele sabia que era a coisa certa, mesmo que doesse mais do que o ferimento de bala em seu corpo por saber que Lou estava lá, com medo de sua vida.

"Nós vamos pegá-la de volta, viking", Cabe sussurrou.

"Eu sei", disse ele. Ele acreditava nisso. Não havia como isso acabar de outra maneira.

"Eu sinto muito por ter sido um idiota." Cabe esfregou a mão ao longo de sua mandíbula. “Perder Jess… bem… foda-se. E é quase um ano.”

Teria sido tanto tempo assim? Six se lembrou da ligação de Cabe dizendo que o veículo de sua noiva, Jess, havia acertado um IED. Ele se lembrou da maneira como seu estômago tinha caído ao som sufocado da voz de seu melhor amigo. E foda-se, ele se lembrou do funeral e da velocidade com que Cabe teve que voltar para sua própria missão.

As preocupações de Cabe não eram sobre o dinheiro, o trabalho ou até mesmo sobre Lou. Tudo o lembrava de Jess.

"Cabe, eu estou..."

"Sim. Não, cara. Você encontrou a sua. Então vamos buscá-la ", ele disse, quando forçou um sorriso em seu rosto. "Assim como nos velhos tempos."

Lite estava no celeiro, olhando para baixo do seu posto de observação, através da visão de seu rifle sniper M24. Seu tipo favorito de lugar escondido e arma. Entre Lite, Sherlock e Cabe em seus ternos de ghillie, eles tinham um total de 360 da propriedade, e um padrão de vida no rancho revelou a Six que homens armados estavam mantendo Louisa e sua mãe. Além disso, aquele desgraçado, Vasilii e seu neto também estavam lá. Ele pensou sobre a conversa que eles tiveram antes, tentando descobrir as táticas. Pela primeira vez em sua vida, ele queria aniquilar, não capturar.

"Tudo bem", disse Cabe. "Isso é de um site de corretor de imóveis, por isso precisamos tomar o layout com um grão de sal. Todo mundo sabe como Lou se parece, mas esse é Ivan Popov."

"Não." Six bateu com o punho na mesa. "Lou e sua mãe são nossos únicos alvos."

Mac pendurou a mochila no ombro. "Nós vamos tirá-la, mas apesar de evidências em contrário, temos que assumir que Ivan e Vasilii são inocentes até que se prove a culpa."

"Não, nós não vamos. Esses idiotas a meteram nessa merda. Nosso trabalho é entrar e levar Lou e sua mãe para fora. Todo mundo está preso a menos que eles resistam, então fazemos o que temos que fazer."

Cabe enviou a Mac um desses olhares. Aquela em que ele claramente não concordava com Six, mas estava esperando que Mac o interpusesse.

"Eu não estou brincando, Cabe. Eu vejo você levantar a porra do dedo para ajudar aquelas merdas além de colocar algemas neles, e eu mesmo vou te matar."

"Tudo bem", disse Cabe. "Agora você pode se controlar? Nós precisamos do Viking. Não do cachorrinho apaixonado."

Six checou sua M4A1 5.56 mm com o cano curto novamente. Era perfeita para batalhas de curta distância dentro do rancho. O supressor aparafusado estava bem preso... como estava da última vez que ele checou três minutos e meio atrás. E enquanto apontava para a árvore à sua esquerda, o laser infravermelho era tão claro quanto naquela época também. Ele verificou seu colete. Six revistou trinta rodadas prontas para ir cumprirem suas ordens com o toque duplo do gatilho e um punhado de granadas de queda rápida.

Mac gesticulou para eles que era hora de ir. Os óculos de visão noturna e seus M4s prontos, eles fizeram o caminho silenciosamente sob a cobertura da escuridão para a retaguarda. Gaz tirou sua chave da fechadura. Disfarçar pelo maior tempo possível era o plano. Silenciosamente, ele pegou a fechadura até que, com um clique abafado, ele recuou e abriu a porta. Com o canto do olho de Six, ele viu Sherlock, com o terno ghillie fora, se movendo em uma posição melhor para cobrir a saída traseira e os caminhões estacionados ao redor do lado do prédio. Ele se sentiu melhor sabendo que se os seqüestradores conseguissem fazer Louisa sair da casa, eles não iriam muito longe.

Na formação em que eles concordaram, Mac liderou e Six seguiu. Ryder e Gaz trouxeram a retaguarda. Quando eles entraram, Cabe olhou à esquerda, Six, à direita, enquanto eles observavam a grande sala aberta. Um corredor levava em uma direção, uma escada na outra. De repente, os passos soaram em ambas as direções. Um alvo apareceu na escada, com a arma apontada para eles enquanto corria.

"No chão," Six gritou, disparando um tiro de advertência. "Deslize sua arma para mim."

Percebendo que ele estava completamente cercado, o cara caiu no chão e fez o que Six disse. Cabe correu, chutou a arma e algemou o homem, enquanto Six fornecia cobertura.

Todos os pensamentos de ação secreta agora se foram, Ryder puxou o pino do flash-crash e jogou-o na direção dos dois homens que estavam correndo pelo corredor. Balas foram pulverizadas na confusão, perfurando o drywall à direita. Six e Mac desceram à esquerda enquanto Ryder e Gaz levavam a batalha para a sala de estar.

Eles subiram as escadas de dois em dois, prontos para atirar para matar, se necessário. Mas, apesar de seus sentimentos anteriores de querer ferir toda e qualquer pessoa que fizesse mal a Louisa, Six sabia que quanto mais suspeitos eles tirassem vivos, maior a chance de alguém transformar as evidências do Estado. Um rápido tiroteio soou na direção da cozinha, e as vozes de Ryder e Gaz carregaram o barulho.

O corredor do andar de cima estava deserto, mas várias portas estavam fechadas. Mac abriu a primeira porta.

Six fez sua varredura de noventa graus à direita da sala. "Limpo, certo", ele gritou.

"Limpo à esquerda", Mac disse, e eles voltaram para o corredor.

Eles se dirigiram para a próxima porta. Um tiroteio intermitente e o som de outra granada de colisão rápida começou em outra parte da casa. Os sentidos de Six lhe disseram que Louisa estava aqui em cima. Mac abriu a porta e repetiu o processo. Mais duas portas para verificar.

Quando chegaram à terceira porta, as balas voaram ao lado dele e atingiram o drywall ao lado de sua cabeça, e ele caiu no chão e se arrastou um pouco pelo corredor. As balas tinham vindo do quarto oposto. Quem estava lá estava assustado e começou a atirar através das paredes antes mesmo de chegar à porta.

Tanto Six quanto Mac arrastaram-se para o outro lado do corredor e se levantaram. Quando o disparo parou, Six chutou a porta para baixo. Ele examinou a sala. Três pessoas. Antonia, a mãe de Louisa, tinha sua bota descansada na cama, e um homem estava no quarto escuro recuado no canto, com o braço apertado em volta do pescoço de Louisa, pistola na têmpora. Seu dedo apertou o gatilho em preparação para disparar. "Faça qualquer coisa comigo e eu vou..."

Apesar da maneira como a visão dela presa ali rasgou seu coração em pedaços, Six não esperou que ele terminasse sua frase. Anos de treinamento o haviam preparado para esse exato momento. Ele deu um duplo tapinha no gatilho e observou desapaixonadamente as duas balas explodirem na testa do homem, cobrindo Louisa de sangue.

Louisa gritou quando o homem caiu atrás dela, e Six correu em sua direção.

"Alvos seguros", disse Mac. "Repito, os alvos estão seguros."

"Ficando lento na sua velhice", disse Lite através de seu fone de ouvido.

"Diz o homem a duzentos metros de distância em um celeiro dando uma porra de galinha", Mac respondeu.

Louisa jogou os braços ao redor dele. "Eu sabia que você viria", disse ela.

"Você tem que mantê-lo juntos mais um pouco", disse ele, enquanto os tiros continuaram em outros lugares da casa. Sob o cheiro azedo e pungente de tiros que pendurava no fundo de sua garganta, ele podia sentir o cheiro de queimado. Algo estava pegando fogo, e ele rezou para que não fosse a saída deles. Ele abriu as persianas e olhou para fora. Era uma queda direta de dois andares no chão, o que em um bom dia ele faria, mas não com duas mulheres, especialmente quando uma delas já tinha um gesso em sua perna.

Porra.

"Tudo limpo", Ryder gritou. “Mas precisamos colocar nossas bundas em marcha. Nós temos um incêndio.”

Mac levantou a mãe de Louisa da cama, e Six pegou a mão de Louisa, puxando-a para o corredor. A fumaça começara a encher a escada e Six, ainda de óculos, ergueu Lou. "Feche os olhos e respire fundo."

Ele desceu as escadas apressado, ouviu os passos de Mac que lhe disseram que ele estava bem atrás deles. Six poderia quase sair pela porta dos fundos e ele correu em direção a ela. A fumaça espessa e acre estava começando a queimar seus pulmões enquanto ele corria pela porta aberta para o pátio dos fundos e não parou até que eles estivessem fora.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Lou enquanto ela piscava furiosamente. Ele a colocou no chão e levantou os óculos de proteção.

Ele pegou sua mochila e tirou um pouco de água. "Aqui, beba um pouco disso", ele disse gentilmente. Ela pegou e bebeu o líquido frio.

Ryder e Gaz saíram correndo pela porta. Puxando dois homens atrás deles. Eles os colocaram no chão, depois gritaram para Mac para cobri-los antes de voltarem para dentro.

"Obrigada", disse ela quando ele puxou a manga longa de seu casaco sobre a mão e usou para limpar o rosto.

"Eles te machucaram, Lou?" Ele perguntou, sua voz tensa.

Ela balançou a cabeça, desesperada para tranquilizá-lo. "Eu fiquei desmaiada por um longo tempo, eu acho."

Six assentiu e depois a agarrou. Ele a puxou para seu colo e a abraçou com força, pressionando beijos em seu cabelo e rosto.

Cabe correu com Vasilii por cima do ombro. As mãos do homem estavam amarradas às costas e, assim que Cabe o deixou cair no chão, Six pôde ver que Vasilii estava chorando. As chamas estavam começando a se enfurecer mais em um lado do prédio antigo.

Dois homens tropeçaram para fora da porta, tossindo e resmungando. Eles caíram de joelhos, com os braços amarrados atrás das costas.

Foi uma questão de alguns momentos antes de dois cadáveres ficarem fora de vista.

"Alguém viu o que aconteceu com Ivan?" Cabe perguntou.

Ryder balançou a cabeça enquanto bebia um pouco de água depois de sair correndo da casa. "Nenhum sinal de Ivan."

Six olhou de volta para a casa. Não demoraria muito para que fosse arrasada, mas levaria uma eternidade para apagar a imagem de uma arma contra a têmpora de sua amada. Ele pressionou os lábios no pescoço de Lou, apertou-a com força. "Obrigado, porra, você está segura", ele sussurrou uma e outra vez. "Eu não acho que eu teria sobrevivido se algo acontecesse com você."

Ela apertou as mãos para os lados do rosto dele. "Eu sabia que você viria por mim", disse ela, olhando-o diretamente nos olhos.

Six engoliu profundamente e pegou-a para levá-la ao caminhão. "Sempre. Eu viria te buscar mil vezes porque eu amo você. ”

Lou correu os dedos ao longo de sua mandíbula. "E eu também te amo.”

EPÍLOGO

SEIS MESES DEPOIS

"Temos que nos preparar." Louisa riu quando Six a virou e colocou as palmas das mãos firmemente na nova mesa lateral que ela comprou para o corredor que havia sido entregue menos de vinte minutos antes. Ela colocou um espelho gigante por trás, algo a ver com fazer o corredor parecer mais largo. Se ele fosse honesto consigo mesmo, mesmo quando ela estava explicando para ele antes de ele ir embora, tudo o que ele estava pensando era levá-la na frente dele.

"É uma hora antes de sairmos, e eu prometo a você que isso não vai demorar muito", disse ele enquanto deslizava a bainha do lindo vestido vermelho que ela usava, pelas suas coxas. Além disso, ele estava preparado. Ele largou o preservativo na mesa.

"Você deveria ir embora com mais frequência", disse ela sem fôlego, e ele riu. Vinte e um longos dias longe dela era apenas sobre o seu limite nos dias de hoje. Ele estava na Colômbia em um caso relacionado à CIA, oferecendo cobertura clandestina para um agente infiltrado em um grande cartel. Tinha sido longo e exaustivo, e desde que ele chegou em sua casa... agora a sua casa... ele não conseguia o suficiente de Lou.

"Não", disse ele, lançando a saia sobre a bunda dela e deslizando sua calcinha pelas coxas. Sua bunda parecia tão fodidamente

deliciosa que ele se inclinou e mordeu de brincadeira. "Três semanas é o meu limite sem acesso a isso", disse ele, correndo os dedos entre as pernas dela, feliz por encontrá-la já molhada para ele.

Louisa alargou sua postura, e ele ficou em toda a sua altura atrás dela. Ela olhou para ele no espelho, todo o cabelo para cima e para fora do rosto, oferecendo a ele o duplo benefício de ver aqueles lindos olhos dela e dar-lhe algo para segurar uma vez que ele começasse a foder com seriedade.

"Six", ela respirou quando ele deslizou seus dedos nela gentilmente e tensionou quando ele os puxou para fora. Seus quadris rolaram contra a mão dele, procurando o que ele iria lhe dar. Ela deu um passo para longe da mesa e arqueou as costas, o que lhe deu a visão mais fantástica na frente de seu vestido. Ele podia ver o laço branco que ele comprou que sabia que ela usava apenas para ele. Enquanto ele estava fora, ela voltou para sua calcinha de algodão simples, que ele estava amando tanto quanto a seda e o cetim que ele gostava de tirá-la.

Na verdade, havia muitas coisas que eles tentaram juntos. Algumas funcionaram, outras não. Mas a simples verdade de que eles estavam juntos, para crescer juntos, era tudo de que ele precisava.

Ele tirou o short e a camiseta, então estava nu. Estava quente, ela ainda vestida e ele não, e Lou sorriu em resposta.

"Mantenha suas mãos exatamente onde elas estão", disse ele enquanto ela ia entregá-lo a camisinha, e ela mostrou a língua de brincadeira.

Louisa balançou os quadris e endireitou as pernas, dando-lhe uma visão garantida para fazer qualquer homem duro em zero ponto cinco segundos. Rapidamente, ele abriu o preservativo e o deslizou.

“Fique quieta, querida, só por um minuto ele disse enquanto se alinhava contra ela.

Ele gemeu quando a sentiu apertando contra ele. Era grosseiro, mas ela realmente tinha a buceta mais doce do mundo. Ela estava molhada e quente, e mais importante, ela estava esperando por ele com olhos tão famintos que eles teriam devorado se pudessem. Ele olhou para as mãos dela, os nós dos dedos brancos quando ela agarrou a borda da mesa.

Pressionando o nariz ao lado do seu pescoço, ele respirou profundamente. Ela cheirava levemente a lavanda, e isso o fez sorrir. Antes de sair para uma missão fora, Lou aproveitou para borrifar a camiseta que levava para dormir. Era uma coisa estranha, mas mergulhar naquela primeira noite fora e cheirar ela era apenas o impulso que ele precisava para continuar com o trabalho que ele estava lá para fazer.

Ele se aproximou mais dela e observou a maneira como sua boca formou um pequeno "o" quando ele estava pressionando contra ela.

"Merda, Lou", disse ele, segurando em seus quadris quando ele lentamente puxou para fora. Deus, ele amava essa visão. Ele assistiu seu pau, revestido em sua umidade, e desejou ter levado um momento para saboreá-la. Mas ele era um homem ganancioso, e haveria tempo para apreciação depois. Voltando a entrar, mais rápido desta vez, ele colocou a mão em seu rabo de cavalo. Isso o

surpreendeu quando foi uma das coisas que funcionaram. Cuidadoso para nunca puxar para doer, ele amava a sensação de seu cabelo enrolado em torno de sua mão.

"Por favor", ela chorou. "Mais rápido."

Seu desejo. Seu comando.

"Assim?" Ele disse, acelerando o pulso de seus quadris e saboreando o jeito que ela começou a apertar em torno dele.

"Sim. Assim", ela disse, mantendo os olhos focados nele.

Querido Deus. Ela ia matá-lo.

Com uma mão no quadril, a outra enrolada em seus cabelos, e os olhos dos dois no espelho, o aperto revelador de seu núcleo o avisou que ela viria em breve. Ele pisou um pouco mais nas pernas, mudando o ângulo, e Louisa engasgou.

"Oh, por favor. Sim", ela disse, seus movimentos mudando de suave e controlado para irregular, como sempre faziam quando ela gozava. Ele adorava fazê-la perder o controle dessa maneira.

Quando ela apertou ao redor dele, ele estava perdido. Suas bolas apertaram, assim como seu abdômen, quando ele pressionou seus quadris e gozou dentro dela.

"Lou", ele gritou, movendo-se para frente e para trás, trabalhando cada grama de sensação de seu corpo.

Ele caiu para frente, deixando um rastro de beijos ao longo de suas omoplatas. "Eu amo esse espelho, Lou."

Lou riu. "Bem, vai estar aqui por muito tempo."

"Bom. Porque eu pretendo levá-la na frente dele muitas vezes. Eu te amo, Lou."

Ela virou a cabeça e ele a beijou profundamente, suavemente, em paz com ela, sua vida e para onde estava indo.

"Eu também te amo", ela respondeu.

Ele saiu dela e lidou com o preservativo enquanto ela corria para se limpar. Parte dele queria se juntar a ela, mas parte dele sabia que eles nunca iriam se juntar ao Mac para o jantar se ele fizesse.

A vida nunca pareceu melhor, embora estivessem mais ocupadas do que nunca. Ele teve sua última sessão com seu terapeuta antes de sair nesse trabalho. Levou meses para separar tudo o que ele achava que sabia sobre si mesmo e sobre a guerra. E Louisa esteve lá a cada passo do caminho, enquanto se ocupava em estabelecer as Indústrias True North, seu próprio laboratório de pesquisa. E eles ainda estavam desvendando tudo a ver com Vasilii.

Quando Cabe tinha saído com Vasilii por cima do ombro, Six tinha ficado dividido entre ficar com Louisa e atacar Vasilii e lhe bater do outro lado do rosto. Mas o cara tinha sido um desastrado. Vasilii tinha se entregado à polícia e dado provas contra os homens. Depois que o fogo foi apagado e os investigadores foram autorizados a entrar de volta, eles fizeram uma busca minuciosa do prédio por Ivan, mas nenhum vestígio foi encontrado.

Six esperava que, se o cara fosse esperto o suficiente para sair da casa no meio do caos, ele agora estivesse muito longe.

Quando chegaram ao Mac's, Cabe e o resto dos caras já estavam lá. Lou cumprimentou Mac e Cabe calorosamente. Um subproduto

de sua provação parecia ser uma nova resiliência em estar perto das pessoas, mas apenas naquelas que ela conhecia bem. Ainda não era fácil para ela, e o resto da equipe, especialmente os novos contratados que levaram o pessoal da Eagle Securities a um total de doze, foram tratados com um aceno. Mas o pequeno aumento na confiança recém-descoberta parecia bom para ela, mesmo que ela ainda empilhasse e separasse em ordem alfabética as coisas quando estava fora de sua profundidade.

Louisa tinha insistido em fazer o bolo de aniversário para Cabe, e enquanto Six nunca admitiria isso para outra alma, especialmente nenhum dos caras com quem ele servia, ele meio que gostava da domesticação tranquila de levá-la para a casa de seu amigo.

Depois de comerem a comida e o bolo, Six se sentou em casa e pegou uma cerveja, e quando o celular de Mac tocou, ele o deixou.

Menos de um minuto ou dois depois, Mac correu de volta para a sala e acenou para ele, sinalizando para agarrar Cabe.

"O que houve?" Six entrou em seu quarto e olhou para a bolsa na cama. "Temos um emprego?" Ele odiava a idéia de sair tão cedo.

"Eu tenho que ir", disse Mac. "Delaney está em Landstuhl." Ele desligou seus carregadores da parede e empurrou-os para o bolso da frente de sua mochila.

"Que diabos?" Six puxou a mão pelo cabelo. “O lugar ou o hospital? O que aconteceu?"

Mac sacudiu a cabeça e parou o que estava fazendo por um momento. "Hospital. Eu não sei como ela acabou lá, mas ela não está

totalmente lúcida. Tudo o que sei é que ela está me chamando. Me desculpe pessoal, isso significa que seremos curtos para...”

"Cale a boca", disse Cabe. "Você precisa ir. E nós temos suas costas. Não se preocupe com passagens. Encontrarei um voo enquanto você estiver no caminho para o aeroporto. Vou mandar um texto para você, ok?”

Mac assentiu e enfiou o casaco no topo da mochila. "Obrigado rapazes. Eu vou deixar vocês saberem o que é assim que eu chegar lá.”

Cabe se levantou e deu um tapinha nas costas dele em um abraço. "Tome cuidado, cara."

Six repetiu a ação.

"Bloquear para mim?" Mac disse para Six, mas ele não esperou por uma resposta.

"O que você acha disso?" Cabe perguntou enquanto a porta do apartamento se fechava.

Six sacudiu a cabeça. "Eu não sei, mas eu vou encerrar a festa."

Quando finalmente conseguiu que todos saíssem, Six foi até a cozinha e encontrou Louisa limpando o balcão. Ele passou os braços ao redor de sua cintura e a puxou de volta contra o peito. Algo sobre Delaney ser ferida causou imagem após imagem aparecendo em sua mente do que poderia ter dado errado em seu resgate de Louisa. E se eles a machucassem? E se ela tivesse sido morta no fogo cruzado?

Louisa deixou cair o pano molhado na água da pia e colocou as mãos úmidas sobre a dele. Nenhum deles disse uma palavra, em vez

disso, ficaram em silêncio e olharam para a baía. Apenas estar ao lado dela o acalmou.

"Eu sinto muito sobre Delaney", disse Louisa finalmente. "Eu espero que ela esteja bem."

Six pressionou o nariz na pele macia de seu pescoço e depois a beijou logo atrás da orelha. "De seus lábios aos ouvidos de Deus", disse ele. "Eu não sei o que eu teria feito se algo tivesse acontecido com você, Lou."

Ela se virou em seus braços e colocou as mãos em ambos os lados do rosto dele, um gesto que sempre o aquecia de dentro para fora. "Bem, nós nunca precisaremos nos preocupar com isso, porque você não deixou nada acontecer comigo. Você me protegeu, Six" disse ela, subindo na ponta dos pés para beijá-lo profundamente.

Sim, ele fez. E protegê-la era algo que ele pretendia fazer pelo resto de suas vidas. "E eu sempre irei. Especialmente se estiver nua."

Louisa riu como ele pretendia, e isso quebrou o clima. Ela estendeu a mão e torceu o pano molhado, colocando-o sobre a torneira para secar, depois puxou o bujão para deixar a água escorrer.

Six entregou a toalha para secar as mãos, e ela olhou para ele. "Eu te amo, Six", disse ela, inclinando a cabeça para o lado, deixando cair sua franja, um movimento que ele veio a amar. Porque isso significava que ele podia ver tudo dela.

"Eu também te amo, Lou", ele respondeu rispidamente, desejando ter coragem e palavras para contar tudo o que ela significava para ele. "Pronta para ir para casa?"

Casa.

"Com você? Sempre."

Six jogou o braço por cima do ombro e levou-a para fora da porta.

Fim